O Samurai Olvidado

Biografia de Mestre Tetsuji Murakami

José Patrão

Edição do autor.

Impressão e Encadernação: Livraria Peninsular

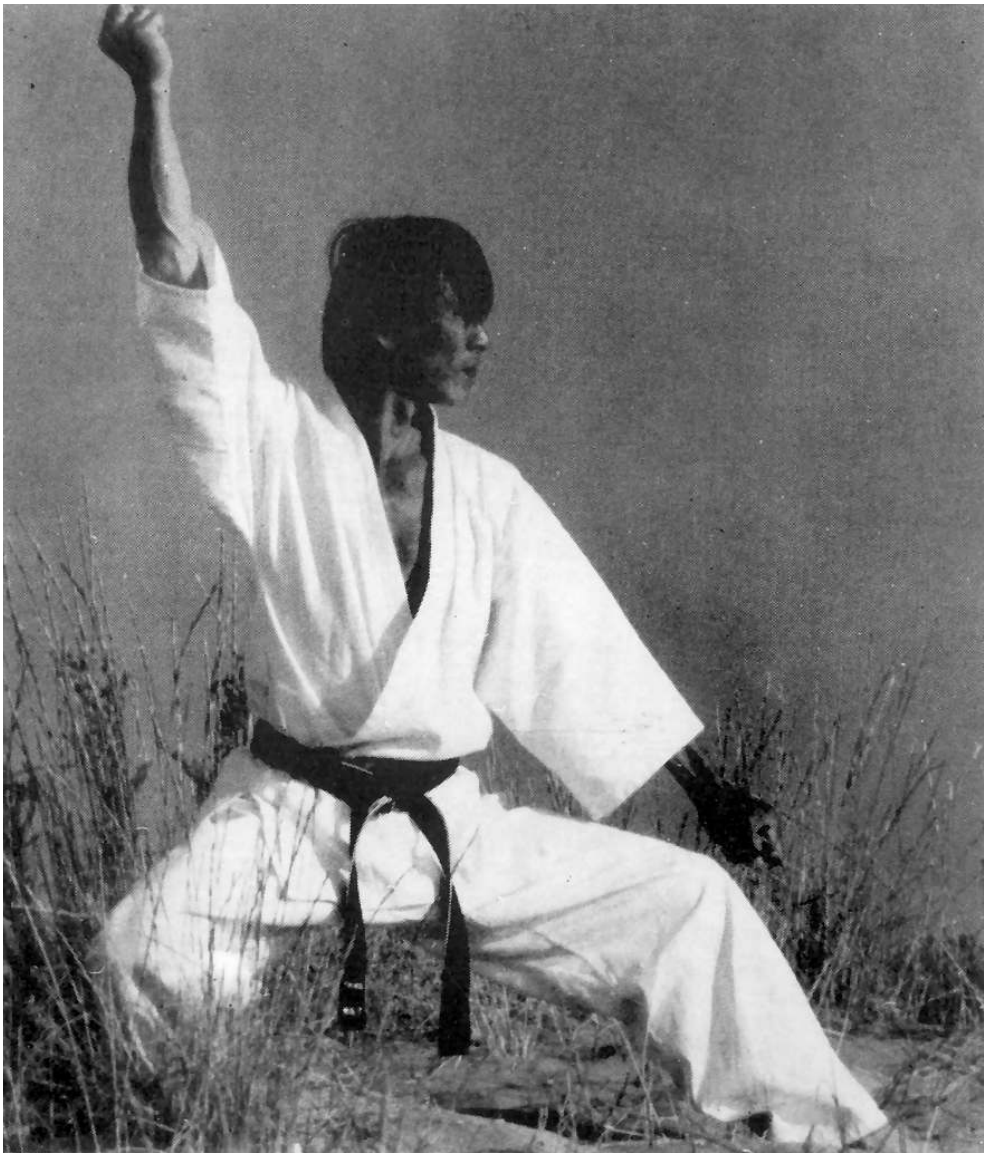
Tiragem: 100 exemplares

Depósito Legal:

ISBN: 978-989-95302-0-1

Copyright © 2006, José António Gomes Patrão

À Memória de Mestre Tetsuji Murakami



“O homem verdadeiramente superior deve ser capaz de dar a paz.”

Tetsuji Murakami

Agradecimentos:

O autor deseja agradecer às seguintes pessoas e entidades pela colaboração prestada na preparação deste livro, pois sem a sua ajuda graciosa jamais esta obra poderia ter vindo a público: Rosa Brites, pela transcrição paciente de centenas de páginas de manuscritos, de transcrições de entrevistas e outro material de base nas mais diversas línguas; Mestre Humberto Heyden pelo trabalho de aconselhamento geral e tradução para língua espanhola; Mestre Mário Rebola pela realização da Introdução deste livro e pela revisão do texto dos primeiros capítulos e aconselhamento acerca de expressões em língua japonesa; Alexandre Gueifão pelo grande apoio prestado a nível editorial e histórico relativamente à génese do karate em Portugal; Dr. Georges Krug pelo enorme apoio prestado a nível anímico e pela permanente disponibilidade para realizar todos os tipos de contactos institucionais e de carácter prático; José Pascoalinho Pereira pelos contactos efectuados junto de antigos alunos do Mestre em Paris e pela orientação prestada à elaboração dos capítulos relativos ao período 1970-1974; Fernando Neto pela disponibilidade para prestar informações sobre a vertente *Kendo* do Mestre e pelos contactos institucionais realizados em Paris junto de antigos alunos do Mestre; Manuel Ceia pelo enorme apoio a nível de disponibilização de textos e material fotográfico desde o início do karate em Portugal, passando pelos tempos em que treinou e conviveu com Mestre Murakami em França e depois novamente em Portugal; José Manuel Araújo pela disponibilização de informação relativa à história da Academia de *Budo* e pela disponibilidade para revisão de material escrito, traduzido de português para italiano; Teresa Laura Serafim pela transcrição e tradução de entrevistas de italiano para português; Miguel Castro Caldas pelo aconselhamento literário e pela colaboração prestada na realização das entrevistas realizadas em Paris e Tournon; Luís Quilhó pelo apoio prestado na filmagem e gravação das entrevistas realizadas em Paris; Miguel Rocha pelo apoio prestado na filmagem e gravação das entrevistas realizadas em Belgrado; Goran Sovtic pela tradução para português do material escrito nas línguas sérvia e croata; Nuno Figueiras e Neuza Polido pela tradução de material escrito das línguas inglesa e francesa para português e pela revisão final do texto; Pedro Gueifão pelo trabalho de paginação e composição deste livro; e finalmente, mas não por fim, a Jorge Costa pelo apoio a nível de design de todo o material gráfico associado à publicação e divulgação da presente obra.

O autor deseja também agradecer encarecidamente aos seguintes discípulos directos do Mestre que se dignaram conceder e proceder à posterior revisão de entrevistas e todo o tipo de apoio sob a forma de material escrito e fotográfico que constituíram contribuições preciosas para o rigor histórico e qualidade do presente livro, tornando o relato da vida do Mestre mais humano: Antonio Maltoni, Claudio Vacchi, Enzo Cellini, Marco Forti, Mauro Ferrini e Giorgio Vecchiet da Itália; Luís de Carvalho, Pierre Jean Boyer, Patrick Herbert e Yves Ayache na França; Yves Thélen na Bélgica; Bosko Milojevic, Ratko Jokknovic, Safet Ganibegovic, Zvonco Baretic, Zvonco Jacovljevic e Nada Nakic na Sérvia.

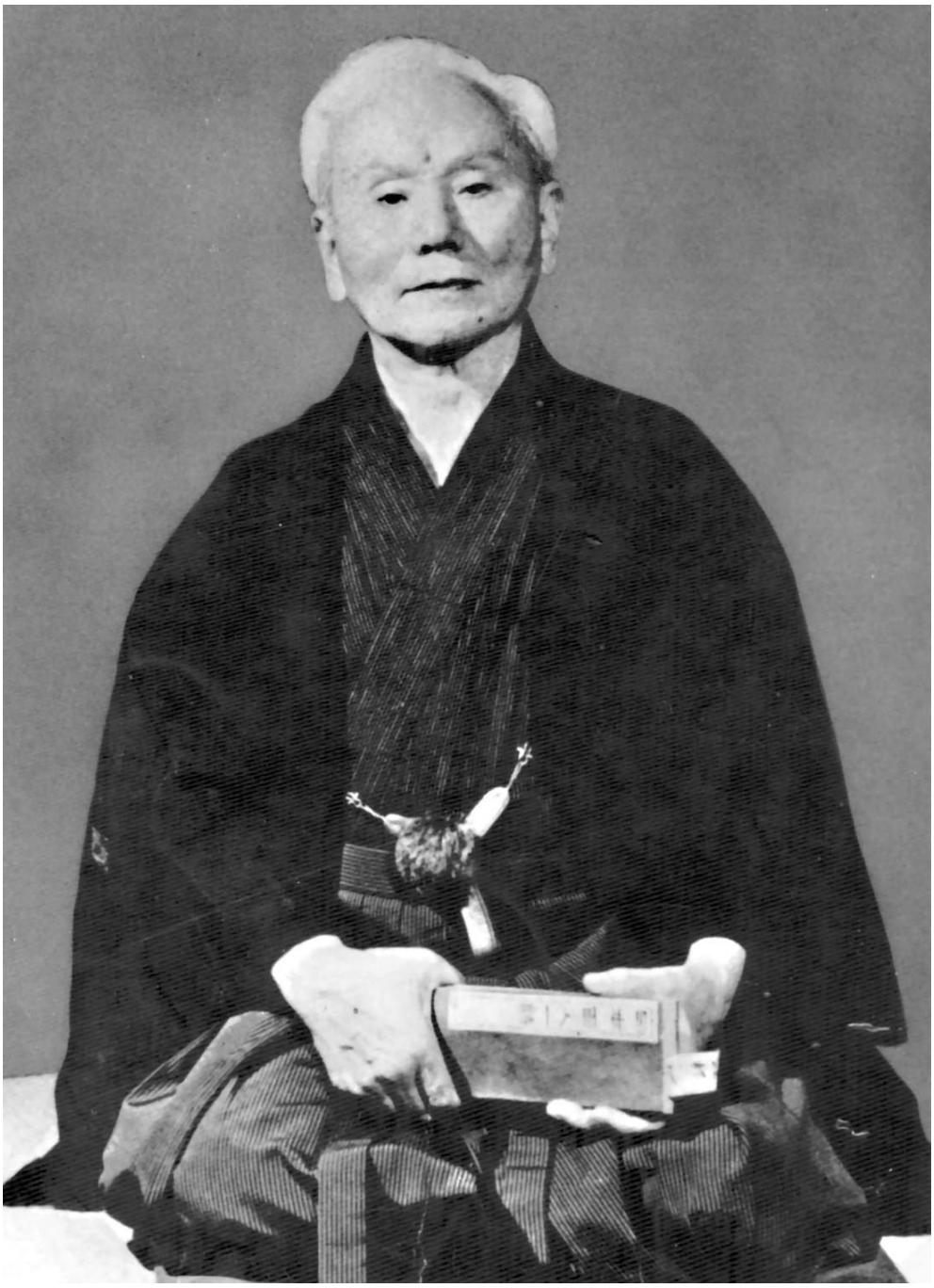
O autor deseja ainda agradecer à esposa de Mestre Murakami – Madame Nieves – a generosa atenção que quis dedicar a este humilde discípulo do seu falecido marido durante os contactos que com ela efectuou e à família de Mestre Egami, nomeadamente à sua falecida esposa – Chiyoko Egami – seus filhos e, bem assim, aos seus alunos directos com quem teve oportunidade de contactar em Itália – nomeadamente os Mestres Ariga, Nakano, e Nakagawa – pela informação disponibilizada através de contacto directo e obras escritas.

Postumamente o autor deseja agradecer ao saudoso Michiomi Hakamada *Sensei*, professor de língua e cultura japonesa do Centro de Artes Orientais, recentemente falecido, o enorme apoio e encorajamento concedidos ao autor durante os anos de trabalho que esta obra levou a realizar e pelas inúmeras traduções de livros, revistas e material avulso que constituíram preciosas contribuições para a compreensão da história e cultura japonesas nomeadamente em tudo o que ao *Budo* diz respeito.

À Câmara Municipal de Grândola o autor manifesta aqui o seu público agradecimento pela gentil cedência do auditório da Biblioteca Municipal para o pré-lançamento desta obra e o apoio prestado à divulgação da mesma durante a Feira do Livro de Grândola.

Finalmente a todos os Membros do Centro de Artes Orientais e aos Corpos Gerentes da Associação Shotokai de Portugal, bem como a inúmeros praticantes que, anonimamente, quiseram contribuir humildemente com pequenas tarefas de suporte à realização desta obra e ao seu lançamento o autor envia um enorme abraço de agradecimento por todo o apoio recebido.

JP



Gichin Funakoshi O-Sensei

Shigeru Egami Sensei

Tetsuji Murakami Sensei

Mestres Murakami e Egami

O estrangeiro disse:

- A verdade encontra-se na sinceridade

Todo aquele que não é sincero não pode agir sobre os outros...

Só a verdade interna permite ao espírito agir no exterior;

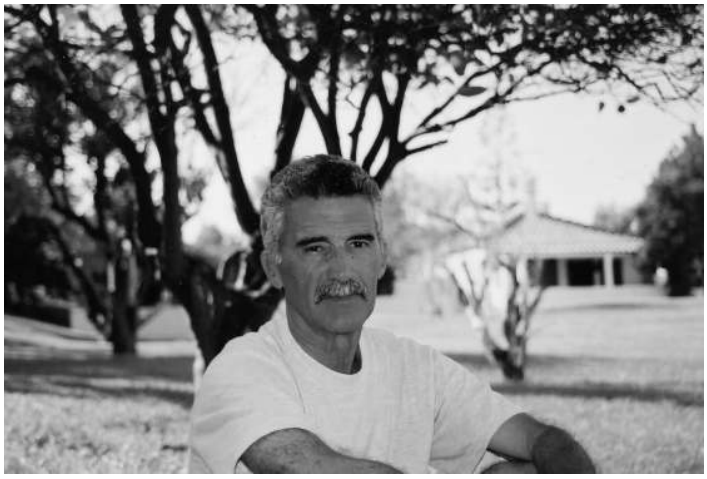
É ali que forja o valor da verdade.

A sua utilidade consiste em colocar

Cada coisa no seu lugar.

Tchouang Tseu

Introdução



Mário Rebola

Porquê um livro sobre o Mestre Tetsuji Murakami? Poderia dizer-se que os seus alunos mais antigos quiseram fazer perdurar a sua recordação e escolheram este meio, e isso não andaria longe da verdade.

Mas, mais do que isso, é uma homenagem, ao seu Mestre, dos alunos que mais tempo e mais de perto privaram com ele, homenagem ao homem, ao técnico, ao pioneiro do karate-dô na Europa.

Não menos motivador deste empreendimento, difícil e delicado, dada a diversidade de fontes de informação, foi o facto de outros já terem escrito e falado sobre T. Murakami e dele terem dado uma imagem negativa, deturpada e, nalguns casos, pura e simplesmente falsa, do homem e do técnico.

O que os moveu é um problema que cada um deles terá que resolver com a sua consciência. O que nos move, além do desejo de transmitir aos mais jovens o retrato, tanto quanto possível fiel, do criador da ASP, é o sentimento de fazer justiça, tanto a T. Murakami como a nós próprios.

Com o material disperso disponível e os testemunhos procurados exaustivamente (trabalho a ser creditado ao Engº José Patrão, autor do texto e principal obreiro desta iniciativa), surgiu a pequena biografia de um homem que, do anonimato de uma pequena cidade japonesa, se tornou conhecido, no seio das Artes Marciais, em meia Europa.

Agosto de 1969. Um pequeno grupo espera, no átrio das Chegadas, o voo da Air France vindo de Paris. Um certo nervosismo é visível no rosto de cada um, que se vai disfarçando com uma graçola ou um comentário vindo a propósito, cada um ensaiando mentalmente a vénia que irá fazer ao Mestre japonês que fora convidado a dirigir um estágio na Academia de *Budo*. Ao fim de algum tempo depois da chegada do vôo, caminhando com um ar desenvolto e decidido e arrastando uma mala, aparece-nos uma figura franzina de homem, de baixa estatura, que, à medida que vai correspondendo aos cumprimentos, com um forte aperto de mão, afasta a melena que, de vez em quando, lhe cai para a testa.

Desde o primeiro contacto, sentimos como, daquele corpo pequeno e seco, se desprende uma energia invulgar, que nos impregna de imediato, e que, misturada com uma atitude frontal e decidida nos gestos e na maneira de se dirigir às pessoas, nos fez sentir que estávamos perante uma personalidade muito forte, que se impunha naturalmente. Enfim, desde esse momento, vimos nele o Mestre, o dirigente.

Logo de início, também, sentimos que o seu à vontade e o seu ar decidido provinham não de qualquer atitude de displicência em relação aos outros, mas dum carácter forte e honesto, que radica na razão e no valor moral das suas convicções.

O futuro não me desiludiu. Todas essas primeiras impressões se revelaram justas e, assim, nunca tive que agir de maneira hipócrita ou falsamente subserviente para com o Mestre T. Murakami, sem nunca deixar de lhe pagar o tributo de gratidão, pelo professor que foi, a admiração pelo extraordinário executante que também foi e o respeito (algumas vezes crítico) que, não só a sua posição, mas também a sua honestidade moral e intelectual sempre me mereceram.

Tetsuji Murakami era um homem de convicções fortes. Naquilo em que acreditava, era irredutível. Mas bastava reconhecer razão a uma opinião contrária, para rever o seu posicionamento. Um simples exemplo, entre muitos:

Um certo dia, depois da morte do Mestre Shigeru Egami, disse-me que eu devia escrever um artigo sobre ele, para ser publicado num livro de homenagem, editado pela Nihon Karate-Dô Shôtôkai.

Eu escrevi um curto texto, que continha o que se poderia esperar de alguém que se tinha encontrado uma única vez com o homenageado e enviei-o para a NKS.

O Mestre Murakami, ao ver o tamanho do texto, exclamou: “Mas isto é demasiado pequeno!

Você devia ter escrito uma coisa mais longa".

Quando, por altura do estágio seguinte, voltou a Portugal, sem que o assunto viesse à baila, disse-me, de rompante: "Você tinha razão, disseram-me que o meu artigo era demasiado longo."

Tetsuji Murakami era um homem honesto, daquela honestidade intrínseca, inata, que alguns confundem com ingenuidade. Daí, talvez, o ter sido algumas vezes enganado, outras, mesmo, vigarizado. Um dia conheci um vietnamita que vivia em França, onde praticava e dava aulas de karate, a quem perguntei a opinião que tinha sobre o Mestre Murakami. Sintomaticamente, a resposta foi, depois de uma leve hesitação: "Un peu trop naif" (Um bocado ingénuo). Será útil dizer que, quem assim falou, tinha fama de pouco ingénuo…

O drama de T. Murakami foi o drama de todos os desenraizados. Arrancado, quase sem aviso prévio, a uma cultura e um modo de vida, cujos hábitos e normas existiam há séculos e se mantiveram com a força do isolamento duma sociedade fechada, para um meio completamente diferente, desde o talher da mesa à observância dos valores morais e espirituais, podemos vagamente imaginar o choque que terá sido o primeiro contacto e a sua adaptação posterior a um país ocidental como a França.

Nunca lhe ouvi referência nenhuma a essas dificuldades, que são conhecidas graças a alguns dos alunos mais antigos que o acompanharam nessa época, à excepção dum pequeno incidente, numa das demonstrações que, logo à chegada a Marselha, lhe foram impostas.

Contou-me ele que, quando se preparava para actuar, foi abordado por um francês que se apresentou como jogador de boxe e o desafiou para um combate.

Pelas palavras do Mestre " Fiquei surpreendido e sem saber o que fazer, pois não era eu quem estava em jogo, mas o prestígio do karate. Por isso, disse-lhe que sim, mas só depois da minha demonstração (de *Kata*). No fim da demonstração, procurei em vão o boxeur, mas ele tinha desaparecido."

O presente livro relatará as dificuldades deste período, cuja superação foi feita ao jeito de Murakami: com estoicismo e coragem nos momentos muito difíceis, com determinação quando era necessário pôr em prática uma decisão tomada.

A decisão de T. Murakami de continuar e, provavelmente, acabar a sua vida no seu país de acolhimento, a França, iniciou todo um processo de adaptação cultural de que nos fomos dando conta por pequenos pormenores.

Assim, a nossa (minha) surpresa ao ouvi-lo dizer que tinha abraçado a religião católica (a esposa professava essa religião), dando como justificação a tolerante e ecuménica explicação de que todas as religiões, por caminhos diversos, conduzem ao mesmo fim.

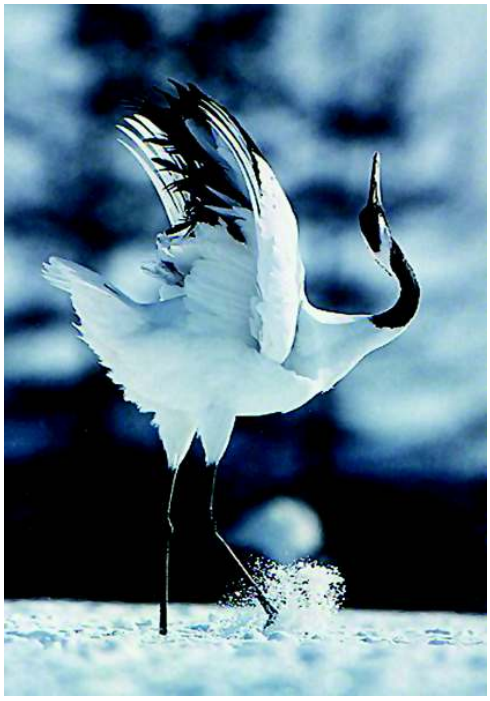
Ou como, no bistrot que existia perto do dôjô da Rue Mercoeur, pedia, com uma pronúncia notável, "Un café bien serré, s'il vous plaît!"

Ou ainda, quando começou a aparecer com o "Le Monde" debaixo do braço. Sabendo nós das dificuldades que o Mestre tinha com o francês, foi explicando: "Compro o "Le Monde" uma vez por semana e vou tentando ler e compreender os artigos. Sinto que, pouco a pouco, tenho melhorado os meus conhecimentos da língua." E, de facto, assim era. Nos seus últimos anos de vida, ele falava à vontade de qualquer assunto, notando-se já a preocupação na procura da palavra ou expressão correctas.

Contudo, esta adaptação não era incondicional. Tanto no treino como na vida, o Mestre continuou a guiar-se e a guiar-nos pela via do Budô, cujos valores, no plano moral, eram parte integrante do seu ser, eram a sua maneira natural de agir em sociedade.

Até ao seu último momento, foi igual a si próprio.

Mário Rebola
5º Dan Nihon Karate-do Shotokai
Presidente do Conselho de Graduações da ASP



Confucius fez uma visita a Lao Tseu. Este acabara precisamente de lavar os seus cabelos e secava-os ao sol. E dir-se-ia que o seu corpo, sentado imóvel, estava como morto. Confúcio esperou um pouco, seguidamente aproximou-se e disse:

- *Será que os meus olhos me enganam ou estais mesmo aqui? Vós tendes o ar de uma árvore morta e nada em Vós mostra o estado de vivo.*
- *Eu quedo-me no não-nascido, respondeu Lao Tseu.*
- *Que quer isso dizer? perguntou Confúcio.*
- *O meu espírito está em beatitude e não sei o que dizer. A minha boca está muda e não pode exprimir-se. Mas vou tentar aproximar-me da verdade: o perfeito princípio negativo (Yin) está majestosamente passivo. O perfeito princípio positivo (Yang) está fortemente activo. Um vem do céu, o outro da terra. A osmose entre os dois cria esta harmonia pela qual todas as coisas são produzidas. Há talvez uma primeira causa mas nunca se vislumbra a sua forma que todavia preenche o espaço. Há a luz, há a obscuridade. Os dias vêm, escoam-se os meses. A criação está incessantemente trabalhando. A vida vem de algum lugar e a morte conduz-nos para algum lugar. Início e fim seguem-se incessantemente e não sabemos quando tal terminará. Se isto não é o resultado de uma primeira causa, o que será então?*
- *Mas, disse Confúcio, o que quer dizer: quedar-se no não-nascido?*
- *Perfeita bondade e perfeita quietude. Quem tal atinge é um ser humano perfeito.*

Tchouang Tseu

Preâmbulo

José Patrão

Imaginemos um homem eterno, com uma memória perfeita, vindo não se sabe de onde. Chamemos-lhe (porque não?) *Bodhidarma*. Não, não estamos na Índia. Estamos hoje e aqui, num pequeno *dojo* de uma qualquer sociedade recreativa. O homem é, segundo se diz, "Mestre de Artes Marciais", em especial o karate. Será?...

Um dia, o seu único aluno decide pedir-lhe que lhe descreva todo o percurso daquilo a que chamamos hoje "Karate-do". Ele decide aceitar mas com uma condição: o aluno terá de treinar um ano inteiro, de Janeiro a Dezembro, todos os dias, sem qualquer falha nem interrupção. Se assim fizer, no final de cada aula sentar-se-ão ambos no centro do *dojo* e o Mestre contar-lhe-á uma pequena parte da história. O aluno aceita o desafio com entusiasmo.

Chegado o primeiro dia de Janeiro, o Mestre começa por alertar que não lhe vai contar a história de todas as Artes Marciais – tarefa certamente interminável – mas sim e apenas aquelas que se referem ao Do… O aluno fica sem perceber o que ele quer realmente dizer, mas decide não o interromper logo na primeira descrição que, ao que parece, se refere a uma forma de luta indígena de certa região da Índia, há mais de 1500 anos.

No primeiro dia da semana seguinte a descrição inicia-se com uma fantástica viagem através dos Himalaias até à corte de Wu, imperador de Liang em Cantão, na China. Logo de seguida a acção transfere-se para um mosteiro mais a Norte na província de Honan, do Imperador Hsiao Ming. O nome desse mosteiro parece soar como *Shaolin*. Tanto quanto o aluno julga

entender, após um correcto adestramento físico e mental, os pacíficos monges budistas que desse mosteiro partem, em pregação, acabam por se tornar conhecidos pela eficácia dos seus punhos.

Os dias passam, as semanas também e depois os meses. Metodicamente, o Mestre vai ilustrando a transmutação dessa técnica com descrições das características peculiares das formas de luta de povos diversos da China e depois Coreia. Há um, em particular, que ele repete várias vezes e que soa como *Shang Wu*, e que, segundo ele, estaria na origem de outras artes mais recentes de nomes tão esquisitos como: Tai *Ch'i* e *Pa-kua*.

Com o início da Primavera, tendo-se já estabelecido uma relação de amizade e respeito entre professor e aluno, este pergunta-lhe e, em vez do nome *Bodhidarma* que se torna extremamente difícil de pronunciar, o professor não se importaria que ele usasse um diminutivo… "podes chamar-me *Darma*, que é mais simples", responde, com um sorriso, "Afinal, até era assim que os habitantes de *Ryukyu* me chamavam…" E, adivinhando a pergunta do aluno passa a explicar: "*Ryukyu* era um pequeno arquipélago independente, a Sul da Japão, coincidente com o que se chama hoje Prefeitura de Okinawa. A região estava separada em três reinos – *Chuzan, Nanzan, e Hokuzan* – desde há muito envolvidos em guerra civil".

Darma vai prosseguindo a descrição da vida conturbada dos Ryukyu, nessa época, perpassada por combates de extrema violência e crueldade. Por vários dias o aluno sai do *dojo* com as pernas a tremer, tal é o realismo das descrições. Chega um dia, porém, em que *Darma* refere o aparecimento de um certo rei Sho-Hashi, de Chuzan, que acaba por dominar os outros dois países, impondo em todo o território *Ryukyu* um regime feudal onde o uso de armas passa a ser reservado às classes de nível superior.

Chega o Verão. Os quentes fins de tarde, após o treino, são de grande serenidade. Durante os meses de Julho, Agosto e também Setembro fora, o Mestre entrega-se à descrição da vida calma dos camponeses de Ryukyu. As referências às Artes Marciais são raras e subtis. Ali é um humilde aldeão que, provocado por dois Samurai fortemente armados, recorre a um pequeno malho de descasque de arroz, conseguindo matar um deles e ferir fortemente o outro. Todas as tentativas para encontrá-lo são infrutíferas… Acolá, um homem já idoso acorre em defesa de um amigo e consegue defender-se habilmente da terrível lâmina de um sabre, com o cabo de madeira de uma pequena mó. Levado à presença das autoridades não se consegue provar que tenha feito uso de armas…

Num dos regressos a casa depois da costumeira aula, o aluno desvia-se um pouco do caminho habitual procurando a frescura de um pequeno lago. Passeando o olhar por uns

pequenos remoinhos que agitam a água, interroga-se: "O que será que vive por baixo do espelho?". E eis que inesperadamente, já no final de Setembro, *Darma* deixa o seu jovem amigo sem pinta de sangue com a mais viva e sentida das descrições de batalha que jamais ouvira. Trata-se da invasão dos *Ryukyu* pelo clã Shimazu – a força de guerra que domina já um vasto território em Kyu-Shu e que decide agora anexar as ilhas mais a Sul. Uma data fica a soar – 1609 – ano do assalto frontal dos Samurai à porta de *Naha*. A feroz resistência dos locais surpreende a poderosíssima força que há pouco chegara a fazer tremer a própria autoridade imperial. O ataque à porta de Naha é prontamente repelido. Mas o desequilíbrio de forças é tremendo, nem todas as entradas podem ser defendidas, Unten é o ponto fraco por onde o Shimazu consegue penetrar e os *Ryukyu's* em breve ficam à mercê dos Satsuma. A interdição do uso de armas é agora reforçada passando a aplicar-se a toda a população local. Cai o Outono. A caminho do *dojo* o aluno é de novo atraído pela tonalidade cinzenta da superfície do lago, agora batida pelo vento. Pela melancolia das palavras do Mestre descrevendo a profunda tristeza dos *Ryukyu* pressente-se uma agitação crescente. Em reacção à opressão dos suseranos Satsuma, reforçam-se as ligações tradicionais ao continente e, por detrás de aparentes missões de intercâmbio cultural, esconde-se a aprendizagem de secretas formas de defesa sem armas, desenvolvidas pelos monges de *Shaolin* e sucessivamente melhoradas por gerações de Mestres chineses. Em Okinawa, essas "formas" são então transmitidas no mais rigoroso segredo a um círculo muito restrito de alunos. Estes, por seu lado, como artífices diligentes, tratam de as aprimorar e aperfeiçoar. Aos rumores de uma tal mão de Shuri e mão de Naha, que se agrupavam no chamado Okinawa-te, ou Mão de Okinawa, junta-se agora uma misteriosa To-de, associada às formas chinesas. Mas, por mais estratagemas que inventem, os espiões do clã Satsuma não logram penetrar no hermetismo de tais práticas.

Ao som das palavras do Mestre os anos voam lestos como folhas que o vento frio volteia, mas um ano sobressai – 1853 – quando uma enorme força armada americana reclama entrada no Castelo de Shuri. Os guarda-costas do rei que, durante séculos tinham ganhado a justa fama de conseguir destroçar em poucos segundos qualquer grupo de assaltantes armado que ousasse penetrar as muralhas do castelo, preparam-se para o pior... Os ecos das palavras e traduções não rompem o enorme silêncio que pesa nesse breve momento em que os dois hemisférios se tocam. Nos dias seguintes ao rei pouco mais resta que suicidar-se. Mal sabem os seus carrascos passivos que essa morte prenuncia a queda em cascata do universo samurai.

Certo dia, no final de um treino aparentemente igual a tantos outros, o Mestre informa: "Hoje não haverá palestra!". O discípulo não compreende e começa a esboçar um protesto: "Mas *Darma*…". Este porém interrompe-o bruscamente dizendo-lhe: "O meu nome a partir de

agora passa a ser *Shoto*, se me chamares de outra forma não te responderei". Em seguida assegura-se de que a porta do *dojo* está fechada, pede-lhe que tome muita atenção aos nomes que vai ouvir e que, sobretudo, não os confunda. Nesse dia não se sentam no centro do *dojo*, como habitualmente, mas sim um em cada extremo da sala. Durante largos minutos permanecem, frente a frente, contemplando-se em silêncio. Então, o Mestre levanta-se e exclama: "*Tekki-Shodan*!". Executa uma série de impressionantes movimentos plenos de energia, curtos e fortes, deslocando-se para um e outro lado, mas sem avançar. De seguida volta a sentar-se e a aula termina assim. Despedem-se com uma saudação, sem uma palavra.

O aluno interroga-se acerca do significado desta brusca mudança de atitude e também da função daqueles estranhos movimentos. No entanto em quase todos eles, julga encontrar longínquas semelhanças com os quatro ou cinco movimentos básicos que, ao longo de todo o ano, lhe têm vindo a ser ensinados, e é com grande curiosidade que se dirige para o *dojo*. Nos dois dias seguintes, quer o nome, quer o esquema dos movimentos, apresentam notórias parecenças com os do primeiro dia: "*Tekki-Nidan*". "*Tekki-Tekki-Sandan*". No quarto dia o Mestre executa todos os três, um a seguir ao outro informando no final que estas formas que ele designa genericamente por *Kata*, pertencem à escola *Shorei-ryu*.

No dia subsequente, a apresentação continua, com uma *Kata* denominada "*Taikyoku Shodan*". O aluno fica contentíssimo, reconhecendo de imediato todos os movimentos. As *Kata*'s dos dias seguintes: "*Taikyoku Nidan*", "*Taikyoku Sandan*" apresentam-se como pequenas variações da primeira, incorporando igualmente técnicas que ele conhece muito bem. Mas, na essência, em nada diferem da primeira Taikyoku.

De novo a caminho de casa presta pouca atenção à chuva e ao frio do Inverno que se aproxima. O que o intriga são as profundas diferenças entre estes dois grupos de *Kata*. E reflecte de si para si: "Os movimentos das *Taikyoku* são leves, rápidos e profundos; os outros, por contraste, são como o próprio nome *Tekki*, mais forte, mais curto, mais pesado. As deslocações em todas as direcções das *Taikyoku* fazem lembrar o voo livre de uma ave, sem limites; nas *Tekki*, porém, as deslocações são muito limitadas como se o movimento estivesse restrito a uma direcção. Será que as *Taikyoku* são originárias de uma outra escola, um outro *Ryu*?"

Confirmando a sua suspeita, no final do treino seguinte o Mestre revela-lhe que, de facto, as três *Taikyoku* foram uma criação sua inspirados nas *Kata* da escola *Shorin-ryu*. Nesse momento, o Mestre apercebe-se, pelo brilho dos olhos do seu aluno, de que ele compreendeu a mensagem. Abraça-o com amizade, dizendo-lhe que, daí em diante, quando outras *Kata* lhe forem apresentadas, não precisa de se preocupar em decorar-lhes os nomes, apenas procure sentir o timbre dos movimentos e identificar a que escola pertencem.

O dia seguinte é o primeiro de Dezembro. No fim da aula professor e aluno voltam a sentar-se no centro do *Dojo*. *Shoto* explica que chegou a altura da divulgação, da abertura para o exterior: "O mundo acha que tudo tem que ter um nome, por isso vamos chamar-lhe Karate-do". Abre então de par em par a porta do *dojo* e deixa entrar um bando de miúdos, que já há alguns instantes se acumulavam ruidosamente junto à entrada, espreitando. Ao princípio as crianças invadem caoticamente toda a sala, observando com curiosidade todos os detalhes, mexendo nos cintos e rindo baixinho dos trajes esquisitos dos dois homens. Cria-se uma enorme confusão e o aluno faz um ar carrancudo. *Shoto*, por seu lado parece felicíssimo, deixando-se rodear pelas crianças. Aos poucos, porém vai-os encaminhando para um dos lados da sala e, então num repente, com uma voz forte e determinada manda-os alinhar, pondo o seu aluno à direita. Os miúdos, apanhados de surpresa pela súbita mudança, obedecem de imediato, ficando em quase completo silêncio. O Mestre demonstra então uma série de *Kata – Bassai*, *Kanku*, *Empi*, *Gankaku*. E depois, após uma pausa, *Jutte*, *Hangetsu*, Jion. O aluno reconhece facilmente o primeiro grupo como *Shorin-ryu*, e o segundo como *Shorei-ryu*. Os ávidos olhos das crianças, porém são atraídos apenas pelo espectáculo, riem e aplaudem os saltos e pontapés e, quando o movimentos são lentos e concentrados, suspendem-se na respiração profunda do Mestre. No final da aula quase todos pedem a *Shoto* que lhes ensine karate (como crianças que são, esquecem o Do) e, para desespero do seu aluno, o Mestre aceita. Daí para a frente as aulas enchem-se de crianças traquinas que a todo o momento pedem: "*Shoto*, faz aquele salto! *Shoto* ensina-nos outro truque! *Shoto*, podemos fazer um jogo a ver quem ganha?". No final de cada aula, depois de todos saírem, continuam a sentar-se no centro do *dojo*, mas são os protestos do aluno que se fazem ouvir:

- Não compreendo. Você prometeu-me que me daria aulas durante um ano…

- E estou a cumprir.

- Mas as crianças perturbam o nosso trabalho!

- Meu caro, se eu as mandasse embora então sim, estaria a falsear tudo.

- Como assim?

- Assim, como assim, eles fazem parte do caminho, fazem parte da história…

Decorre o último dia do Mês de Dezembro. Está muito frio. Em cada um dos últimos dias o caminho para o *Dojo* pareceu-lhe mais e mais longo. Sente-se doente, doem-lhe as pernas, todo o corpo lhe dói. Enquanto caminha penosamente encontra mais uma vez o velho lago: "Já não há nada por baixo do gelo, está tudo morto", pensa, e uma lágrima escorre-lhe pela face.

Contudo, ao chegar à porta do *dojo* algo de insólito se passa. Nem gritaria, nem correrias… Onde estão as crianças? Espreita pela porta e vê um grande grupo de pessoas em *karate-gi*. Os olhares dirigem-se para ele… os rostos são-lhe estranhamente familiares. Não sabe o que há-de dizer: "Hum... Boa tarde, o meu nome é…" Olá, Mestre. Chegou atrasado hoje. Estamos há que tempos à espera.

Como um autómato dirige-se para o vestiário e pega no *karate-gi*. Mete de novo a mão direita no saco para retirar o cinto branco mas o que sai é um cinto de cor preta. Larga-o bruscamente e esfrega a mão como se o cinto a tivesse queimado. Repara então que as mãos, as suas próprias mãos estão diferentes, mais ásperas mais…velhas. Prostrado, deixa-se cair sobre o banco, apoia os cotovelos no colo e tapa os olhos, mas… no rosto sente estranhas rugas. Tenta controlar-se. Recorda o ensinamento do Mestre e endireita as costas. O seu Mestre... onde estará? "*Darma*", "*Shoto*", nomes que lhe soam distantes, nomes longínquos da sua juventude.

Repentinamente levanta-se, como se tivesse apanhado uma bofetada. Veste o karate-gi, coloca o cinto negro. Vai para o *dojo*. Atrás de si está a foto de um homem sentado serenamente na areia de uma praia. Senta-se. Os alunos imitam-no. Viram-se todos para a foto. Ao fundo as águas, já não do lago, mas do próprio mar, ondulam vivas. Quando se curva para a saudação apenas um nome invade a sua memória: Murakami.

J.P.

(Extraído do livro "ASP – 25 Anos". Versão revista)

Um dia eu, Tchouang Tseu, sonhei
Que era uma borboleta voando por aqui e por ali
Haurindo, satisfeito com a minha sorte e ignorando
O meu estado humano.
Subitamente despertei e dei comigo,
Surpreso de mim mesmo.
Actualmente já não sei se sou um homem
Sonhando que é uma borboleta
Ou se sou uma borboleta que sonha que é um homem.
Entre a borboleta e eu existe uma diferença:
É o que se chama a mutação constante.

Tchouang Tseu

Capítulo 1 Anjos de Ferro (1927-1957)

Os raios vermelhos do Sol nascente tentam romper a névoa espessa e fria, mas as pernas submersas até ao joelho, continuam enregeladas e dormentes.

- Schlack! – o golpe na testa apanha o rapaz desprevenido de tal jeito que cai desamparado na água fria.

- Ah! Ah! Ah! Pobre diabo! Estavas a dormir em pé, ou quê? Foi só para te matar um mosquito que te estava aí a morder na cabeça.

Mas já se lhe embarga o riso pois o jovem Tetsuji, apesar dos seus magros 14 anos, salta que nem um gafanhoto sobre o seu agressor, decidido a salvar a honra da família.

- Pobre diabo, eu!? Já te disse que nós os Murakami não consentimos…

Hoje, porém, a costumeira briga matinal – só para aquecer – está destinada a ser curta, o rugido ensurdecedor de uma esquadrilha de caças zero corta bruscamente a contenda. Em menos de um segundo todos os camponeses estão de mãos postas e de cabeça baixa, alguns ajoelhados com água fria até à cintura, dignos que não são de olharem de frente os divinos reflexos do Sol nascente nas poderosas asas daqueles *Kami*, anjos de ferro do seu divino Imperador.

Todo o arrozal é agora um imenso templo.

Nesse distante Outono do 15º Ano da Graça de sua Divindade o Imperador Hirohito (1941) longe estava o jovem Tetsuji Murakami de imaginar que a dura faina sazonal de remexer o fundo dos canteiros para que a semente lançada pelos experientes semeadores ficasse depois coberta pelo assentar do lodo, seria afinal um paraíso, comparado com o inferno da guerra que, nos anos seguintes, depois de ter alastrado inexorável e imperialmente sobre a China, e outros países circundantes, haveria de se abater agora, qual tsunami retornante, sobre o próprio Japão. Quatro anos depois, na sua querida Shizuoka, a cidade de onde se podia admirar a majestade do *Fujisan*, não haveria de sobrar pedra sobre pedra, tronco sobre tronco.

Um dia, deambulando pelas ruas, atordoado pelo cheiro a madeira queimada, deu com uma cena impressionante:

- Força! Iça! Cuidado com essa viga, deixem-na cair está demasiado calcinada! Cuidado com aquela ali!

Um grupo de meia dúzia de jovens, homens e mulheres, liderados por um homem de meia-idade, com vestes de Samurai, procurava remover, à mão, os escombros do que parecia ter

sido um velho *dojo* de artes marciais.

- Quem será este homem que se atreve poucos meses depois daquela vergonhosa rendição do nosso Imperador, a vestir-se em plena rua como um Samurai? – pensava Tetsuji – Será que não teme ser encarcerado pelos Americanos que decretaram o encerramento de todas as escolas de Artes Marciais?

Foto 1 - *Dojo Yoseikan*, Japão (aspecto actual)

Observando os *Kanji* escritos na placa pendendo sobre a entrada, soletrou:

- *Yoseikan*! *Yoseikan dojo*.

Nessa noite o jovem não conseguia dormir e foi procurar o *shinai* para lembrar os gloriosos tempos da escola em que, como *Kendo-deshi* tinha atingido o 2º Dan:

- *Men! Men! Men! Do! Do! Do! Kote!...*

- Tetsuji! Pára imediatamente com isso estás a acordar os teus irmãos – diz-lhe a mãe, e ele pára.

Mas no seu íntimo a decisão está tomada e murmura:

- Um dia hei-de ser aluno do *Yoseikan*!

Todavia, o jovem irrequieto que, nos tempos de escola se apaixonara pelo *Kendo* e até pelo *Sumo*, e que nos anos negros da guerra e do pós-guerra se tentara manter sempre em forma praticando natação e corrida, teria ainda de percorrer um longo caminho antes de ser formalmente aceite. Em breve o fascínio pelo perigo que envolvia o Karate – conhecido em todo o Japão como uma arte perigosa, mas que Funakoshi *Sensei* lograra apresentar às forças de ocupação americanas como um sucedâneo das suaves artes chinesas – o levaria a pedir o

ingresso na escola de Mestre Masaji Yamaguchi, cujo pequeno *dojo* também tinha sido destruído durante a guerra e que, à falta de melhor, ensinava agora ao ar livre nas ruas de Shizuoka.

- *Jyu-kumite*! – exclamou o Mestre, logo na primeira aula em que Murakami, foi autorizado a participar à experiência. E o jovem nos seus 19 anos pensou – "Óptimo, combate livre, vai ser como nos arrozais, com os meus colegas «de pancadaria»!".

Mal sabia o que o esperava. Nessa noite, entrou sorrateiro em casa e, sem levantar a cabeça para que não lhe vissem os olhos pisados e o nariz a sangrar, foi direito para o quarto e correu o biombo. Mas não conseguia dormir. As costelas partidas não o deixavam sossegar em posição alguma.

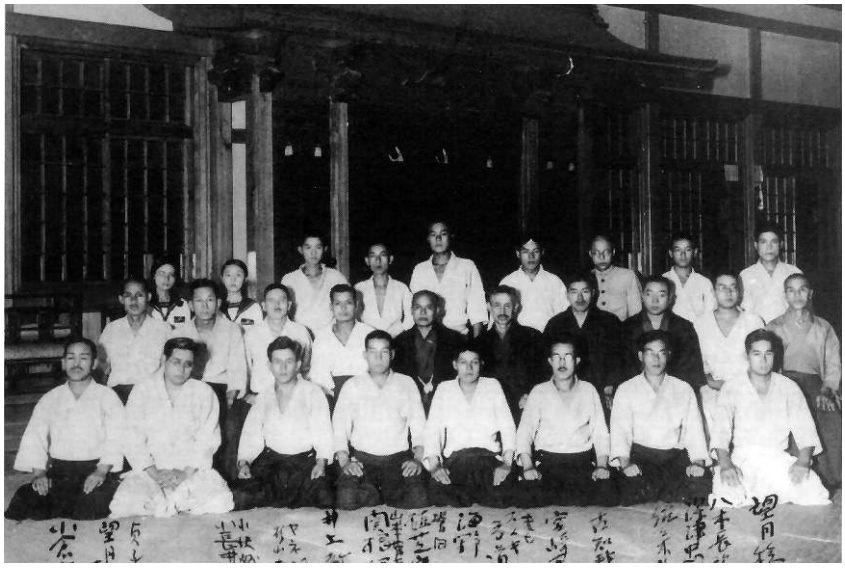


Foto 2 - *Dojo Yoseikan*, Japão (aspecto original, por altura da sua inauguração em 1931). Minoru Mochizuki *Sensei* é o primeiro à direita, na primeira linha. Na linha central podem ver-se Morihei Ueshiba *Sensei* Noriaki Inoue *Sensei*, respectivamente o 4º e o 5º a contar da esquerda

O pai antes de adormecer, escutando os seus gemidos abafados esboçou um sorriso. Toda a gente na cidade se orgulhava do *dojo* fundado há 20 anos atrás por Minoru Mochizuki *Sensei* aluno directo de duas das maiores autoridades vivas do *Budo*: Gigoro Kano – o fundador do Judo – e Morihei Ueshiba o fundador do Aikido.

- O meu filho conseguiu entrar no *dojo* de Yamaguchi *Sensei* que foi aluno de Funakoshi *O-Sensei* – cogitava ele – quem sabe, talvez um dia seja recomendado para o *Yoseikan*. Seria uma grande honra para a família.

No dia seguinte, fingindo que não coxeava, voltou ao *dojo* e o Mestre mal o viu:

- Ah Murakami-San! Teve a coragem de voltar? Hoje é dia de *makiwara*!

Desta vez não teve ilusões: iria ser terrível! E de facto na hora e meia seguinte limitou-se a golpear incessantemente o *makiwara* com os nós dos dedos. A carne inchou, e ele continuou. A carne rasgou-se mas ele não se deteve. O sangue começou a manchar a palha de arroz e a pingar no chão mas ele tinha de prosseguir. Quantas semanas terão passado até que os nós dos dedos criassem calos suficientes para que a dor se tornasse suportável?

Foto 3 - Mestres Tetsuji Murakami (à esqª) e Masaji Yamaguchi, em Shizuoka, no Japão

Ao fim de três anos à experiência foi-lhe autorizado o ingresso formal no *dojo*, sendo lhe concedido o título de 1º Dan e, enquanto a disciplina dura do Karate ia impregnando o seu corpo, a sua mente, o seu espírito, ia-se tornando evidente para si próprio e para os colegas que o rodeavam que estava destinado a ser esse o caminho da sua vida.

Tirando isso a sua vida não terá sido muito diferente dos outros rapazes dessa época, durís-sima, que foi o Japão da guerra e do pós-guerra e que o impediu de prosseguir os seus estudos para além da escola secundária, tendo de lutar arduamente não só ao lado de seu pai, no ofício de comerciante, mas em todas as humildes e espinhosas tarefas que a reconstrução de todo um país impunha.

A maturidade precoce e o elevado senso de responsabilidade familiar, justamente relevados pela carta de apresentação do jovem Tetsuji – formalmente entregue pela família Murakami à família da sua futura noiva, Yoshi – terão sido determinantes na sua aceitação como futuro esposo.

O casamento não lhe fez esfriar a manifesta paixão pelas disciplinas do *Budo*, cuja prática fervorosa lhe ocupava grande parte do tempo pós-laboral. E, claro está, que eram todos colegas de prática os amigos que o rapaz de 24 anos quis convidar para a festa que se seguiu ao *Miyamairi* * do seu primeiro filho – Yukitoshi. No ano seguinte a sua esposa daria à luz outro rapaz – Mitoshi – e, nessa altura a festa já contaria com a presença de colegas de prática do *Dojo Yoseikan*.

Aliás, a sua devoção pelo *Budo* terá sido vista por ambas as famílias como algo bastante mais digno e preferível que as ocupações degradantes centradas no álcool e outros vícios a que tantos homens de então se dedicavam, perdido o rumo militarista que o Japão de antes da guerra lhes incutira.

Foto 4 – Armadura de Samurai

Num tempo em que muita gente no Japão vivia já o fascínio da cultura ocidental, cada vez mais dominante, Tetsuji coleccionava armaduras militares antigas que lhe permitiam treinar, com os colegas, formas mais eficazes de golpear. Talvez por isso quando foi desafiado pelo campeão do clube de boxe local, tenha acabado por derrotá-lo, sem usar as pernas, com um *shuto-uchi*.

Ter-se tornado discípulo do Mestre Mochizuki acabara, afinal, por ser uma sequência natural da sua dedicação ao espírito do *Budo* e após vários anos de contacto directo com vários

* Miyamairi é um ritual xintoísta: um mês após o nascimento de uma criança, os seus pais e avós levam-na a um santuário para mostrar gratidão e pedir ao clérigo que reze pela boa saúde e felicidade da criança.

instrutores do *Yoseikan* e com o próprio Mestre Mochizuki, não admira que, no momento em que foi preciso escolher alguém que pudesse apresentar directamente aos europeus a essência da técnica e do espírito do *Budo*, essa escolha tivesse recaído sobre o virtuoso jovem.

Foto 5 - *Dojo Yoseikan*, Japão (aspecto actual)

- Murakami-San – ouviu chamar do outro lado do biombo – faça favor de entrar.

Ergueu-se de um pulo, ajeitou o traje de cerimónia que só vestira no casamento e julgou-se preparado para o que ia encontrar.

Afinal já tinha escutado os conselhos do seu avô, que tinha feito uma longa dissertação sobre Miyamoto Musashi, de seu pai que lhe tinha contado a história do velho Samurai e dos seus três filhos – "Atenção ao que tens por cima, ou para lá, da porta quando entrares!" – e até julgava ter entendido a alusão indirecta da sua esposa nessa noite ao grou do Japão – inspiração milenar de artistas marciais, mas também o símbolo do acasalamento por toda uma vida. Sim, julgava-se preparado. Mas quando correu a porta e viu alinhado à sua frente o Conselho de Anciões do *Yoseikan*, com Mochizuki *Sensei* sentado ao centro sobre um *zafu* que o colocava um pouco elevado em relação aos restantes, Yamaguchi ao seu lado direito, e tantas outras caras que mal conhecia, nesse momento os tendões de aço das suas pernas, temperados por uma década de esforço, pareceram perder, subitamente toda a força.

Aproveitou para fazer *Za-rei* o que, embora fosse um pouco excessivo para a ocasião, não era incorrecto e, sobretudo, lhe permitiria recuperar a compostura.

Só quando levantou o tronco se apercebeu da presença simpática do jovem Hiroo Mochizuki que esboçava um leve sorriso tranquilizador.

Apesar da diferença de idades – Hiroo tinha nessa altura 21 anos e Tetsuji 30 – e do estatuto social – o jovem Mochizuki tinha regressado recentemente de uma estadia de quase um ano em França onde tinha simultaneamente aperfeiçoado os seus estudos de medicina veterinária e ensinado na já prestigiada *Académie Française des Arts Martiaux* "AFAM", em Paris – apesar dessas diferenças, germinava entre eles uma simpatia e uma admiração mútuas que haveriam de florescer numa amizade que perduraria ao longo de toda a vida de ambos.

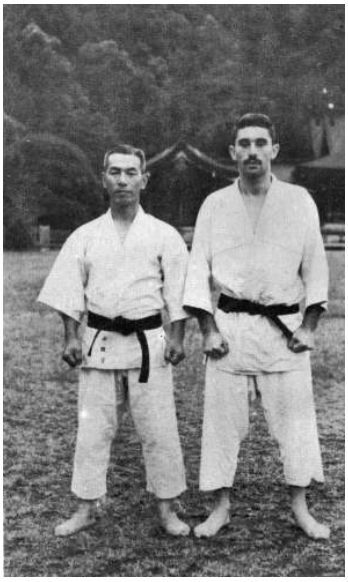


Foto 6 - Mestre Masaji Yamaguchi e Jim Alcheik no Japão

– Murakami-San – a voz rouca de Mochizuki *Sensei* ampliava ainda mais a solenidade do acto – o meu aluno Jim Alcheik formalizou recentemente, aqui no *Yoseikan*, um convite da parte do Sr. Henry Plée que pretende encontrar um professor de *Budo* para dar continuidade ao trabalho que eu e o meu filho iniciámos na Europa. O Conselho dos Anciãos do *Yoseikan* decidiu convidá-lo a si para essa tarefa. Caso aceite aviso-o desde já que terá de se preparar para uma ausência de um ano, no estrangeiro, absolutamente só, a qual será precedida de um estágio de algumas semanas com os *Sempai* de Funakoshi O-*Sensei*, em Tóquio, para aperfeiçoamento técnico e pedagógico. Está disposto a aceitar?

- Um ano – pensou Murakami – 12 meses, longe da minha mulher e dos meus filhos pequenos. Em França, absolutamente só, sem saber uma palavra de francês ou qualquer outra língua ocidental. Não esperava que fosse tanto tempo…

Os segundos de hesitação impacientaram Mochizuki que vociferou:

- Hesita? Talvez não esteja preparado para um desafio deste calibre?

- Não Mestre! Eu aceito! – na precipitação de responder fitou os olhos de Mochizuki *Sensei* o que, naquelas circunstâncias, era pouco menos que um acto de insubordinação inaceitável.

Incómodo como um vento frio pressentiu-se um tremor percorrendo os corpos de todos os membros do Conselho, ainda que nem um único músculo se movesse. Mas Mochizuki não pareceu demasiado incomodado com o olhar de desafio, aliás prontamente baixado por Murakami.

- Hummm! Yamaguchi-San ainda terá de ensinar um pouco mais de cortesia e boas maneiras ao seu aluno… – e depois de uma breve pausa concluiu – mas para o nível de educação dos ocidentais o seu nível de *rei* deve bastar! Ah! Ah! Ah!

As gargalhadas receberam eco fraco dos anciãos, que não compreendiam exactamente aonde o *sensei* queria chegar, sendo a França um país tão evoluído face ao Japão de então.

- Terá de escrever mensalmente uma carta ao seu Mestre, detalhando todas as evoluções dos seus alunos e todos os acontecimentos importantes – advertiu Mestre Mochizuki – Yamaguchi-San reportar-me-á se achar necessário.

Dirigiu então o olhar para o jovem Hiroo e rematou a conversa dizendo:

- Hiroo, apesar da sua inexperiência de vida, esteve alguns meses em Paris. Transmita o que aprendeu dos estranhos hábitos e costumes dessa gente a Murakami!

Hiroo fez uma vénia ao pai ocultando um sorriso de satisfação por lhe ter sido confiada uma tarefa importante.
Quanto a Murakami podemos apenas imaginar como terão sido as semanas seguintes a essa breve conversa.
Estamos no dia da despedida. Amparada pelo pequeno abraço dos seus dois filhos – Yukitoshi e Mikoshi de 6 e 5 anos – enquanto acena tristemente para a figura que se destaca, pela impassível verticalidade, na amurada do gigantesco navio, a sua esposa Yoshi Murakami, de mão erguida no ar, interroga-se a medo – "Qual das duas facetas do grou irá prevalecer?".

Foto 7 - Mestre Tetsuji Murakami durante a viagem Japão-Marselha, 1957

Não se pede opinião a um cego
Sobre uma pintura,
Não se convida um surdo para um concerto.
Mas a cegueira e a surdez não são
Apenas físicas.
Elas podem atingir o espírito
E eu temo que sejais atingidos por tal.

Tchouang Tseu

Capítulo 2 Uma Estranha Recepção (1957-1958)

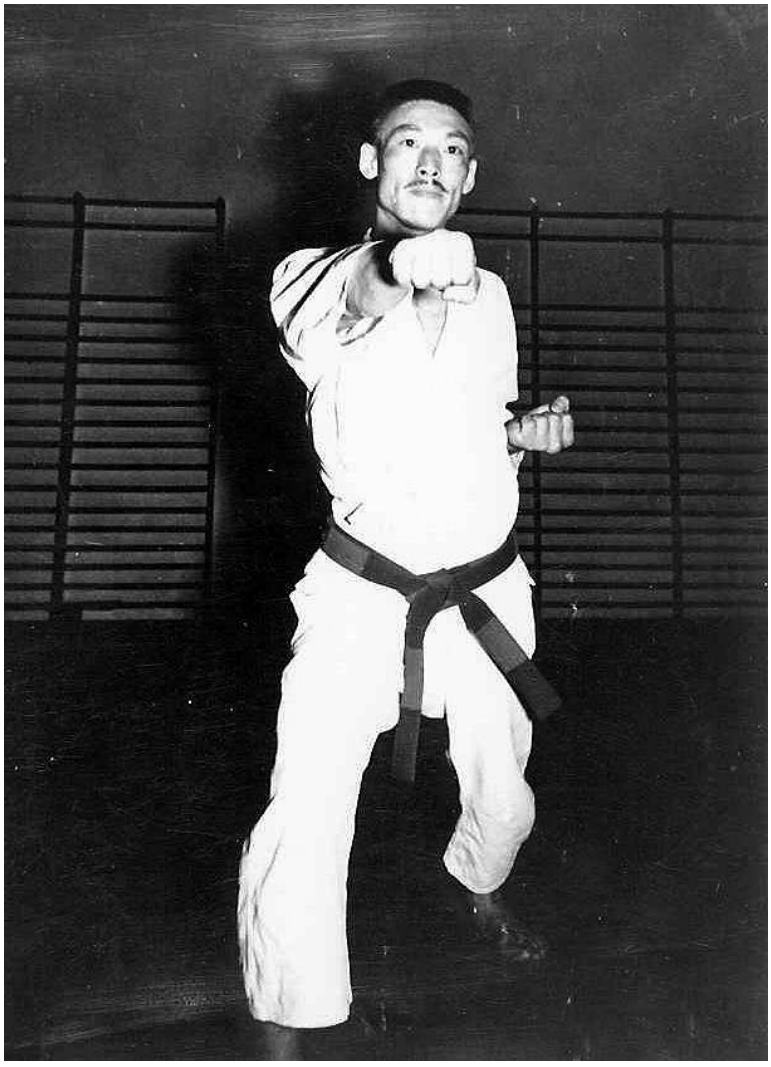


Foto 8 - Mestre Murakami pouco depois da sua chegada a França

Durante as longas semanas da viagem marítima Japão-França Murakami viajou na companhia de Mitsuhiro Kondo, um jovem judoca que pretendia instalar-se em Genebra na Suíça, e de um francês que servia de intermediário. Para além do treino diário e das leituras de alguns clássicos do *Budo* – especialmente o seu preferido "O Tratado das Cinco Rodas" de Miyamoto Musashi – todo o restante tempo tinha-o gasto na aprendizagem dos costumes europeus. Para tal tinham sido de grande utilidade para além do seu colega de viagem francês, os poucos turistas ocidentais que viajavam a bordo do navio japonês. Coisas peque-

nas como o uso de todos aqueles instrumentos metálicos de cirurgia a que os ocidentais chamam "talheres", a colocação do guardanapo no peito ou sobre as pernas, ou outros hábitos ainda mais estranhos e absolutamente inaceitáveis como assoar-se a um lenço de pano, tudo isso tinha sido analisado, dissecado e mesmo treinado frente ao espelho do seu exíguo camarote, com a mesma seriedade com que se dedicara tantos anos ao estudo dos *kata*. Corria o dia 3 de Novembro de 1957. Muitas horas antes de o navio acostar ao cais do porto de Marselha, já Murakami se tinha vestido a rigor com o seu melhor fato, colocado a gravata, cujo nó não se atrevera a desfazer desde Tóquio, e deixado a refulgir os sapatos negros que tanto lhe apertavam os pés.

- *Bonjour Monsieur Murakami – disse simpaticamente o Sr. Plée, ao mesmo tempo que fazia uma vénia profunda.*

- *Bonjour Monsieur Plée – retorquiu o Mestre*.

Apercebendo-se da razoável pronúncia Plée assumiu que o seu interlocutor afinal percebia um pouco de francês e prosseguiu:

- Como está Mochizuki *Sensei*?

- *Eeto!... Mochizuki Sensei?...Genki-desu! Arigatoo-gozaimasu!*

O diálogo directo ficou por ali, claro está e foi com muita dificuldade que o tradutor lhe conseguiu explicar, durante a viagem de táxi subsequente, que o seu anfitrião lhe pedia para retirar já de seguida o seu belo fato de cerimónia e vestir o *karate-gi*, agendada que estava já uma série de demonstrações em Marselha e nas cidades circundantes de Toulon, Avignon e Ciotat.

- Lamento muito, mas não estou disponível! – Contendo a cólera crescente, Murakami procurava ser o mais cordial possível, lembrando-se dos conselhos recebidos no Japão acerca dos estranhos costumes deste povo – Lamento muito, mas estou fatigado pela viagem e não foi para isto que eu vim!

- O quê, o que diz ele? – perguntava nervosamente o Sr. Plée ao tradutor – Está a dizer que não quer? Explique-lhe que as demonstrações estão a ser publicitadas na imprensa desde há várias semanas. São compromissos inadiáveis. Está muito dinheiro em jogo!

Graças à paciente diplomacia do tradutor e após longos minutos de tremenda tensão, Murakami acabou por perceber que não tinha outra saída senão prestar-se de imediato a esse primeiro e inesperado serviço.

A sós no balneário do pavilhão, escutando os aplausos da multidão com o anunciar do seu nome naquela língua esquisita carregada de "rrs" – *Madames et Messieurs au nom de l'Académie Française des Arts Martiaux j'ai l'honneur de vous présenter un des plus Grands Maîtres du Karate japonais,* ***"Tetsují Murrakamí"****, 3éme Dan Yoseikan Budo, disciple du légendaire* ***"Minorru Mochizukí"****. Mais, avant ça, nous vous présenterons… –* enquanto ia desapertando, contrafeito, o nó da gravata e os cordões dos sapatos, crescia-lhe a sensação de que o primeiro combate estava já perdido. Subestimara o adversário. Deixara-se surpreender. Mas… um combate é apenas um combate. A tarefa da missionação da essência do Karate-do em terras da Europa afigurava-se afinal uma batalha de proporções muito maiores do que pudera alguma vez imaginar, quando aceitara o desafio de Mochizuki *Sensei* no Japão. Quando terminou de vestir o *karate-gi* sentiu as suas mãos apertarem com energia o nó do seu cinto preto e apercebeu-se de que o tinha feito de forma correcta, sem o mínimo pensamento ou hesitação. Contemplou por instantes os nós dos dedos calejados por tantos anos de *makiwara*… Como um Samurai que contemplasse marcas deixadas no seu sabre por anteriores duelos, endireitou as costas e disse para si mesmo:

- *Gambate*! [Coragem]

E deixando as mãos balançar descontraídas e aparentemente inofensivas ao lado do corpo, dirigiu-se com um passo elástico para o recinto onde uma pequena multidão ululante o esperava. Ao chegar ao recinto deparou-se com uma tábua suspensa que teve de partir, conseguindo-o apenas à segunda tentativa. Alguns anos mais tarde confidenciaria a Manuel Ceia, o seu primeiro aluno português – "Foi melhor assim, porque os espectadores ficaram com a certeza de que era real."

Mas não foi esse o único episódio interessante dessas primeiras demonstrações, como podemos julgar pelas palavras do próprio Mestre [1]:

[…] aconteceu algo de interessante: foi em Avignon. Depois de uma demonstração um homem jovem questionou-me: "Que kata acabou de executar?" Eu respondi: "Heian Yodan, mas porquê?". "Porque eu também conheço bem o Kata Sandan mas é completamente diferente do seu". Soube então, após essa discussão que para ele, o Kata Shodan era Sambon-oi-zuki com Gedan-barai recuando (encadeamento de técnicas chamado, em geral de Sanbom-kumite). O kata Nidan era com Chudan-uchi-uke, Sandan com Jodan-age-uke e o kata Godan era Gohon-kumite. De qualquer modo ele não lhes chamava Heian. Isso surpreendeu-me e eu disse "Oh!". Mais tarde, encontrei um livro sobre o Karate e tive a minha segunda surpresa.

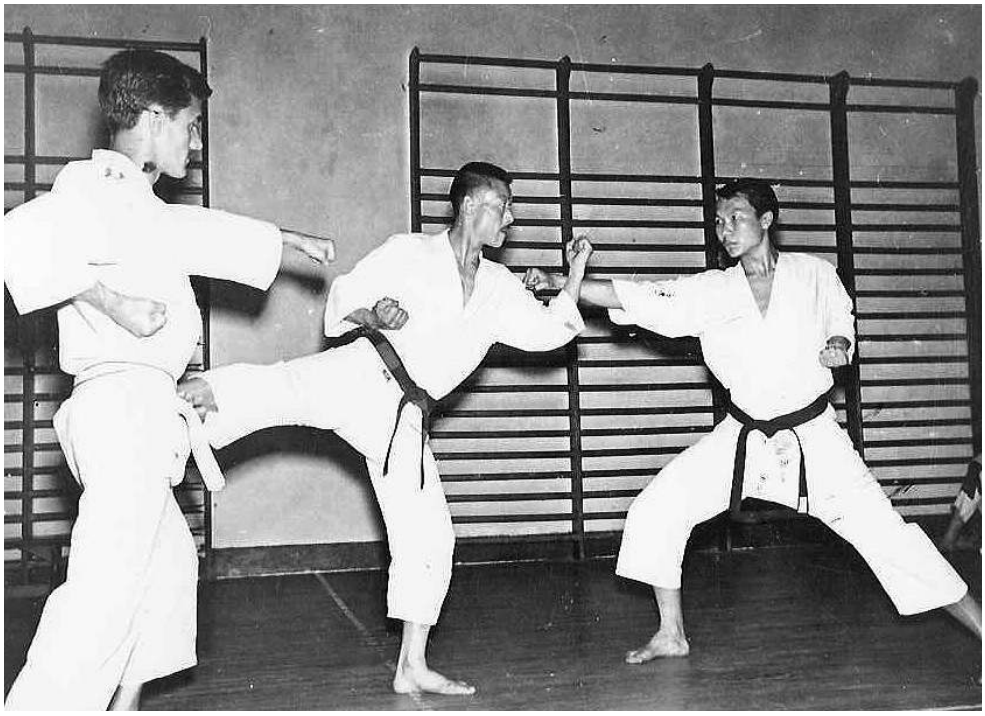


Foto 9 - Mestre Murakami nos primeiros tempos em França, Cidade de Toulouse

Dentre o pequeno conjunto de entusiastas que assistiram às primeiras aulas que Mestre Murakami deu na AFAM, estava Bui Xuân Quang, de origem vietnamita, que relata da seguinte forma esses "tempos heróicos" [2]:

(...)quando o Mestre Murakami veio para o nº 34 rua da Montagne Sainte Geneviève, em Novembro de 1957, eu fui dos que assistiam à sua chegada. Era o que podemos apelidar hoje de "época heróica". Um dia H. Plée anunciou-nos a chegada de um mestre japonês de vinte e nove anos: Murakami. Foi para mim uma grande alegria: trabalhar sob a direcção de um "verdadeiro" mestre. O homem não traiu a reputação já formada no meu espírito: primeiro, falava apenas japonês, depois tinha músculos e "kento" sobre-desenvolvidos, seguidamente o corte do cabelo, o bigode, o kimono.. Tudo me deleitava.... Ao fim de alguns dias, como não parava de fazer-nos trabalhar o kihon, os ippon e sambon kumité, arrisquei uma palavra: "kata". Mestre Murakami: "kata?" - "kata, sim, kata". Foi no final de uma aula, ele pôs os seus zooris, retornou ao centro da sala e executou para nós o Heian Nidan. Que técnica. Que precisão. Foi a primeira vez que vi Mestre Murakami executar um kata. Como era estudante,

não sonhava senão com a quinta-feira à tarde. Durante os feriados escolares passava todo o dia na sala e frequentava todos as aulas de manhã à noite – excepto a aula "para professores e futuros professores" de sexta-feira à tarde - aliás, apesar da denominação pomposa, esta aula assemelhava-se às outras, com algumas variações suplementares: oi-zuki com salto etc... Os adultos, conscientes do seu futuro, frequentavam esta aula; Cocatre, Hoang Nam..., mas usavam cintos brancos.

Antes de Mestre Murakami, nós praticávamos regularmente combate livre no final de cada aula, mas após a sua chegada, nada. Nós éramos tão pacientes como podíamos com dezas-sete anos, mas ao fim de dois meses, ou seja várias semanas após o famoso "kata", Nguyên

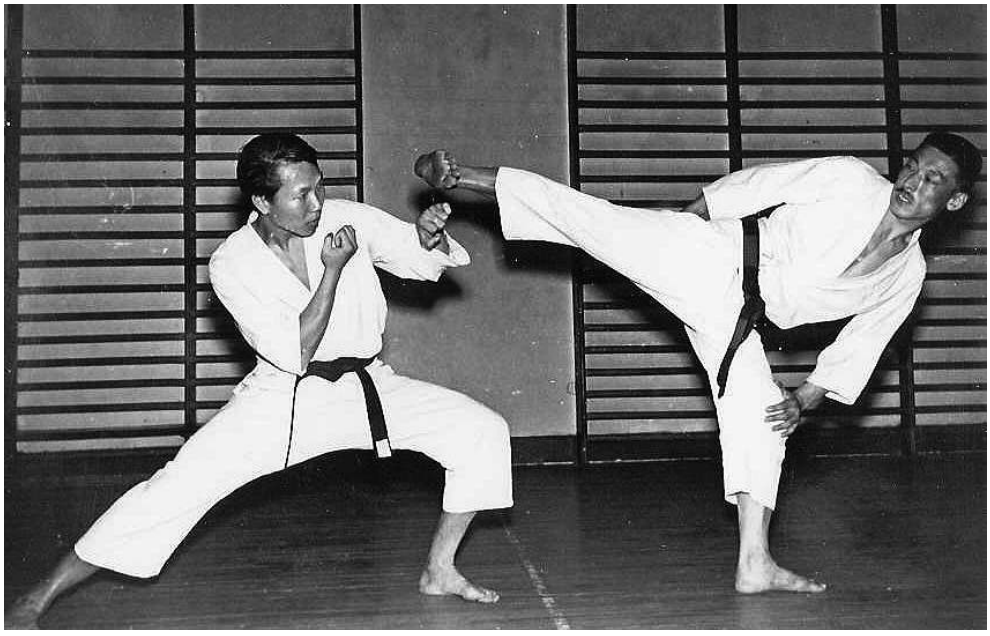


Foto 10 - Mestre Murakami nos primeiros tempos em França, Cidade de Toulouse

Van Nam pediu a Mestre Murakami, com um sorriso tão simpático quanto possível: "jiyu kumite". Perante os meus olhos desenrolou-se então o primeiro combate de um de nós com Mestre Murakami. De facto, foi uma corrida contínua em redor da sala e, no fim, Nam voltava simplesmente as costas para correr melhor. Face ao riso dos alunos, Mestre Murakami perdeu a sua seriedade e desatou a rir connosco.

Henry Plée decidiu abrigar o seu *sensei*, consciente do bem precioso que tinha entre mãos, na sua própria casa, fazendo-o assinar um contrato (em língua francesa, sem tradução) de exclusividade de ensino na AFAM.

Foto 11 - A Académie Française des Arts Martiaux, Paris, 2002

Ouçamos o relato do Mestre acerca desse período [1]:

> *Desde que me instalei em Paris concentrei-me no treino de Kihon e dos Kata. Durante o primeiro ano isso não foi muito agradável para mim. Tinha demasiados pequenos problemas pessoais. Mas no que respeita ao karate foi bom, pois havia bastantes programas bem estruturados e estágios com praticantes do mundo inteiro – Bélgica, Alemanha, Itália, Suíça, Marrocos… À medida que eles iam voltando para os seus países, iam desenvolvendo aí o Karate. Vários anos mais tarde o Karate desenvolveu-se bem em toda a Europa graças a esses praticantes e aos seus esforços. Eram todos Karatecas de Shotokan. Essas pessoas deixaram-me uma doce recordação.*

Um dos pontos altos desse ano de 1958 terá sido o "First Karate Union Meeting" em que todas as aulas foram orientadas por Mestre Murakami. Nesse estágio que se realizou em Agosto, em Paris participaram muitos pioneiros do Karate Europeu entre os quais Georges Shiffelers, Vernon Bell, Jürgen Seydel, Vladimiro Malatesti, Guilletan, os introdutores do

Karate respectivamente na Bélgica, Grã Bretanha, Alemanha Itália e Suíça.
Foi só com o aproximar do final do ano de 1958 que Murakami tomou consciência da cláusula específica do contrato que referia ser-lhe interdito continuar a ensinar Karate na Europa daí em diante. A esse respeito Murakami *Sensei* escreveu [1]:

> *Estava bem explícito que o Sr. Murakami não poderia fazer Karate na Europa, após a expiração desse contrato. Até esse instante nunca imaginei que me tornaria um profissional do Karate, nem que permaneceria em França após esse ano. Mas por causa dessa palavra específica "interdito" nesse contrato, fiquei descontente e foi talvez essa cláusula que me pressionou a tomar a decisão de permanecer em França. Podereis ser levados a pensar que sou casmurro. Mas eu não podia fazer mais nada e também não podia sequer trabalhar.*

Há um ditado japonês que diz. "Quando os *kami* querem preparar um homem para um grande empreendimento, primeiro temperam-lhe duramente o seu coração". Bem pesada foi a mão do ferreiro, bem árduo foi o fogo que temperou, esse sabre. Quem poderia supor ao deparar-se com essa figura escanzelada deambulando pelas ruas de Paris, alimentando-se dos restos que lhe eram deixados nas traseiras de um restaurante chinês, nos melhores dias, porque nos dias maus tinha de comer pão com manteiga, e isso quando muito, quem poderia sequer imaginar que essa insignificante e anónima figura viesse a tornar-se, 15 anos depois, o representante para a Europa da Associação fundada por Funakoshi O-*Sensei*?
Como foi isso possível? É por essas curvas do destino que eu vos convido a caminhar. Se vos aprouver acompanhem-me, pois, e não há que hesitar visto que os nossos guias serão exactamente aqueles que o Mestre guiou desde esse distante ano de 1959 até ao seu falecimento em 1987.

- *Ikimashou*! [Venham daí!]

Toda a gente discute e emite
Categorias de opostos.
Gostaria de ouvir um discurso
Que não entrasse em qualquer categoria.
Se existe um começo do mundo
Então existe um tempo antes desse começo
E um tempo antes desse tempo anterior.
Se a existência existe
Existe também a não-existência
E um tempo antes do nascimento.
Não há nada de mais vasto sob o céu
Que a ponta duma espiga de outono
E uma grande montanha
É algo pequeno face ao firmamento.
Nada há de mais idoso que uma criança morta.

Tchouang Tseu

Capítulo 3 Sombras da Cidade Luz (1958-1959)

Foto 12 - Um coreto na Place d'Italie, Paris

Já antes muitas vezes se aventurara a franquear as portas da AFAM para passear pelas avenidas, de olhos deslumbrados pelas montras coroadas de néon – "O homem é atraído por tudo o que brilha" – e pelo seu recheio voluptuoso: casacos de peles mal tapando manequins seminus adornados por jóias cintilantes, limusinas de luxo com cromados refulgentes, coretos de rua a abarrotarem de instrumentos espelhados, emitindo sons cómicos e pouco melodiosos para os seus ouvidos de japonês.

Sim, já antes se deixara inebriar um pouco pela Cidade Luz, mas agora, deambulando com fome e frio pelas ruas e becos de Paris, sem ter um *dojo*, um pedacinho do seu Japão, onde aportar ao cair da noite, agora, as sombras da Cidade Luz que lhe toldavam o olhar pareciam crescer e tornar-se maiores e mais escuras noite após noite. E depois, havia aquele marulhar permanente, nas ruas, nos cafés, nas estações de Metro, aquele ruído de fundo formado por milhares de vozes falando aquela estranha língua, repleto de uivos suaves e de agrestes "rrs". Quanto mais observava os transeuntes, as pessoas correndo para o trabalho de manhã e para casa à tardinha, os namorados passeando no parque aos domingos, as senhoras com as mãos repletas de sacos de papel lustroso, quanto mais os observava mais incompreensíveis lhe pareciam as raízes da cultura daquele povo. Os magníficos monumentos, as imponentes estátuas, o culto do bem vestir e do bem cheirar contrastavam, afinal, com a rudeza dos hábitos diários – a ausência de vénias, o deixar os animais defecar no passeio – e depois

a escassez de uniformes que ajudassem um pobre forasteiro a distinguir funções entre a multidão anónima. Ah, mas pior do que isso, a maior e mais incómoda de todas as incomodidades era a completa ausência de locais de *sento* [banho público] onde um pobre japonês pudesse, já não cumprir o ritual de purificação diário mas ao menos relaxar os músculos, semanalmente que fosse, com um bom banho quente.

No meio de tanta diferença e diversidade procurava desesperadamente uma ponte que lhe permitisse franquear o rio de dissemelhanças entre os seus costumes e os daquele povo. Afinal essa ponte acabaria por encontrá-la da mais inesperada maneira.

O Inverno de 1959 talvez se aproximasse do fim, já não o sabia. Os jornais que o vento das últimas semanas levantara para as suas mãos tinham sempre à cabeça fotografias de Charles de Gaulle – o novo imperador daquelas gentes. Mas, nascera fria e húmida aquela manhã de Domingo e nem uma brisa ajudara o Sol a dissipar o nevoeiro denso. Ia já a meio do percurso ritual que iniciava sempre no Palácio de Tóquio, atravessando pela Ponte d'Iéna, em direcção à Torre Eiffel percorrendo todo o Campo de Marte e inflectindo depois em direcção aos Campos Elísios. Porém, de repente, a meio da Ponte da Concórdia deteve-se, apercebendo-se de que o ar húmido lhe trazia um repicar longínquo de sinos que apelavam grave e solenemente aos fiéis. De alguma forma esse som confortou-lhe o coração, de tão semelhante que era com o gongo do templo Budista de Shizuoka onde costumava contemplar a admirável estátua de Ieyasu, o fundador do *Shogunato* Tokugawa. Agilmente, no seu passo elástico, subiu pela margem esquerda, numa direcção que geralmente por instinto evitava, reconhecendo do outro lado do Sena a fachada do Louvre. Em breve o magnificente pináculo da Notre Dame começou a tornar-se-lhe visível, depois a imponente visão das torres gémeas, finalmente a lindíssima rosácea…

Ao atravessar o Sena pela Ponte do Double sentiu que o coração se lhe apertava – "Seria correcto um budista entrar naquele grande templo cristão?". Mas a atracção do som grandioso do órgão impeliu-o para o interior da catedral.

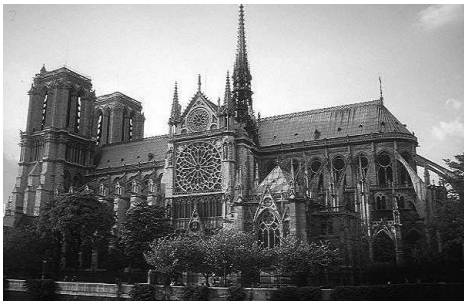


Foto 14 - A Catedral de Notre Dame de Paris (vista exterior)

Foto 13 - A Catedral de Notre Dame de Paris (vista interior)

Apesar dos muitos turistas que ali estavam, o ambiente de devoção era esmagador. A celebração atingia o auge, de modo que ninguém pareceu notar a, quiçá desadequada, mas mui respeitosa, saudação do pequeno oriental:

- *Kamiza-ni* Rei! – murmurou, curvando-se numa vénia respeitosa na direcção do altar.

O serviço religioso decorria na serena lentidão que lhe era própria. Fechou os olhos para sentir melhor, nos ecos do cântico gregoriano, as similitudes com as récitas budistas. E por ali, abrigado por uma das fortíssimas colunas, se foi deixando ficar discretamente, até ao final da cerimónia, esperando pacientemente que o último fiel saísse. Só depois se ajoelhou, discretamente, em *seiza* e, assim que os seus joelhos tocaram o chão, deixou os lábios pronunciarem um pequeno *sutra*. No grandioso templo cristão, Murakami – o budista – pedia fervorosamente ao poderoso *kami* daquele lugar que lhe concedesse um pouco da sua divina misericórdia. Ao encaminhar-se para a porta ia magicando – "*Quanto tempo demorará uma prece a ser ouvida num templo católico?*". No Japão, na sua juventude, tinha ouvido os mais supersticiosos falarem de milagres instantâneos, que se consumavam ao queimar de uma vela, mas a razão dizia-lhe que os grandes milagres eram aqueles que se iam consumando com o queimar da chama de uma vida inteira. Ainda assim, depois de se erguer, deixou o olhar prolongar-se pela luz ténue que perpassava pelos vitrais e pensou: "Quanto tempo mais ainda terei de esperar por uma luz que me conduza para fora deste tormento?" Lembrando a solidão, o frio e a fome dos últimos meses, sem autorizar que essas dificuldades o conduzissem para o caminho do desespero, concedeu a si próprio um suspiro de pena por si próprio. Mas logo endireitou as costas para saudar uma última vez o altar e, usando o ventre movimentou sem esforço a pesada porta da catedral.

Ao sair procura no bolso o cachimbo, há muito vazio, e prepara-se para o colocar nos lábios quando um latido roufenho o faz virar a cabeça. Pelo ar triste e abandonado, adivinha que aquele pedido de ajuda já foi repetido muitas vezes ao longo dos últimos dias…

- Fraco poder é o teu, *Kami* – ironiza Murakami virando o olhar para o céu cinzento – é isto que me dás? Um rafeiro abandonado?

Dobrando os joelhos, afaga meigamente o pelo castanho-avermelhado do cãozito e apercebe-se, pelo contacto sedoso, que é um cão de estimação. Este retribui-lhe o gesto com duas ou três lambidelas amigáveis nas mãos. Há um riso que se mistura com um latido de felicidade. Contemplando os seus olhos meigos e profundos, por um momento, pensa:

- Quem sabe se não preferiste o frio e a fome da rua à trela do teu dono?...

Ali à porta da *Notre Dame* de Paris, sela-se um pacto de amizade e dos melhores, sem palavras! Murakami solta uma sonora gargalhada:

- Ah, ah, ah! Vou chamar-te *Shiba!* – e continuando a cofiar-lhe o pelo – O teu pelo tem a cor do Outono japonês! É apropriado! *Shiba Inu!* Ah, ah, ah!...

Foto 15 - A Catedral de Notre Dame de Paris (aquando da visita do autor a Paris para a realização de entrevistas aos antigos alunos do Mestre), 2001

As paredes maciças da catedral devolvem-lhe o eco do seu riso. Lembrando-o há quanto tempo não escutava de si próprio uma gargalhada sonora e sentida como aquela.

Levantando-se lentamente, esboça uma vénia na direcção do edifício. Afinal talvez viesse a ficar em dívida para com aquele *Kami*. Pelo sim, pelo não, doravante a *Notre Dame* passaria a fazer parte do seu percurso matinal de Domingo.

- *Shiba! Ikimashou!*

O cão ganhara um dono extremoso e dedicado, mesmo que não o pudesse abrigar na exiguidade do seu quarto. Murakami muito mais! O seu sexto sentido tinha apercebido um sinal: a sua sorte iria mudar. Tinha agora um ouvinte perfeito, um confidente com quem desabafar as mágoas, sem risco de ser mal interpretado. Além disso, nos dias piores seria menos humilhante pedir, nas traseiras dos restaurantes chineses, um pouco de comida para o cão, do que para si próprio…

Foi a esse companheiro que, em demorados passeios ao longo das noites seguintes, resolveu confidenciar as íntimas reflexões sobre Gichin Funakoshi O-*Sensei* – o Mestre que nunca chegara a conhecer e que morrera há pouco mais de um ano. Quão grande sentia o paralelo das suas vidas: ambos desconsiderados como "raça inferior" pelos "senhores da terra" e lançados na miséria, ambos desterrados para longe da família e da pátria por amor ao Karate, por quanto tempo? Um ano? Uma década, uma vida?...

- Ah, *Shiba*, quererá o destino que eu venha a fazer brilhar na Europa uma centelha que seja do enorme fogo de alma que Funakoshi *O-Sensei* ateou no Japão?...

Foto 16 - Rua típica de Paris com a Catedral do Sacré Coeur ao fundo (2001)

Por sorte o *Shiba*, embora obediente a todos os comandos do seu dono – "Senta! Deita! Dá a patinha!" – tinha ganho uma independência muito própria durante as semanas de vagabundagem. Era, pois, difícil de dizer quem seguia quem. E foi assim que certa noite se deixou levar pelo seu vadio cachorro até uma rua desconhecida do Quartier Latin, uma zona que há vários meses evitava, por lhe ser de tão má memória a *Rue de La Montagne Sainte Geneviève* onde se situava a AFAM. Mas foi em boa hora que se perdeu, porque ao dobrar de uma esquina:

- Murakami *Sensei*!... Será possível!?

Nenhum dos dois homens queria acreditar nos seus olhos.
O aluno, cujo nome se perdeu na névoa do tempo, esse estava de lágrimas nos olhos. Ao fim de um ano, tal era a dedicação que tinham para com o seu Mestre que, ao saber que o Sr. Plée se recusara a dar continuidade ao contrato de Murakami, a maioria deles tinha decidido afastar-se em definitivo da AFAM. Porém, embora tivessem decidido em conjunto procurar um *dojo* para o Mestre, a verdade é que tinham acabado por perder o contacto com ele. Nos últimos meses muitos tinham procurado uma pista sua na AFAM mas a resposta invariável era:

- Voltou para o Japão!

Já lhes tinha mesmo ocorrido contactar o *Dojo Yoseikan* em Shizuoka, mas também esse contacto estava absolutamente reservado à AFAM.
Quanto a Murakami dominava no peito um sentimento contraditório: imensamente feliz por reencontrar um dos seus antigos alunos mais dedicados, bastante envergonhado porque os seus trajes e até a magreza do seu rosto não lhe permitiam esconder a má sorte que tombara sobre ele nos últimos meses.

- Nem acredito que é mesmo o Mestre!? Que maravilha tê-lo encontrado! Nem sabe quanto temos procurado por si! Bem me parecia que a AFAM não estava a dizer toda a verdade. Já encontrou um *dojo*? Tem muitos alunos?

Murakami não conseguia acompanhar o ritmo frenético da conversa do seu aluno, mas percebeu a última pergunta:

- *Dojo? Deshi?... Humm... Hitori!* – disse sorrindo um pouco enquanto lançava um olhar de soslaio para o seu cão…

- O quê? *Hitori*!? Um aluno só!? Não é possível! Consta que vários dos seus alunos, não só de França mas da Inglaterra, Alemanha, Itália, continuam a enviar cartas à AFAM a

perguntar por si, solicitando estágios.

O ritmo da conversa estava novamente demasiado rápido para que fosse inteligível:

- *Deshi*? *Itaria*? *Wakarimasen!* (não compreendo)

- Mestre, escute: nós estamos a procurar um *dojo* para podermos recomeçar os nossos *Keiko*!!!

- Eetoo… *Dojo*?...

Murakami estava de novo um pouco embaraçado. O rapaz sentiu que tinha de explicar mais vagarosamente:

- Mestre, venha daí vamos tomar um café?

- *Iie*, *iie*, *Sumimasen!* – Recusou delicadamente, enquanto o brilho dos seus olhos o traía.

A perspectiva de poder confortar o estômago com um café – o primeiro desde há muitas semanas – era algo de tentador, mas o seu orgulho foi mais forte do que o aroma que exalava da pastelaria ali ao lado.

- *Iie*! *Sumimasen!*... O cão não pode entrar…

- Ah!?... O cãozito é seu? E não tem trela não é? – retorquiu o rapaz, apercebendo-se subitamente que a situação financeira do Mestre era capaz de ser bem mais grave do que imaginara – Nesse caso combinamos aqui amanhã à mesma hora! O que acha?

- Amanhã. Aqui! *Wakarimasu! Domo.*

-Doo-itashimashite. Sayoonara Sensei!

- *Sayoonara*!

Foto 17 - Rua Típica de Paris (2001)

Nessa noite, no minúsculo quarto onde se abrigara nos últimos meses, no qual apenas cabiam um colchão e muito arrumados os seus preciosos livros, Murakami *Sensei*, que normalmente dormia profundamente, não conseguia adormecer. De modo que já pela madrugada, para se acalmar, resolveu retomar a sua prática habitual de *makiwara* contra a parede do quarto protegida por uma pequena toalha:

- Bum!... Bum!...

As pancadas surdas desta vez só terminariam com o nascer do Sol. Só muitos meses mais tarde os restantes inquilinos viriam a desvendar o misterioso ruído que, pela noite fora tanto fazia tremer as paredes do prédio, ao tomarem conhecimento que aquele japonês, magro e discreto, era afinal um Mestre de Karate.

Quanto ao seu fiel *deshi* atarefara-se até altas horas da noite em telefonemas para os seus colegas mais próximos – Claude Hamot, Jacques Fonfrède, Bernard Durand – para lhes contar da boa-nova acerca do seu encontro com o Mestre e para pedir novidades acerca de um *dojo* para treinarem. Hamot, tinha boas notícias: o seu amigo judoca Jean Plusquellec estava disposto a acolher a classe de Karate numa sala que tinha alugado na cave do nº 109 da Boulevard Auguste Blanqui.

Na manhã seguinte lançou o habitual assobio. Mas de *Shiba* nem sombras. À tarde, caminhando ao encontro do aluno, apalpou no bolso a trela que improvisara a partir de um cinto velho e sorriu - "Ah! O *kami* de Notre Dame também não gosta de trelas!". Não mais o veria. Quanto ao seu *deshi*, também se antecipara face à hora combinada de modo que ao fim da

tarde já estava de volta. O sorriso aberto prenunciava boas notícias.

- *Sensei*! – gritou, deixando as formalidades de lado, e agarrando fortemente a mão direita de Murakami com as suas – Já temos um *Dojo*! Um bom *Dojo*!

Quando Murakami entrou na cave da Boulevard Blanqui, deparou-se com salas onde funcionavam, separadamente, vários tipos de artes marciais. De facto era ali que ensinavam os famosos Mestres de Judo Shozu Awazu e Mikonosuke Kawaishi. E também ali estava sedeado o clube de boxe do treinador Philippe Filippi, *manager* do famoso Marcel Cerdan junior e, também, de Patrick Baroux que, anos mais tarde, viria a fazer parte, da selecção nacional francesa de Karate.

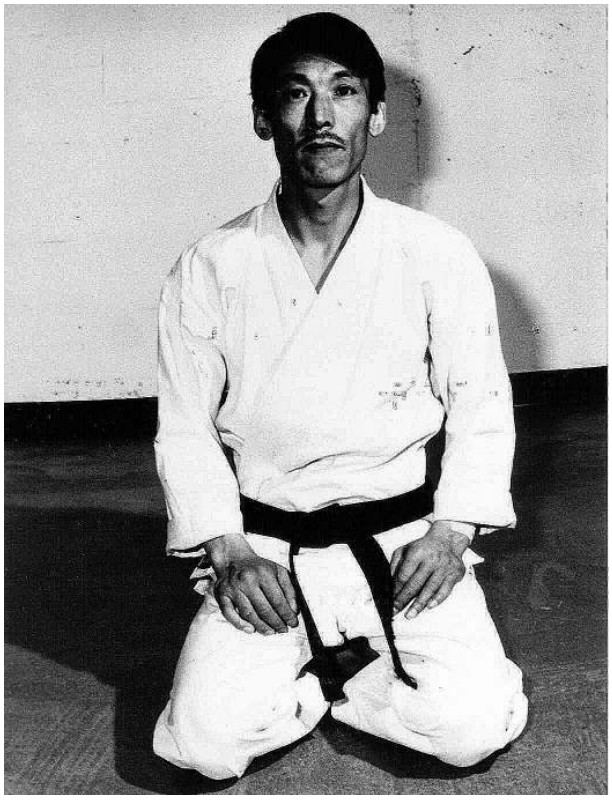


Foto 18 - Tetsuji Murakami *Sensei* nos primeiros anos em França

O número reduzido de praticantes levaria a que as dificuldades financeiras se tivessem de prolongar ainda por muitos meses, mas a sorte de Murakami tinha começado a mudar: não só tinha um *dojo* onde ensinar, com fiéis alunos a seu lado, como também, e não menos importante que isso, tinha uma morada para onde os seus alunos de outros países da Europa o poderiam contactar.

Estava porém bem consciente da enorme barreira que o desconhecimento da língua francesa constituía para o seu sucesso, de modo que o primeiro dinheiro que conseguiu juntar usou-o para ingressar na *Alliance Française*. Contudo, nenhuma das palavras francesas que ia aprendendo – *école, gymnase* – lhe soava bem para intitular o seu primeiro *Dojo*. Assim, decidiu pôr-lhe o premonitório nome de *Renseikan* ("Clube da Prática Correcta") e, à medida que os antigos alunos da AFAM iam passando palavra entre si, o pequeno *dojo* começou a encher-se de alunos ansiosos por desfrutar das suas aulas de Karate-do, *Kendo* e Aikido... No primeiro lote desses alunos incluíam-se nomes como Claude Hamot, Jacques Fonfrède, Michel Hsu, Bernard Durand, Cocatre, Hoang Nam, Maquin, Morgan, Bassesse, Jean Terraz.

Foto 19 - Tetsuji Murakami Sensei na sua faceta de Kendoca

Dentre esses alunos, destacava-se Claude Hamot que haveria de ter um lugar proeminente no panorama do *Kendo* francês e que nos relata outra faceta de Tetsuji Murakami – a de introdutor do *Kendo* em França e, por consequência, na Europa [3]:

Eu estava, nessa época, muito ligado ao Mestre, as nossas idades diferiam apenas de alguns dias. Pelo convívio que tive com ele transmitiu-me, a mim e aos outros, um pouco da sua rectidão e do seu sentido profundo da relação Mestre-discípulo na qual ele reflectia bem ambos os aspectos.

Alguns de nós ainda compartilhamos a lembrança daquelas "demonstrações" na província ou no estrangeiro onde, com o Mestre e diferentes parceiros, praticávamos no mesmo dia, ou na mesma noite, várias disciplinas.

A força de vontade do Mestre era inesgotável, parecia-nos infatigável de corpo e espírito; tinha também a sensibilidade para sentir, bem antes de nós, os ambientes e agir consequentemente, assim não pretendeu que participássemos no que foi chamado o primeiro Campeonato da França de Kendo; nós obedecemos-lhe.

A partir de 1961/ 1962, o Mestre não teve mais ocasião de praticar Kendo connosco e nós atravessámos sem ele um longo período de cinco anos pouco activo na prática do Kendo mas, nós, que não praticávamos o karate, continuámos-lhe fiéis, na esperança de retomarmos um dia com ele.

Quando iniciámos o segundo período do Kendo em França, em 1966/1967 com Tadakatsu Shiga, o Mestre observava-nos, veio assistir à primeira competição europeia em Paris em Maio de 1968, deu-nos alguns conselhos e ficou feliz de ver Bernard Durand, 1º Dan, vencer, na final, um 4º Dan. Para ele, o Kendo era isso: o espírito que luta e que ganha.

Através da prática ulterior, aqueles dos seus alunos que continuaram o Kendo conservaram em si uma parte desse espírito do Mestre; que é, muito para além da técnica do "Kendo", uma mensagem de vida que ele nos transmitiu, e que faz com que para nós o Mestre não tenha desaparecido.

No Outono de 1959 começariam a chegar ao *Renseikan* os primeiros convites para estágios internacionais. Porém, ainda antes do grande impulso para esse novo e decisivo capítulo da sua vida, Murakami tinha consciência de um importante dever: libertar de toda a responsabilidade o seu Mestre – Yamaguchi *Sensei*. Numa carta pequena, franca e simples informou-o de que tomara a decisão de se desvincular em definitivo da AFAM, que iria trabalhar em prol do Karate na Europa por sua própria conta e risco e, que, para não comprometer de alguma forma o bom-nome do seu Mestre, se desvinculava dele como discípulo, em definitivo.

Entregando-se desta forma ao sabor dos ventos e correntes do destino, sem amarras com o passado, o pequeno *karate-ka* de Shizuoka tinha plena consciência que, segundo o código do *Bushido,* passaria a ser desconsiderado por muitos dos seus conterrâneos e talvez até pelo único homem em França em quem, segundo o seu Mestre Mochizuki, poderia depositar inteira confiança – Jim Alcheik. A assinatura que quisera pôr naquela carta, sabia-o bem, sentenciara o fiel Samurai ao estatuto de um aventureiro *Ronin*. E, no entanto, de todas as suas preocupações essa era uma das menores, pois que na sua consciência sentia-se fiel à missão de um Mestre maior – Funakoshi – recentemente falecido. E não tinha o próprio Miyamoto Musashi recebido também o mesmo epíteto!

Outra carta, porém, teria ainda de escrever. Essa bem mais dolorosa e difícil porque não se situava no sólido terreno da honra, bem mais acessível ao seu carácter, mas nos movediços domínios do afecto e do sentimento. A carta que teria de escrever à sua esposa e aos seus dois filhos haveria de descrever as vidas das gentes deste país distante onde as pessoas viviam rodeados de confortos e bens materiais? Ou de um templo grandioso habitado por um *kami* generoso? Ou… talvez… de um casal de grous cantando em uníssono ainda que separados por uma eternidade de mar?

Admirando os gestos harmoniosos do seu talhante e o ritmo musical da sua faca nas carcaças que desmanchava, o príncipe Mui louvou a habilidade da sua arte.

O talhante respondeu-lhe:

A minha habilidade vem do facto de eu seguir o Tao. No princípio da minha carreira eu via apenas o boi. Após anos de prática já não me preocupo com o animal inteiro e trabalho deixando-me guiar pelo meu espírito mais do que pelos meus olhos. Adapto-me à constituição natural do animal e o fio da minha faca segue os interstícios e intromete-se nas cavidades. Não corto nem músculos nem nervos e muito menos os ossos. Um bom talhante muda a sua faca todos os anos porque trincha, um talhante comum todos os meses porque corta. Quanto a mim, sirvo-me da mesma faca desde há dezanove anos e embora tenha desmanchado milhares de carcaças, dir-se-ia que o seu fio acabou de ser afiado. A finura da lâmina introduz-se nos espaços das articulações e das fibras e eu oriento a minha faca com destreza nos espaços vazios que, assim, vou alargando. Concentro a minha atenção sobre as dificuldades específicas encontradas em cada instante, ajo lentamente, e as partes separam-se por elas mesmas,como um punhado de terra que se esboroa. Então retiro a minha faca, ergo-me, respiro fundo e arrumo-a.

Bem, disse o príncipe, as palavras deste talhante ensinam-me a arte de conduzir a minha vida.

Tchouang Tseu

Capítulo 4 Anos de Missionação (1959-1966)

No destino de Murakami continuavam presentes os anjos de ferro que na sua juventude sobrevoavam os arrozais de Shizuoka mas, agora, chegara a sua vez de viajar no ventre desses ruidosos *kami*, para várias cidades da Europa.

Todavia essas viagens seriam tudo menos turismo. Em cada local em que poisava esperavam-no gigantes musculados – muitos deles com considerável experiência em Judo e outras artes marciais – que procuravam ocultar, por debaixo das vénias respeitosas, o desejo secreto de mostrar aos colegas de quimono que eram capazes de dar um bom murro, ou aplicar uma boa projecção, naquele *minúsculo* japonês.

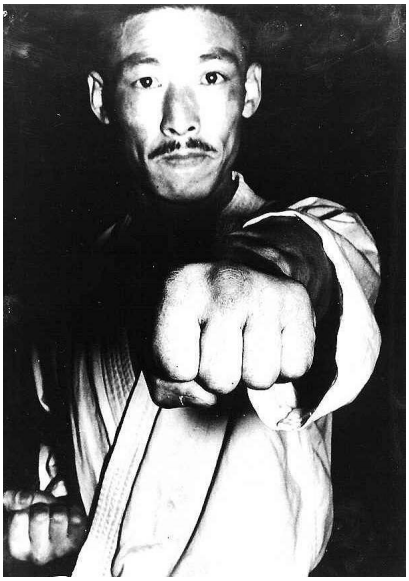


Foto 20 - Murakami *Sensei*, tempos de Shotokan

Poderemos nós imaginar a extrema dureza física desses recontros com Judocas habituados a lutas corpo a corpo, indivíduos com uma estatura e peso próximas do dobro dos modestos atributos físicos de Murakami (pouco mais de 1.50 m, menos de 50 kg)? A flexível, rápida e incisiva linha *Shuri-te* da Arte de Okinawa – aquela a que o seu corpo esguio e flexível mais se adaptava – iria agora ser confrontada com a tremenda força de braços e de tronco dos ocidentais. Compreende-se que essa absoluta necessidade de se sobrepor, física, técnica e mentalmente acabasse por marcar muito do estilo duro de ensino, dentro do *dojo*, que o Mestre viria a adoptar durante as próximas duas décadas.

E no entanto, fora do *dojo*, em contraste com o rigor técnico e a dureza extrema dos treinos, Murakami revelava-se, muito mais do que um fabuloso tecnicista, um homem de grande profundidade e sensibilidade. Ele enfatizava sempre o primado da mente sobre o corpo e era, como poderemos comprovar por muitos dos relatos seguintes dos seus discípulos próximos, uma pessoa extremamente gentil e interessada no conhecimento da personalidade dos seus alunos e na cultura e tradições dos países e locais que visitava.

Aliás, esse contraste de atitudes foi, desde sempre, uma das principais marcas pedagógicas do seu ensino, uma maneira de ser e de estar que quase sempre cativava para o resto da vida aqueles que tinham a coragem de oferecer o seu corpo ao cortante cinzel daquele mestre escultor, que esculpia não em pedra, mas em corpos vivos. Nesses que conquistavam a honra de desfrutar com ele o convívio mais próximo, mesmo que o destino os tivesse afastado há muito do Karate, descubro nos seus olhos uma centelha de entusiasmo, logo moderada pelo respeito à sua memória, quando me relatam hoje, comovidamente, os momentos em que privaram com o Mestre.

De certo modo ele considerava-nos a todos nós, os seus alunos, como seus filhos, como se ilustra pela seguinte cena que se passou no final do treino quando um aluno já bastante graduado e que costumava assumir o papel de assistente do Mestre nos estágios depois de ter sido sujeito a uma sessão de treino extremamente dura, desabafou nos seguintes termos – "Eu vou parar, você não tem o direito de me bater desse modo!" – ao que o Mestre retorquiu – "Mas eu comporto-me consigo como um pai com os seus filhos". E, noutra ocasião, falando da educação dos filhos, dizia: "Um bom pai não pode dar apenas amor aos seu filhos, também tem de lhes dar disciplina".

Grã-Bretanha e Irlanda

Foto 21 - Vernon Bell com os membros iniciais da BKF, 1957

Ainda em 1959, Mestre Murakami dirige no Royal British Legion Hall, em Upminster, Essex, o primeiro estágio fora de França a convite de Berunon Beru-San – que é como quem diz *Mr. Vernon Bell* – o fundador, em 1957, da Federação Inglesa de Karate e precursor do Karate na Grã-Bretanha. Vernon Bell – que iniciara a sua prática de Karate em 1955 com Henry Plée, e que obtivera o seu primeiro Dan *Yoseikan* através da AFAM – já tinha treinado com os mestres Hiroo Mochizuki e Murakami em Paris, de modo que este convite tinha uma lógica de continuidade.

Foto 22 – Tetsuji Murakami *Sensei*, em Londres, 1959

Numa primeira fase, de 1958 a 1961, Vernon Bell criou delegações da *Yoseikan* em Liverpool e Middlesborough expandindo-se, posteriormente, entre 1961 e 1963 para Blackpool, Aberdeen, Leicester, Ayr, Dundee, Dublin, York e Londres.

Foto 23 - Tetsuji Murakami ao serviço da BKF, 1960

De 1959 até 1964 Tetsuji Murakami *Sensei* continuou a dirigir estágios em Londres e em Dublin. Em Fevereiro de 1964, sempre a convite de Vernon Bell, Hiroo Mochizuki *Sensei* – recém-chegado à Europa – dirigiria um estágio em Inglaterra e, passados poucos meses, quando uma vez mais Murakami *Sensei* se deslocou a Inglaterra, muitos daqueles que viriam a ser nomes sonantes do dealbar do Karate Inglês tiveram um primeiro contacto com o Mestre. Ouçamos as palavras de alguns deles:

Ray Fuller [4]:

Primeiro veio o Hiroo Mochizuki mas tínhamos acabado de começar… e depois veio Tetsuji Murakami o instrutor japonês que vivia no Sul de França, ele era bom!

Foto 24 – Tetsuji Murakami *Sensei* preparando-se para executar um Yoko-Tobi-Geri face a Terry Wingrove, durante o Curso de Verão da BKF Londres, Agosto de 1961

Mike Randall [5]:

Ao longo dos anos eu tive muitos karateka japoneses como instrutores e o primeiro foi o Mestre Hiroo Mochizuki – o primeiro a aventurar-se a ensinar na Europa. Ele era filho de Mestre Minori Mochizuki, o famoso Aikidoka. Recordo-me de quanto o seu karate me impressionou, provavelmente porque era o primeiro japonês que eu tinha visto a praticar mas também porque me pareceu de uma estirpe diferente. Não eram apenas as suas técnicas fortes e nítidas, mas também a sua conduta. Ele era um verdadeiro cavalheiro, educado e refinado, com uma classe superior à de outros que se lhe seguiram. Eu treinei também com Mestre Tetsuji Murakami, um homem de pequena estatura, terceiro Dan e absolutamente fabuloso. Era o homem mais flexível que alguma vez vi.

Foto 25 – Tetsuji Murakami Sensei com o grupo de alunos do Dojo de Upminster. Da esquerda para a direita: David Williams, Barry Shepperd, Kenneth Goult, Gordon Thompson (fundador do dojo de York da BKF), Jimmy Neal, Edward Ainsworth, Mestre Tetsuji Murakami, (desconhecido), Terry Wingrove, Alan Ruddock, M. Smith e Douglas Pettman. Upminster, 1962

Alan Ruddock [6]:

Comecei a frequentar cursos em Inglaterra organizados pela British Karate Federation. Assim que me iniciei fundei de imediato o primeiro dojo de Shotokan na Irlanda, no princípio da década de sessenta, num velho salão de treino perto de Inchicore C.I.E. Works. Eu treinava também com base em livros de karate. O instrutor da B.K.F. era Tetsuji Murakami 5º Dan que estava estabelecido em Paris e que era um discípulo da escola de Aikido Yoseikan de Mochizuki Sensei no Japão. Murakami Sensei ensinava karate, estilo Shotokan, e um pouco de Aikido. Murakami Sensei visitou Dublin por diversas vezes. Nos estudantes desse tempo incluíam-se muitos dos meus amigos pessoais tais como Michael O'Doherty, John Robinson, John Langley, Richard Murphy - e alguns dos rapazes de judo da Parkgate Street – incluindo o forte Anto Clark. Foi nessa altura que fui designado representante da Japan

Karate Association para a Irlanda. A minha experiência real com técnicas de Aikido foi com Murakami Sensei. Aquele "algo mais" das suas sessões de Kumite livre e as suas lições ocasionais de Aikido estilo Yoseikan conduziram-me, realmente, ao caminho do Aikido.

Alemanha

Foto 26 - Jürgen Seydel, nos primeiros anos como Karateca

Ainda antes do final de 1959 Murakami *Sensei* orienta o primeiro estágio de Karate na Alemanha, em Bad Homburg, a convite de Jürgen Seydel – um judoca que o conhecera em Paris durante um estágio realizado na AFAM e que se viria a tornar o pioneiro do Karate na Alemanha. Aí o Mestre depara-se com cerca de 50 judocas que Seydel tinha convidado de todos os pontos da Alemanha – para poder fazer face às despesas de viagem e de alojamento do Mestre – e que não só não tinham as mínimas bases de Karate, como não faziam sequer a mínima ideia do que iriam encontrar, já para não falar na tremenda barreira de língua e cultura. Assim, não surpreende que muitos deles não tivessem ficado nada contentes com o estágio, já que a quase todos faltava um mínimo de bases técnicas para compreender sequer o que o Mestre tentava demonstrar.

Mas a paixão pelo Karate genuíno e duro de Murakami *Sensei* terá cativado outros, de modo que o Mestre continuou a regressar periodicamente à Alemanha para realizar estágios. No decorrer de um desses estágios Jürgen Seydel contou-lhe que tinha começado a treinar regularmente na sua escola o famosíssimo Elvis Presley. Com efeito, Elvis que tinha ingressado no serviço militar em Dezembro de 1957 e que recusara qualquer tratamento especial durante os dois anos em que cumpriu serviço militar no exército, tinha sido transferido em 1958 para a base militar de Bad Nauheim. Apesar da sua fama, também no Karate Elvis evi-

tou submeter-se a quaisquer favores especiais, colocando o cinto branco e treinando diligentemente como qualquer outro aluno. Aproximando-se a data do seu regresso aos Estados Unidos, Jürgen Seydel solicitou a Murakami *Sensei* que examinasse o seu aluno directamente. Assim, entre 13 e 16 de Janeiro de 1960, Elvis Presley, aproveitando uma licença militar, deslocou-se ao *Dojo Renseikan* em Paris, para fazer um mini-estágio de aperfeiçoamento técnico com o Mestre, no final do qual obteve a graduação de cinto castanho.

A 27 de Julho de 1961 Murakami *Sensei* e o seu discípulo Jürgen Seydel, numa iniciativa pioneira na Europa, criam, em Bad Homburg, uma associação profissional para professores de Karate.

De 1959 a 1964 Mestre Murakami continuou a deslocar-se frequentemente à Alemanha para aí realizar estágios de *Karate-do Shotokan*.

Suíça

Foto 27 – Bernard Cherix, foto actual

O Sr. Bernard Cherix que já era adepto de artes marciais como o Judo e o Aikido, depois de ter realizado alguns estágios na AFAM, em Paris, abre em 1957 na cidade de Sion a primeira escola de Karate na Suíça.

Entre 1959 e 1962 Bernard Cherix convida por diversas vezes Mestre Tetsuji Murakami para realizar estágios não só na cidade de Sion, mas também em Genebra e Lausanne. Em 1963, ao receber a graduação de 2º Dan de Mestre Murakami, o Sr. Bernard Cherix torna-se o cinto negro mais graduado de Karate na Suíça e passa a viajar pelo país orientando estágios de Karate e deixando de convidar Mestre Murakami.

Foto 28 – Mitsuhiro Kondo *Sensei*, foto actual

Todavia, Mitsuhiro Kondo *Sensei* o japonês próximo de Minoru Mochizuki *Sensei*, que, em 1957, partilhara a viagem Tóquio- Marselha com Mestre Murakami e que se radicara em Genebra ensinando Judo e Aikijujutsu, passa a convidá-lo para orientar estágios naquela cidade.

Bernard Cherix assume entretanto o cargo de presidente da Secção de Karate da Federação Suíça de Judo, e interdita aos associados dessa Federação a participação em estágios com Mestre Murakami. Kondo *Sensei*, que estava ligado à mesma organização, vê-se forçado a deixar de convidar Mestre Murakami para a Suíça.

Entretanto Samuel Däppen que participara pela primeira vez num estágio com Mestre Murakami em 1963, ainda como aluno da secção de Karate do *Budo*kan de Lausanne, parte para Berna e decide abrir, em 1964, no clube de Judo e de Jujutsu dessa cidade uma secção de Karate.

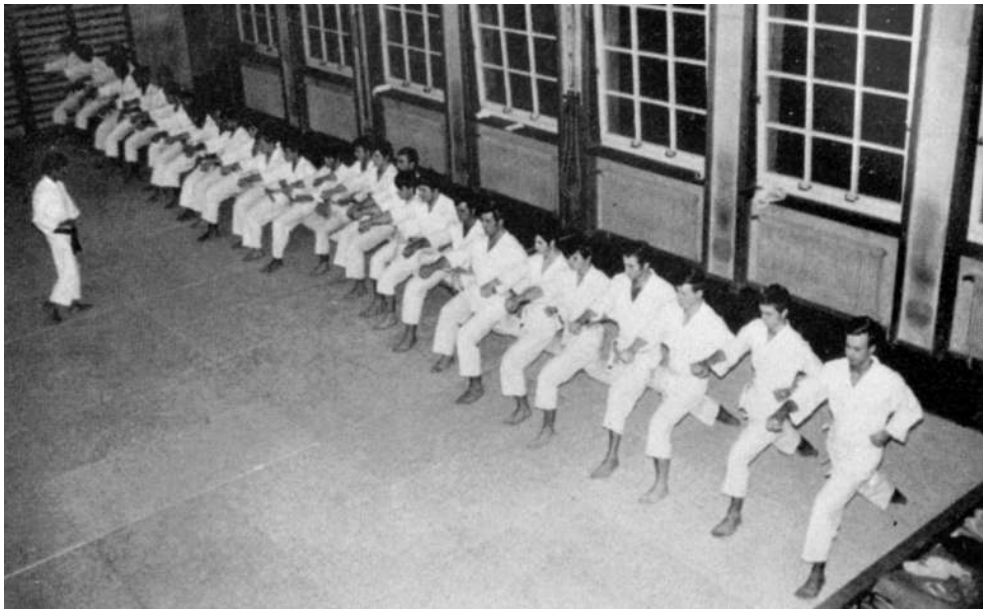


Foto 29 – 1º Estágio realizado por Mestre Murakami em Berna, 1966

Em 1966, Samuel Däppen e o seu amigo e colega Silver Weber decidem convidar Tetsuji Murakami, a despeito do bloqueio imposto por Cherix, para orientar em Berna na Suíça o seu primeiro estágio naquela cidade, ainda no Clube de Judo local.

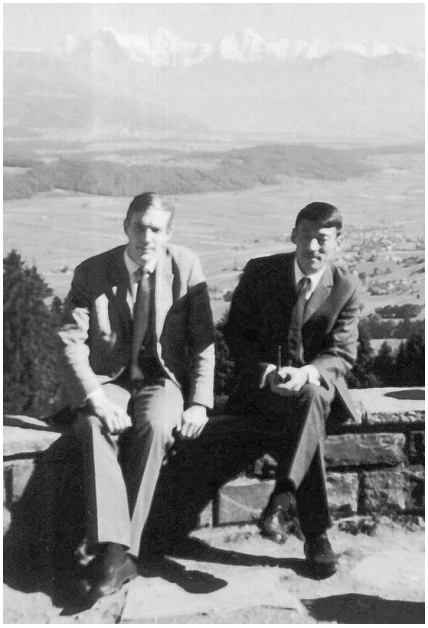


Foto 30 – Samuel Däppen e Tetsuji Murakami nos Alpes Suíços, 1968

Entretanto Däppen e Weber acabam por se autonomizar, criando o seu próprio local de prática – o Karate *Dojo* Bern – que se manteria como única escola de Karate-do Shotokai na Suíça, e aonde o Mestre continuaria a orientar estágios com alguma regularidade, até ao seu falecimento em 1987.

Itália

Em 1955 Vladimiro Malatesti – aluno de Kudo Midio, Mestre de Karate e de Judo – abre, em Florença, o primeiro *Dojo* de Karate na Itália, fundando pouco tempo depois a Federação Italiana de Karate, que conseguiu ir congregando, até ao falecimento de Malatesti em 1967, sucessivas gerações de professores de Karate que iam abrindo *dojo*'s na Toscânia, começando pelos seus primeiros discípulos, logo no final dos anos 50 – Pier Luigi Campolmi, Dino Piccini, Brogi e Bettoni – prosseguindo depois, no final da década de 50 e primeiros anos da década de 60 com Francesco Romani, Notari e Piazzasi.

Em 1962, Malatesti que já conhecia Tetsuji Murakami por intermédio da AFAM, decide convidá-lo para efectuar o primeiro estágio de Karate-do orientado por um mestre japonês em Itália. Na sequência desse estágio, torna-se seu discípulo e, em 1963, é fundada a Murakami-kai de Itália, à qual aderem outros praticantes da Toscana como Gufoni, Fasulo, Martinelli e Paolo Giuntoli e, bem assim, de outras zonas de Itália como António Maltoni e Cappai, de Roma, e Frignani e Padoan de Veneza.

Murakami continua a deslocar-se regularmente a Itália para sucessivos estágios, e é acolhido com tal hospitalidade que chega a pôr a hipótese de mudar a sua residência para esse país.

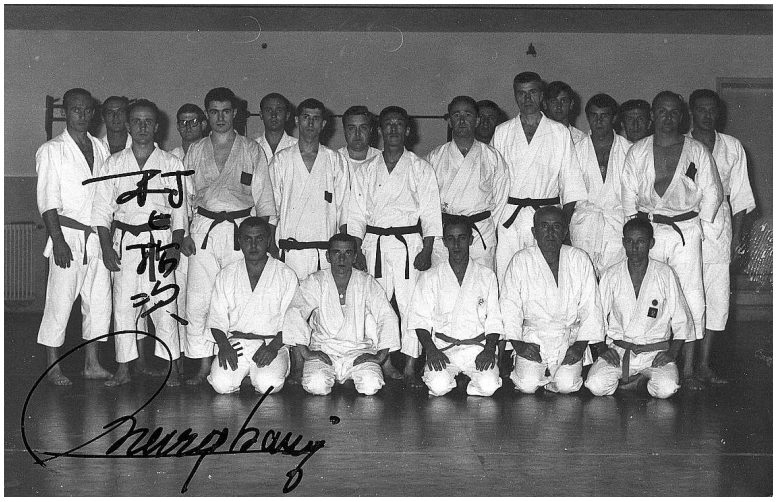


Foto 31 – Na 2ª fila da esqª para a dirª: 3º – Bettoni; 5º – Pier Luigi Campolmi; 7º – Brogi; 9º – Mestre Murakami; 10º – Romani; 11º - Piccini. Estágio no ginásio do Liceo Scientifico, em Viareggio, 1965

Foto 32 - Mestre Murakami num estágio em Itália. Na 2ª fila da esqª para a dirª: 3º - Paolo Giuntoli; 8º Murakami Sensei. Década de 60

Das duas dezenas de participantes nos estágios no início da década de sessenta a Murakami-

-kai haveria de evoluir para centenas e depois milhares de discípulos nos anos seguintes, sempre na linha do Karate-do estilo *Shotokan*, que o Mestre ensinava.
Esse crescimento e entusiasmo estavam porém destinados a sofrer uma enorme quebra com o aproximar do final da década de sessenta, como veremos mais adiante.

Marrocos

A convite do seu aluno Guyetand, Mestre Murakami realiza em Fevereiro de 1962 o primeiro estágio de Karate na cidade de Casablanca, em Marrocos.
Guyetand que iniciara o seu percurso nas artes marciais através do Judo, teve oportunidade de se deslocar ao Japão em 1952 onde, na cidade de Nara, se iniciou na prática do Karate. Ao regressar a Marrocos decide começar a ensinar essa arte fundando em Casablanca o *Karate Clube de Marrocos*. Após o seu regresso a França, na segunda metade da década de 60, passa a ensinar na região de Marselha, o estilo *Guishindo* (do seu Mestre Nakachima) centrado sobretudo nas técnicas de auto-defesa.

Foto 33 – Guyetand, foto recente

Face ao interesse despertado pelo primeiro estágio em Marrocos Guyetand convida Mestre Murakami para orientar um estágio no ano seguinte. Todavia Murakami *Sensei*, que nessa altura era solicitado frequentemente para orientar estágios por toda a Europa, não pôde aceitar o convite, tendo recomendado Mestre Harada, recém-chegado à Europa, para essa tarefa. Escutemos o relato do próprio Mestre numa entrevista realizada 20 anos depois, aquando do seu regresso a Marrocos para orientar um estágio a convite da Federação Marroquina de Karate [7]:

Dirigi o meu primeiro estágio em Marrocos em Fevereiro de 1962. Esse, que permitiu reunir cerca de cinquenta praticantes, realizou-se a convite do Senhor Guyetand que era professor no Karaté Club du Maroc em Casablanca.

No ano seguinte o Senhor Guyetand quis organizar um novo estágio comigo mas um impedimento não me permitiu lá ir. Como o Senhor Harada se encontrava então na Europa pedi-lhe que me substituísse. Desde então, como não me faltava trabalho deixei que o Senhor Harada se ocupasse de Marrocos. Dois professores teriam sido demais para o número de praticantes que havia então em Marrocos.

Jugoslávia

O primeiro estágio de Karate na Jugoslávia foi realizado em 1964, na cidade de "Petrovac", na actual Croácia, junto ao Mediterrâneo e foi orientado por Mestre Murakami.

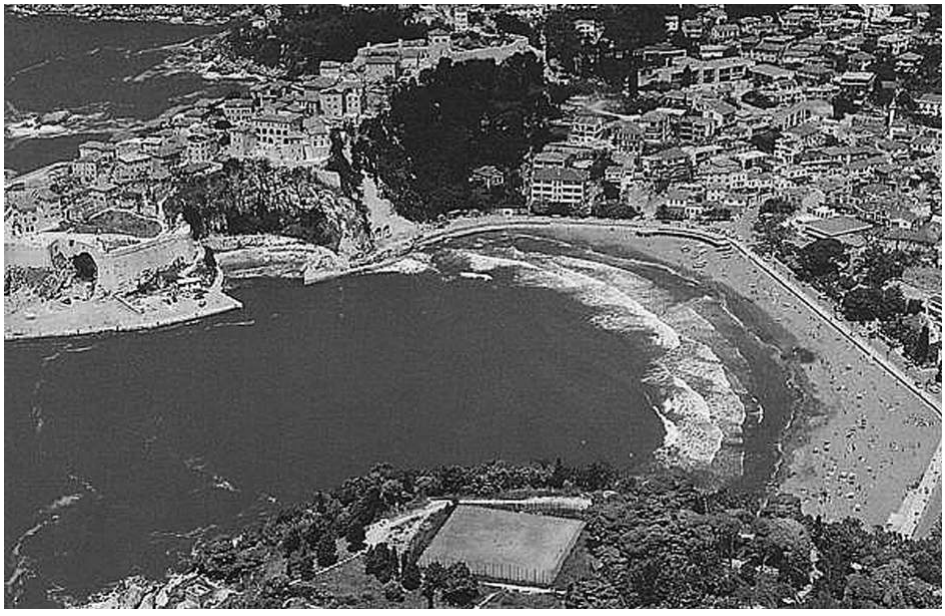


Foto 34 – Cidade de Petrovac, na actual Croácia, palco do primeiro estágio de Karate na Jugoslávia, em 1964

Tal foi o interesse que despertou que, logo no ano seguinte, os pioneiros Jugoslavos dessa época – Ratko Jokkanovic, Mladen Popovic e Zinga, entre outros – convidariam o Mestre para mais dois estágios, primeiro em Belgrado e seguidamente em Zagreb.

Foto 35 - Murakami com alguns dos seus estudantes de Karate em Zagreb, no Inverno de 1965

Ratko Jokkanovic um dos pioneiros do Karate Jugoslavo, que travou conhecimento com Murakami em 1965, refere [8]:

Foto 36a - Zagreb, 1965

"O Mestre executava as técnicas com muita naturalidade mas quando eu tentava imitá-lo não conseguia. Isso atraiu-me, bem como a sua estrutura pequena e franzina: quando o vi pela primeira vez pareceu-me que tinha a fisionomia e a elegância de um professor universitário, não de um professor de Karate. Apesar de praticar o estilo Shotokan, Tetsuji Murakami insistia sempre nos aspectos interiores e não nos aspectos exteriores. Ele insistia muito num princípio – «Deve ser o corpo a seguir a mente e não a mente a seguir o corpo». Na realidade o que mais me impressionou foram as ideias de Tetsuji Murakami, não a eficácia dos seus punhos. Claro que na Jugoslávia houve muitas pessoas que aprenderam apenas os aspectos exteriores dos ensinamentos de Murakami e começaram a promover campeonatos de Karate pelo país fora. Mas Murakami, como bom professor que era, tentava concentrar-se primeiro que tudo em ensinar princípios fundamentais, tais como a busca de um ponto de estabilidade interior, em termos físicos (Tandem) e, em termos mentais, a procura de estabilidade e serenidade em lugar de agitação e movimento."

Durante o estágio de Zagreb, em 1965, Zarco Modric, correspondente na Jugoslávia da revista *Black Belt* conseguiu de Murakami *Sensei* uma das pouquíssimas entrevistas que, ao longo da sua vida aceitou dar. Como qualquer das outras esta co-nstituiu um documento precioso, não só porque o Mestre revelou mais pormenores do seu passado do que habitualmente fazia (mesmo aos alunos mais próximos) mas também porque decidiu abrir o coração em relação aos seus planos para o futuro imediato. Uma vez que, neste ponto da leitura o passado já não constitui novidade para o leitor, convidamo-lo a entrar no templo da sua mente, onde secretamente morava um sonho de unificação do Karate europeu [9]:

Foto 36b - Zagreb, 1965

Foto 37 - Zagreb, 1965

BLACK BELT – Acredita que todas as escolas de karate virão a ser organizadas num sistema único?

MURAKAMI – É assim que tem de ser. Temos de ter um Karate uno. Neste momento no Japão há quatro escolas dominantes: Shotokan, Goju-ryu, Shito-ryu, e Wado-ryu. Todas têm as suas vantagens e limitações. Outras escolas e sistemas são menores, quer no número de participantes, quer pela sua importância. Mas a unidade é muito importante para um maior crescimento do karate no futuro.

BLACK BELT – Acredita que outro Jigoro Kano poderá aparecer no karate e unificar todos os sistemas, como o verdadeiro Kano fez com o ju-jitsu, formando o judo?

MURAKAMI – Não. É impossível para um homem só. Jigoro Kano teve uma boa oportunidade, porque ele viveu no final da era dos Samurai, quando muitos professores de ju-jitsu ficaram desempregados. E não convém esquecer que o Sr. Kano era um homem excepcional. O karate tem de ser unificado pela coordenação de pessoas, e eu não acredito que isso seja feito nos próximos 8 ou 10 anos.

(…)

BLACK BELT – Conte-nos quais são os seus planos para o futuro.

MURAKAMI – Eu estou a planear formar uma Confederação Europeia de Karate. A Federação Nacional Desportiva e Cultural de Karate e Kendo Francesa, a Federação Italiana de Karate e as federações da Alemanha, Suíça, Jugoslávia e de outros países, estão interessadas nesse projecto.

Foto 38 - Mestre Murakami, Zagreb, 1965

BLACK BELT – E quanto aos seus planos pessoais?

MURAKAMI – Agora tenho de decidir onde vou viver, porque a minha mulher Yoshi, e os meus filhos Yukitoshi, de 14, e Mitoshi, de 13 anos, vêm juntar-se a mim na Europa. Não tenho a certeza se ficarei em Paris, porque fui convidado a viver em Itália. Eu sou um missionário do karate, e tenho de permanecer na Europa porque a minha tarefa ainda não está cumprida.

(…)

Se um homem o levar a sério o karate nunca acaba. Aconteça o que acontecer eu ficarei satisfeito – devotei a minha vida ao karate e o karate deu-me um caminho de vida."

Para encerrar este capítulo em que tanto se falou da missão de Murakami face aos seus Mestres convido-vos a dar atenção, uma última vez, ao ponto de vista, de Ratko Jokkanovic na entrevista que amavelmente nos concedeu em 2002 acerca da fidelidade do Mestre aos seus Mestres [8]:

Foto 39 - Zagreb, 1965

"Em relação ao discipulado, todavia, sempre senti que ele era uma pessoa autêntica, não um simples seguidor de outros, um imitador. No meu trabalho como professor universitário, conheci muitas pessoas antes e depois de Murakami; mas nunca conheci ninguém com a sua envergadura como homem e como verdadeiro Mestre. A existência de tantos bons discípulos pela Europa fora, em Portugal, Suíça, França, Bélgica é a prova real disso. O homem que simplesmente imita não consegue falar da essência. A essência não se consegue obter através das palavras, a essência tem que ser sentida sem palavras. Tetsuji Murakami muitas vezes dizia – «Se eu não consigo sentir uma técnica então eu não a adopto»".

Na sequência destes três estágios, em apenas dois anos, o futuro da Murakami-kai na Jugoslávia parecia assegurado. Porém, na sequência de um diferendo entre o Mestre e dois praticantes com bastante poder institucional, a ida de Mestre Murakami a esse país seria

bruscamente interrompida. Ter-se-ia de esperar até 1971 / 72 para que fossem retomados os estágios neste país, conforme nos relata Borko Jovanovic, que tendo começado a treinar em 1969 e ouvindo o seu instrutor falar em Murakami *Sensei*, resolveu perguntar-lhe porque não vinha ele orientar estágios à Jugoslávia [10]:

Nessa altura, fomos informados que o Mestre Murakami já não vinha à Jugoslávia por causa do seu diferendo com os irmãos JORGA (Ilija e Vladimir que são ambos, creio eu, professores na Escola de Medicina de Belgrado). A história que corria é que o Mestre Murakami concedeu-lhes o 1º Dan, mas então, no dia seguinte mudou de opinião e rasgou os diplomas. Ainda estava no período Shotokan. Depois disso, eles solicitaram Mestre Kase, que habitava também em Paris, como instrutor e o Mestre Murakami nunca mais foi convidado a vir.

Nessa época as organizações oficiais tinham um grande poder sobre tudo o que se passava na Jugoslávia e no karate em particular. Os irmãos JORGA eram Presidentes ou Vice-Presidentes da Organização Jugoslava de Karate desde há bastantes anos e imagino que as suas decisões tivessem peso.

Bélgica

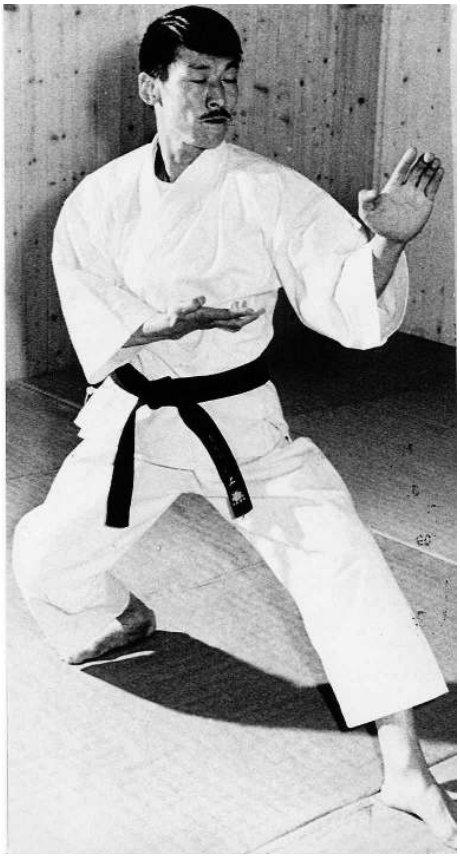


Foto 40 - Mestre Murakami nos primeiros tempos na Europa

O início da prática do *Budo* na Bélgica é normalmente atribuído ao Sr. Julien Naessens ao fundar, no distante ano de 1951, o *Budo Collège Belge.*

Todavia, o pioneiro do Karate neste país é, de facto, Georges Shiffelers que em finais da década de 1950, já cinto negro de Judo e Aikido, decide aprender Karate na AFAM, em Paris. Com a chegada de Mestre Murakami a Paris, em 1957, Shiffelers torna-se discípulo fiel do Mestre Murakami e redobra de entusiasmo, continuando a seguir os seus ensinamentos por muitos anos. Yves Thélen, aluno de Shiffelers em Liège, relata-nos [8]:

O meu professor de Liège, Georges Shiffelers, foi um dos primeiros praticantes de karate da Bélgica. Ele era um homem extraordinário que ia regularmente de Liège a Paris, na sua pequena "Vespa", fazendo a ida e a volta no mesmo dia para ter cursos particulares com o Mestre Murakami. Creio que foi o primeiro cinto negro de Karate na Bélgica. Ele não pas-

sou em exame. Um dia o Sr. Plée disse-lhe – "Bom já há bastantes anos que você pratica. Você deve ser primeiro Dan." – E assim outorgou-lhe o diploma de primeiro Dan sem sequer lhe fazer exame. Ele já dava cursos de Judo e Aikido e quando regressou a Liège começou a dar aulas de Karate. Nessa altura não tinha qualquer graduação em Karate mas começou a dar aulas de imediato.

Em 1961 Georges Shiffelers organiza em Liège, sob a orientação de Mestre Murakami, o primeiro estágio de Karate-do na Bélgica.

Shotokai no resto da Europa – um dealbar mais tardio

Pode-se questionar porque não terá Murakami *Sensei* orientado estágios em outros países do Sul da Europa, como a Espanha e Portugal e, também, em países do Norte da Europa, no período 1959-1965 – ou seja antes da chegada da grande torrente de Mestres japoneses de Karate à Europa?...

Uma das razões óbvias terá sido, como é fácil de concluir pela análise dos capítulos acima apresentados, a completa indisponibilidade de agenda. De facto, não convém esquecer que, para além das deslocações frequentes, para orientar estágios com duração entre uma e duas semanas na Inglaterra, Irlanda, Alemanha, Itália e Jugoslávia, ainda tinha de se ocupar das aulas que orientava com carácter "permanente" em Paris.

Por outro lado, os regimes políticos vigentes nos dois países da Península Ibérica não facilitavam a difusão das Artes Marciais, colocando-as directamente sob o controlo das instituições militares. Essa conjuntura política negativa acabaria, porém, por propiciar nos anos 60 e até meados da década de 70 uma significativa emigração, quer por razões políticas, quer por razões culturais, dos países Ibéricos para França e particularmente para Paris. Teremos ocasião de ver mais adiante, de que forma alguns desses emigrantes irão ter um papel determinante na vida e na obra de Murakami *Sensei* na Europa.

França 1961-1963 – Karate em clima de agitação social

Antes de prosseguirmos para a próxima etapa do nosso caminho – onde abordaremos a postura de Tetsuji Murakami *Sensei* face à grande explosão do Karate na Europa, com a chegada de uma miríade de Mestres Japoneses – proponho que regressemos uma vez mais à cidade onde, no início da década de 1960, continuam a germinar a maioria dos acontecimentos relativos ao Karate europeu.

Foto 41 - Jim Alcheik (1931-1962) – Pedra tumular com a inscrição "mort pour la France", equivalente em português a "morto ao serviço da pátria", neste caso a França

Mestre Murakami, graças à preciosa ajuda dos seus discípulos mais fiéis – com destaque para Jacques Fonfrède, então Presidente da Liga Ile-de-France e Vice-Presidente da Federação Francesa de Karate – já lograra abrir, em 1961, o seu próprio *Dojo* na Rua Cambronne, em Paris.

Todavia, a cidade vive, desde o início desse ano, num clima de crescente tensão causada pelos atentados terroristas perpetrados pela *Organisation Armée Secrète* (OAS), um grupo radical que se opõe à independência da Argélia. Em Janeiro de 1962 o escritor e filósofo Jean Paul Sartre escapa por pouco a uma bomba colocada em sua casa e, em Agosto do mesmo ano, o carro onde o Presidente de Gaulle viaja com a sua esposa é atacado, na rotunda do Petit-Clamart, por um comando equipado com armas automáticas. Mais de 150 tiros são disparados, mas o Presidente e a esposa conseguem escapar ilesos.

Pior sorte tem Jim Alcheik – o mais dinâmico discípulo europeu de Minoru Mochizuki *Sensei* – que partira para a Argélia em missão anti-terrorista ao serviço do Governo Francês, e que é assassinado pela OAS, ainda em 1962, na ex-colónia francesa, conjuntamente com mais 17 pessoas (a maior parte alunos seus). Com a morte de Alcheik, as possibilidades de contacto de Murakami *Sensei* com os seus Mestres de Shizuoka – Yamaguchi e Mochizuki – tornam-se ainda mais remotas.

É neste contexto social que, em 1962, chega a Paris Mestre Tsutomu Ohshima, convidado pela secção de Karate da *Fédération Française de Judo et Disciplines Associées* (FFJDA) para ensinar Karate em Paris. Aluno directo de Funakoshi O-*Sensei* e dos seus discípulos mais próximos – Mestres Hiroshi Noguchi, Shigeru Egami, Toshio Kamata, Watanabe, Tadao Okuyama e Matsuo Shibuya – tinha-se formado, também ele, na Universidade de

Waseda, onde assumira em 1952, o cargo de Capitão da equipa de Karate-do.

Através de um programa de intercâmbio universitário de Waseda com a *University of Southern Califórnia*, em Los Angeles, em 1955 Ohshima Sensei radica-se na Califórnia, sendo justamente considerado o grande pioneiro do ensino do Karate do nos Estados Unidos, ao fundar, no ano seguinte, a *South California* Karate Association. Em 1961, terminado o seu estágio universitário, tem de regressar ao Japão, mas antes convida Hidetaka Nishiyama *Sensei* – o instrutor-chefe da Nihon Karate Kyokai (Japan Karate Association, ou JKA) – para dar continuidade ao seu trabalho pioneiro, na condição de que os seus alunos não sejam inscritos na JKA. Este pedido pode ser compreendido se estivermos cientes que Ohshima Sensei sempre tivera uma filosofia tradicionalista muito próxima da Nihon Karate-do Shotokai, vendo o Karate-do como um Budo. Ora, esta filosofia opunha-se, em muitos aspectos, ao carácter eminentemente desportivo que a JKA defendia para a expansão do Karate pelo mundo. Mestre Hidetaka Nishiyama, todavia, não só inscreve todos os alunos de Ohshima na JKA como funda, logo em 1961, uma Associação concorrente – a *California Karate Association* – e, seguidamente, em 1962, a *All-America Karate Federation*, ambas ligadas à JKA.

Desagradado com o rumo que o Karate está a tomar nos EUA, Ohshima *Sensei* não chega a completar o contrato de um ano em Paris, pois sente-se obrigado a regressar ao país onde, sete anos antes, tinha introduzido a sua arte. Os seus princípios impõem-lhe, porém que, antes de partir, deixe o Karate francês em melhor situação organizativa do que aquela que encontrou à chegada. Assim, a pedido do Sr. Delcourt – da recém criada *Union Française de Karaté*, organismo ainda integrado no seio da FFJDA – procede à nomeação da primeira

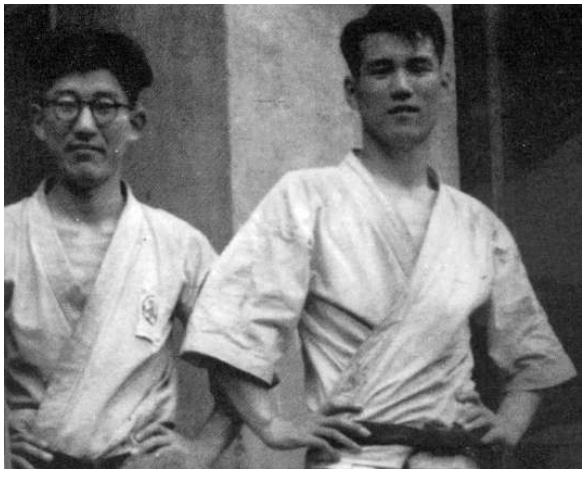


Foto 42 - Mitsusuke Harada e Tsutomu Ohshima, Japão. 1963

Comissão Técnica para a avaliação de graduações.

Durante a sua estadia em Paris, Ohshima *Sensei* reconhece e aprecia o carácter e o trabalho de Murakami *Sensei*, nascendo entre os dois uma amizade que perdurará para o resto das suas vidas e que Mestre Murakami muitas vezes vivamente expressava aos seus alunos mais próximos. Consciente porém de que as relações entre Mestre Murakami e Henry Plée – cuja influência na altura era determinante no Judo e Karate franceses – não são as melhores (devido aos acontecimentos de 1958 já acima relatados) recomenda o seu companheiro de universidade e amigo Mitsusuke Harada *Sensei*, para dar continuidade ao seu trabalho em Paris. E dá-lhe o seguinte conselho:

- Assim que chegares a Paris há um homem que deves procurar como guia e homem de confiança: Tetsuji Murakami!

Quanto às relações pessoais entre Mestre Ohshima e Henry Plée podemos julgá-las pelas palavras de Bernard Maquin que se sagrou primeiro campeão de França de Karate em 1957, e que se tornou posteriormente nos anos 60 um dos pilares do Shotokai em França [11]:

(…) Henry Plée fez então vir Ohshima, devíamos estar em 1960. Algum tempo depois, na sequência de uma má compreensão de parte a parte, instauraram-se problemas entre Plée e Ohshima, essa foi uma das razões que levaram a que Mestre Ohshima decidisse partir para os Estados Unidos (…)

Mitsusuke Harada *Sensei* que, tal como Mestre Ohshima, fora aluno directo quer de Funakoshi O-*Sensei*, quer do seu sucessor Shigeru Egami *Sensei*, foi outro dos pioneiros da introdução do Karate além-mar, neste caso na América do Sul, ao fundar em Outubro de 1955, alguns meses após a sua chegada ao Brasil, uma escola de Karate-do em São Paulo. Em 1963, a liderança da sua escola – *Karate-do Shotokan Brasil* – que nessa altura contava já com cerca de 16 a 17 primeiros Dan's e muitos mais principiantes, é confiada a Yasuda, o seu primeiro cinto negro.

No final de Janeiro Mestre Harada apanha um avião de São Paulo para Lisboa onde passa apenas três dias (por não possuir visto de permanência turístico) e daí ruma a Madrid onde permanece cerca de uma semana. No princípio de Fevereiro chega a Paris, onde o contexto social continua a ser de grande agitação: as acções da OAS em 1961 e 1962 tinham causado pelo menos 12 500 mortos e, só em 1962 as prisões de antigos membros da OAS tinham ascendido a mais de 600 pessoas, embora o total de detenções nos anos seguintes viesse a ascender a 3680. Muitos membros da OAS tinham procurado refúgio fora de França, mais exactamente em Espanha, em Portugal e em países da América do Sul, dentre os quais o Brasil. Atendendo às acções terroristas violentas que a OAS tinha provocado a Interpol

movia aos seus ex membros uma perseguição implacável. Como veremos seguidamente este clima social de perseguição haveria de ser determinante para a não-aceitação como emigrante residente em França do recém-chegado e prestigiado Mestre japonês.
Harada, apesar das recomendações do seu amigo Ohshima, em lugar de contactar de imediato com Murakami, procura Hoang Nam, um outro Mestre de origem Vietnamita que ensinava artes marciais em Paris. Porquê?

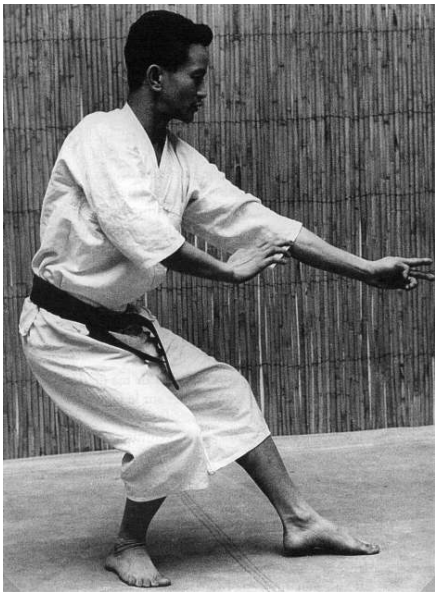


Foto 43 - Mestre Hoang Nam

Clive Layton, numa importante obra biográfica publicada sob supervisão directa do Mestre Harada, esclarece-nos [12]:

> *Um estudante francês, Oliver Perois, que treinou com Harada em São Paulo, ao voltar a França visitou um pequeno número de dojos em Paris. Um destes era dirigido por um vietnamita chamado Hoang Nam, já falecido, cujos antecedentes no Karate parecem ser de origem incerta. Perois aparentemente não ficou muito impressionado ao nível da perícia deste, e deu a sua opinião aos estudantes, que ficaram muito surpreendidos. Perois falou-lhes do Mestre Harada e eles conseguiram juntar fundos suficientes para comprar um bilhete aéreo para que Harada os pudesse visitar na Europa. Hoang Nam, que Harada descreveu como sendo de baixa estatura, cerca de 1.5m, "fisicamente muito inteligente, mas não fazia kumite", aparentemente não terá ficado muito feliz com este arranjo.*

Numa obra posterior, o próprio Harada *Sensei* também se refere directamente a este assunto nos seguintes termos [13]:

Uma série de acontecimentos fortuitos ocorreram, os quais me permitiram vir para a Europa. Um franco-brasileiro muito simpático e amigável, Olivier Perois, que residia em Paris, veio a São Paulo para visitar o país de sua mãe em 1962, e enquanto lá, encontrou caminho para o meu dojo. Eu não sei exactamente qual era o seu modo de vida, mas fez vários filmes quando chegou ao Brasil. Ele tinha praticado com Hoang Nam no seus dojo [nos Nº 18] da Rua de Montmorency, [Paris 3], e [Nº 22] da Rua Daubenton [Paris 5], e com Plée no dojo [do Nº 34] da Rua de la Montagne Sainte-Genevieve [Paris 5]. Também tinha treinado sob a orientação do Mestre Ohshima no dojo de Plée, e quando regressou a França contou aos seus colegas estudantes acerca das suas experiências de treino comigo. Os estudantes de Hoang Nam ficaram muito interessados e perguntaram se eu podia ser trazido para cá.

Todas estas circunstâncias levaram a que fosse Hoang Nam a indicar a Harada *Sensei* o pequeno hotel onde se hospedou, na Avenida Port Royal, e a organizar o primeiro curso de Karate que orientou em França, que contou com a presença não só dos alunos de Mestre Ohshima – Marc Bassis, Daniel Shemla, Jean-Pierre Gerbolet e Francis Salomon – mas também com a presença de Henry Plée.

Quanto a Murakami *Sensei* foi-lhe indicado que estaria fora do país de modo que só algum tempo depois acabariam por se encontrar, fortuitamente, num restaurante vietnamita junto ao Panteão.

Mestre Murakami terá ficado certamente muito bem impressionado com Harada *Sensei*, não só pelo contacto directo que tiveram, mas também pelo facto de ter sido recomendado pelo seu amigo Tsutomu Ohshima e de este lhe ter pedido que o acolhesse bem.

Os factos demonstram isso já que, a partir da data em que se encontraram, Mestre Murakami convidou Harada *Sensei* a dar aulas, às segundas-feiras à noite, no seu *dojo* da Rua de Mercoeur no Centro de Paris. Por outro lado atendendo à sua má experiência com o Sr. Plée, aliás secundada por Ohshima *Sensei*, aconselhou ainda Mestre Harada a afastar-se da Federação de Judo e desse personagem em particular, convidando mesmo o seu conterrâneo a formar, juntamente com Hoang Nam uma associação para a defesa do genuíno Karate (não é para nós claro quem terá sugerido a presença de Nam nesta associação, uma vez que não se conheciam contactos anteriores entre Murakami e o Vietnamita).

Apesar disso Harada *Sensei* continuou a orientar aulas na AFAM.

Mercê do ambiente social que se vivia em 1963, em Paris, de perseguição aos terroristas da OAS e, talvez devido ao facto de Harada *Sensei* ter vindo de um país da América Latina, a convite de um francês, passando antes por Portugal e Espanha (tudo locais onde membros da OAS tinham procurado refúgio) as autoridades policiais francesas, que eram obrigadas a investigar a criação de qualquer associação de estrangeiros, acabaram por suspeitar dele e,

cometendo um terrível e lamentável engano, extraditaram do território francês uma pessoa cuja honestidade e prestígio não necessitam hoje de qualquer atestado.
Independentemente do que pessoas desconhecedoras do verdadeiro carácter de Mestre Murakami possam pensar, ou mesmo afirmar, não há um único aluno que com ele de próximo tenha convivido (mesmo aqueles que depois de algum tempo decidiram seguir outra via) que tenha a menor dúvida que o Mestre acolheu o melhor possível, e tentou mesmo defender de más influências, a pessoa que, perante Ohshima *Sensei*, se tinha comprometido a proteger. Aliás, o reconhecimento de Harada *Sensei* para com o apoio e acolhimento que lhe foram prestados foi de tal ordem que, uma década mais tarde, como aliás teremos ocasião de ver mais adiante, haveria de ser ele próprio a solicitar à Nihon Karate-do Shotokai, por intermédio de Mestre Egami, a emissão do diploma de 5º Dan de Mestre Murakami.
Não lhe sendo concedido visto de residência em França Harada *Sensei* é, pois, forçado a partir, no final de Junho de 1963, em direcção a Bruxelas, onde consegue através de Julien Naessens um visto de residência temporária por três meses. Em Novembro, com o apoio de Mestre Kenshiro Abbe – 8º Dan de Judo com quem Naessens mantinha contactos regulares – acaba por radicar-se em Inglaterra.

França 1964-1966 – No Olho do Tufão

Uma das barreiras mais difíceis que Murakami *Sensei* teve de vencer nos primeiros anos na Europa foi a da língua. Para entender melhor esta dificuldade há que compreender que a língua japonesa (*nihongo*) possui certas particularidades que tornam aqueles que a assimilaram como língua materna, geralmente menos propensos a captar algumas subtilezas das línguas ocidentais, como o francês. As diferenças não se resumem à fonética – a dificuldade de distinção pelos japoneses entre o "L" e o "R" é paradigmática – passam também pelas construções gramaticais – os japoneses usam o verbo no final da frase e, não têm inflexões verbais que indiquem por exemplo o passado, o presente e o futuro – e prolongam-se por questões de natureza cultural, como por exemplo a muito maior riqueza de formas honoríficas (*keigo*) do japonês face às línguas ocidentais – a palavra "mulher", diz-se "*onna*" em japonês coloquial e "*josei*" em linguagem honorífica.
Não surpreende, pois, que um dos mais difíceis adversários de Murakami na Europa fossem os exames da *Alliance Française*, onde decidiu ingressar logo no início da sua estadia em França como instrutor independente de Karate. Aliás a adesão à *Alliance* não surgira por mera necessidade de comunicação com os seus alunos, mas também porque o respectivo

diploma lhe permitiria obter o estatuto profissional de "tradutor", institucionalmente melhor aceite que a profissão, na altura inexistente em França, de "Mestre de Karate".
Porém, para o animar na sua intrincada e solitária expedição pelas tortuosidades do francês falado e escrito, o destino acabou por oferecer-lhe, em Fevereiro de 1964, uma jovem e simpática companheira de sala de aula – Nieves, uma jovem espanhola, ainda mais estrangeira do que ele em Paris – a quem se aprazeria a servir de protector e guia ao longo de encantadores passeios durante a Primavera e o Verão desse ano, já não pelas sombras, mas pelos brilhos mil da Cidade-Luz [14]:

A primeira imagem que me vem ao espírito é a de um homem extremamente equilibrado e cortês. Um homem que possuía um grande senso das responsabilidades, do dever e das coisas bem realizadas; tanto assim que podia esquecer ou deixar de lado os seus próprios interesses em benefício dos do seu próximo.

Lembro-me perfeitamente do momento em que o conheci. Foi em 1964, numa tarde de Fevereiro, na Alliance Française em Paris. Provavelmente, foram a sua gentileza e a sua cortesia que me atraíram de início. Eu tinha saído de um colégio religioso e nessa época, em Espanha, a educação das meninas era muito severa. Paris era quase considerada como "a cidade da perdição"... Assim, ter um colega de sala de aula tão amável e educado, que me levava a visitar pela mão, os sítios mais típicos e que se ocupava de mim como uma criança, fascinoume.

Guardo em mim imagens que jamais poderia esquecer: o Jardim do Luxemburgo onde passeávamos após as aulas, Saint-Germain-des-Près, les Bouquinistes, o Café Cluny... Quantas maravilhosas recordações nesse Café!

Nessa época eu ocupava-me do cão de uma senhora que habitava em Vincennes, frente ao bosque. A minha casa situava-se num edifício antigo e pelas paredes do meu quarto pendiam inumeráveis bonecas de pano provenientes de diferentes países e cidades onde se realizavam estágios de karate e, claro está, do Japão.

Infelizmente, terminei as aulas e tive de voltar a Espanha mas continuei a pensar no meu amigo japonês...

No espírito vivo de Murakami, sempre atento às transformações e mudanças em seu redor, havia uma consciência clara de que a situação do Karate na Europa estava prestes a modificar-se.
As movimentações estratégicas da *Nihon Karate-do Kyokai* (mais conhecida pela sigla oci-

dental JKA, ou *Japan Karate Association*) não lhe podiam passar despercebidas. O regresso pressuroso aos EUA do seu bem informado amigo Ohshima, em Janeiro de 1963, para enfrentar o império – *All-America Karate Federation* – que Nishiyama se preparava para criar na "terra das oportunidades", fora o primeiro sintoma. Os livros que a JKA começava a publicar com esquemas de biomecânica e fisiologia tendo como cliente, sem margem para dúvidas, o espírito racional e analítico do público ocidental e os filmes promocionais dos seus instrutores, eram outros sintomas evidentes da transmutação que se avizinhava.

A vinda em 1963 de Yoshinao Nanbu, medalha de ouro do campeonato universitário de Karate desse ano, no Japão, acorrendo ao chamamento de Henry Plée para ensinar na AFAM; a Fundação em Dezembro do mesmo ano da *European Karate Union*; o facto histórico de, em 1964, o Japão ter conseguido levar a primeira arte marcial japonesa – o Judo – ao pódio do Desporto Olímpico, ao organizar a décima quinta edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna; e, finalmente, a realização em Maio de 1966 no Estádio Pierre de Coubertin, em Paris, do primeiro campeonato Europeu de Karate, cujo ponto alto foi uma extraordinária demonstração de combate livre entre os Mestres Kase e Kanazawa; todas estas eram evoluções esperadas há muito por Murakami, conhecedor do aguerrido espírito expansionista do seu povo.

Mas nem todos as puderam prever com a mesma clareza, como foi o caso de Vernon Bell [15]:

> *Em 1965, numa decisão que acabaria por mudar para sempre a face do karate britânico, propiciou a visita a Inglaterra de uma determinada corrente japonesa [de Karate] a qual realizou um conjunto de influentes demonstrações que introduziram o público britânico em estilos de karate versados e intricados nunca antes vistos no país. Certificou, além disso, a permissão de estadia do grande campeão dessa organização japonesa, Hirokazu Kanazawa, para ensinar no Norte de Londres por um ano.*
>
> *Foi com pesar que, em 1966, Bell viu a maioria dos associados da sua organização saírem para a recentemente fundada Karate Union of Great Britain, onde os grandes mestres Kanazawa e Enoeda ensinavam esse estilo japonês. Bell retrocedeu, voltando a ensinar o estilo de karate Yoseikan. Ao longo dos dez anos em que o Karate Shotokan se estabeleceu, ele manteve a sua rigorosa selecção de potenciais estudantes, consciente da responsabilidade que pesava sobre si como introdutor do Karate no Reino Unido.*

O relato acima reflecte apenas um dos primeiros impactos (visível neste caso na Inglaterra, mas que acabaria por se repercutir em todo o mundo) de uma verdadeira invasão do ocidente liderada pela JKA e imediatamente secundada por outros estilos e organizações de Karate, mas que era afinal o resultado manifesto do duríssimo programa de formação de instrutores

meticulosamente organizado pelos Mestres Masatoshi Nakayama e Hidetaka Nishiyama na Sede da JKA em Tóquio, e que fora iniciado há dez anos, como nos diz o próprio Nakayama *Sensei* [16]:

Quando o Mestre Funakoshi introduziu o karate no Japão, ele era a única pessoa qualificada para ensinar. Mais tarde, quando o Mestre Kenwa Mabuni trouxe o karate Shito-ryu para Osaka, a arte começou, a difundir-se rapidamente, e muitos, muitos estudantes apareceram. Esta enorme popularidade conduziu à triste situação em que indivíduos com apenas seis meses de treino sob a direcção de Mestre Funakoshi, de Mestre Mabuni ou de qualquer outra pessoa, tivessem criado os seus próprios estilos. Na altura em que a JKA foi criada e em que demos forma a uma corporação como um corpo pedagógico sob os auspícios do Ministério da Educação em 1955, havia aproximadamente cerca de 200 dos chamados "estilos" de karate. E o público não tinha qualquer maneira de saber quem estava ou não qualificado para ensinar. Consequentemente foi tarefa nossa estabelecer padrões para a instrução e registar esses padrões no Ministério da Educação.

Desse modo, sob a orientação de Mestre Funakoshi, eu comecei a formular o Programa de Treino para Instrutores. A minha convicção era que o nível técnico não deveria ser o único critério para a nomeação de instrutores. Mais importante ainda seria ensinar-lhes a ensinar. Necessitavam de vastos conhecimentos de outras áreas como a fisiologia, anatomia, psicologia, gestão, e assim por diante. Mas esta era uma tarefa monumental, e eu tive que socorrer-me da ajuda e conselho dos estudantes seniores.

Assim, significativas contribuições para o programa se juntaram às minhas, como as de Motokuni Sugiura, Teruyuki Okazaki, Hidetaka Nishiyama, e outros instrutores seniores.

Não há dúvida que, desde esse primeiro contacto com os homens da JKA, os instrutores europeus (muitos deles precocemente auto-intitulados *mestres*) foram literalmente "esmagados" não só pela excelência técnica indubitável, mas também por uma agradável fluência nas línguas ocidentais, a par de bons conhecimentos de pedagogia, fisiologia e mesmo de gestão. O tradicional espírito de expansão além-mar da universidade de Takushoku * ia começar em breve a produzir frutos. A ronda de estágios e exames dirigida a cintos negros e instrutores realizada na Primavera de 1965 pelos quatro instrutores de topo da JKA, ao longo da Europa, África do Sul e Estados Unidos, prenunciava a sua fixação, nos anos seguintes, em diversos países ocidentais, onde estes Mestres se tornaram autênticas lendas vivas do Karate do tipo desportivo: Taiji Kase, na França; Hirokazu Kanazawa e Keino Enoeda, na Grã-Bretanha;

* A maioria dos líderes da JKA eram formados pela universidade de Takushoku, cujo nome significa, literalmente: "cultivo e colonização".

Hiroshi Shirai, na Itália.

Não admira que Funakoshi O-*Sensei* visse com bons olhos o programa de formação de instrutores organizado pela JKA, uma vez que aparentava ser uma excelente forma de concretização do seu sonho de expandir os benefícios do Karate-do para todo o mundo. O problema de Funakoshi *O-Sensei* e, bem assim, de todos os seus discípulos mais directos, residia em algo que a JKA pretendia implementar em simultâneo com esse programa de formação: a competição desportiva. Essa opinião foi bem expressa quer por Nakayama [16]:

> *Repare que, antes de Mestre Funakoshi morrer, eu comecei a pesquisar na ideia de desenvolver torneios, ou karate desportivo. Mas quando eu pedia conselho a Mestre Funakoshi ele recusava-se a comentar. Ele preocupava-se que o conceito de torneio se tornasse demasiado popular e que os estudantes começassem a afastar-se dos princípios básicos para praticarem apenas competição.*

… quer pelo próprio Mestre Funakoshi, no prefácio, escrito em 13 de Outubro de 1956, à segunda edição de Karate-do Kyohan, a sua obra mais conhecida em todo o mundo [17]:

> *Em consequência da desordem social que se seguiu ao final da Segunda Guerra Mundial, o mundo do karate dispersou-se, como muitas outras coisas. Aparte um certo declínio de nível técnico durante essa época, não posso negar que houve momentos em que tomei dolorosa consciência do irreconhecível estado espiritual a que o mundo do karate tinha chegado a partir daquele que tinha prevalecido nos tempos em que eu dera início ao ensino do karate. Embora se possa contrapor que tais mudanças são apenas o resultado natural da expansão do Karate-do, não é evidente que nos possamos alegrar por tal resultado, em lugar de o lamentarmos.*

Apesar das reservas do seu Mestre, Nakayama *Sensei* e os restantes líderes da JKA não hesitaram em organizar em Tóquio, em Junho de 1957, poucos meses depois da morte de Funakoshi *O-Sensei* que ocorrera a 26 de Abril, o primeiro All Japan Karate-do Championship Tournament.

O afastamento da JKA face aos princípios tradicionais defendidos pela Nihon Karate-do Shotokai acentuou-se cada vez mais a partir da morte do fundador de ambas as organizações. A confiança da família Funakoshi na Shotokai era tal que lhe delegou a organização das cerimónias fúnebres de *O-Sensei*; tal bastou para que a JKA se recusasse a comparecer ao funeral do Mestre. Por outro lado a JKA recebia o apoio popular de todos aqueles, sobretudo os mais jovens, que defendiam a vertente desportiva do karate, considerada moderna e progressiva, muito mais consentânea com a filosofia pós-guerra de um Japão interessado em enterrar bem fundo as memórias do seu recente passado militarista.

As mudanças e adaptações que a JKA teve de introduzir na técnica do karate para a adaptar à competição, conforme exprime Nakayama *Sensei* [16]:

> *Quando eu digo que têm havido mudanças, quero dizer que com o advento dos torneios de competição, nós achámos necessário mudar a forma com que algumas técnicas são aplicadas para aplicação específica em competição.*

… incentivaram ainda mais Shigeru Egami *Sensei* o sucessor de Funakoshi *O-Sensei* a reflectir, no seio da Shotokai, sobre a necessidade de evolução do Karate-do do seu Mestre não no sentido desportivo, mas no sentido do *Budo*.

O método da purificação do espírito
consiste nisto:
Primeiro, concentrar-se.
Não ouvir pelos ouvidos mas pelo espírito.
Não ouvir pelo espírito mas pela respiração.
O ouvido ouve, o espírito representa,
mas só a respiração se conforma a qualquer situação
porque é vento vazio
e o Tao sobrepõe-se ao vazio.
O vazio purifica o espírito.
No vazio do espírito penetra a luz
Tal como a paisagem entra pela janela de uma sala vazia.

Tchouang Tseu

Capítulo 5 Mitori Geiko (1967)

Regresso ao Japão

As demonstrações da Primavera de 1965 e, sobretudo, o Campeonato Europeu de Karate que se realizou no ano seguinte marcaram, sem dúvida, o começo do fim da hegemonia europeia do Karate nascido e criado no *Dojo Yoseikan* em Shizuoka o qual em toda a Europa, desde o terceiro dia do mês de Novembro de 1957, estava centrado unicamente num japonês com menos de 50 kg de peso e pouco mais de 1.50 m de estatura – Tetsuji Murakami *Sensei*.
Tais mudanças, porém, não surpreenderam o Mestre, e muito menos o abalaram.
Com efeito, em cada um dos países da Europa onde ao longo dos últimos oito anos tinha vindo a realizar estágios, conseguira ganhar a confiança de um conjunto de discípulos dedicados que tinham aprendido a apreciar não só a excelência dos seus ensinamentos técnicos, mas outras qualidades bem mais difíceis de igualar: integridade, honestidade, fidelidade aos princípios de honra do *Bushido*.
E todavia, nas longas horas de solidão do seu pequeno quarto em Paris e em cada um dos tantos outros quartos de hotel por essa Europa fora, cujos pormenores já se lhe tinham tornado familiares ao longo dos anos, bem ancorado no "olho do tufão" que a recente moda das Artes Marciais japonesas provocara na Europa, uma incomodativa aura de mistério surgia cada vez mais frequentemente na sua mente…
O seu espírito felino que sempre apreciara descansar bem, dormir profundamente depois de uma sessão de treino levada para além de todos os impensáveis limites, pregava-lhe agora partidas… Altas horas da noite dava consigo a fixar os olhos no tecto, enquanto em redor da sua mente circundavam enigmáticos *kanji*: *Yoshitaka, Okuyama, Omoto-kyo, Shinwa Taido, Rakutenkai*… Misteriosas referências a uma enigmática contra-corrente do Karate-do liderada por um Mestre-sombra que os seus colegas, Harada e Ohshima, não hesitavam em considerar como o sucessor directo de Funakoshi *O-Sensei* no mundo do Karate-do. E, especialmente, as alusões nebulosas aos contactos desse homem com o insondável Mestre Noriaki Inoue sobrinho de Morihei Ueshiba *Sensei*, o fundador do Aikido.

Foto 44- Mestre Shigeru Egami, executando o kata Tenshingoso

Num canto da sua mente, reclamando um espaço cada vez maior, acumulavam-se pilhas de perguntas ainda sem respostas viáveis:

- Será lógico que o Karate-do seja a única disciplina do *Budo* com movimentos sincopados e maquinais?

Entre o sono e a vigília revia mentalmente os *kata* de *Iaido* que aprendera no *Yoseikan*, deixando o seu espírito vaguear nesse limbo onde a intuição poética e o instinto se sobrepõem ao intelecto racional…

- Não deveriam os gestos do karate ter a fluidez precisa dos golpes de *Iai-jutsu* e de *batto--jutsu*, desde o instante em que a lâmina se escapa fulgurante da bainha, trespassando indiferentemente a palha, a madeira, ou a carne, para subir depois ágil e mergulhar cortante como o voo do falcão, antes de regressar à saya penetrando-a lenta e suavemente, até que a tsuba toque leve e etérea no *koiguchi,* qual diáfano poiso da flor de cerejeira no solo?

Imagens da sua juventude perpassavam extraordinariamente límpidas pelos seus olhos, como se as paredes do quarto se rompessem para deixar entrar a silhueta distinta daquele monge arqueiro elevando ao céu o seu *yumi*…

- Não deveriam os músculos do karate-ka permanecer estirados e distendidos ao longo de toda a execução da técnica como os do kyudo-ka, apesar da plena e fortíssima tensão do arco?

Ecos das explicações breves do seu Mestre surgiam-lhe repentinos, como se a voz rouca de Mochizuki *Sensei* conseguisse vencer milhares de quilómetros de espaço e dezenas de anos de tempo para invadir, estranhamente nítida, os seus ouvidos…

- Não haverá forma no Karate-do, como no Aikido, do meu ki se poder fundir harmoniosamente com o *ki* do adversário até que ambos nos tornemos um único indistinto e unificado ser, para que depois eu possa conduzir e eliminar completamente o seu intento agressivo?

- Porque hão-de os movimentos de Karate-do estagnar sobre o alvo, numa espécie de kime estático, quando o correcto *kime* do *Kendo* é uma linha que se prolonga muito para além do corpo do adversário?

- Estará o Karate-do condenado a ser, para todo o sempre, o "parente pobre" das disciplinas do *Budo*?

Entretanto, contraditoriamente, enquanto ia adoptando como verdade útil a explicação racional de que deveria treinar assiduamente o francês escrito, para que pudesse subir mais alguns degraus da escada interminável dos níveis da *Alliance Française*, de cada vez que se dirigia a um marco de correio as suas mãos sentiam avolumar-se o conteúdo das cartas dirigidas ao Sul da Europa, enquanto que as que se destinavam ao outro lado do mundo pareciam emagrecer e rarear, mês após mês.

No olho do tufão das ditas "artes marciais" que assolava agora o mundo ocidental, preso no seu casulo de uma seda aveludada e leve mas mais resistente que o aço, meticulosamente tecida não por décadas, mas por milhares de anos de normas e regras de conduta minuciosas e determinadas a eliminar qualquer espontaneidade consciente do ego, Tetsuji Murakami aguardava pacientemente a sua lenta metamorfose.

E então, num dia de Setembro, o inelutável reencontro acabaria por acontecer, como nos diz Nieves, que estava destinada a tornar-se a companheira da segunda metade da sua vida [18]:

Durante dois longos e intermináveis anos, permanecemos em contacto graças ao correio até que eu atingisse a maioridade, indispensável para voltar a Paris sem a autorização dos meus pais. O reencontro deu-se no Café Cluny (evidentemente) no mês de Setembro de 1967.

Inscrevi-me no curso de civilização francesa, sempre na Alliance Française e tive a possibilidade de poder habitar na rua de Bourgogne. Este domicílio foi muito prático durante esse Inverno de 67/68, agitado por importantes greves e manifestações, porque o triângulo rua do Cardeal Lemoine onde ele habitava, a Alameda Raspail onde se encontrava a Alliance Française e a rua de Bourgogne era perfeitamente praticável a pé.

Foto 45 – Pratos típicos de Outono da cozinha japonesa

Nesse dia de Setembro ofuscado pelo brilho dos olhos virgens de quem nunca conhecera o reino dos filhos de Amaterasu, Tetsuji autorizou-se a quebrar o maior dos seus tabus: deixar a sua alma retornar às encantadoras paisagens outonais do seu querido *Nihon*. E enquanto no piso inferior o vaivém de sucessivas vagas de parisienses ia cansando as portas de ferro do velho *Café de Cluny*, os dois estrangeiros, no aconchego das cores quentes dos lustres do 1º andar, iam "provando" paladares improváveis, ao sabor de antípodas palavras, como os do peixe-espada *samma* grelhado na brasa, acompanhado por cogumelos *matsutake* e pelas inúmeras e subtis variedades de doces com que se cobrem as apetitosas castanhas assadas *kuri no yakigashi* [18]:

Foto 46 - Jardim Zen do templo Ryuanji em Kyoto

A partir dessa data começou para mim uma aventura extraordinária, a descoberta de um mundo novo: o Japão. Pode parecer difícil compreender uma relação entre uma espanhola tão jovem e um japonês Mestre em Artes Marciais, verdadeiro samurai. Penso que, no fundo, as culturas japonesa e espanhola possuem um grande número de afinidades: são países de contrastes marcados, apaixonantes e místicos. Além disso, se a esta relação se junta o amor e, se esse amor se baseia na generosidade e na confiança, a simbiose é inabalável apesar das diferenças aparentes.

Nas duas culturas coincide um traço fundamental: o respeito, o amor. Os Evangelhos ensinam-nos que o mandamento principal é o de amar o próximo. A característica tradicional da alma japonesa é o respeito para com as pessoas e a natureza. Senti a mesma paz interior no jardim zen Ryuanji de Quioto que no claustro dum Convento cisterciense.

Foto 47 – Aspecto do Templo Tofuku-ji no Outono

Nesse Outono de 1967, impelido por um acontecimento dramático – a morte de seu pai e a obrigação de participar nas exéquias fúnebres - Murakami autorizara-se finalmente a empreender a viagem que lhe iria permitir começar a desvendar o segredo do *Mestre-sombra*. Ouçamos o relato desse encontro pelas palavras de outra mulher, Chiyoko Egami, a esposa do Mestre [19]:

Um dia, um homem chamado Tetsuji Murakami veio visitar-nos apresentado pelo Sr. Ohshima. Ele tinha nascido na Prefeitura de Shizuoka e ensinava Karate em França. Um conterrâneo seu – o Sr. Mochizuki – tinha ensinado Karate em França porém, como teve de regressar ao Japão, o Sr. Mochizuki pediu ao Sr. Murakami que ocupasse o seu lugar em França.

Então ele foi para França por um breve período mas, afinal, essa estadia acabou por se tornar muito mais longa. Ele vivera inicialmente na casa de um homem poderoso nos meios do Karate francês, tal como aconteceu também com o Sr. e a Sra. Ohshima.

De acordo com o Sr. Murakami o tal francês poderoso pagava-lhe muito pouco e ele dificilmente conseguia subsistir. Ele disse-nos: "Como assinei um contrato sem ter conhecimento do que continha, isso acabou por ser a principal causa dos problemas [iniciais] que eu tive em França".

O Sr. e a Sra. Ohshima acabaram por voltar para a América e o Sr. Murakami conseguiu encontrar os seus próprios discípulos.

Mas o Sr. Murakami sentia algumas dificuldades no ensino dos seus discípulos e hesitava em

Foto 48 – Shigeru Egami com a sua esposa Chiyoko

como ultrapassá-las. Então o Sr. Ohshima disse-lhe – "Volte ao Japão e treine com o Sr. Egami". Nessa altura o Sr. Murakami decidiu voltar ao Japão.

Ele aparentava ter cerca de 40 anos, pequeno de estatura, mas muito elegante, causando boa impressão nas pessoas. O meu marido gostou bastante dele e treinou-o bastante. Ele começou a vir frequentemente a nossa casa.

"Em França" – dizia o Sr. Murakami – "o Karate não precisa de competição. Os meus discípulos, muitos deles, são pessoas de classe social alta. Por isso eu posso treiná-los tendo a minha mente serena."

No Japão do pós-guerra as pessoas equivocavam-se associando o Budo a um passado violento e isso levou-o a uma posição miserável. O Budo, todavia, tal como o Chanoyu (Cerimónia do Chá) e o Ikębana (Arranjos Florais) era tratado como uma arte profunda [uma das belas artes].

Desde os primeiros contactos com Mestre Egami, no final de 1967, Mestre Murakami ficou convencido de que esse caminho era exactamente aquele que há anos buscava [7]:

Depois de dez anos em França voltei ao Japão por dois meses, e recordo ainda hoje muito bem qual foi a minha surpresa e o abalo que senti ao enfrentar o novo método de treino que Mestre Egami estava a desenvolver. Fiquei de imediato intuitivamente convencido que existia nesse Karate tudo que eu tinha vagamente procurado e que ainda procuro. Extremamente convicto iniciei-me então gradualmente nessa via.

O Karate-do de Shigeru Egami *Sensei*

O Outro Caminho

Na mesma altura em que os líderes da JKA decidiam enveredar pelo caminho da inclusão, no Karate, das disciplinas fundamentais do conhecimento científico ocidental ensaiando, igualmente, uma aproximação à filosofia inerente à prática da competição desportiva, Egami *Sensei* decidia seguir um outro caminho, como ele próprio escreveu em 1970 [20]:

É preciso que se diga que a situação actual no ambiente do karate é de completa degradação. Sinto também alguma responsabilidade perante esta situação. Na minha juventude pensei e agi segundo uma ideia base: ser eficaz numa situação real. Por conseguinte pratiquei principalmente o combate livre, que é a forma original do actual combate de competição. Para

tornar os meus golpes de punho poderosos, treinei-me no mais rígido dos makiwara. Assim fui-me afastando do treino essencial. Não compreendo porque é que o karate continua hoje em dia a evoluir na direcção errada que era a nossa há várias dezenas de anos, contrariamente à direcção correcta. Se definirmos o karate como pura competição desportiva, nada tenho a dizer. Mas não será tempo de reflectir e redefinir o que deve ser o karate?

Esvaziar a Chávena

Percorrer a linha de pensamento de Egami *Sensei* parece-nos essencial, neste ponto da biografia de Mestre Murakami, por duas razões. Em primeiro lugar para *sentirmos* melhor o choque que Tetsuji Murakami e, mais ainda os seus alunos mais antigos, terão vivenciado na transição para o novo conceito de prática, após décadas de treino do chamado *Shotokan*. Numa segunda fase para entendermos as características próprias do método de prática preconizado por Mestre Murakami, que será abordado mais adiante.

É por esse caminho admirável mas duríssimo que convido o leitor a enveredar ao longo do presente capítulo, podendo imaginar que grande parte do que for lendo poderiam ser ecos das conversas que Mestre Murakami foi tendo com o próprio Egami *Sensei* ou com os seus alunos mais directos, ao longo das visitas ao Japão que o Mestre passou a fazer a partir de 1967.

Porém, caso não esteja familiarizado com a prática (no *dojo*) da filosofia de Mestre Egami, antes de principiar essa viagem gostaria de lhe deixar dois conselhos, em jeito de advertência prévia:

- Por favor liberte-se de preconceitos adquiridos acerca do que julga ser o "Karate".

- Se conhece pessoas que afirmam ter "dedicado a sua vida à via" do Karate, por favor reequacione o que considera ser "capacidade de dedicação" e, acima de tudo, evite fazer comparações.

Tomando como base a minha própria experiência de quase três décadas como professor de Karate-do Shotokai ouso advertir o leitor que, caso venha praticando uma outra linha de Karate há menos de 10 ou 15 anos, esse esforço de libertação de ideias adquiridas será tanto maior quanto mais anos de prática possua. Se isso lhe parece contraditório reflicta por favor no célebre *koan* do mestre *zen* que derramou chá quente sobre as mãos do seu aluno para o advertir de que a sua chávena estava "demasiado cheia"…

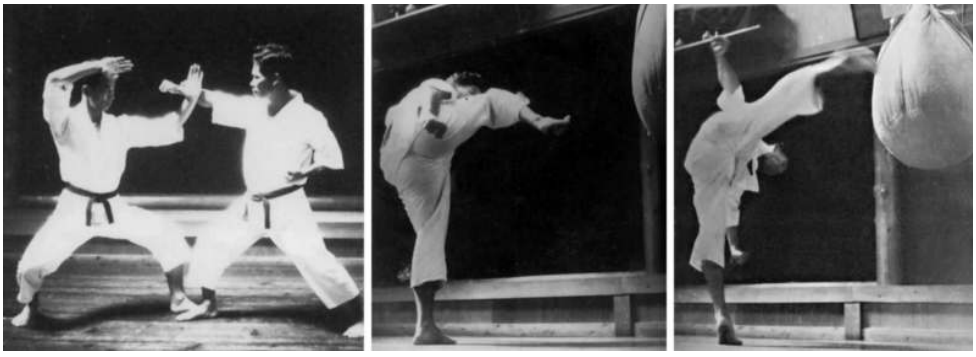
Porém, se, pelo contrário, pratica diligentemente Karate-do (seja qual for o "estilo") há duas

décadas ou mais, ou se vem praticando honestamente há já alguns anos *Kyudo*, *Iaido*, *Kendo*, *Judo*, *Aikido* ou qualquer outra disciplina tradicional do *Budo*, provavelmente muito do que encontrará nesta jornada ser-lhe-á certamente muito familiar e, provavelmente, compreenderá sem esforço as palavras de Mestre Egami.

Enraizamento e Progresso

O primeiro conceito desconcertante que teremos de enfrentar é que a dinâmica de investigação e evolução que Mestre Egami imprimiu ao Karate-do é, simultaneamente, um acto de enraizamento e quebra. Enraizamento na Tradição profunda do Karate; quebra com hábitos e tabus recentes que impediam o progresso da arte. Como teremos ocasião de ver, essa forma de progredir é comum a todas as grandes evoluções do Karate-do desde Okinawa aos nossos dias.

Shigeru Egami *Sensei* nasceu em 1912 em Omurota, na Prefeitura de Fukuoka no Japão e iniciou o seu percurso na via do Karate ao ingressar em 1931 em Waseda, tornando-se o primeiro aluno de Mestre Funakoshi nessa universidade. Desde essa altura e até à morte do seu Mestre, em 1957, ocupou sempre um lugar de primeira linha ao seu lado, em todos os percursos e evoluções do Karate-do, sendo que em 1937 já tinha sido nomeado por *O-Sensei* para o comité de avaliação técnica do *Shotokan*. Destaque particular merecem, todavia, os anos em que foi o companheiro de prática por excelência de Yoshitaka Funakoshi *Sensei* quando, também ele, precisou de fazer um idêntico percurso de enraizamento seguido de quebra, ao estudar em Okinawa, a pedido de seu pai, as raízes tradicionais do Karate para

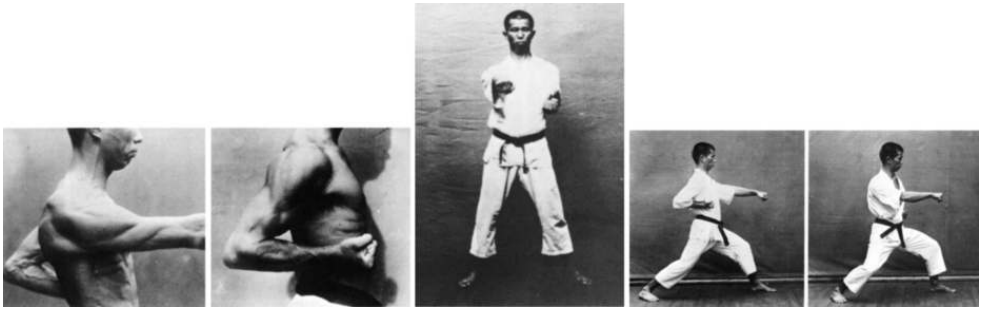


Conjunto de Fotos 49a a 49c – 49a:Shigeru Egami *Sensei* e Yoshitaka Funakoshi *Sensei* em Kumite. 49b e 49c:Yoshita Funakoshi *Sensei* executando respecivamente yoko-geri e mawashi-geri

depois quebrar com a tradição introduzindo posições longas e baixas, pontapés até então vir-

tualmente desconhecidos como o *Yoko-geri* e o *Mawashi-geri* e ajudando a criar novos *kata* como os *Taikyoku* e os *Ten-no-Kata*.

Aquando da morte de Yoshitaka Funakoshi, em 1945, o nível técnico inquestionável que atingira já o tinha tornado um modelo para os seus colegas de treino no *Shotokan*. *Escutemos* o testemunho de dois contemporâneos seus e companheiros de prática. Shozan Kubota, fala-nos sobre a bela forma técnica do seu tsuki [21]:



Grupo de Fotos 50 – Egami *Sensei* executando chudan-oi-zuki

O tsuki do Mestre Egami era magnífico. A maior parte dos alunos tomava a sua técnica como modelo.

Yukio Togawa, por outro lado, refere-se à sua prodigiosa técnica de pernas [21]:

Vi o Mestre Egami pela primeira vez numa noite, num treino no dojo. Havia dois alunos que treinavam num canto do dojo. Um atacava livremente encadeando tsuki violentamente, o outro parava cada ataque com os pés fazendo retornar os punhos do seu adversário. Mantinha as suas mãos nas ancas e utilizava com uma mobilidade surpreendente os seus dois pés como se fossem mãos. De tempos a tempos, ele esbofeteava o outro com o seu pé. Surpreendido perguntei ao meu colega de dojo: "Quem é?" Soube que era Egami. Creio que, de entre todos os alunos do mestre Funakoshi, ele era o melhor tecnicista de pés...

Finalmente, Hiroyuki Aoki, seu discípulo directo no início dos anos 60 e fundador do Shintaido, refere [22]:

Durante a Segunda Guerra Mundial Egami foi reconhecido como o melhor artista marcial do Japão pela escola de treino do exército de Tóquio.

Que razões terão então levado o tecnicista fabuloso e aluno fidelíssimo a quebrar primeiro com duas tradições aparentemente sacrossantas do Karate de Mestre Funakoshi – a forma de fechar o punho no *tsuki* e o treino com o *makiwara* – e, posteriormente com muitas outras? Quanto à mudança na forma do punho e na execução do *tsuki* a explicação de Egami *Sensei*

é clara: a forma de golpear anterior simplesmente não era eficaz! E como chegou a essa conclusão? Ele não era o tipo de pessoa que gostasse de recorrer a livrescos estudos de fisiologia ou artificiosos testes de biomecânica… Por isso decidiu usar, sobretudo no período 1946--1951, um teste terrivelmente eficaz [23]:

(...) examinei a eficácia dos tsuki recebendo até hoje no meu próprio ventre, precisamente sobre o plexo solar, várias dezenas de milhares de golpes.

Queria saber se o meu tsuki era realmente eficaz ou não, e o que seria necessário fazer para se obter um tsuki eficaz. Mas não podia experimentar noutra pessoa. Tinha apenas uma solução: convidar todo o tipo de pessoas a golpearem-me no ventre, com toda a sua força, para estudar a qualidade dos golpes. Recebi golpes de karatekas, de pugilistas, de kendokas, de judokas, etc.... O resultado desta investigação foi desolador, pois constatei que o tsuki do karate era o menos eficaz. Tive de reconhecer algo de chocante: quanto mais tempo alguém tivesse praticado karate, quanto mais seriamente o tivesse praticado, menos eficaz era o seu tsuki. A batida com maior impacto era a dos pugilistas. O que mais me surpreendeu, foi que a batida de uma pessoa que nunca tivesse praticado provocava um impacto espantoso.

Fiquei profundamente chocado com este resultado. Porquê tal resultado?

O que significaria isto? Porquê estas diferenças? O que é a verdadeira eficácia?

Donde provém a verdadeira eficácia? Teria de partir de novo em busca da eficácia do tsuki.

Para dominar a preocupação de ser ineficaz, procurei diferentes maneiras de efectuar um tsuki (…)

Constata-se, portanto, que as interrogações e investigações de Egami *Sensei* não se iniciaram com a morte do seu Mestre. Ele tinha iniciado esse percurso evolutivo com o seu companheiro de prática Yoshitaka Funakoshi *Sensei* e, após a morte deste em 1945, continuou a prossegui-lo apaixonadamente. Foi então que teve um encontro ocasional com Tadao Okuyama *Sensei* – também ele (uma década após Mestre Egami) estudante, praticante e instrutor de Karate na universidade de Waseda – que lhe abriu uma nova perspectiva [24]:

Então, em 1952 ou 1953, um antigo colega demonstrou-me uma forma extremamente eficaz de atacar. Fiquei surpreendido. A diferença não residia tanto na forma, que tinha mudado pouco, mas no conceito em si. De facto, o novo conceito quebrava todos os precedentes. Decidi-me a começar tudo de novo e praticar com este novo conceito. A minha forma de treinar alterou-se completamente: os movimentos rígidos, tipo boneco articulado, deram lugar a movimentos harmoniosos e ritmados. Só comecei a ser bem sucedido depois de meses e meses de estudo com os jovens karateca. Aqueles jovens progrediam rapidamente e era evi-

dente que eu tinha muito a aprender com eles.

E, finalmente, acaba por chegar a uma inesperada solução [23]:

(...) acabei por concluir que a técnica em karate deve comportar uma concentração. Em primeiro lugar comecei por concentrar a força fisicamente somente num ponto de impacto.

Quer na execução de ataques, quer de defesas. Comecei por concentrar a força no local de contacto com o corpo do adversário. Durante esta investigação, compreendi que a questão da concentração não se deve limitar-se às leis físicas e que o mais importante é a concentração mental.

No decorrer destas interrogações compreendi uma coisa. Até então tinha praticado karate com uma ilusão fundamental: confundia a dureza com a força e perseverava reforçar o corpo pensando obter, desse modo, mais força, mas endurecer o corpo equivale a parar o movimento. Aí estava um defeito fundamental. Comecei então por relaxar e suavizar o corpo que tinha endurecido durante tantos anos de esforço.

Decidi-me a partir novamente do zero, rejeitando tudo o que pensava ter adquirido até então. Fixei como objectivo chegar a formas e movimentos ingénuos e espontâneos como se fosse de novo um principiante. Logo que experimentei esta atitude descobri que obtinha uma eficácia muito maior. Compreendi, nesse momento, o ensinamento de Mestre Funakoshi: "Nunca se deve ir contra a natureza."

Lembrei-me então dos diferentes tsuki dos mestres. Mestre Funakoshi executava um tsuki de uma maneira tão natural, tão descontraída. Mestre Shimoda lançava o seu tsuki com leveza, mas nunca consegui defendê-lo porque o seu braço não se movia um centímetro que fosse. O terrível furi-zuki (tsuki chicoteado) de Mestre Yoshitaka Funakoshi...

Hoje em dia qualquer praticante experiente de Shotokai conhece o efeito demolidor de um *tsuki* perfurante, aplicado num único ponto com o apoio do peso e velocidade de todo o corpo e com uma total concentração mental, visando dois ou três metros para além do alvo… Essa foi uma das primeiras etapas evolutivas de Egami *Sensei*, porém uma vez chegado a esse estádio foi forçado a concluir que tinha atingido o "ponto de não-regresso"… Com efeito, assim que a forma do *tsuki* mudou e os ataques se tornaram verdadeiramente eficazes as defesas, que anteriormente se usavam, pura e simplesmente deixaram de funcionar; todo o edifício técnico construído em torno de um tipo de ataque ineficaz ruiu como um castelo de cartas. Havia que reconstruir de novo a pirâmide, desta feita com bases mais sólidas [25]:

Se o ataque do adversário não tem verdadeira eficácia, não há necessidade de defender seriamente. Nem sequer há necessidade de técnica. Já contra um tsuki verdadeiramente eficaz

há que executar uma técnica séria de defesa, de esquiva e o verdadeiro treino começa. Foi assim que pude começar um verdadeiro treino.

Egami *Sensei*, tivesse ou não plena consciência disso, "desenterrara o machado de guerra" cuidadosamente escondido pelos antigos guarda-costas do rei de Okinawa – Mestres Matsumura e Itosu – para citar só os mais famosos.

A antiga terrível técnica do *Shuri-te* aperfeiçoada em segredo ao longo de centenas de anos para eliminar em fracções de segundo, com um único golpe, não um atacante, mas sim um conjunto de agressores armados que se atrevessem a assaltar o castelo de Shuri, essa mesma técnica que Itosu *Sensei* decidira modificar e adaptar, de modo a torná-la inofensiva para os alunos da escola primária para quem o Karate agora se destinava [26], como forma de aperfeiçoamento do físico e do carácter, tinha sido revisitada [25]:

O tsuki deve ser absolutamente eficaz. Para isso, é preciso pensarmos que a nossa força atravessa até ao infinito. Toda a força deve atravessar o corpo sem ser, mesmo que parcialmente, reflectida no momento do contacto. Um verdadeiro golpe mortal é uma concentração de força num ponto. Dito de outra forma, extravasamos a totalidade do nosso ser no corpo do adversário. A eficácia muda, portanto, de acordo com o estado de espírito. Não se trata de golpear como um ladrão, que é o mais deplorável: é necessário adquirir um tsuki natural.

Resta dizer que a vivência desta aparente contradição entre enraizamento e progresso também estava bem presente no espírito do seu Mestre Funakoshi quando escreveu [27]:

Procurar o velho é compreender o novo.

"Keep the core and stimulate progress" [Manter o núcleo e estimular o progresso] dizem as modernas teorias da gestão actual…

Mas, afinal não é esse também o percurso da planta que procura a luz?

O Círculo por Fechar

Contemplando nas suas mãos a temível arma que reencontrara, uma questão aparentemente ainda mais difícil se punha agora para Egami *Sensei*: como adaptar a prática de modo a que esse *tsuki* não provocasse traumatismos graves ou mesmo fatais nos praticantes, durante as sessões de treino? As palavras que escreveu em 1970 reflectem bem esse estado de espírito [28]:

O karate é uma técnica homicida? Mestre Funakoshi ensinou-nos que em karate não se ataca primeiro e que não se deve ir contra a natureza nem pelo corpo nem em espírito.

Como se deverá comportar num *dojo* um praticante de *Kendo* a quem coloquem nas mãos a mortífera lâmina de um sabre real? Decerto não irá atacar o seu parceiro usando a lâmina como se fosse um shinai * até que alguém decida chamar uma ambulância, para não dizer pior.

A atitude vulgar de todos os Mestres de Artes Marciais, quando sentem que a eficácia das "armas", ou "golpes", que utilizam pode molestar os praticantes é a de usar "protecções", ou "armaduras" ou, então, como estava fazendo nesse mesmo momento a JKA, estabelecer "regras desportivas" reguladas por um árbitro…

Mas Egami *Sensei* não era um mestre comum. A sua intuição profunda dizia-lhe que tais protecções ou regras iriam necessariamente "deformar" a mente dos praticantes ao proporcionar-lhes uma segurança artificial contra os ataques do adversário. O seu coração dizia-lhe que tais atitudes eram contrárias aos princípios do verdadeiro *Budo*…

Contudo o problema permanecia: como fechar o círculo? Continuemos a ler o referido texto de Mestre Egami [28]:

> *(...) há mais de uma dezena de anos, quando encontrei um dos meus colegas de karate de antigamente, ele disse-me: "O quê? Continuas ainda a formar assassinos?" Estas palavras deixaram-me sufocado de surpresa. Se ele o dizia, era forçoso admitir que outras pessoas pensariam do mesmo modo. Ainda que recusasse tal opinião, tive dificuldades de me persuadir a mim próprio. Embora se diga que o karate é budo ou hyoho (arte da estratégia), que comporta um treino espiritual, não será essa apenas uma justificação hipócrita para o uso de técnicas destinadas a partir cabeças e a matar? Sempre que me via confrontado com esta interrogação, dizia para mim mesmo: "Não, não é possível... é impossível." Mas tenho de reconhecer que havia carências profundas no karate da nossa época e nas maneiras de praticar e compreender o significado dos kata.*
>
> *Atravessei períodos de angústia, de impasse, de tortura que eram uma luta sangrenta contra mim mesmo (...)*

Há um ditado japonês que diz que: "quando o praticante está preparado o Mestre aparece". Morihei Ueshiba *Sensei* pouco depois de ter obtido de Sokaku Takeda "a chave da caixa de Pandora" do Aiki-jujutsu, encontrou Onisaburo Deguchi cuja linha espiritual – a *Omoto-kyo* – abriu caminho para as dimensões mental e espiritual que lhe permitiriam, mais tarde, "fechar o círculo" criando o Aikido…

---

* Shinai: "sabre" usado no kendo, feito de lamelas de bambu para evitar ferimentos.

Foto 51 – Noriaki Inoue Sensei

Okuyama *Sensei*, o companheiro de prática de Mestre Egami em 1952, era o que se pode chamar um personagem excêntrico. Em 1950, decidira abandonar o ensino do Karate em Waseda por não concordar com a orientação da prática do seu professor – Kamata *Sensei* – e, após dois anos de meditação ascética nas montanhas de Tsukuba, decidira aderir, também ele, à corrente religiosa que inspirara os Mestres Ueshiba e Inoue – a *Omoto-kyo* – começando a praticar *Shinwa Taido*. Sentindo a angústia provocada pelo impasse a que chegara o seu companheiro de prática mais experiente e sendo incapaz de o ajudar, decidiu apresentá-lo a Inoue *Sensei*. O relato do entusiasmo desse encontro é contado da seguinte forma pela Senhora Egami [19]:

O Senhor Okuyama da universidade de Waseda que tinha vindo a trabalhar na Omoto-kyo e que estava em Tóquio como guardião do filho e herdeiro do terceiro fundador da religião, apresentou o meu marido ao Senhor Inoue. Então ele regressou a casa muito excitado e disse-me:

- "Que maravilha! Sabes? Até tremi de emoção! Tive a honra de me encontrar com Inoue Sensei".

Mestre Inoue, sobrinho do Mestre Morihei Ueshiba, era dez anos mais velho que o meu marido.

- "Lamento, mas de hoje em diante eu quero praticar Shinwa Taido. Aconteça o que acontecer eu quero aprender com Mestre Inoue. Dá-me dinheiro para as aulas, por favor!" – disse o meu marido.

Dois mil e quinhentos Ienes por mês era um dispêndio de dinheiro muito elevado mas eu acenei com a cabeça em sinal de assentimento, pois sabia que o meu marido jamais voltava atrás com uma decisão.

Foto 52 – Mestre Inoue ao centro na primeira fila, rodeado de elementos da família Egami: Chiyoko Egami é a primeira a contar da direia na fila da frente; os seus três filhos estão no extremo oposto. Egami *Sensei* é o segundo a contar da esquerda na fila de trás e o quarto, quase na obscuridade, é Okuyama Sensei

O empenhamento e dedicação à prática de Egami *Sensei* eram tais que Mestre Inoue não tardou a reconhecer o real valor do seu novo discípulo. Em 2002, num estágio em Itália em que tive a honra de treinar e falar com dois dos discípulos directos de Mestre Egami, foi-me assegurado que Inoue *Sensei* terá chegado mesmo a convidar Shigeru Egami para seu sucessor à frente do *Shinwa Taido*. Egami *Sensei* optou, todavia, por permanecer fiel ao seu Mestre Funakoshi, continuando a aperfeiçoar e desenvolver a via do Karate e não há dúvida que as contribuições de Inoue *Sensei* foram preciosíssimas e determinantes nesse processo de transformação. Retomemos então esse percurso através das palavras de Mestre Egami [23]:

(...) acabei por compreender o que é o heiho, método da paz que provém do acervo da cultura japonesa. Fui tomado por uma emoção que fez tremer de alegria todo o meu corpo quando compreendi a via do heihô, a via do método da paz. Hoje a via do karate perdeu a sua qualidade e degradou-se ao ponto de ser qualificada como "treino para matar". Devo contribuir para o redireccionar para uma verdadeira via, a via do karate; é o que nos queria ensinar o Mestre Gichin Funakoshi. Penso que essa é a minha única vocação, uma vez que sou adepto da via do karate. Heihô, o método da paz, ensina-nos a viver verdadeiramente para além da vida e da morte, vivendo uma vida verdadeiramente magnífica.

Como deverá ser o karate-do como método da paz, heiho? Como devo agir para transformar qualitativamente a técnica de combate no método da paz? Como conceber as técnicas do corpo? Como deverei abordar as questões espirituais? Treinei dia após dia, investindo toda a minha vida no enfrentar destas questões. Treinei sacrificando a minha vida a fim de ultrapassar em cada dia o treino do dia anterior. Vivi intensamente dia após dia sem me ocupar o pensamento com o dia seguinte, retendo o meu pensamento no aqui e agora.

Graças ao Mestre, aos meus antecessores e aos meus alunos consegui aproximar-me das técnicas que procurava. Se alguém me perguntar: "Continuas a formar assassinos?", posso responder "Não!", com convicção. Conheço claramente a direcção pela qual devo avançar até consumir toda a minha vitalidade.

Nestas palavras reconhece-se já, claramente, como muito bem notou Kenji Tokitsu *Sensei* * a influência dos ensinamentos de:

- Morihei Ueshiba *Sensei*; "O fundamento do Aikido é o Amor";

- E de Noriaki Inoue *Sensei*: "É preciso captar a energia unificadora do universo".

A Transmissão da Mensagem

Tal como outros alunos de Funakoshi *O-Sensei*, Shigeru Egami *Sensei* procurou fazer evoluir a arte do seu Mestre, mas com a responsabilidade acrescida de ter sido investido como seu sucessor pela própria família Funakoshi.

A grandeza do seu espírito levou-o a recusar as soluções artificiosas dos seus contemporâneos: mantendo as mãos vazias de postiços e protecções, e a mente livre de regras arbitrárias, investigou com todas as forças do seu corpo, com toda a chama do seu coração e da sua intuição, e não receou abraçar os aspectos espirituais, quando sentiu essa necessidade. Face à nobreza dos seus objectivos os grandes Mestres da sua época abriram-lhe as portas dos seus *dojo* e a sua extrema humildade, qualidade louvável e raríssima, permitiu-lhe aprender, também, com os companheiros de prática mais jovens.

* Tokitsu Sensei, actualmente um dos profundos e respeitados historiadores do Karate, deparando-se com a genialidade da contribuição de Shigeru Egami para a transformação do Karate-do num verdadeiro Budo, decidiu reabilitar o seu legado na obra *Histoire du Karate-do*, até aí quase ignorado fora do âmbito da Shotokai.

Para tal sacrificou ao extremo o seu bem-estar e o da sua esposa e filhos. Recusou os confortos que a riqueza da sua família de origem lhe proporcionariam, decidiu não usar a licenciatura de nível superior obtida na universidade de Waseda para obter um emprego de topo, dedicando a integridade da sua vida ao desenvolvimento do Karatedo [28]:

Após esta etapa comecei a desbravar por mim mesmo um novo caminho e a segui-lo. A dificuldade e a dureza desse trabalho excedem qualquer expressão. Tive várias vezes o desejo de abandonar e de me desviar dessa via. Tratou-se de um trabalho no qual investi toda a minha vida. Tudo o que posso fazer agora é rectificar, indicar às pessoas jovens o cume da montanha e mostrar-lhes como traçar um caminho. É necessário confessar que estou um pouco fatigado deste trabalho. Não posso mais rivalizar com os jovens. O meu desejo é que avancem mais longe que eu...

Foto 53 – Da dirª para a esqª: 1º - Egami Sensei; 2º - Okuyama Sensei; 5ª - Chiyoko Egami, a esposa do Mestre. Hospital Keio

Egami *Sensei*, de facto, avançou tanto e com tal dedicação que acabou por levar a sua energia vital até muito próximo do completo esgotamento. Em 1956, quando se sentia preparado para formar uma geração de sucessores que permitiria dar continuidade ao seu trabalho, adoeceu gravemente e teve de ser submetido a uma delicada operação ao estômago. Dois anos depois, quando parecia ter recuperado um pouco, teve de ser sujeito a uma segunda operação. Estas intervenções limitaram fortemente a sua capacidade de demonstrar na prática o que aprendera [29]:

Tendo perdido a energia de que antes tanto me orgulhava, deixei de poder praticar karate. Mais séria, ainda, foi a dificuldade que passei a ter em poder viver a minha vida normal. Olhando para trás, para esse tempo em que mergulhei no mais absoluto desespero, vejo-o como o pior período da minha vida. Mas então lembrei-me das palavras de Gichin Funakoshi, que assegurava que "a prática do karate deve ser tal que possa ser praticado por todos, tanto velhos como jovens, tanto mulheres e crianças como homens".

Com isso em mente, resolvi ver se poderia praticar apesar de estar numa tão delicada condição física. Os resultados foram encorajadores, pois descobri que poderia fazê-lo desde que escolhesse cuidadosamente certos métodos. Tendo obtido sucesso decidi-me a devotar o resto da minha vida à prática do karate.

Cerca de uma década após a minha segunda operação ao estômago sofri um ataque de coração, o qual me deixou num estado muito precário, pairando literalmente entre a vida e a morte. Tive a sorte de recuperar, mas nos três ou quatro anos seguintes a minha energia física ficou reduzida à de um bebé recém-nascido.

Foi precisamente no Outono de 1967 – quando Egami *Sensei* estava em recuperação desse terrível ataque cardíaco – que Murakami *Sensei* teve o primeiro encontro com o Mestre dos seus anos de maturidade.

Cabe perguntar: atendendo à precária condição física de Mestre Egami como lhe terá sido possível captar a sua mensagem técnica?...

A questão da transmissão do conhecimento e da sabedoria de Egami *Sensei* para o seu discípulo Murakami parece, com efeito, complexa se atendermos à distância que os separava no dia-a-dia. Mas pode ser melhor perceptível se considerarmos quatro factos importantes.

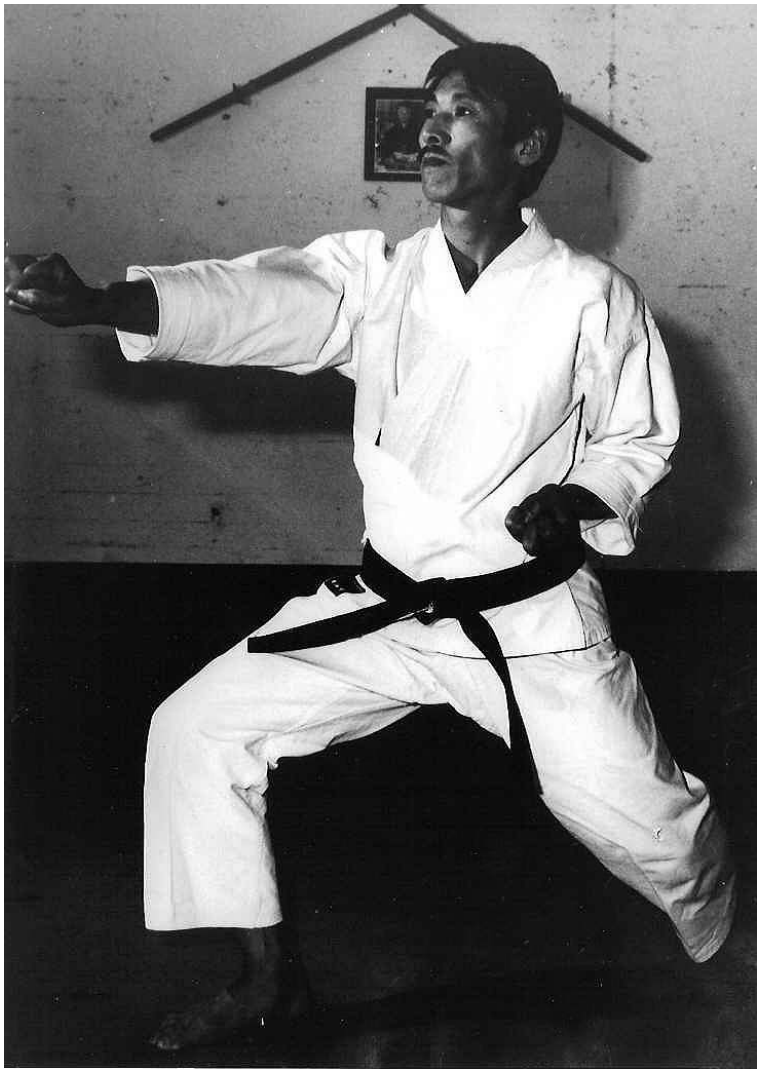


Foto 54 - Mestre Murakami, pouco depois de ter aderido ao trabalho Shotokai

Em primeiro lugar convém lembrar que, em 1967, Murakami *Sensei* não era um principiante; tratava-se de um karateca excepcional com 20 anos de prática duríssima e ininterrupta e 10 anos de experiência de ensino, com resultados mais do que atestados pelos milhares de alunos que o seguiam por toda a Europa. Um desses alunos – Manuel Ceia – que com ele treinou em Paris desde 1965, refere alguns pontos técnicos importantes que demonstram que o Karate de Tetsuji Murakami, mesmo antes do seu primeiro contacto com Mestre Egami, não estava longe da linha de evolução traçada por Funakoshi *O-Sensei* e seu filho Gigo Funakoshi [30]:

O shotokan praticado por Mestre Murakami era muito diferente do da JKA, trabalhava-se em descontracção, peso na perna da frente, pés praticamente numa linha e posições baixas, sim, já na altura era assim. Durante algum tempo treinei com as mãos abertas para perder a contracção, numa outra altura todos praticaram tzuki com as falanges do indicador e do médio saídas, sem fechar completamente a mão só com tensão no polegar e no dedo mindinho, também para impedir a contracção.

Não menos importante era a forte afinidade pessoal que o unia a Mestre Egami: ambos tinham uma força de carácter inabalável relativamente aos seus princípios, renunciando a tudo para seguir o que a própria consciência lhes ditava; ambos tinham sido formados originalmente na linha ortodoxa do *Shotokan* tornando-se tecnicistas fabulosos; ambos tinham procurado (abnegadamente, ultrapassando cada um dos limites da condição humana) dar continuidade ao trabalho de Mestre Funakoshi; e, finalmente, ambos tinham sido fortemente influenciados pela arte genial de Mestre Ueshiba através de discípulos directos e de primeira linha – Inoue *Sensei* e Mochizuki *Sensei*.

Em terceiro lugar há que levar em conta que, apesar da distância geográfica que os separava, a relação Mestre / discípulo foi assegurada não só pelas visitas que Mestre Murakami fez a casa do seu Mestre no Japão, mas também pelas inúmeras cartas que Egami *Sensei* lhe escrevia, conforme nos relata a sua esposa [31]:

O Sr. Murakami disse que queria expandir o Karate em Paris. A sua dedicação ao Karate cativou o coração do meu marido e começou a treiná-lo. Quando estava no Japão ele veio a nossa casa muitas vezes praticar. (...) Depois do Sr. Murakami ter regressado a Paris o meu marido começou a transmitir-lhe ensinamentos por carta, tal como outrora tinha feito com o Sr. Harada, e de tal modo o fez que a quantidade de escritos daria certamente para produzir um livro sobre Karate.

Por último convém frisar que, nesta concisa viagem ao longo dos caminhos percorridos por Egami *Sensei*, deixámos por visitar a década de 1957-1967, quiçá a mais frutuosa no que respeita à consolidação do seu método de prática e a mais activa em termos pedagógicos não só como instrutor-chefe do *Shotokan* (*Honbu-dojo* da *Shotokai*) que ajudou a reconstruir, mas também em muitos outros *dojo*, formando directamente pessoas que se tornaram elas próprias referências incontornáveis do Karate-do.

Ao longo dessa década um riquíssimo caleidoscópio de interpretações (algumas delas surpreendentemente díspares) tinha frutificado a partir das sementes que Egami *Sensei* foi lançando pelos *dojo* onde ensinou. Murakami *Sensei* teve ocasião de conhecer, privar e praticar com muitos desses discípulos sendo que cada um deles mereceria, sem sombra de

dúvida, que a sua vida e obra fosse relatada num livro com dimensão muitíssimo maior que a desta modesta obra; não sendo porém, possível fazê-lo aqui, convido o leitor a que conheça num breve relance (no Capítulo 11), a forma como interpretaram – cada qual a seu modo – a vastidão da mensagem de Mestre Egami *.

Após o primeiro contacto directo com o Mestre e os seus seguidores directos, Tetsuji Murakami *Sensei* foi tentando, com a meticulosidade e critério que sempre o caracterizaram, incorporar no seu método, paulatinamente, os princípios que ia apreendendo.

Até que ponto terá obtido sucesso nessa odisseia evolutiva em grande parte solitária?

Talvez que a resposta a esta questão tenha sido dada por uma pergunta que o Mestre lhe fez à queima-roupa, em Junho de 1976 em Paris conforme nos conta o próprio Murakami *Sensei* [7]:

Um dia, durante a estadia de Mestre Egami na Europa, ele perguntou-me: "Quando é que «roubaste» o meu Karate?" Esta pergunta foi brutal – eu jamais teria pensado ter o talento necessário para o fazer. Por conseguinte, após ter hesitado ligeiramente, tentei responder-lhe: "Sim. Imitei simplesmente o seu Karate…" O Mestre interrompeu-me explicando: "Ah! Sim, sim. Já não está mal porque tudo começa pela imitação". E explicou-me o seu novo método de treino.

Desde esse dia, tive dúvidas sobre a minha capacidade para sair da simples imitação do meu Mestre. Aliás comecei a interrogar-me desde quando o teria começado a imitar em França. Foi em 1967, regressado de uma estadia de dois meses no Japão, que comecei a procurar este novo Karate. A minha pesquisa era um tactear nas trevas, cercado de objectos muito frágeis: não sabia de forma alguma em que direcção começar. De início sentia muita inquietação porque deveria provavelmente procurar durante muitos mais anos, e depois… o que iria eu encontrar? E se depois me apercebesse de que isso não era bom!? O que faria?

Ainda assim, depois de ter reflectido bem, decidi apostar nesta ideia. Porque senti vagamente que, neste Karate, se encontrava algo que eu próprio estava à procura.

---

* O leitor mais interessado em aprofundar o estudo dos ensinamentos de Egami Sensei poderá ainda ler, para além de um conjunto de artigos que escreveu para o Rakutenkai e que têm vindo a ser aqui citados, os diversos textos que foram, com a ajuda dos seus discípulos, compilados em duas obras de referência para toda a comunidade do Karate do a nível mundial: "The Way of Karate. Beyond Technique", e um livro dedicado aos instrutores e publicado apenas em língua japonesa "Karate-do para o Especialista".

Viajar por mar e não temer
nem serpentes marinhas, nem dragões
eis a coragem dos pescadores.
Viajar por terra e não temer
nem tigres nem rinocerontes
eis a coragem dos caçadores.
Quando as lâminas nuas se entrechocam
considerar que a morte é como a vida
eis a coragem dos guerreiros.
Saber que o infortúnio tem o seu tempo
e o sucesso a sua hora
e sem medo permanecer em plena catástrofe
eis a coragem do sábio.

Tchouang Tseu

Capítulo 6 A Coragem de Mudar (1968-1969)

Remando em contracorrente

Foto 55 - Tetsuji Murakami Sensei

No final de 1967, dez anos exactos passados desde que rumara a França com destino à primeira grande mudança da sua vida, Tetsuji Murakami regressava ao além-mar, destacando-se, no átrio do aeroporto, das centenas de conterrâneos pelo elegantíssimo fato de corte italiano irrepreensivelmente composto.

Antes de entrar no corredor que conduzia ao avião, deixara apagar o rotineiro cachimbo, preferindo encher profundamente os pulmões como se quisesse sentir, por uma última vez, o aroma húmido dos primeiros dias do Inverno japonês, suspenso no ar frio que sibilava nostalgicamente pela fresta da janela entreaberta.

Ao ingressar no enorme pássaro de metal sentia-se já não um indomável *ronin* mas de novo um samurai que jurara, solene e interiormente, absoluta dedicação para o resto da vida ao seu Mestre.

Pela pequena escotilha do avião, vendo fugir para longe as serras escarpadas do seu querido Dai-Nihon, voltavam-lhe à memória num calafrio os ventos de mudança que dez anos antes lhe tinham fustigado de forma tão cortante a alma, e num torvelinho, impunham-se-lhe ao costumeiro e felino instinto dorminhoco.

O percurso técnico do *Dojo* Central *Shotokan*, que Egami *Sensei* vinha magistralmente desbravando, era sem dúvida o caminho que o seu coração lhe impunha, mas ainda que sentisse um sereno bem-estar por ter encontrado um Mestre que ultrapassara todas as expectativas

criadas ao longo de anos de relatos de Ohshima *Sensei* e Harada *Sensei*, ainda que ansiasse por dar as boas novas aos seus discípulos mais directos, hoje já amigos de longa data – Fonfrède, Hsu, Tam, Quang, Touchard, Shiffelers, Campolmi, Jokkanovic, ... – inquietava-se com a reacção dos alunos desses seus alunos às "novidades"...

No Japão tinha dito ao seu Mestre, com verdade, que muitos dos seus alunos europeus eram pessoas educadas que não buscavam no Karate uma forma de afirmação pela competição, mas sim algo de mais elevado – e que muitos deles tinham compreendido e mesmo abraçado o conceito de "Do", buscando crescimento e desenvolvimento pela via do Karate.

Mas os conceitos de *Budo*, *Heiho*, *Ki*, que Egami *Sensei* defendia – que já moravam no seu coração desde os tempos da colecção de armaduras de samurai e que depois cultivara e desenvolvera com Mestre Mochizuki no *Yoseikan* – soavam desactualizados e anacrónicos na Europa do final dos anos sessenta. O Mundo tinha os olhos virados para a conquista da Lua e do espaço. A Natureza, parecia finalmente vergar-se à racionalidade do homem e os grandes cientistas tinham ganho um estatuto de semideuses. Por todo o lado todas as actividades ditas "desportivas" estavam a ser diligentemente catalogadas pelas instituições e pelos *media* em secções estanques. O karate, deveria ser devidamente arrumado ao lado do boxe e das várias formas ocidentais de luta. Doravante passaria a ser mais um dos "desportos de combate". Aliás a frase "arte marcial" tinha conotações negativas. Quando alguém decidia aprofundar a raíz desses misteriosos termos acabava por descobrir imediatas associações ao *Bushido* – o código de honra samurai – que, na memória colectiva do público europeu, ainda estava directamente associado a reminiscências sombrias e violentas, como a dos pilotos *kamikaze*.

Não duvidava da fidelidade, dedicação e determinação dos seus discípulos mais directos, e também estava seguro de que a eficácia técnica que experimentara directamente no Japão seria para eles um estímulo seguro para impulsionar a mudança que se impunha. Mas, perguntava-se: "Até que ponto serão eles capazes de transmitir essa mensagem aos seus alunos, e aos alunos dos seus alunos?"

Afinal para todos os que se tinham habituado a associar o nome "Murakami" à rigorosa técnica *Yoseikan*, certas imposições de Egami *Sensei*, como a abolição pura e simples do chamado "combate livre", prática a que, até aí, nunca se recusara contra quem lho pedisse (e, que, aliás executava peculiarmente com a mão direita atrás das costas, presa no cinto) poderiam não ser bem acolhidas por todos...

Infelizmente as incertezas que sentira no decurso dessa viagem viriam a confirmar-se ainda piores do que poderia esperar.

Ao longo do ano de 68, e sobretudo em 1969, as mudanças que Murakami efectuou na sua

técnica não foram grandes. No rio do *Budo* ele apenas subira um metro na direcção da fonte. Todavia, no mesmo período, a força da corrente tinha arrastado tudo e todos por quilómetros no sentido do grande oceano da competição desportiva.

Itália – Reacção Negativa

O custo inicial da sua decisão foi elevadíssimo, sobretudo na Itália, onde milhares e milhares dos seus alunos se rebelaram:

- "O quê? Acabar com o kumite livre? Com o kime em contracção no final do movimento? Mudar a forma do sacrossanto punho tão arduamente calejado pelo *makiwara*?... E logo agora que essas veneráveis verdades estavam precisamente a ser confirmadas pelos exímios Mestres da JKA – Kase, Enoeda, Kanazawa, Shirai?..."

Em consequência da enorme expansão que o karate conhecera ao longo dos anos sessenta, naquele país no final da década contavam-se por milhares os seguidores de Mestre Murakami, mas a influência da JKA, sobretudo com Mestre Shirai, começava a sobrepor-se. Mauro Ferrini, refere-se a esse período da história do karate italiano, nos seguintes termos [8]:

(...) o Mestre T. Murakami foi o primeiro Mestre Japonês de Karate a divulgar esta disciplina na Itália, e era o único, pelo menos até 1965.

Entre os alunos de Vladimiro Malatesti [o pioneiro que chamou Mestre Murakami a Itália] estavam: Pier Luigi Campolmi, Dino Piccini, Francesco Romani, Bettoni e Brogi, que foram fundadores da primeira Federação Italiana de Karate, a FIK,

Após 1965, deu-se uma difusão massiva do Karate, juntamente com uma longa série de divisões, e assistiu-se ao nascimento de muitos grupos e organizações; o grupo que conseguiu ser mais numeroso a nível nacional foi aquele do Mestre Hiroshi Shirai.

Muitos praticantes mais velhos, que depois fizeram a história comercial do Karate italiano, seguindo outros mestres (como Shirai, Kanazawa, Kase, Miura, Enoeda, Nambu, etc.) foram quase todos alunos do mestre Murakami.

Posso afirmar que a figura do Mestre Murakami foi central e determinante para a difusão do Karate na Itália, independentemente do escasso grupo de praticantes que o seguiu na sua evolução na escola Shotokai de Shigeru Egami.

(...) em relação ao número de clubes que haviam seguido o Mestre Murakami até então, que podiam já contar milhares de praticantes, somente pouquíssimos o seguiram, e cito em particular Pier Luigi Campolmi, meu amigo e co-fundador da MKI, Paolo Giuntoli de Viareggio e Vero Freschi de Forlì.

Bélgica, Suíça e Jugoslávia – Reacções Neutras

Na Jugoslávia, os estágios sob a orientação de Mestre Murakami continuavam "interditos", mercê das influências institucionais dos irmãos Jorga que preferiam a presença de Mestres da JKA.

Por contraste os grupos Suíço e Belga continuaram fiéis ao seu Mestre no período de transição técnica para o trabalho de Mestre Egami. Mas há que reconhecer que o número de praticantes nesses dois países não era muito elevado.

O Grupo de Paris – Reacções Díspares

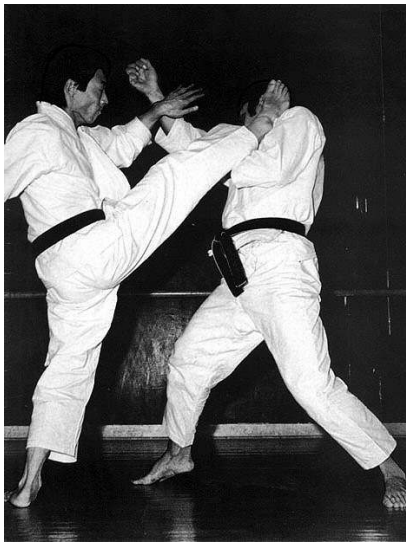


Foto 56: Mestre Murakami (à esquerda) contra-atacando em Mae-geri face a um ataque de Michel Hsu

E quanto aos seguidores de longa data, que residiam nos arredores de Paris, qual foi a sua reacção?

Na verdade debatiam-se com um grande dilema: sabiam que a interiorização das mudanças técnicas implicava um trabalho diligente e continuado, uma dedicação física e mental que só poderia ser atingida através de longas horas de prática no *dojo*, em contacto directo com o Mestre. Contudo, como realizar esse objectivo quando os seus próprios alunos requeriam a sua presença como instrutores nos *dojo* onde ensinavam? Para um professor que já tinha na altura atingido um certo sucesso e estatuto, dar menos atenção a clubes repletos de praticantes para voltar a ser apenas um humilde aluno, não soava bem. Escutemos a opinião de Patrick Herbert sobre este tema [8]:

JP – Então em França há duas gerações claramente distintas: a primeira que incluía Fonfrède, Hsu, Tam, Quang, Touchard, e uma segunda geração onde tu te incluis...

PH – Sim, e nós fomos a primeira geração que fez apenas Shotokai. Todos os outros, mais antigos tais como o Tam, o Quang, etc., tinham feito Shotokan… E eles entenderam a passagem Shotokan – Shotokai como uma transformação técnica. Mas, na ideia do Mestre, a transformação tinha de ser interior, uma mudança de psicologia. E eles não perceberam essa mudança.

JP – Algo de semelhante aconteceu também com o Mestre Ueshiba. Há claramente duas gerações, porque no momento em que um Mestre muda o trabalho ao qual os seus discípulos estão habituados, é por vezes mais difícil para os alunos do que para o Mestre essa mudança...

PH – O problema é que todos esses antigos tinham clubes, quando ele mudou, e como tinham de se ocupar desses clubes treinavam bastante menos.

JP – Portanto não tinham muito contacto com o Mestre.

PH – Sim, e era difícil para eles, mesmo violento. Eles treinavam pouco e quando vinham treinar "apanhavam", porque não executavam as técnicas como o Mestre queria, e isso enervava-o a ele e aos alunos.

JP – Então havia pessoas que mantinham uma atitude mais conservadora, mesmo em Paris, mesmo em França. Será que não queriam mudar?

PH – Eles queriam, mas eram obrigados a uma mudança violenta enquanto que os outros tinham oportunidade de ir apercebendo a mudança suavemente. E quando não conseguiam isso enervava-os muito.

Apercebendo-se da gravidade deste problema Tetsuji Murakami tomou, uma série de medidas que pretendia funcionassem em simultâneo: por um lado redobrou de esforço na realização de estágios de fim-de-semana nos clubes situados em Paris e arredores e dedicou-se à fundação e desenvolvimento de outros *dojo* fora da região parisiense, tais como Lyon, Toulouse, Marselha, Grenoble e Nancy; por outro lado incentivou os instrutores mais *antigos* que residiam na zona de Paris a participar em aulas especiais que decorriam no *dojo* de Mercoeur fora dos dias úteis, sobretudo aos Sábados. Mas subsistia o problema da transmissão das evoluções técnicas aos alunos mais distantes: Italianos, Suíços, Jugoslavos…

A morte e a vida, a existência e a inexistência,
O sucesso e o infortúnio, a abastança e a pobreza,
A virtude e o defeito, a sabedoria e a ignorância,
O elogio e a repreensão, a sede e a fome,
O calor e o frio, seguem-se,
Transformam-se incessantemente e formam o destino.
Do mesmo modo, dias e noites sucedem-se sem que se possa saber desde quando.
Mas todos estes acontecimentos não devem perturbar
Nem o corpo nem o espírito:
Basta que guardemos, dia após dia, a calma,
Que vivamos em paz com os outros,
Que nos adaptemos às circunstâncias e que, assim,
Desenvolvamos os nossos dons naturais.

Tchouang Tseu

Capítulo 7 Sérignan e Portugal – Paradigmas de uma Nova Era

Como vimos, apesar de todas as diligências de Murakami *Sensei* para manter a coesão do Grupo, foram aos milhares os alunos que por toda a Europa abandonaram o seu caminho, talvez não tanto porque a forma técnica passasse a ser radicalmente diferente, mas porque o apelo do karate desportivo se tornava cada vez mais forte.

Todavia, como veremos seguidamente, houve um país que marcou a diferença e que, deu ao Mestre um reconfortante sinal positivo de que, afinal, uma boa poda associada a um profundo enraizamento pode fortalecer a árvore e vir a dar frutos em qualidade e abundância inesperadas...

E, praticamente em simultâneo - buscando inspiração na tradição do *Budo* de realizar um *Keiko* no rigor do inverno e outro no pino do verão - teve uma ideia que havia de revelar-se brilhante: criar um estágio que coincidisse com as férias de Verão, estrategicamente situado num local tão próximo quanto possível do centro geográfico dos vários países onde ensinava, e que fosse aprazível e economicamente acessível a todos os instrutores, praticantes e respectivas famílias. Existiria um lugar assim?...

Sérignan – a "Meca" da Murakami-kai

Foto 57 - Mestre Murakami liderando um dos estágios de Sérignan

Foto 58 - Mestre Murakami num dos estágios de Sérignan

A resposta é hoje bem conhecida não só por todos os alunos directos de Murakami *Sensei*, mas também por muitos outros que, nunca o tendo conhecido, mesmo assim participaram e continuam a participar nesse lendário estágio rumando, em cada Verão, para o agradável parque de campismo de Sérignan-plage na costa mediterrânica de França.

Desde a primeira edição – em Agosto de 1969 – Sérignan passou a ser uma espécie de "Meca" da Murakami-kai, romaria de milhares de quilómetros para todos aqueles que se desejavam submeter voluntariamente a uma inolvidável e duríssima experiência, constituída por duas semanas completas com quatro ou mais horas de treino por dia, uma sessão às 7h da manhã e outra pela tardinha, às 17h. Murakami *Sensei*, usava essa "prova de fogo" não só para testar a resistência e a força de vontade dos seus alunos, mas também para derreter defeitos e apurar virtudes, numa espécie de alquimia colectiva, na boa tradição japonesa do *Shugyo* *.

* Prática tradicional japonesa destinada a testar/ultrapassar os limites fisicos e mentais.

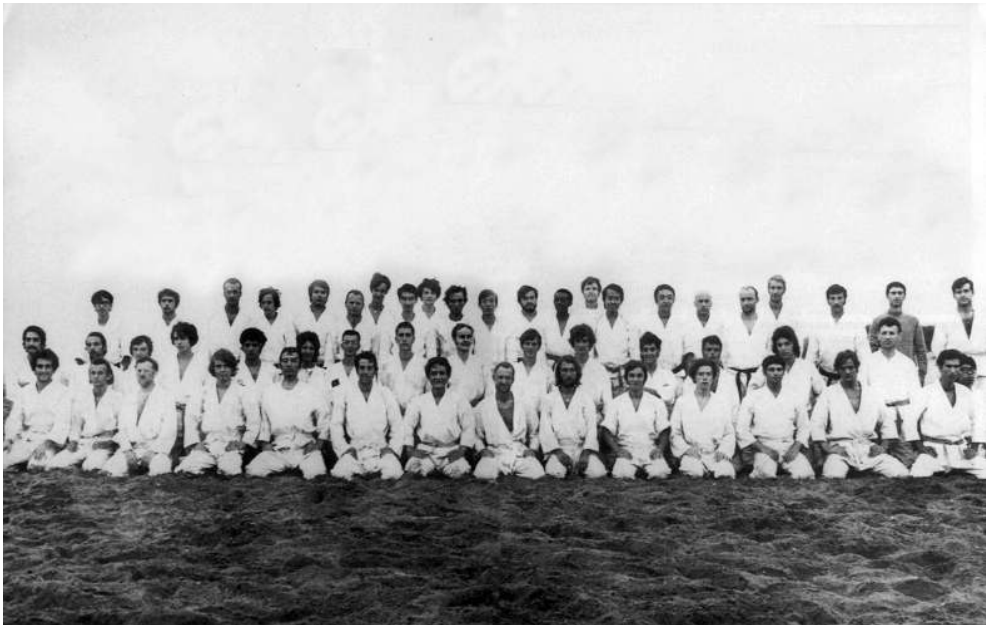


Foto 59 – Conjunto de participantes no segundo estágio de Sérignan Plage, Agosto de 1970. Na fila de trás a contar da direita: 2º – Mário Rebola (Portugal); 4º – Samuel Däppen (Suíça); 6º – Jacques Fonfrède (França); 7º – Michel Hsu (França); 12º – Mestre Murakami; na mesma fila a contar da esquerda: 1º – Bui Xuân Quang (Vietnamita residente em França); 2º – Silver Weber (Suíça); 3º – Lionetti (França). Na fila central a contar da esquerda: 1º – Fernando Neto (Portugal); 2º – José Pascoalinho (Portugal). Na fila da frente a contar da esquerda: 3º – Vernon Bell (Inglaterra). Manuel Ceia de Portugal também estava presente mas não é visível porque foi o autor da foto

Escutemos o relato de dois participantes no estágio de 1970. Mário Rebola, depois de uma atribulada viagem Portugal-França, passando por Paris, Marselha e Béziers, chegou finalmente a Sérignan já de noite, vendo-se forçado a instalar o seu colchão insuflável numa zona lateral da tenda do Mestre, pois que os seus conterrâneos residentes em França – Ceia e Neto – ainda não tinham chegado com a tenda comunitária que tinham prometido levar [32]:

No dia seguinte, foi o calvário. Duas horas, às sete da manhã, mais duas às cinco da tarde, de treino sobre a areia, depois de uma noite de total incompatibilidade com os refegos do colchão.

O que me valeu foi que a vida ao ar livre, o descanso na praia, nos intervalos dos treinos, e o recolher "obrigatório" até às 22.00h serviram de compensação física ao desgaste dos treinos somado às noites mal dormidas.

Enfim, nesse dia chegaram os restantes componentes da equipa portuguesa, com a "vivenda", que foi montada no melhor espaço disponível dum chão de terra dura, rivalizando em ondulações com o famigerado colchão.

As refeições eram tomadas no restaurante do parque de campismo, a um preço especial para o grupo de Karate, se não me engano a 10 francos por refeição. O preço, claro, influía bastante na qualidade e, assim, a salsicha tinha muita saída como elemento fornecedor de proteínas.

No segundo dia de estágio às 7h da manhã, dos quatro elementos da delegação portuguesa finalmente reunida, apenas um – José Pascoalinho – se levantou a tempo de chegar ao aquecimento a horas, de modo que às 7 horas e 3 minutos um francês dirigiu-se a correr, todo sorridente, para os retardatários, informando-os gentilmente [32]:

"O Mestre pede-lhes que façam toda a praia em canard... Chegaram atrasados!"

Medimos a distância... uns 150 metros!...

"Para pequeno almoço não está mal...", alguém arranjou coragem para dizer.

Foto 60 - Mestre Murakami em Sérignan, 1985

Quando pensavam ter terminado a inumerável sucessão de *usagi-tobi* que Murakami *Sensei*, no seu francês muito especial, resolvera apelidar de "sauts de canard" – ou seja, "saltos de pato" – a voz do Mestre fez-se ouvir de novo, lá ao fundo, como nos conta Manuel Ceia [30]:

(...) ao chegar ao fim levantei-me olhando para aquele grupo minúsculo lá ao fundo e pensei, "finalmente", quando notei que Mestre Murakami nessa mesma altura me gritava algo, agitando o braço, e que para meu desespero se revelou ser, "Ceia, pour revenir aussi" (Ceia, para voltar também). Se alguma vez me tivessem dito que seria capaz de o fazer não o acreditaria, mas sucedeu e o que parecia um "castigo" transformou-se uma vez mais num treino para ultrapassar os meus limites.

E para que a reprimenda fôsse absolutamente inesquecível, Rebola conta-nos o que aconteceu quando retornaram ao grupo que prosseguia o seu aquecimento [32]:

Quando terminámos, amarelos e de língua de fora, respirámos de alívio e, cheios de confiança, aproximámo-nos dos outros para prosseguir a ginástica.

Foi nessa altura que o francês peculiar do Mestre se fez ouvir de novo, para nos dizer, num tom em que lobriguei uma sombra de ironia: - "Bom, agora vão fazer os saltos de coelho da ginástica". Entre dois troncos de árvore que serviam de marcos, no meio da praia, enquanto trotávamos sobre a areia, íamos pensando nos cerca de 60 metros extra que tínhamos de percorrer e nos inconvenientes que, por vezes, a auto-disciplina tem.

Foto 61 - Mestre Murakami executando um fabuloso Yoko-geri em Sérignan, 1985

E prossegue [32]:

Hoje, à distância, posso dizer que só tive boas recordações, embora, na altura, tenha tido alguns dissabores.

Foi o estágio em que Michel Su passou, sem exame formal, a 3º Dan, a mais alta graduação até aí atribuída pelo Mestre. No final dos exames, quando divulgou os resultados, limitou-se a dizer, como quem se lembra de qualquer coisa sem importância: "Ah! Et puis, Michel Su, 3ème Dan!"

Foi o estágio em que, pela 1ª e única vez na minha vida, fiquei KO, enrolado no chão, como resultado de um ataque "distraído" que fiz ao Mestre Murakami, num treino de irimi. O Mestre antecipou o meu ataque atingindo-me em pleno plexus, deixando-me a estrebuchar,

enquanto o Michel me dizia, em jeito de consolo irónico: "Ah!, pois, isso acontece de vez em quando".

*Foi também o estágio em que mais cintos negros, entre os quais eu próprio, ficaram temporariamente inutilizados por uma técnica até então desconhecida, na prática do irimi : joelhada ao grande femural, que causava o que é vulgarmente conhecido por "paralítica". O autor dessa técnica, que ainda hoje ninguém executará tão eficazmente, era um cinto castanho, que, após ter "posto na prateleira" uns 4 ou 5 de nós, foi cognominado "l'abîme ceintures noires" *.*

* Abîmer = danificar, estragar, arruinar.

Murakami-kai – Forjando uma Identidade de Grupo

Sérignan veio permitir, por outro lado, que nas longas horas entre treinos surgissem momentos de descontracção e convívio entre os líderes e praticantes dos vários países da Europa que, desde então passaram a forjar fortíssimos elos de ligação internacionais.

Foto 62 - O logótipo da Murakami-kai, usado a nível europeu, foi inspirado nos dois kanji que compõem a palavra karate (o superior "kara" significa "vazio" e o inferior "te" significa "mão")

Graças a esses quinze dias anuais de calvário e convívio, o *conjunto de escolas* espalhadas pela Europa, cujo único denominador comum até então mais não fora que a presença periódica de Mestre Murakami nos estágios, tornava-se um *verdadeiro grupo* de Karate-do Shotokai com uma identidade própria tão acentuada que, ainda hoje, mais de 35 anos após a primeira edição e volvidas que são duas décadas após o falecimento de Mestre Murakami, continua a ser local de encontro, na mesma data, de praticantes de Shotokai de toda a Europa. Esse grupo que se auto-denominou *Murakami-kai* passou a identificar-se a nível europeu com um logótipo único que muitos passaram a usar no *karate-gi*. E todos os *karate-deshi* passaram a possuir um pequeno passaporte, praticamente igual em todos os países onde o Mestre ensinava, onde eram assinalados os estágios em que participavam e as datas das graduações que obtinham.

Portugal – Tempos de Cisão e Decisão (1969-1971)

A leitura do título deste capítulo em que se afirma que Portugal, tal como Sérignan, se tornou um Paradigma da Nova Era da Murakami-kai, poderá induzir no leitor a ideia que a vinda de Murakami *Sensei* a Portugal terá sido pacífica e consensual...

- Nada mais falso!

De facto, até 1968, o seu nome era virtualmente desconhecido * dos professores e praticantes portugueses de karate e, quando finalmente foi convidado para vir a Portugal orientar o primeiro estágio neste país, já havia uma corrente de jovens afecta ao karate desportivo que tinha ideias diferentes acerca de quem seria o Mestre ideal para liderar esse evento:

- Miyazaki Sensei seria o preferido dos jovens;

- Kase Sensei parecia ser uma escolha consensual; e no entanto...

Bom, para apanharmos o fio da história o melhor será começarmos pelo início.

* O forte isolamento político, social e cultural a que o país estava sujeito, durante toda a década de 60, terá certamente contribuído para esse facto.

Os Primórdios do karate em Portugal

Foto 63 - Mestre Corrêa Pereira

A introdução das disciplinas do *Budo* em Portugal ocorre em 1946 quando António Hilmar Corrêa Pereira funda em Lisboa a Academia de Judo. Cinco anos depois é aí que inicia a prática dessa disciplina aquele que há-de ser o pioneiro do ensino do Karate em Portugal * – João Luís Franco Pires Martins – ao tornar-se, em Setembro de 1963, o primeiro cinto negro de Karate em Portugal e ao receber – a 8 de Janeiro de 1964 – o título de "Professor de Karate" da já então famosa Academia de *Budo*, em Lisboa.

* Note-se que em 1958 Gilbert Briskine, que substituiu Jackie Hugnet – o introdutor do Judo no Norte de Portugal, nos anos 50 – resolveu criar paralelamente à classe de Judo uma outra de Karate. Embora se tratasse de uma iniciativa isolada e sem continuidade, dado que Briskine viria a falecer num acidente de automóvel, crê-se que terá sido a primeira vez que foi ensinado karate em Portugal.

Foto 64 - Primeira aula de Karate na Academia de Budo, orientada pelo Mestre Pires Martins

Alexandre Gueifão, um dos seus primeiros alunos, que se iniciara nas artes marciais pelo Judo em 1958 na Academia Judokai (ao Bairro Alto) ainda recorda a primeira aula, em 1963 – "O primeiro treino de Karate em 1963 na Academia de *Budo* consistiu no «cavaleiro de ferro» – Kiba-dachi com oi-tsuki" [8]. Por seu lado o Dr. Pires Martins, numa entrevista concedida a uma revista da especialidade, refere-se ao Karate desses primeiros tempos [33]:

TJK – Como se interessou pelo Karate-do, uma arte na altura (1963) desconhecida entre nós?

Pires Martins – O Karate-do não era totalmente desconhecido entre nós; não se esqueça que a Academia de Budo já passou os trinta anos de existência e que durante todo esse tempo foi honrada com a visita, demonstrações e ensino de muitos japoneses praticantes de Karate-do. Através daquilo que vi e do pouco que aprendi e verificando que o Karate-do obedecia a todos os requisitos benéficos que todas as artes marciais contêm, comecei a transmitir alguns ensinamentos na Academia de Budo, sem saber na altura como seriam acolhidos pelos alunos de então. Com certa surpresa verifiquei que a grande maioria dos alunos acolheram entusiasticamente os ensinamentos, e daí a minha perseverança em tentar a implantação no nosso País.

TJK – Mas entretanto há uma saída ao estrangeiro…

P. Martins – Há um estágio feito em França no Judo Internacional, dirigido pelo Mestre Nambu, que então era professor de estilo Shito-Ryu.

TJK – Que estilos viu e qual o adoptado?

P. Martins – Não me decidi por nenhum em particular, na fase inicial, porque nós tentávamos uma mistura de Shotokan e Shito-Ryu, talvez devido ao facto dos Mestres que até então passaram na Academia de Budo serem de um ou de outro destes estilos.

TJK – Recordações desse tempo?

P. Martins – São óptimas. Trabalhava-se num espírito de colaboração fantástico sem qualquer interesse lucrativo (pelo contrário até) e recordo o trabalho de ajuda de antigos praticantes, que hoje são professores com imensa aceitação no panorama português de Karate-do.

Convém dizer que a colecção de filmes e livros de Karate que o Dr. Pires Martins possuía era notável para a época. Desse acervo destacava-se uma colecção de filmes da JKA que os entusiastas portugueses da época visionavam pacientemente numa máquina de montagem. Embora no início a prática do Karate na Academia de *Budo* se limitasse ao ensino de algumas técnicas de Karate durante as aulas de Judo, a partir de meados de 1965 a classe já tinha número e condições para se tornar independente e assim aconteceu.

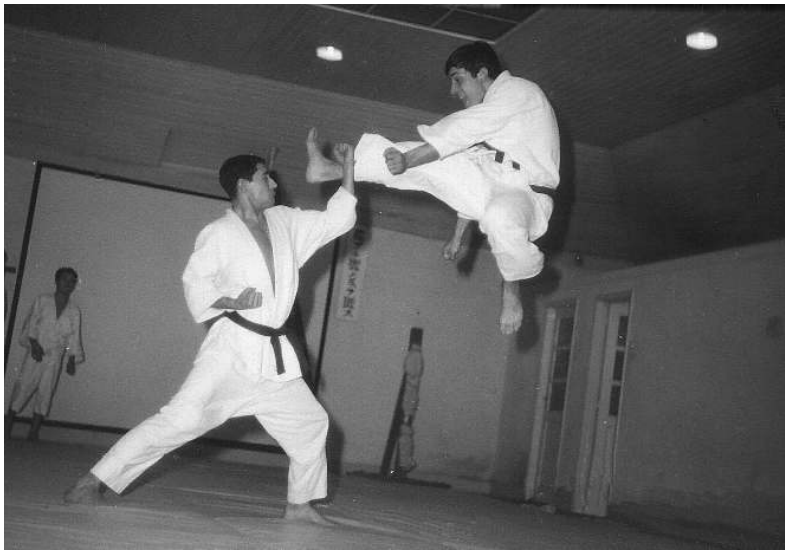


Foto 65 - Alexandre Gueifão e Manuel Ceia (executando Mae-tobi-geri)

Em 28 de Fevereiro de 1966, Mestre Pires Martins gradua o seu aluno Manuel Ceia em 1º Dan e no mês seguinte encarrega-o de dirigir a classe. A 15 de Abril de 1966 é a vez de Alexandre Gueifão obter o 1º Dan. Todavia, em Maio do mesmo ano, Manuel Ceia anuncia a sua decisão de partir para França e a liderança da classe passa para Mário Rebola, que obtém o primeiro Dan em 1 de Outubro de 1966, juntamente com Raul Cerveira e José Paulo Simões. Um ano depois Rebola, Gueifão, Cerveira e Simões obtêm o diploma de professores da União Portuguesa de *Budo* (UBU).

Mário Rebola que iniciara o seu caminho nas Artes Marciais através do Judo ao ingressar na Academia de *Budo*, em 1964, sucedeu ao Dr. Pires Martins na condução das aulas de Karate da Academia de *Budo* desde Maio de 1966 até 1968, altura em que se apresentou, na Academia, Ronald Ian Clark, um engenheiro escocês que estava temporariamente em Portugal ao serviço da Standard Eléctrica e que tinha obtido um 1º Dan da linha JKA na África do Sul. Rebola apercebendo-se dos conhecimentos de Clark no respeitante à vertente competitiva decidiu (contra a vontade do Dr. Pires Martins) ceder-lhe a liderança das aulas de karate da Academia.

Entretanto, no Norte do país, o Karate vinha-se desenvolvendo de forma paralela e independente pela mão de António Cacho, outro português que, desde 1961 fora discípulo do Mestre vietnamita Tran-Huu-Ha, no Judo Club Dauphiné em Grenoble, França, e que ao regressar ao seu país, em Outubro de 1965 com a graduação de 1º kyu, fundara uma secção de karate no Clube de Judo do Porto.

Em finais de 1966 Cacho solicita à UBU – entidade que na altura regulava, por despacho do Ministério da Defesa, a prática das Artes Marciais em Portugal – o reconhecimento do *dojo Bushidokan*, que fundara em Agosto de 1966 na Rua da Alegria no Porto, pelo que, em Fevereiro de 1967, recebe uma delegação da UBU composta pelo Dr. Pires Martins, Rebola, Gueifão e Simões, a qual atribui a António Cacho a graduação de 1º Dan e autoriza a prática de Karate no seu *dojo*.

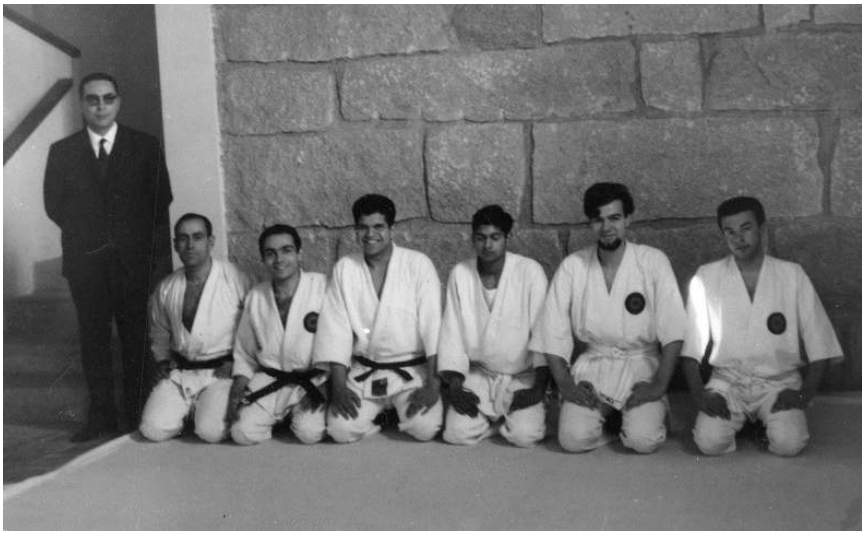


Foto 66 - Alunos do Bushidokan, Porto, em 1967 aquando da visita da delegação da UBU. A partir da esquerda: 1º – Em pé, Dr. Pires Martins; 3º – António Cacho; 4º e 5º – irmãos Cruz

António Cacho, que em 1970 viria a aderir à linha de Mestre Murakami, continua, ainda

hoje, a supervisionar a classe de Karate-do Shotokai do *Bushidokan*, o que o torna o mais antigo *dojo* de karate ainda em actividade em Portugal.

No final de 1966, Mário Alberto Águas – que fora inicialmente discípulo de António Cacho no Bushidokan – decide autonomizar-se criando a *Academia Soshinkai*, no Clube Recreativo de Mafamude em Vila Nova de Gaia e em 28 de Agosto de 1967 a UBU reconhece a graduação de 1º Dan a Mário Águas.

Em Dezembro de 1968 surge o primeiro *dojo* de karate no centro do país, com a criação em Coimbra, nas instalações do C.A.D.C. (Centro Académico de Democracia Cristã), da primeira filial da Soshinkai, dirigida por Adriano Antas.

Apresentados que estão os primórdios e os pioneiros do Karate em Portugal, conclui-se que, até finais da década de 60, não se tinha ainda realizado qualquer estágio com a presença de um Mestre japonês * de karate neste país. Vejamos então quais as circunstâncias que conduziram a que fosse Mestre Tetsuji Murakami a orientar esse primeiro estágio.

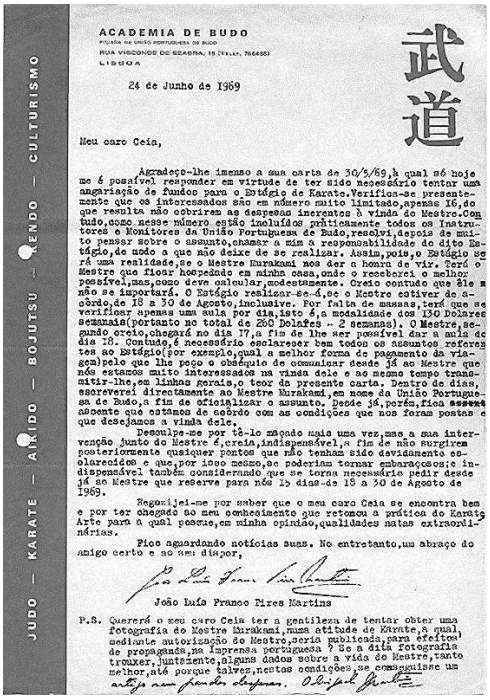
Os Primeiros Estágios de Karate em Portugal

Em Julho de 1966, poucos meses depois da sua chegada a França, Manuel Ceia teve oportunidade de participar no então já tradicional estágio de Verão da AFAM, orientado por Yoshinao Nanbu *Sensei* e reportou as suas impressões, por carta, aos colegas portugueses. Assim, no ano seguinte Mário Rebola consciente de que a evolução técnica do Karate na Academia dependeria do contacto directo com Mestres japoneses, decide participar no estágio de Verão da AFAM orientado pelo recém-chegado Taiji Kase *Sensei*. Nos meses seguintes Manuel Ceia, que também assistiu a esse estágio, observa demonstrações e participa em treinos com vários Mestres até que, como ele próprio nos conta, acaba por travar conhecimento com Mestre Murakami [30]:

Nessa época treinei em alguns clubes, sempre por curtos espaços de tempo e sem nunca me sentir satisfeito, a técnica e a organização das aulas era verdadeiramente lamentável o que não era de estranhar visto nessa época ser normal entrar num clube em Paris e encontrar um cinto

* Em rigor convém referir que: o Mestre Hiroo Mochizuki, na sua auto-biografia, refere ter orientado, em 1959, um estágio em Beja, no Sul do País; Alexandre Gueifão refere que em 1964, o Mestre Suzuki (discípulo do Mestre Hironori Ohtsuka, fundador do Wado-ryu) realizou uma demonstração no Judo Clube de Portugal, a convite do Mestre Kiyoshi Kobayashi, que terá sido a 1ª demonstração de Karate em Portugal; por seu lado António Cacho refere ter recebido, em Agosto de 1966, o Mestre Tran Hua na cidade do Porto, que na ocasião realizou "dois ou três treinos" (sic). Seria um pouco forçado, porém, classificar qualquer destas iniciativas isoladas, como um "estágio" propriamente dito, aberto à generalidade dos praticantes de karate portugueses.

castanho ou mesmo azul a dar aulas. Um dia quando me deslocava no Boulevard de Vaugirard, em Montparnasse, deparei-me com um poster publicitário de um clube de karate cujo professor era Mestre Tetsuji Murakami, o que me deixou espantado se tivermos em consideração o que foi atrás mencionado em relação aos clubes em Paris. Uns dias depois desloquei-me à Maison des Jeunes et de la Culture na Rue Mercoeur, nº 4 e nesta primeira visita não vi Me. Murakami porque se encontrava no estrangeiro dirigindo um estágio, assim assisti à aula orientada por Michel Hsu e fiquei convencido com o que vi, mas após ver Me.stre Murakami fiquei absolutamente conquistado. Inscrevi-me uns dias depois já com Mestre Murakami presente e assim tornei-me o seu primeiro aluno português. Decidi pôr um cinto branco e recomeçar tudo de novo pois na minha opinião o que ali se praticava era o verdadeiro karate e o que tinha feito até então não tinha ali qualquer cabimento. No fim da primeira aula Mestre Murakami perguntou-me onde já tinha feito karate e que graduação possuía, respondi-lhe explicando o que se passava no panorama do karate em Portugal e que preferia recomeçar com cinto branco – coisa que Fernando Neto quando chegou a França mais tarde, em 1968, também fez - Mestre Murakami disse simplesmente "c´est bien"(está bem) e afastou-se.



ACADEMIA DE BUDO

FILIADA NA UNIÃO PORTUGUESA DE BUDO

RUA VISCONDE DE SEABRA, 19 (TELEF. 766683)

LISBOA

武道

24 de Junho de 1969

Meu caro Ceia,

Agradeço-lhe imenso a sua carta de 30/5/69,à qual só hoje me é possível responder em virtude de ter sido necessário tentar uma angariação de fundos para o Estágio de Karate.Verifica-se presentemente que os interessados são em número muito limitado,apenas 16,do que resulta não cobrirem as despesas inerentes à vinda do Mestre.Com tudo,como nesse número estão incluídos praticamente todos os Instrutores e Monitores da União Portuguesa de Budo,resolvi,depois de muito pensar sobre o assunto,chamar a mim a responsabilidade do dito Estágio,de modo a que não deixe de se realizar. Assim,pois,o Estágio será uma realidade,se o Mestre Murakami mos der a honra de vir. Terá o Mestre que ficar hospedado em minha casa,onde o receberei o melhor possível,mas,como deve calcular,modestamente. Creio contudo que êle não se importará. O Estágio realizar-se-á,se o Mestre estiver de acôrdo,de 18 a 30 de Agosto,inclusive. Por falta de mussas,terá que se verificar apenas uma aula por dia,isto é,a modalidade dos 130 Dolares semanais(portanto no total de 260 Dolares - 2 semanas). O Mestre,segundo creio,chegará no dia 17,a fim de lhe ser possível dar a aula do dia 18. Contudo,é necessário esclarecer bem todos os assuntos referentes ao Estágio(por exemplo,qual a melhor forma de pagamento da viagem)pelo que lhe peço o obséquio de comunicar desde já ao Mestre que não estamos muito interessados na vinda dele e ao mesmo tempo transmitir-lhe,em linhas gerais,o teor da presente carta. Dentro de dias, escreverei directamente ao Mestre Murakami,em nome da União Portuguesa de Budo,a fim de oficializar o assunto. Desde já,porém,fica assente aceitar que estamos de acôrdo com as condições que nos foram postas e que desejamos a vinda dele.

Desculpe-me por tê-lo maçado mais uma vez,mas a sua intervenção junto do Mestre é,creio,indispensável,a fim de não surgirem posteriormente quaisquer pontos que não tenham sido devidamente esclarecidos e que,por isso mesmo,se poderiam tornar embaraçosos;e indispensável também considerando que se torna necessário pedir desde já ao Mestre que reserve para nós lb dias-de 18 a 30 de Agosto de 1969.

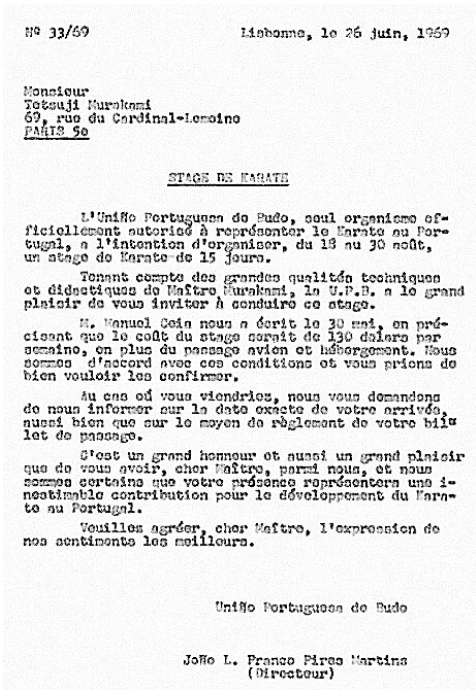
Regozijei-me por saber que o meu caro Ceia se encontra bem e por ter chegado ao meu conhecimento que retomou a prática do Karate-Arte para a qual possue,em minha opinião,qualidades mutas extraordinárias.

Fico aguardando notícias suas. No entretanto,um abraço do amigo certo e ao seu dispor,

João Daís Franco Pires Martins

P.S. Quererá o meu caro Ceia ter a gentileza de tentar obter uma fotografia do Mestre Murakami,numa atitude de Karate,a qual,mediante autorização do Mestre,seria publicada,para efeitos de propaganda,na Imprensa portuguesa ? Se a dita fotografia trouxer,juntamente,alguns dados sobre a vida do Mestre,tanto melhor,até porque talvez,nestas condições,se consiguisse um artigo num grande chapman. Obrigado Amigo

Foto 67 - Carta do Dr. Pires Martins para Manuel Ceia. 24-6-1969



Nº 33/69 Lisbonne, le 26 juin, 1969

Monsieur
Tetsuji Murakami
69, rue du Cardinal-Lemoine
PARIS 5e

STAGE DE KARATE

L'Unión Portuguese de Budo, seul organisme officiellement autorisé à représenter le Karate au Portugal, a l'intention d'organiser, du 18 au 30 août, un stage de Karate de 15 jours.

Tenant compte des grandes qualités techniques et didactiques de Maître Murakami, la U.P.B. a le grand plaisir de vous inviter à conduire ce stage.

M. Manuel Ceia nous a écrit le 30 mai, en précisant que le coût du stage serait de 130 dolars par semaine, en plus du passage avion et hébergement. Nous sommes d'accord avec ces conditions et vous prions de bien vouloir les confirmer.

Au cas où vous viendriez, nous vous demandons de nous informer sur la date exacte de votre arrivée, aussi bien que sur le moyen de règlement de votre billet de passage.

C'est un grand honneur et aussi un grand plaisir que de vous avoir, cher Maître, parmi nous, et nous sommes certains que votre présence représentera une inestimable contribution pour le développement du Karate au Portugal.

Veuillez agréer, cher Maître, l'expression de nos sentiments les meilleurs.

União Portuguesa de Budo

João L. Franco Pires Martins
(Directeur)

Foto 68 - Carta do Dr. Pires Martins para Mestre Murakami. 26-6-1969

Na sequência do estágio de Verão de 1967, na AFAM, em Paris – o qual causou boa impressão nos praticantes portugueses presentes – e de mais um estágio em França com Mestre Kase, em 1968, no qual participaria uma delegação constituída por Vilaça Pinto e outros karate-*deshi* da Academia De Budo, não é de estranhar que o primeiro convite da UBU fosse endereçado a Kase *Sensei*. Todavia, a proposta apresentada pelo Mestre – honorários, viagem e estadia em hotel para o Mestre e a sua família – não era financeiramente suportável pela dezena e meia de interessados no estágio. É então que as atenções da UBU se viram para o Mestre Tetsuji Murakami, cujas virtuosidades técnicas Manuel Ceia não se cansava de elogiar nas cartas que endereçava aos seus colegas da UBU, como ele próprio refere [30]:

Em 1968 dada a minha correspondência com Mário Rebola, onde eu me alargava em elogios mais que justos a Mestre Murakami, ele decidiu deslocar-se a Paris para o observar. Chegado a Mercoeur sucedeu-lhe a mesma coisa que me tinha sucedido a mim na minha primeira visita i.e. Mestre Murakami estava ausente em Itália dirigindo um estágio, assim treinou com Michel Hsu e obviamente ficou convencido. Uns tempos mais tarde quando no fim dum treino falava com outros praticantes sobre a situação do karate em Portugal e a falta de um professor japonês qualificado para dirigir estágios, Michel Hsu que me tinha ouvido, disse-me para falar com Mestre Murakami pois isso interessá-lo-ia seguramente. Falei com Mestre Murakami e seguidamente pusme em contacto com o Dr. Pires Martins por carta explicando-lhe as razões pelas quais na minha opinião Mestre Murakami era o mestre ideal. Depois de também ter ouvido a opinião de Mário Rebola, e de alguma correspondência trocada (...) , pediu-me para servir de intermediário a fim de não surgirem posteriormente problemas com a organização do estágio que ficou agendado para Agosto de 18 a 30 de Agosto de 1969. O contrato para o estágio foi oficializado pelo Dr. Pires Martins em carta dirigida a Mestre Murakami (...) que habitava na altura no Quartier Latin, mais exactamente na Rue du Cardinal Lemoine, num pequeno quarto onde me desloquei para obter uma foto do mestre, tal como o Dr. Pires Martins me tinha pedido na sua carta, para fazer publicidade ao estágio num jornal de Lisboa".

Foi no Domingo 17 de Agosto de 1969 que Mestre Tetsuji Murakami pisou pela primeira vez solo português. No aeroporto da Portela em Lisboa esperava-o uma comitiva com dezena e meia de desconhecidos – praticamente toda a classe dos graduados de karate (cintos castanhos e negros) da Academia de *Budo* – encontrando-se já ao lado dos pioneiros de Lisboa acima citados, futuros notáveis do karate nacional, como: Vilaça Pinto, Luís Cunha, José Custódio e Carlos Pereira.

Do aeroporto o Mestre foi conduzido para casa do Dr. Pires Martins, onde jantou na companhia de Mário Rebola, já que o anfitrião tinha pedido a este que se lhes juntasse. Durante as duas semanas em que permaneceu em Portugal o Mestre decidira pernoitar em casa do Dr. Pires Martins, evitando assim sobrecarregar mais os praticantes portugueses, consciente que estava do esforço financeiro que um estágio com um número tão reduzido de pessoas representava para cada participante.

Atendendo ao sucesso que o cunho marcadamente competitivo do karate de Ronald Clark recolhera, ao longo do último ano, junto dos cintos castanhos da Academia de *Budo*, não surpreende que a maior parte dos estagiários ansiasse por um estágio com um Mestre da JKA. Aliás, se tivesse sido dada oportunidade a Ronald Clark de sugerir um nome ao Dr. Pires Martins, certamente que teria optado pelo seu Mestre na África do Sul – Toru Miyazaki. Aliás a vinda a Portugal de um Mestre externo à JKA representava uma séria ameaça aos intentos hegemónicos daquela organização que, nessa época, pretendia definir as "regras do jogo do karate", não só em todo o continente europeu, mas praticamente em todo o mundo ocidental.

Neste contexto não surpreende que o próprio Mestre Miyazaki, na altura 4º Dan JKA, se apresentasse como estagiário a Mestre Murakami, que na altura continuava a possuir apenas um 3º Dan *Yoseikan*. A presença do representante da JKA (que apenas participou numa das primeiras aulas do estágio) não pareceu, todavia, afectar minimamente o rumo que Murakami tinha definido. Aliás a cordialidade com que Mestre Miyazaki foi recebido é bem atestada pelas palavras de Mário Rebola [8]:

> *Pelo menos numa das aulas, tivemos também a participação do Mestre Miyazaki, na altura 4º Dan da JKA, que treinou ao meu lado e foi convidado para jantar com o Mestre Murakami e eu próprio em casa do Dr. Pires Martins. Houve um pequeno episódio, ligado a este jantar, que também recordo. O M. Miyazaki sempre que terminava um diálogo com o M. Murakami, fazia muitas vénias, dizendo repetidamente "ohss". No fim do jantar, fui levar o M. Miyazaki ao hotel, e, pelo caminho quis confirmar o significado daquele "Ohss". Ele lá fez o possível para me explicar, no seu inglês precário, que era uma forma de exprimir respeito pela pessoa com quem se está a falar. De forma que, ao chegarmos ao hotel, saímos ambos do carro, e, com a ajuda do bom tinto que regou o jantar, pusemo-nos a fazer vénias e a exclamar "Ohss", no meio da rua, até que o trânsito nos obrigou a acabar com a cerimónia.*

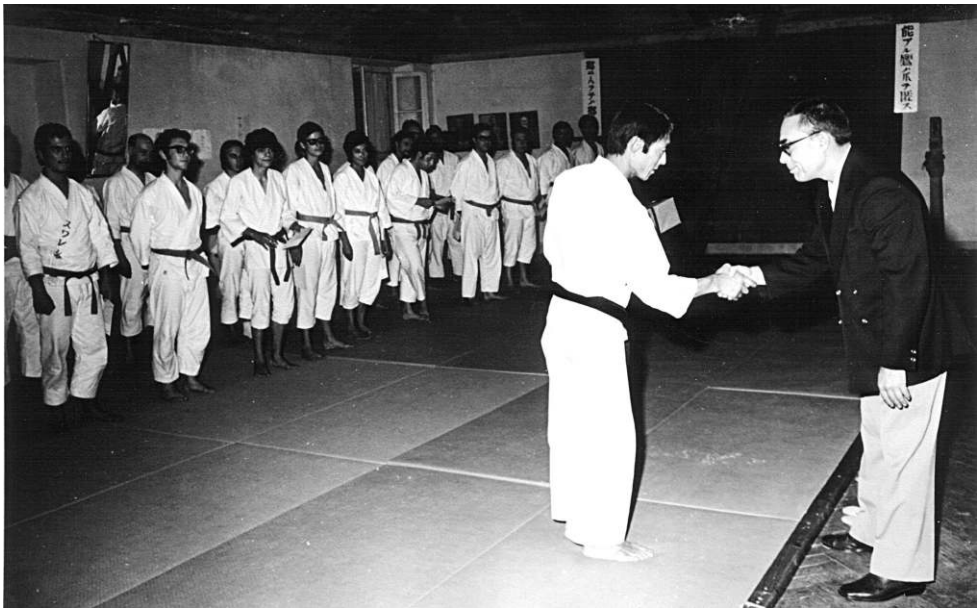


Foto 69 - Mestre Murakami recebendo das mãos do Dr. Pires Martins um presente no final do primeiro estágio de karate em Portugal, 1969

As características desse estágio vieram agravar ainda mais o cisma que desde há alguns meses se vinha cavando na Academia de *Budo* entre os praticantes mais jovens que aderiam entusiasticamente ao karate de competição e os praticantes mais antigos que preferiam uma linha mais clássica. Mário Rebola refere-se ao tipo de trabalho ministrado nos seguintes termos [8]:

> *[Era] um tipo de trabalho completamente diferente daquele que estávamos habituados a fazer, mas com o qual eu já tinha tido contacto em Paris. Nessa altura, o Mestre treinava muito várias formas de Sambon-kumite, e tinha acabado recentemente com o chamado "combate livre" (Jyu-kumite). Estava no começo da viragem para o karate do Mestre Egami. O estágio, na globalidade, para quem estava habituado a fazer combate livre e a trabalhar "em força", foi um estágio "chato". Além do kihon com técnicas de base, o máximo que fizemos foi a Heian-Godan e o kumite básico.*

No final do estágio, a comitiva, já bastante mais reduzida, que acompanhou o Mestre ao aeroporto, ouviu o último conselho: "Continuem a treinar o que vos ensinei durante um ano e, depois, se gostarem, mandam-me vir outra vez".

Foto 70 - Mestre Miyazaki (o 3º a contar da esquerda na primeira fila) tendo à sua esquerda Luís Cunha e, em seu redor, o núcleo de praticantes que deram origem à vertente desportiva do karate em Portugal

Como já era esperado os mais novos decidiram não acatar esse conselho mas sim as pisadas de Ronald Clark que criaria, logo de seguida, o Centro de Karate da Parede – escola que se tornaria o núcleo inicial do Karate da linha JKA para todo o país – e, ainda em 69, chamaram o Mestre Miyazaki para orientar o que seria o segundo estágio de karate em Portugal e o primeiro na vertente desportiva. No ano seguinte Portugal teria a honra de receber, para orientar um estágio, um dos mais antigos alunos de Funakoshi *O-Sensei* que fundou posteriormente o estilo Wado-*Ryu* – Hironori Ohtsuka, na altura com 78 anos – e, nos anos subsequentes, outros estilos que seguiam a vertente desportiva do karate aqui se implantaram.
Todavia os "antigos" da Academia de *Budo* decidiram seguir o conselho do Mestre, conforme nos conta Mário Rebola que, assim, voltaria a assumir a liderança da classe de Karate-do da UBU, agora já na linha Shotokai [8]:

Não se pode dizer que tenha havido uma cisão entre duas linhas. O que houve apenas, foi que eu decidi seguir o Mestre Murakami, com todas as incógnitas mas também promessas que nos tinha deixado o 1º estágio e os outros decidiram continuar no estilo da JKA que era o que já conheciam. A juntar ao azedume bastante pronunciado que o R. Clark sentia por mim que, aliás, era correspondido. Portanto, se houve cisão, foi da minha parte.

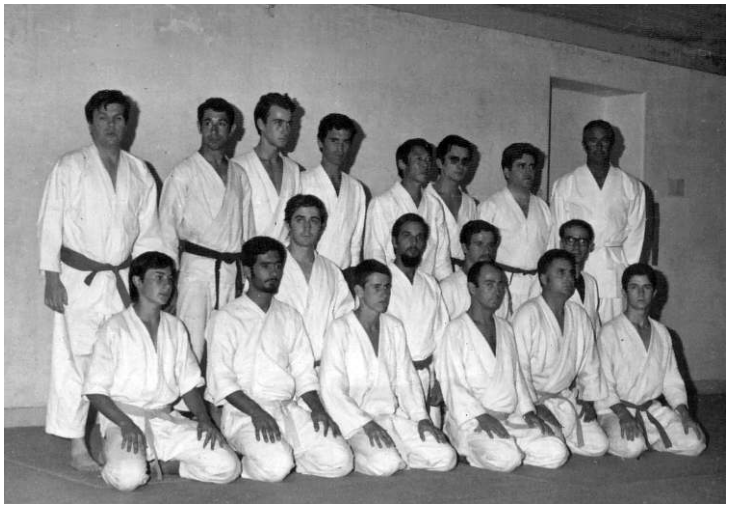


Foto 71 - Segundo Estágio na Academia de Budo, Agosto de 1970. Na 1ª fila à esquerda Nuno Russo. Na 2ª fila a contar da esqª: 2º – José Pascoalinho. Na fila de trás da esqª para a dirª: o 2º é Alexandre Gueifão, seguido de Mário Alberto Águas, Mário Rebola e Mestre Murakami; da dirª para a esqª o 2º é o Dr. Nestor

Devido à saída dos praticantes da corrente desportiva, o segundo estágio orientado por Murakami *Sensei* em Agosto de 1970 na Academia de *Budo*, teve pouco mais de dezena e meia de participantes de modo que o Mestre, consciente das dificuldades económicas dos praticantes não quis cobrar quaisquer honorários.

Foto 72 - Pioneiros da região de Lisboa presentes no estágio de 1970. Da esquerda para a direita: Alexandre Gueifão, Raul Cerveira, Mestre Tetsuji Murakami, Mário Rebola e Nestor

Neste segundo estágio já participou Raul Cerveira – recém regressado de 4 anos de serviço militar na Guiné – bem como os pioneiros do Norte – Águas e Cacho – os quais, no final do estágio, convidaram o Mestre a visitar o Bushidokan e a Academia Soshinkai, convidando Murakami *Sensei* a orientar estágios também no Norte do país. Apercebendo-se da potencial rivalidade Porto-Lisboa o Mestre viria a aceitar o convite na condição de que, financeiramente, esses estágios fossem suportados na íntegra pelo chamado "Grupo do Norte", de modo a não sobrecarregar o Grupo de Lisboa.

Foto 73 - Mestre Murakami orientando uma aula no Bushidokan do Porto

Assim, seis meses depois do 2º Estágio de Lisboa, Mestre Tetsuji Murakami orientaria, em Janeiro de 1971, no Bushidokan do Porto, aquele que seria o primeiro estágio de karate no Norte do País.

Foto 74 - 3º Estágio na Academia de Budo, Agosto de 1971. Na 1ª fila à esqª: António Lima. Na 2ª fila à dirª: Manuel Pimenta. Na fila de trás a contar da esqª: 4º – Arqº Sá Reis; 7º - António Cacho; 9º - Mestre Murakami; 10º – Dr. Pires Martins; 13º – Alexandre Gueifão; à dirª - Nestor

Em Agosto de 1971, já com cerca de três dezenas de estagiários, realizar-se-ia, ainda na Academia de *Budo*, o terceiro estágio de Lisboa.

Foto 75 - Mestre Murakami (à dirª) e Alexandre Gueifão. Academia de Budo, Lisboa, 1971

Tetsuji Murakami Sensei lançara, no fértil solo da nobilíssima Academia de Budo, as sementes do Karate-do Shotokai. Os resultados de tal seara, magros a princípio, haveriam de assumir exuberância tal que, pelo menos em Portugal, ousariam ofuscar o brilho hegemónico do karate que a JKA implantava, com incontestável sucesso, por todo o mundo ocidental.

Um camponês não prestava qualquer atenção nem aos graus honoríficos
nem aos honorários aferentes.
Mas ele cuidava da sua manada e o seu gado estava bem nutrido.
O duque Meou, sem levar em conta a sua condição humilde,
confiou-lhe um ministério.

Tchouang Tseu

Capítulo 8 O Enorme Peso da Europa (1972-1984)

Se a Nihon Karate-do Shotokai representa o tronco central da Arte introduzida no Japão por Funakoshi *O-Sensei* na década de 1920, o reconhecimento por essa instituição do trabalho pioneiro de Mestre Murakami como grande introdutor do karate na Europa – ao nomeá-lo responsável para todo o continente europeu – representa, sem dúvida, o galardão máximo que um Mestre de Karate poderia almejar.

Todavia, como veremos seguidamente, se foram altas as cristas das ondas onde navegou também foram profundos os cavos em que teve de mergulhar ao longo deste tumultuoso período.

Obtenção da Graduação de 5º Dan

Ao aderir em 1968 à organização Shotokai, Murakami Sensei não procurava graduações nem reconhecimento, mas sim um Mestre que lhe permitisse continuar a progredir não apenas no aspecto técnico, mas sobretudo nos domínios mental e espiritual da sua Arte. A prova disso é que, em 1972, continuava a possuir apenas a graduação de 3º Dan que trouxera do Yoseikan em 1957.

Com efeito a nobreza de carácter que nós, seus alunos directos lhe conhecíamos, impedia-o de caminhar com recurso a muletas. Por isso nunca confundiu, nem pretendia que confundissem, o rótulo com o conteúdo. Se alguém aparecia com um cinto negro numa das suas aulas jamais questionava onde o tinha obtido. Porém, caso a graduação ostentada não fosse baseada em trabalho profundo e honesto, e decidisse enfrentar o Mestre, cedo se arrependeria de o ter feito, como nos conta Manuel Ceia, referindo-se aos tempos em que o Mestre ainda praticava Shotokan [30]:

> *Nesses tempos Mestre Murakami fazia combate livre com quem lho pedisse, e fazia-o com a mão direita atrás das costas entalada no cinto, quer dizer que utilizava unicamente a mão esquerda para defender e contra atacar e os pés bem entendido. Em relação aos pés do Mestre, dada a sua dureza, Michel Hsu tinha o hábito de dizer "os pés do Mestre são ferros de engomar" e eu tive a prova disso quando durante uma demonstração feita na Cidade Universitária de Anthony, Mestre Murakami ao fazer um mae-geri controlado tocando-me ligeiramente no peito me deu a sensação de este ter sido aflorado por um pedaço de ferro muitíssimo pesado.*

Tal como Mestre Egami também ele gostava de testar a eficácia da sua técnica directamente e sem rodeios e, durante os quinze anos que passara na Europa, já se habituara a como algo de bastante relativo ver as graduações exibidas pelos praticantes e mestres de karate europeus, ou que afluíam à Europa.

Todavia, em determinada altura foi-lhe exigido, por uma entidade oficial de um dos países em que ensinava, um certificado comprovativo de que o seu karate era o genuíno "Shotokan", dado que um dos Mestres da JKA que ali ensinava tinha denegrido as suas habilitações e posto em causa a "autenticidade" da sua técnica.

Resolveu então recorrer a Egami Sensei, que era o Instrutor-Chefe do Shotokan, para que comprovasse a sua filiação na Shotokai. Antes, porém, resolveu pedir opinião a Harada Sensei a este respeito, tendo este respondido da forma, que ele próprio nos relata [34]:

> *Eu disse-lhe que conhecia Egami muito bem, que ele tinha um carácter excêntrico e nem sempre razoável. Murakami escreveu a Egami e Egami concordou. Murakami inicialmente pretendia pedir um 3º Dan. Eu disse-lhe que essa era uma oportunidade boa para ele e que devia pedir o 5º Dan. Ele assim fez e recebeu um 5º Dan Shotokai em 1972 ou em 1973.*

Na mesma data Murakami Sensei receberia não só o seu diploma de 5º Dan, mas a responsabilidade administrativa do Shotokai no seu país de residência – a França. Alguns anos mais tarde, em 1976, essa responsabilidade estender-se-ia a toda a Europa.

Responsável do Shotokai para a Europa

Sendo certo que outros Mestres de Shotokai – como Harada Sensei e Hiruma Sensei – residiam na Europa desde meados da década de 60 e sendo igualmente certo que esses Mestres tinham, no passado, privado muito mais de perto com Egami Sensei cabe perguntar: "Porque terá ele escolhido Murakami para responsável europeu do Shotokai?".

Todo o tipo de especulações são possíveis, claro está – desde a "excentricidade do carácter de Egami Sensei" até outros motivos mais obscuros e rebuscados. Todavia, eu estou em crer que, perante os factos que até ao momento foram sendo apresentados nesta obra, qualquer leitor com uma visão desassombrada e descomprometida já terá encontrado a resposta:

- Em meados da década de 70 Murakami Sensei era, simplesmente, a pessoa certa para assumir a liderança do Shotokai na Europa. Precisamente porque não a procurava. Exactamente porque não precisava de lutar por ela ou conquistá-la. Justamente porque ele era, de facto e desde há muito, por mérito próprio e sem ajudas, o líder por excelência do Karate Shoto na Europa.

Egami Sensei, limitou-se a comprová-lo.

Até o fim da sua vida Egami Sensei jamais se arrependeria da decisão que tomara, e as viagens que realizou à Europa em 1976 e 1978 permitiram-lhe não só contemplar a dimensão da obra de Murakami Sensei neste continente, mas também confirmar a justeza da sua decisão, como poderemos comprovar seguidamente, pelas suas próprias palavras.

As Viagens de Mestre Egami à Europa – 1976 e 1978

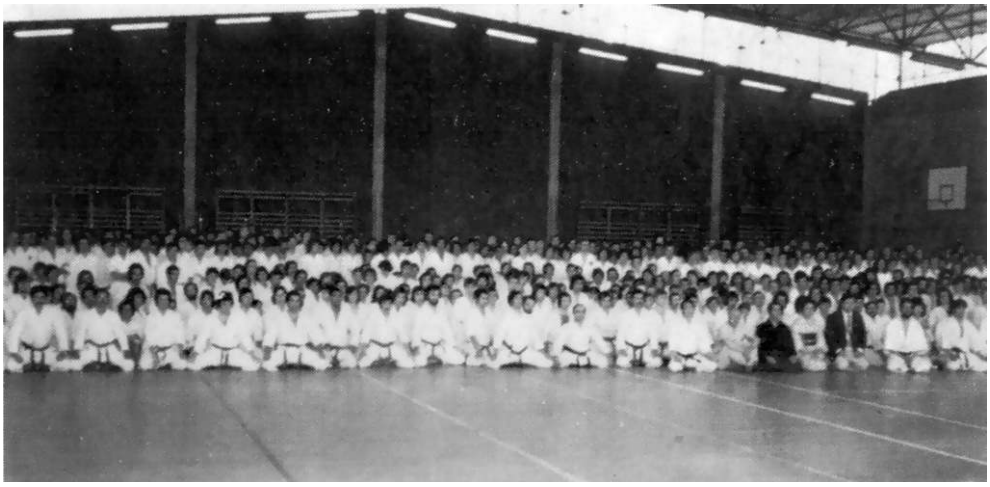


Foto 76 - Aspecto parcial (a foto não permitiu abranger a totalidade dos participantes) do grupo de discípulos de Mestre Murakami que acolheu Mestre Egami, a sua esposa e o Secretário da NKS Tomoji Miyamoto Sensei, aquando da sua visita a Lisboa em 1976

Uma viagem do Responsável Técnico da Shotokai ao Mundo Ocidental era algo que, há décadas, os discípulos e amigos de Mestre Egami residentes no estrangeiro vinham almejando e prometendo.

Em Novembro de 1973 Tsutomu Ohshima Sensei conseguiria finalmente concretizar essa ambição acolhendo o Mestre e a sua esposa numa viagem à Costa Oeste dos Estados Unidos. Atendendo ao código de honra japonês, desde essa data a viagem do Mestre à Europa deixou de ser um desejo distante, para se tornar uma obrigação imperiosa para os discípulos directos do Mestre residentes na Europa – Harada, Hiruma e Murakami Sensei.

Provavelmente devido ao facto dos outros dois conterrâneos terem convivido, no passado, mais de perto com Mestre Egami no Japão, Mestre Murakami não tomou inicialmente a iniciativa da organização dessa viagem. Aliás, Mestre Egami tinha recomendado alguns anos antes a Hiruma Sensei, numa visita que este tinha feito ao Japão que, se desejasse organizar

tal viagem, seria sensato fazê-lo em conjunto com Harada e Murakami Sensei, de modo a minimizar o esforço organizativo e financeiro.

Todavia, devido a hesitações dos seus pares, Murakami Sensei acabaria por liderar a organização desse evento em 1976. Para que possamos desfrutar de uma visão mais viva e multifacetada não só dos preparativos, mas das viagens em si – que, institucionalmente, viriam a constituir o ponto culminante da vida de Mestre Murakami como líder do Karate-do na Europa – proponho que as contemplemos em três perspectivas diferentes, a partir dos pontos de vista não só de Mestre Murakami, mas também de Mestre Egami e da sua esposa.

O Ponto de Vista da Sra. Chioko Egami

Comecemos então por escutar o relato da esposa de Mestre Egami no seu estilo franco e directo [19]:

Nós viajámos bastante no ano de 1976. Com o despontar da Primavera recebemos uma carta do Sr. Tetsuji Murakami. Nessa carta ele dizia que gostaria de nos convidar a visitar Paris. Quando penso nisso recordo-me que, dois anos antes, quando fomos despedir-nos do Sr. Hiruma no Aeroporto de Haneda, ele disse-nos enquanto acenava e sorria: "Bem, então à vista, em Paris". Quando já quase tinha esquecido o assunto recebemos uma carta do Sr. Ohshima para visitarmos a América.

Este convite era uma promessa de há vinte anos atrás. Fosse qual fosse a combinação que houve entre ambos, revelou-se não ser assim tão fácil convidar uma pessoa para visitar a América e o meu marido disse-me: "O Ohshima disse-me que me convidaria a visitar a América porque era jovem, na altura". Por outro lado o Sr. Ohshima disse-o certamente porque pensou que lhe seria possível, com base no sucesso que estava obtendo na América. O que é certo é que ele acabou por nos vir buscar, com o seu ar jovial, e levou-nos a visitar a América.

Quanto ao Sr. Murakami, aproveitando uma vinda ao Japão para tratar de assuntos pessoais, visitou-nos, em nossa casa, e convidou-nos pessoalmente para visitarmos Paris. Ao que parece ele tinha várias escolas e bastantes seguidores em vários países da Europa. O programa consistia numa estadia de um mês na Europa, numa ronda que incluía visitas a França, Suíça, Itália, Inglaterra e Portugal.

Algum tempo antes o meu marido tinha dito ao Sr. Hiruma: "Convidar-me, por sua iniciativa, a visitar a Europa deve ser algo difícil. Tente organizar a visita conjuntamente com o Sr. Mitsusuke Harada e com o Sr. Murakami". Este conselho do meu marido não deve ter

surtido efeito a julgar pelos anos que entretanto decorreram.

Nessa altura nós não sabíamos que o Sr. Harada carregava consigo algum rancor em relação ao meu marido, para nós isso era algo de impensável.

O Sr. Murakami disse-nos: "eu contactei por várias vezes com o Sr. Harada e com o Sr. Hiruma mas não obtive resultados".

Nós pensámos compreender bem o que se passava. Mesmo no Japão não era fácil estabelecer conversações entre Sapporo, Tóquio e Fukuoka, imagine-se agora na Europa entre países estrangeiros. Estabelecer conversações entre cidades tão longínquas como Paris, Londres e Madrid... Era isso que nós pensávamos na altura. Mas não era essa a razão; mais tarde viemos a saber a verdadeira razão... O Sr. Harada não confiava no meu marido. O meu marido não parecia levar isso muito a peito, mas essa era de facto a raíz do problema. A verdade é que o Sr. Harada não deu ouvidos aos Srs. Murakami e Hiruma acerca do convite e do planeamento da viagem. O Sr. Hiruma ficou confuso com a situação e as conversações chegaram a um impasse.

O Sr. Murakami acabou por se aborrecer com este estado de coisas e decidiu convidar-nos ele próprio. Fez uma reserva numa companhia aérea e disse-nos – "Espero por vós no princípio de Junho" – e regressou a Paris.

Foto 77 - Mestre Egami à chegada ao aeroporto Charles de Gaulle em Paris, 1976

No princípio de Junho, pensando no que iria ser a nossa primeira viagem à Europa, entrámos no avião. Tínhamos ouvido dizer que o voo para a Europa via Moscovo era mais rápido que o voo via Anchorage, no Alasca. Vi vastas pradarias e bastantes rios que atravessavam a tundra. O meu marido conversava com o Sr. Miyamoto. Eu não conseguia dormir.

(...) O avião completou as manobras de aproximação ao aeroporto Charles de Gaulle, em França e aterrámos. O aeroporto era bonito. Ficámos surpreendidos pelo grande número de pessoas que nos acolheram e fomos presenteados com um ramo de flores. Ficámos bastante sensibilizados com o facto.

De acordo com o itinerário definido pelo Sr. Murakami visitaríamos França, Suíça, Itália, Inglaterra e Portugal, ao longo de um mês. Durante esta viagem o Sr. Murakami pediu ao meu marido que despendesse algum tempo a observar as sessões de prática dos seus discípulos. O plano de viagem incluía visitas ao Museu do Louvre, Palácio de Versalhes, Torre de Londres, Veneza, um passeio de comboio pelos Alpes... Foi tudo muito bem planeado. Enquanto recuperávamos do jet-lag o Sr. Murakami providenciou um amplo quarto em casa de um dos seus discípulos, próximo dos Campos Elísios. Eu ofereci um lenço de seda japonês à esposa do discípulo, como lembrança. Ela ficou encantada com o presente. (...) A família Dubois vivia num apartamento situado no 3º andar de um prédio situado no Faubourg St. Honoré (...)

Nessa noite jantámos em casa do Sr. Murakami, que ficava próximo do Bois de Boulogne. (...) Num berço coberto com um véu e enfeitado com brinquedos estava o bébé Hiroshi. (...) Na sala havia uma mesa e também um sófá. Eles tinham um cão chamado Lobi que era um bom companheiro de brincadeira do Sr. Murakami. A sua esposa Nieves, tanto quanto me apercebi, falava várias línguas. Serviram-nos Sashimi numa grande travessa e havia atum com óptimo aspecto. Também tinham cozido arroz e pickles. O meu marido ficou muito satisfeito com esta comida. (...) O Sr. Murakami disse-nos que, desse dia em diante, nos prepararíam sempre um jantar japonês. Ouvindo isto o meu marido fez um ar aliviado. Depois de jantar voltámos para a casa da família Dubois, para pernoitarmos, e foi assim que passámos a primeira noite em Paris.

A Sra. Chiyoko Egami prossegue então com a sua descrição de alguns pormenores curiosos do dia-a-dia do casal Egami em Paris. Aparentemente o pequeno almoço, estilo continental – leite, pão, croissants... – não terá sido muito do agrado de Mestre Egami que pediu ao seu discípulo: "Murakami, não me arranjas algo japonês para o almoço?..." e então [19]:

Para o almoço do meu marido o Sr. Murakami apareceu com um almoço japonês numa pequena lancheira que comprou, num restaurante japonês. (...) Levaram-me a um restaurante. Uma coisa que me surpreendeu foi o tempo que tivemos de esperar até que a comida fosse servida. (...) Era algo que me complicava com os nervos. Era sempre assim, em cada refeição perdia-se duas ou três horas. (...) Como desagradava ao meu marido esperar todo este tempo no restaurante, enquanto almoçávamos no restaurante ele preferia tomar no hotel o seu

almoço de lancheira (ainda que fosse caro e pouco saboroso) e conversar com os discípulos de Mestre Murakami que vinham vê-lo, um após outro. Inglês era a única língua em que podiam entender-se, de modo que, ao princípio, eu duvidei se conseguiriam entender-se durante um tão longo período de almoço. Mas, de facto, e contrariamente às minhas preocupações, eles conversaram animada e jovialmente. Por mais que pense nisto não compreendo. Estranhamente os discípulos conseguiam compreender bastante bem o que o meu marido dizia. Diz-se por vezes que se pode comunicar "de coração, para coração", penso que este terá sido um bom exemplo.

A Sra. Egami continua a descrição das suas visitas em Paris à grandiosa Torre Eiffel, ao inesgotável Louvre e a outros belos locais da cidade, onde acabam por se deparar com dois conterrâneos seus...[19]:

(...) Um dia aconteceu que nos encontrámos fortuitamente, em Paris, com o Sr. Fugawa, um antigo praticante da Universidade de Gakushuin e com o Sr. Fugawa, antigo praticante da Universidade de Shoei. Eles estavam em viagem por Paris e juntaram-se a nós no passeio.

Foto 78 - Egami Sensei e a sua esposa passeando nas gôndolas de Veneza, 1976

... e da maravilhosa viagem à Suíça com passagem por Genebra, pelo lago Le Mons e e pelo Monte Branco e da inesquecível vista aérea sobre os Alpes na viagem de regresso a Paris; da agradável viagem de avião para Itália, com visitas ao Coliseu de Roma, à famosa ponte Vecchio de Florença e à sempre enigmática torre inclinada de Pisa, as encantadoras paisagens que desfrutou na viagem de comboio e o romântico passeio de gôndola em Veneza [19]:

"(...) que me fez bater forte o coração como se fosse uma garota".

Debaixo de uma forte chuvada (que algumas horas antes deixara o Sr. Campolmi completamente ensopado, enquanto procurava por um táxi) o avião levou a comitiva de Veneza rumo a Londres. Ali, sempre triste por não se ter conseguido encontrar com o seu discípulo Harada, Egami Sensei e os seus acompanhantes não tiveram muita sorte na comunicação em inglês com os locais, acabando por não poder desfrutar de grande parte da viagem. De Londres rumaram então a Lisboa, fazendo escala no Porto [19]:

Em Portugal, num grande ginásio, juntaram-se mais de 1000 discípulos de Mestre Murakami e fizeram um treino de curta duração. Uma vez que não tenho experiência de treino, não posso julgar da qualidade, porém, do mais jovem ao mais idoso, todos demonstraram as suas aptidões com evidente orgulho. (...) Quando chegou o momento de tirarmos uma foto, estava tanta gente que não foi possível incluir todos numa única foto, por isso teve de se fazer dois grupos. (...)

Foto 79 - Na 1ª fila, sentado Mestre Egami. Na segunda fila da esquerda para a dirª: Mário Rebola e Esposa; Miyamoto Sensei; Murakami Sensei; Chiyoko Egami e a intérprete. Nazaré, Portugal, 1976

Ficámos três dias em Portugal e num desses dias fomos à Nazaré passando pelo Cabo da Roca (...) A topografia da Nazaré apresenta uma grande ravina provocada por um terramoto. Na praia havia pessoas grelhando sardinhas tal como no Japão. Vendo isto o meu marido disse - "É isto mesmo que eu quero comer" - semicerrando os olhos. Assim fomos para um restaurante e comemos bastantes. Eram deliciosas. (...) Aliás em Portugal e no Japão há muitas coisas praticamente iguais. Algumas faces portuguesas têm fortes semelhanças com as japonesas (...) e no caminho para a Nazaré, quando atravessámos uma ponte, vi algumas

mulheres lavando roupa no rio, uma cena semelhante às que eu via quando era pequena. Senti saudades.

Houve uma coisa de que o meu marido gostou muito em Portugal – um restaurante de fados. O público vai bebendo vinho enquanto no palco um cantor actua, acompanhado por um guitarrista. Mas, às tantas, o público começa a cantar juntamente com os artistas. Entre os cantores de fado havia uma cantora famosa chamada Amália Rodrigues. Quando visitámos Portugal disseram-nos que ela já tinha actuado no Japão. Todavia, nessa noite, havia um bom tenor que era discípulo de Mestre Murakami. Nós cantámos com ele, mesmo sem sabermos o que dizíamos. Em Portugal os homens dizem "Obrigado" e as mulheres "Obrigada" para agradecer. Antes que nos habituássemos às taxas de câmbio e a algumas pequenas palavras, a nossa estadia em Portugal tinha terminado. Foi uma estadia agradável – Obrigada!

O Ponto de Vista de Mestre Egami

Foto 80 - Mestre Egami e sua esposa, bem como Tomoji Miyamoto Sensei ,acolhidos por Mestre Murakami e seus discípulos em Paris, 1976

As reflexões de Mestre Egami acerca da sua viagem à Europa transportam-nos, de imediato, para o domínio sublime em que o seu espírito se elevava [35]:

O que é o Karate-do? O que é o Do?

Não há fronteiras, nem de raça, nem, a fortiori, profissionais ou sociais entre os amigos ligados pelo "Do". Não tive em absoluto a impressão de me deparar com estrangeiros que visse pela primeira vez.

Eu digo e escrevo frequentemente que o objectivo, ou a finalidade, da prática não é mais do que a comunicação verdadeira, isto é, atingir um estado de espírito em que sintamos que o nosso corpo se liga ao do parceiro.

Expresso desta maneira, é possível que suscite dúvidas, mas não será esta uma expressão do coração, de corpos em união, de simpatia e de camaradagem através da prática do karate, quando somos recebidos de uma maneira tão amigável por pessoas que vemos pela primeira vez?

A prática, como eu sempre digo, consiste em pensar, imaginar e expressar os ensinamentos dos nossos antepassados. O contacto corporal deve criar a correspondência espiritual e o espírito do nosso parceiro será captado pelo nosso corpo. No Dojo, isto conduz a apreender "Sen" e, na vida, exprime-se pela indulgência e pela compreensão. Por toda a Europa eu fui recebido com este espírito que considero como a derradeira imagem da integração da prática na vida.

A prática não se confina aos exercícios executados no Dojo. No Extremo Oriente (e em particular no Japão) há um provérbio – "SOKU-ZE-DOJO" – que significa: "onde quer que estejamos, em cada instante, cada momento é um exercício, cada lugar é um Dojo".

Neste sentido, os Europeus são verdadeiros praticantes de Karate-do e investigadores autênticos da Via (Do).

Eu tive ocasião de assistir a grandes assembleias e sessões de prática em França, Itália, Portugal. Antes de mais, fui tocado pela sinceridade. Os seus olhos tinham o brilho de quem busca a verdade. Na altura de uma conferência fiquei impressionado pelo desejo ardente e profundo de quem procurava a verdade.

No que respeita aos detalhes técnicos, é normal que ainda não estejam perfeitos, mas a técnica pode ser melhorada com o tempo e com bons conselhos; não se trata de um problema fundamental. O essencial é o espírito, a atitude.

Eu deposito grande esperança no futuro do Karate-do Europeu e faço questão de agradecer a Murakami que foi quem o liderou até hoje.

Qual terá sido o processo que conduziu à tendência mundial para a competição que nada mais procura que o combate?

Eu desejaria que reflectíssemos na evolução do Karate de "Yakusoku-Kumité" a "Jiyu--Kumité", de "Jiyu-Kumité" ao combate e que encontrássemos a melhor maneira de praticar o karate. Não se trata de estabelecer comparações, é necessário encontrar a melhor!

Há um século atrás, o Karate de Mestre Funakoshi transformou-se em Karate-Jutsu e depois em Karate-do que é o Karate mundial de hoje.

Debrucemo-nos uma vez mais sobre esta evolução e reflitamos sobre as palavras do nosso Mestre: "Não há combate no Karate-do".

A fim de chegar à verdade absoluta, caminhemos juntos a fim de criar um mundo que transcenda o combate pela prática sincera e ardente que abrirá o caminho do Karate-do, não como a arma de morte, mas como arma de vida.

O Ponto de Vista de Mestre Murakami

Se a amizade e confiança de Egami Sensei no seu discípulo pôde ser resumida na frase que acabámos de ler – *"Eu deposito grande esperança no futuro do Karate-do Europeu e faço questão de agradecer a Murakami que foi quem o liderou até hoje"* – a verdade é que, sob o ponto de vista de Murakami Sensei, o Amor que tinha pelo seu Mestre perdurou muito para além desse mês de contacto mais directo, na realidade muito para além da existência física do seu Mestre. O relato que nos faz das duas visitas do seu Mestre à Europa é muito vivo e repleto de histórias interessantes e mesmo de cenas humorísticas [36]:

Foto 81 - Sentados no canapé, observando o Lobi, da esqª para a dirª: Mestre Egami, Sra. Chiyoko Egami, Sra. Nieves Murakami e Mestre Murakami. Casa de Mestre Murakami, Paris, 1976

Um dia destes a minha mulher fez-me notar que o canapé da sala estava velho e estafado – "Olha!" – disse-me ela, apontando-o com o dedo. Vi de facto um pequeno buraco no braço do

canapé e reparei que todo o resto estava em mau estado também. Era um canapé barato e já o tínhamos há bastante tempo. Respondi à minha mulher que não dispúnhamos de muito dinheiro mas que, enfim, íamos comprar outro. Nesse momento ela perguntou-me – "Lembras-te ? O Mestre descansava ali. Não posso esquecer." – "Curioso!" – reflecti eu, surpreendido. A minha mulher não é japonesa e só conviveu com o Mestre por duas vezes, duas semanas ao todo, aquando das suas viagens à Europa.

No decorrer da estadia, o Mestre dignava-se vir todas as noites jantar a nossa casa. A sua refeição era sempre ligeira e acabava muito depressa. Ele pedia desculpa, levantava-se e estendia-se no canapé, fumando um cigarro. Depois ficava a conversar connosco. Isso tinha marcado o espírito de minha mulher. Perguntei-lhe – "Bem, deixamo-lo então ainda ficar?" – "Deixamos" – respondeu ela. E conservámos o canapé até ele chegar às últimas.

Nos meus contactos com Mestre Egami, foi a sua estadia na Europa (durante um mês) que mais fortemente me impressionou. Se me perguntarem porquê, terei dificuldade em responder. Era meu desejo proporcionar-lhe uma viagem agradável, sem preocupações. Para tal assegurei-me de que tudo fosse bem preparado. Entendia que não se devia falar de karate a menos que fosse indispensável. Isto já era difícil para mim.

Não sei como explicar, mas apoderou-se de mim uma sensação bastante forte, uma sensação intensa. Ainda hoje não sei defini-la. Foi por isso que afirmei que me seria difícil responder caso me perguntassem.

*Cheguei a França numa época em que o Karate-do ainda estava no seu início, aqui. Dez anos depois, em 1967, fui ao Japão por dois meses. Visitei nessa altura Mestre Egami e observei a sua nova maneira de trabalhar. Isso desencadeou em mim a necessidade de outra via. Foi no fundo como se tacteasse num quarto escuro em busca de qualquer coisa, mas não sabia o quê. Obstinava-me assim, todos os dias, no tormento de avançar por mim mesmo. Não conseguia dormir. Tinha a noção de que acabara de enveredar por uma senda deveras espinhosa e isso por vezes constrangia-me. Mas então lembrei-me do ditado: "permanecer três anos em cima de uma pedra..." *.*

Anos depois, senti que as escamas que me cobriam os olhos tinham finalmente caído. Em vez de me lamentar percebi que, no fim de contas, tudo aquilo tinha sido benéfico e dei-me por deveras feliz. Os conselhos que o Mestre me havia dispensado foram para mim algo de muito

---

* Ishi no ue ni mo san nen significa que, se ficarmos três anos sentados numa pedra fria, a pedra acabará por aquecer.

precioso e senti o coração pleno de gratidão. No entanto, apenas com isso, seria eu capaz de seguir o Mestre?

A França não fica nada perto do Japão e eu não podia ir pedir conselho ao Mestre quando não sabia o que fazer. Mas também neste aspecto havia que ter em conta o carácter de Mestre Egami. Ele percebeu a situação, penso eu.

Foto 82 – Mestres Egami (à esqª na foto) e Murakami, à chegada ao aeroporto Charles de Gaulle em Paris, 1976

No dia 11 de Maio de 1976 fui com um grupo ao aeroporto Charles de Gaulle esperar Mestre Egami e a sua esposa. Vinha de visita à Europa. Vinha ver o karate e ter uma ideia de como se havia desenvolvido a árvore do Shotokai. O meu Mestre era acompanhado pela sua esposa e pelo secretário-geral Miyamoto. Não estavam cansados à chegada. Ninguém mostrava sinais de fadiga. Quando Mestre Egami chegou junto dos karateca, apertou a mão a cada um com um sorriso. Via-se que estava encantado por ser recebido de maneira tão calorosa. Alguns empregados do aeroporto e algumas crianças pediram-lhe autógrafos.

Depois de uma pausa em Paris, a sua visita à Europa começou pela Suíça. Ali iriam começar também as minhas tribulações. Na manhã seguinte vieram-me buscar e fiquei um tanto surpreendido quando olhei para o carro. "Que é isto ?" – perguntei. "Não conseguimos melhor" – responderam-me. Ora eu tinha pedido um carro de quatro portas, e aquele só tinha duas. Era um carro de 1957, ano em que cheguei a França. Não podia mostrar irritação. Abri a porta a Mestre Egami e à sua esposa.

Foto 83 - Egami Sensei e a sua esposa próximo do Aeroporto de Genebra, Suíça, 1976

Lá seguimos até dez quilómetros de Genebra. De repente ouvimos um ruído anormal. Vinha do motor e saía fumo. O motor tinha aquecido por fuga de água. O meu Mestre virou-se para mim "Então, Murakami, estoirou?". Eu estava em pulgas. O Meu Mestre, esse, tinha um ar muito calmo, enquanto eu entrava em pânico. Mas suponho que o grupo do meu Mestre ainda estava mais em pânico do que eu. De qualquer forma, pedi ao meu Mestre que mudasse para o carro que vinha atrás. Em suma, o programa desse dia estava perturbado já que ficámos bastante tempo à espera do outro carro.

Ao longo das árvores, na rua onde moro, ergue-se um pequeno muro de pedra. Entra-se e, daí a alguns metros, atravessado o jardim, fica o meu prédio. Há pouco tempo, ao regressar a casa, vejo chegar o meu Mestre. Paro. Vejo-o na verdade ou será ilusão? De qualquer modo, a imagem é bem nítida. Quando ele estava em Paris, vinha todos as noites jantar a minha

casa. Creio que não esqueceu e é por isso que aí volta de tempos a tempos. Casaco castanho escuro e calças bege. Ao ombro um saco preto. A grandes passos, atravessa o jardim entre o pequeno muro e o meu prédio.

Foto 84 - Em todos os países por onde passou Mestre Egami fez questão de apertar a mão a cada um dos discípulos de Mestre Murakami presentes. Paris, 1976

Chegámos a Florença de comboio, por Roma e Pisa. Passámos muito tempo a fazer compras. Toda a gente queria trazer lembranças. Coisas típicas que lhes agradavam.

Pier Campolmi – o Presidente do Shotokai na Itália – ocupou-se de tudo durante a nossa viagem ao país. A conselho seu, o Mestre comprou um fato e um saco (a que já me referi mais atrás). Ficavam-lhe muito bem. O Mestre tinha um ar radioso e disse de brincadeira a Miyamoto – "Miyamoto, quando voltarmos para o Japão vamos com outro aspecto." Suponho que ao chegar a Narita vestiu esse fato.

Após um curto voo sobre a Mancha deixámos de estar na Europa. Ali de nada valia o meu francês habitual. Apesar disso, tive de servir de guia ao grupo do meu Mestre. Tínhamos pre-

visto atravessar o continente, mas Mestre Egami tinha a intenção, não sei desde quando, de ir também a Inglaterra.

Quando chegámos a Londres, deparei-me com bastantes dificuldades. Ao meu francês "parisiense" opunha-se a língua inglesa. Por fim alguém me advertiu: "Monsieur, ici ce n'est pas la France. C'est Londres!" Encontrei em seguida um empregado arménio e pudemo-nos instalar nos nossos quartos.

Em Londres, era Mestre Egami quem melhor falava inglês. Quando, por exemplo, ele pedia chá ou café, traziam-lhe sempre o que ele queria. Quanto a mim, nunca consegui que me dessem chá ou água. Por fim, o meu Mestre troçou comigo: "Meu grande Murakami, vê-se que estás em apuros." Fiquei desapontado. A partir desse momento senti medo de Londres, perdi a vontade de servir de guia, tal era a minha falta de jeito.

Como já não me oferecesse para lhe servir de guia em Londres, foi ele próprio que na manhã seguinte me propôs, sem meias medidas: "Murakami, vamos apanhar o Citirama". Consultei portanto o guia de Londres. O Citirama era bastante medíocre. Seguiu um pouco à beira do Tamisa e parou diante da Torre de Londres. Era tudo! Ora eu supunha que o Citirama ia atravessar Londres de lés a lés. A senhora Egami e o senhor Miyamoto foram no entanto visitar a Torre. Mas o Mestre preferiu ficar no autocarro. Não me recordo já do que lhe mostrei.

Por fim ele troçou: "Em que espécie de autocarro estamos nós?". A senhora Egami e o senhor Miyamoto voltaram e, deixando o autocarro, tomámos um táxi. O condutor era admirável: bastava dizermos "Westminster" ou "Buckingham" e ele levava-nos lá, sem precisarmos de acrescentar mais nada. Além disso, o táxi era mais barato do que o autocarro e podíamos ir logo aonde queríamos.

Na Europa pouco se fala da cozinha inglesa. Mas não existiria a cozinha inglesa? Ora estávamos em Londres e tínhamos a certeza de que havíamos de encontrar um restaurante de cozinha inglesa. Procurei no guia. Acabei por descobrir um restaurante inglês no último andar de um arranha-céus que ficava perto do hotel. Decidimos ir até lá. Recusaram-nos porém a entrada porque não tínhamos reservado mesa.

Havia muitos restaurantes no mesmo bairro. Eu não podia pedir ao meu Mestre que andasse à toa de um lado para o outro. Por fim mandei parar um táxi. Comecei por perguntar: "Parlez-vous français?" Deus tirou-me do meu inferno. "Estive em França, em tempos" – disse-me o condutor em francês com pronúncia inglesa. Chegara a vez de me vingar das minhas desditas. O taxista levou-nos a um pequeno restaurante chinês. A culinária era deliciosa e o Mestre sentia-se feliz. O guia era deveras desajeitado. O meu trabalho nesse campo

não foi na verdade nada bom. O meu Mestre sentia que não era confortável viajar assim, mas enfim tivemos cenas muito cómicas durante a viagem e espero que ele me perdoe.

Como tínhamos acabado de fazer uma viagem a Itália, o café de Londres não nos parecia famoso. Para os italianos, o café é uma bebida muito apreciada, mas para os ingleses não passa de algo para matar a sede, como a água. Eu tinha percebido que Mestre Egami gostava de café, mas a esposa disse-me que ele só tomava duas ou três chávenas por dia. Era por isso que eu hesitava em lhe oferecer mais. No entanto, quando estávamos na Itália era ele próprio a pedir que lhe servissem café. Por fim, fomos nós que o aconselhámos a abster-se. Na realidade tomava demasiado, mas o café italiano era tão bom! Em Londres também tomava café, mas em Londres, quando lhe perguntávamos se queria mais, era frequente responder: "Obrigado, fica para depois". Pelo meu lado, aprecio muito café. Tomo-o, portanto, mesmo quando não sabe a nada. No segundo dia da nossa visita a Londres, quando perguntei a Mestre Egami se o café era bom, ele fez uma careta como uma criança ao tomar um remédio e desabafou: "Ufa! O café de Londres é uma mixórdia". Isso fez-me rir. Mais tarde preveniu-me: "Olha, Murakami, andas a beber muito café." Respondi-lhe: "É verdade, esforço-me por isso". Dessa vez foi ele a rir.

Foto 85 - Mestres Murakami (à esqª), Egami e esposa. Aeroporto Charles de Gaulle, 1976

Nos aeroportos encontram-se cadeiras de rodas com frequência. Desde há muito que tinha o desejo de experimentar uma. Pode-se andar assim de maneira confortável, com os passageiros a afastarem-se à nossa frente. Aquando da segunda visita de Mestre Egami à Europa, acompanhei-o a Orly, donde seguiu para Madrid. Ele tinha chegado do Japão na véspera. Parecia

cansado e propus-lhe uma cadeira de rodas. Pedi-a. Daí a minutos, um jovem francês trouxe-nos uma "coisa". Desdobrou-a e disse: "Sente-se". O Mestre tinha um ar hesitante mas serviu-se dela.

Julguei que isso lhe tinha agradado e no regresso a Paris perguntei-lhe: "Que tal a cadeira de rodas?" – "Não valia nada!" – respondeu-me – "Não posso apressar-me na passarela ao subir para o avião e dizer «obrigado»". E riu. De repente compreendi e senti-me pesaroso por muito tempo. Sei agora que o meu Mestre, apesar da sua fraca saúde, queria manter em público uma atitude serena e digna.

Qualquer pessoa pode aprender os diferentes costumes em uso pelo mundo fora. O difícil é praticá-los. Na Europa, dá-se prioridade às senhoras ao entrar e sair. Se não o fazemos, somos tidos por mal-educados. Em certa altura, o Mestre encontrou-se com outros especialistas de Budo. Expliquei-lhe: "Primeiro as senhoras". Mas, consoante as situações e por hábito, o meu Mestre esquecia-se com frequência. De princípio, eu estava sempre a seu lado a lembrar-lhe: "Mestre, a sua esposa primeiro." – "Ah, é verdade!" – e dava passagem à esposa. Esta, porém, não estava habituada a entrar antes do marido. Passava, a pedir mil desculpas. Era divertido.

O Mestre não gostava de esperar. Logo que estava pronto, queria partir sem mais demoras. Dirigia se para a porta e, chegado lá, lembrava-se: "Primeiro as senhoras". E esperava, com uma feição consternada, como que a murmurar para consigo: "Que estranha mania!". Quanto a mim, já me tinha habituado, ao cabo de tanto tempo a viver na Europa. Mas de princípio também esquecia com frequência. Um dia em que o Mestre, chegado à porta, esperava pela esposa, suspirou: "Vamos. Despacha-te. Mais rápido!" e desatou a rir.

Se a nosso lado estivesse um francês que soubesse japonês, que haveria ele de pensar de uma cena como esta ? Mais uma vez tinha eu feito mal em lhe falar deste costume. Estava sempre a seu lado, com os olhos nele, mas no fundo devia sentir-se pouco à vontade, creio eu.

Em Portugal existia um organismo de artes marciais que dependia do ministério da Defesa. Tirando o judo, tudo o que fosse artes marciais estava sob a tutela desse organismo. Era um resquício do tempo da ditadura. Certo dia o Mestre tinha encontro marcado com o chefe desse organismo, para jantar. Tratava-se de um general da força aérea. Um general que se chamava Portugal. Tinha vindo uma vez ao estágio de verão e cumprimentou toda a gente. Era daí que eu o conhecia. No dia do encontro, o general Portugal trouxe um oficial que era também chefe da secretaria. Estavam presentes o Mestre Egami, a esposa, o secretário Miyamoto, o presidente e o secretário do Shotokai de Portugal e eu. Feitas as apresentações e trocados

Foto 86 - Recepção a Mestre Egami em Portugal. Da dirª para a esqª: Miyamoto Sensei, Mestre Kiyoshi Kobayashi, a esposa de Mestre Egami, Mestre Egami, General Portugal, Mestre Murakami e uma intérprete. 1976

cumprimentos começou o jantar. Com facilidade o Mestre encontrou assunto de conversa com o general Portugal e o ambiente estava animado. Trocavam impressões os dois, sempre com um sorriso. Todos os portugueses falavam bem francês e fui eu portanto a servir de intérprete. Falaram da Associação de Karate, mas não muito. Eu já tinha dito ao meu Mestre que o general Portugal não conhecia bem o Karate.

No fim de jantar, antes do café, o general puxou por um cigarro e voltou-se para a senhora Egami sentada ao lado do Mestre:

- A Senhora permite-me que fume?

Traduzi logo o pedido. A senhora ficou bastante surpreendida. Era a primeira vez na vida que lhe faziam tal pergunta.

- Mas faça favor… – acabou por responder.

Nessa altura tudo correu bem. Os problemas haviam de vir depois. A partir daí toda a gente pedia licença de fumar, estivesse onde estivesse.

- Não incomoda?

A senhora respondia sempre de maneira afável. Por fim era também o Mestre a perguntar-lhe, de brincadeira. A ponto que a senhora passou a responder logo às primeiras palavras.

- Minha senhora, n…

- Não, não incomoda.

Nem deixava acabar e isso fazia rir toda a gente.

Para o general tratava-se de um costume natural, mas para nós, japoneses, aquilo era uma espécie de snobismo. Difícil portanto de aceitar como espontâneo. A meu ver, era compreensível que a senhora tivesse ficado surpreendida.

Um dia servi de guia ao Mestre no palácio de Versalhes. A bem dizer, fui sobretudo para o acompanhar. Já ali tinha estado dezenas de vezes e devia sentir-me em condições de bem explicar o que íamos vendo. No entanto, sempre que ali entro esqueço tudo. Descubro assim de cada vez novos aspectos. É espantoso.

Nesse dia o Mestre tinha um ar muito contente. Observava tudo, mas devia estar muito cansado pois já andava há um mês em viagem. Logo que via um assento no corredor, sentava-se. Por fim, comecei eu a inquietar-me por causa da hora. Era minha intenção voltar cedo para Paris. O Mestre não comia carne e eu não estava seguro de encontrar em Versalhes um bom restaurante para ele. Olhei para o relógio, pus o Mestre às costas e demos a volta ao palácio com os meus alunos. Já tinha feito o mesmo na Suíça e na Itália e estava habituado. Afinal o Mestre era muito mais pesado do que parecia. Devia ter ossos rijos.

De princípio, quando chegou a Paris, ficou em casa do senhor Dubois, no Faubourg Saint Honoré perto do Arco do Triunfo. Um dia, não me recordo a propósito de quê, disse de brincadeira – "Vou mostrar-vos a dança dos ossos". Era muito magro e pensei que fosse leve. Fiquei surpreendido ao pegar nele às costas. Não era nada leve como eu supunha. Ainda me lembro de como me agradeceu. No fundo, porém, creio que não lhe agradaria andar às costas de alguém.

Eis o que se passou em casa do senhor Dubois. Estávamos só os dois: o Mestre e eu e ele confessou-me: "Devia ter vindo à Europa quando era mais novo". Disse-o como desabafo e baixou os olhos. Talvez tivesse comparado o estado do seu corpo e do meu. Calei-me. Não sabia o que dizer. Ainda hoje não consigo esquecer essa cena. Por certo desejaria ter viajado por si só pela Europa, sem andar às costas de ninguém.

Permitam-me que vos conte ainda outra história de cavalitas. Certa vez subi a escadaria central da Ópera em Paris com o Mestre às costas, mesmo sabendo que havia elevadores. Era

Foto 87 - Egami Sensei em Roma, às cavalitas do Sr. Campolmi, 1976

dia de grande afluência. Ao chegarmos ao primeiro andar, abeira-se de nós um empregado da Ópera – "Têm elevador!" – Devia pensar que éramos pacóvios.

No passado eu ia com frequência à Ópera. Mas, só me interessavam os ballets pois tinha uma amiga bailarina. De resto, a ópera é demasiado difícil para mim. Não compreendo nada do que ali se diz ou do que ali se canta. Apenas para ouvir música bastava o quarto balcão. De quando em quando dava uma olhadela para baixo, a ver a cena.

Felizmente o espectáculo era de dança nesse dia. Dois anos antes, quando o Mestre esteve em Paris, não pudemos ir à Ópera. Era noite de gala, reservada para diplomatas e com o presidente da República.

Antes de sairmos, o Mestre tinha-me pedido que o deixasse ir embora e voltar para casa sozinho antes de o espectáculo acabar. Era-lhe penoso ficar muito tempo numa cadeira. Eu tinha deixado um carro à espera. Pensava que ele quisesse sair ao cabo de meia hora ou quarenta minutos. Mas ia-me dizendo: "Ainda posso".

Tínhamos lugares no primeiro balcão, de frente para o palco. O balcão tinha seis lugares. As cadeiras não eram desconfortáveis e tínhamos um canapé por trás. Se o Mestre quisesse, podia estender-se. Connosco os quatro estava um jovem casal francês. O Mestre acompanhou o espectáculo com um cotovelo pousado no balcão. De vez em quando mudava de cotovelo.

Era a primeira vez que eu via aquele ballet e achei-o bom. No intervalo senti-me inquieto e perguntei: "Mestre, sente-se bem, ainda?" Respondeu-me: "Sinto" e acrescentou: "Mottai nai". E calou-se. Viu o espectáculo até ao fim. Não sei se por interesse pela dança ou por não nos querer estragar a noite. Mas lembro-me muito bem das suas palavras: "Mottai nai kara da" (é pena!).

Essa manhã, no táxi, não me sentia contente comigo. Tinha acordado tarde, contra o meu desejo. Havia proposto na véspera irmos tomar o pequeno-almoço juntos aos Campos Elísios. Era o único desejo que o Mestre havia exprimido. Durante as suas viagens confiava sempre em mim e no que eu escolhesse. Quando estava cansado, dizia apenas: "Vão, continuem, eu fico." Nestes casos um de nós ficava com ele. Umas vezes eu, outras vezes um dos meus alunos. Nessas ocasiões, distraía-se aprendendo a falar francês com os franceses. Com frequência os meus alunos me diziam:"O Mestre falou-me disto ou daquilo"

Nunca se queixava de não saber francês.

Enfim, estávamos atrasados para o pequeno-almoço. Era em Junho, com um belo sol. Tempo ideal. E depois um pequeno-almoço nos Campos Elísios é sempre agradável. Podíamos comer no terraço. O sítio era amplo na verdade, com excelente vista. Os croissants, esses, eram deliciosos. Fomos ao Fouquet's, na esquina da avenida George V com os Campos Elísios, ao descer do Arco do Triunfo. Há pouco fecharam o terraço com vidros e acho que foi pena. Mas, naquele tempo o toldo cobria cerca de três metros do passeio com mesas e cadeiras ao ar livre.

Um dos prazeres dos parisienses é tomar café, vendo passar as pessoas. Fizemos o mesmo. O Mestre pediu café, a esposa chá. Lembro-me que nesse momento ele tinha o ar mais feliz de toda a viagem. De resto estava muito bem de saúde e de muito bom humor. De que falámos? Creio que falei da construção do Arco do Triunfo ou da história de Paris, dissertando como se fosse um grande historiador. O Mestre ouvia-me com um sorriso, marcando a sua aprovação com a cabeça. Tinha na verdade um ar feliz. Ainda hoje revejo com frequência o

filme de 8 mm, a relembrar esse dia com o Mestre. Ao fim do jantar, um bateau-mouche no Sena, a catedral de Notre-Dame, a colina de Montmartre, e mais. As recordações não param.

Dentro de uma vintena de anos irei talvez fazer companhia ao Mestre. Nessa altura haveremos de falar muito do que nos restar na memória dessa viagem pela Europa.

Do fundo da minha alma e com veemência faço votos pelo seu sono tranquilo, em paz na eternidade.

Foto 88 - Egami Sensei e sua esposa jantando com Mestre Murakami na sua casa em Paris, 1976

O Desenvolvimento da Murakami-kai Shotokai em França

Se é certo que, no período de transição para o Shotokai, o Mestre Murakami viria a perder muitos alunos franceses da chamada "linha dura" - como foi o caso de Michel Hsu que acabaria por deixar o método de Mestre Murakami para aderir ao *karate full-contact* – também não é menos certo que a segunda geração francesa de alunos, que não conheceram outro método de ensino que não fosse o Shotokai, acabariam por se revelar ainda mais dinâmicos e empreendedores que os seus antecessores.

O Dojo de Mercoeur assumiria cada vez mais o papel de Dojo Central tornando-se, juntamente com Sérignan, local de peregrinação de centenas de karate-deshi de toda a Europa.

A pouco e pouco consolidar-se-ia uma rotina de cerca de uma dezena de estágios por ano só no território francês, com as seguintes datas aproximadas: Janeiro em Bordéus; Fevereiro em Marselha e em Toulouse; Fim-de-semana do 1º de Maio (3 dias) em Paris; Maio em Lyon; duas últimas semanas de Julho em Sérignan (Estágio de verão); Setembro em Toulouse; Novembro em Lyon; De 26 a 30 de Dezembro (Estágio de inverno) em Paris.

Se juntarmos a estes 9 eventos o impressionante número de estágios que o Mestre orientava anualmente com carácter de continuidade – 5 em Portugal, 3 em Itália, 2 na Suíça e 1 na Jugoslávia – chegamos à impressionante soma de 20 estágios anuais por toda a Europa, que lhe ocupavam mais de 22 semanas por ano. Se juntarmos a isto: os treinos especiais de Sábado, reservados aos Assistentes; as aulas especiais que orientava com regularidade nos Dojo's em redor de Paris; e as duas aulas semanais que orientava em Mercoeur. Cabe perguntar:

- A que imenso reservatório ia Murakami Sensei buscar tamanha energia?

Impregnando o corpo franzino do pequeno japonês de Shizuoka, pulsava uma vitalidade inexaurível, uma determinação e vontade de tal modo poderosas que conseguiriam impulsionar meia Europa, contra ventos e marés contrários, no rumo que *O-Sensei* Funakoshi sempre almejara – o Karate-do na sua mais pura essência, como caminho de desenvolvimento pessoal, sem concessões levianas a campeonatos, taças ou qualquer tipo de subterfúgios destinados à angariação fácil de alunos ou fundos.

Proponho então que realizemos, guiados pelas palavras dos seus discípulos, um vasto périplo pelos vários países da Europa onde o Mestre ensinou, no frutuoso período da sua carreira de karateca que foram as décadas de 70 e 80. E que melhor lugar haverá, para iniciar essa visita, que não seja o belo território de França o país que, por sua escolha, acabaria por tornar-se a sua derradeira pátria?

Paris e Arredores

Foto 89 - Luís de Carvalho (à dirª) e o autor, Paris, 2001

Luís de Carvalho (a quem já nos referimos acima acerca do Centro Shotokai de Sintra) nasceu em Lobito, Angola, e foi aí – que, no jardim da sua casa – deu os primeiros passos no Karate-do Shotokai, pela mão de José Evangelista, um cinto azul que estava a cumprir serviço militar em Angola. Em 1975 veio para Portugal e começou a praticar na Academia de Budo, tendo o primeiro contacto com Mestre Murakami num estágio que se realizou no ano seguinte. Em 1978, já como aluno do Centro Shotokai de Sintra, viveu de perto a primeira cisão na Murakami-kai de Portugal, tendo optado, como vimos anteriormente, por permanecer com o Mestre Murakami, quando o responsável técnico de Sintra, Raul Cerveira, decidiu sair da Murakami-kai. Em Setembro de 1979 decidiu juntar-se ao seu irmão, optando em definitivo por viver no país de sua mãe – a França – e, aí pôde então realizar o seu sonho: treinar de forma mais contínua com o Mestre Murakami acabando, mesmo, por se tornar um dos principais Assistentes do Mestre em Paris [8]:

O que eu senti de diferente quando passei a estar em Mercoeur com ele foi que passei a evoluir semana a semana. Não de 3 em 3 meses, nem de 6 em 6 meses, mas semanalmente. Senti que a minha evolução acelerou muito. Havia duas aulas por semana e eram aulas severas. Na altura em que cheguei havia duas aulas por semana, às segundas e às quintas-feiras. E havia um curso especial para os assistentes aos sábados. E, esse curso de assistentes, eu morria de desejo de poder participar nele. E assim, um dia que estava a sós no vestiário com o Mestre

disse-lhe:

- Será que me autoriza a vir treinar aos Sábados.

Ele olhou-me e disse:

- Não é para qualquer um!

Pôs-me bastantes condições: "É preciso ajudar-me, ajudar a Associação, e ser assíduo."

Não me perguntou se eu queria fazê-lo, mas eu disse-lhe:

- Estou pronto a ajudá-lo, a ajudar a Associação e comprometo-me a vir todos os Sábados, sem nunca faltar.

E o Mestre disse-me:

- Vou reflectir.

Ao fim de 2 semanas, mais ou menos, ele deu-me a resposta e ao mesmo tempo disse-me:

– Há um clube em Champigny que necessita de um professor. Será que pode dar lá aulas? O salário é muito baixo…

– Não há problema, eu gosto de dar aulas de Karate.

– Então eu dou-lhe o cinto negro. Vá!

Ao aproximar-se do Mestre, Luís de Carvalho pôde aperceber-se de uma riqueza de pormenores da sua vida diária e de certas subtilezas do seu comportamento que quis compartilhar connosco [8]:

JP – Tu sentiste que Mercoeur foi uma grande diferença de trabalho não só em termos técnicos mas de evolução. A evolução foi mais forte. Mas pudeste graças a esse contacto directo, aperceber-te certamente do modo de vida e do dia a dia do Mestre. Há toda uma riqueza que podemos chegar a compreender se trabalhamos muito próximo…

LC – Bom, é verdade que quando eu estava todos os dias em Mercoeur havia um "ambiente" que o Mestre imprimia.

JP – Por exemplo bebiam chá em conjunto no final…

LC – Sim bebíamos chá na pastelaria e mais tarde, para economizarmos, propusemos-lhe fazer um grande bule. Quando íamos ao café, muitas vezes era o Mestre que pagava. O Mestre era muito generoso. Se não nos apressássemos a pagar ele sacava do dinheiro e pagava a conta a todos. Portanto tínhamos de pagar logo e às vezes não conseguíamos. Como isso custava um bocado caro, decidimos começar a fazer, nós mesmos, o chá.

Mas o mais importante que eu sentia em Mercoeur era a presença do Mestre Murakami. Quer dizer, ele tinha (eu fui compreendendo isso pouco a pouco) duas faces, podemos dizer, uma face muito yang (sólida interiormente) e outra muito yin (souple exteriormente). Por outro lado ele era um pouco brutal…

JP – Duro?

LC – Não duro, brutal! (Risos) Quer dizer quando eu me tornei seu assistente passei a ter a oportunidade de falar com ele e ele disse-me: "Sabe, quando queremos mudar alguém o melhor é provocar-lhe um choque!". Quer dizer, não se trata de explicar demasiado – "Vais fazer assim, vais fazer assado" – o método do Mestre Murakami para o trabalho era o de provocar um choque. Esse choque por vezes era uma bofetada que parecia querer dizer-nos: – "Reflecte! Reflecte sobre ti próprio!" – É verdade que, na maior parte da nossa educação, fomos um pouco mimados. Mas este tipo de educação, de pedagogia, era para ele normal.

JP – Sim para um japonês essa é uma questão cultural.

LC – Sim. Ele procurava a melhor coisa para os seus alunos. Mas havia outras coisas que eram muito subtis. Coisas das quais ele nunca falava. Havia coisas muito brutais, muito directas mas havia outras… Os exemplos são difíceis de explicar… Coisas que ele não dizia. Não falava disso. E quando penso nisso, para mim, a imagem de Murakami Sensei é de educação sem falar. O verdadeiro ensinamento de Mestre Murakami, tudo o que ele quis transmitir, tudo o que eu pude compreender dele, foi sem falar. Por um olhar… Pelo seu silêncio... Qualquer coisa de profundo… Ele percebia – "Ele compreendeu, ou ainda não compreendeu? Se ainda não compreendeu são precisos mais dois ou três choques, pancadas, para acordar". Mas havia coisas muito subtis, tudo o que toca no nosso sentimento interior. Disso ele falava muito pouco. Mas ele tinha um modo de fazer compreender.

É de facto muito interessante notar a forma como o Mestre abordava problemas que surgiam entre os seus alunos [8]:

(...) Chegámos junto do Mestre e dissemos – "Mestre temos tido grandes problemas com este assistente e não sabemos o que fazer, isto assim não dá… Será que o Mestre poderia falar com ele para o pôr no bom caminho!". O Mestre reflectiu um pouco e depois disse – "Sim, de acordo, falarei com ele!" Organizou então uma refeição connosco e com o assistente em questão. Começámos a refeição normalmente e sem falar nunca directamente desse problema, ele falou de outra pessoa que tinha uma questão semelhante dizendo – "Ele não compreende nada, etc., etc.," – passou mais de duas horas a falar do caso do assistente que estava ao lado dele sem abordar a questão directamente.

Foto 90 - Da esqª para a dirª: Pierre Jean Boyer, Jean Marc Labat e Luís de Carvalho (Assistentes do Mestre em Paris, nos anos 80); José Patrão, Mauro Ferrini e Pascal Génin, Paris, 2001

Ou a forma cuidadosa como se referia aos defeitos deles [8]:

Há muitos episódios… Muitas vezes nós falávamos de um antigo e dizíamos – "Mestre, sabe, ele não trabalha bem. É mau" – ou qualquer coisa desse tipo. Ele olhava-nos com um ar severo e dizia simplesmente "Sim. É verdade. Ele normalmente não reflecte sobre o seu trabalho (de karate)!". Quer dizer quando o Mestre dizia – "Ele não reflecte sobre o seu trabalho" – ele queria dizer – "Ele é realmente muito mau!" (risos). Mas não dizia essas palavras. É por isso que quando dizem – " O Murakami era brutal!" – escapa-lhes que o seu coração era muito doce, era muito gentil, muito flexível. O seu carácter, o seu método de educação no Dojo, era muito severo, mas no que respeita aos sentimentos ele era muito doce. Penso que nunca o ouvi dizer nada do género – "Fulano de tal é um mau praticante!" – ou – "Você é um idiota!".

Quanto às ligações entre a vida familiar e o Karate, Luís de Carvalho é muito claro [8]:

JP – Gostaria que falássemos um pouco da sua vida familiar. Ele decidiu casar-se, teve um filho. Será que o seu filho e a sua mulher tinham relacionamento com os alunos. Ou será que era algo de completamente separado? O seu filho não treinava…

LC – Bom, o seu filho no dojo de Bolonha fazia a ginástica. Eu penso que ele poderia ter seguido a via do Karate se tivesse querido. Mas ele vinha com 12 ou 13 anos, fazer a ginás-

tica ao dojo de Bolonha. Quer dizer os nossos contactos, com a sua família, limitavam-se à refeição que fazíamos uma vez por ano em Mercoeur e em Sérignan. Aí, como eram quinze dias de estágio, íamos frequentemente comer ao bungalow dele, outras vezes convidávamo--lo nós a comer connosco.

Finalmente cita-nos um episódio curioso do qual ressalta uma frase que todos nós sentimos que tem, ontem como hoje, muito de verdade [8]:

Há uma história de que me recordo relativamente ao Shotokai actual. Em termos de Shotokai diz-se que há demasiado ego. Estávamos nos anos 80 em Paris e um dia havia alguém que tinha vindo de uma outra Associação que dizia – "Mestre eu gostaria bastante de vir, mas como há muitas condições e imposições e …" – e o Mestre respondeu – "Sabe o problema do Shotokai é que o Shotokai é a perda do ego, mas todos pretendem dirigir. É por isso que não funciona!".

Foto 91 - Pierre Jean Boyer, Paris, 2001

Pierre Jean Boyer foi outro dos Assistentes directos de Mestre Murakami em Paris nos anos 80. Boyer iniciou a sua prática em 1970 tendo como instrutores directos Quang e Lionetti. Em 1971 contactou pela primeira vez com Mestre Murakami, quando este foi orientar uma aula ao dojo onde praticava. Na entrevista que nos concedeu Boyer responde a uma questão importante em termos da relação pedagógica do Mestre Murakami com os alunos:

JP: O Mestre era uma pessoa verdadeiramente difícil? Difícil em termos físicos, difícil em termos de relacionamento?

PJB – Eu não o creio. Penso que todos aqueles que dizem que o Mestre era violento, são sempre os mesmos que criavam condições de lhe provocar esse tipo de reacções. Mas ele era uma pessoa justa, portanto creio que alguém que não se comportasse muito bem… Mas talvez ele tivesse evoluído um pouco, talvez fosse de facto um pouco menos severo ultimamente. Todavia os únicos casos em que o vi verdadeiramente encolerizado, ou zangado, ou quando fazia sair alunos, foi em situações em que era mesmo necessário fazê-lo. Por exemplo lembro-me de uma história em que ele bateu no Prince e no final do treino este disse-lhe: "Eu vou parar, você não tem o direito de me bater desse modo" e o Mestre disse-lhe: "Mas eu comporto-me consigo como um pai com o seu filho". Penso que isso era verdade, penso que ele tinha a noção do grupo como uma família onde lhe cabia a responsabilidade de nos fazer progredir mas era preciso também que, em retorno, os alunos mostrassem que queriam trabalhar.

Boyer também responde a uma questão fulcral:

JP – Como é que é possível (em Portugal sentimos isso) que um homem como este que foi o pioneiro do Karate na Europa, um homem que fez desenvolver tanto o Shotokai, um homem que é reconhecido entre os alunos mais antigos do Mestre Egami, como é possível que esteja agora quase completamente esquecido. O que aconteceu? O que se passou?

PJB – Esquecido não sei se foi.… Mas para começar há algo…

JP – Mas os nomes de que se fala hoje a nível do Shotokai na Europa são "Harada", "Hiruma"…

PJB – O Mestre nunca quis fazer comércio. Portanto logo isso impediu-o um pouco de se dar a conhecer. Além disso é verdade que uma boa parte dos karatecas franceses começaram com o Mestre Murakami, trabalharam com o Mestre Murakami, reconheceram os seus valores humanos e técnicos no Karate. Mas, paralelamente, as artes marciais estão "em baixa". Houve o período do Bruce Lee, dos primeiros campeonatos do mundo... Agora os clubes ainda têm alguns alunos, mas as artes marciais agora viram-se mais para o Taichi, Chi-Kung, as coisas mais doces. Talvez porque o esforço é algo que se está a perder. No teu emprego se tiveres trabalhadores jovens e se lhes disseres "Para começar é preciso trabalhar esforçadamente e depois logo se discute", isso já não está na mentalidade actual. Portanto um Karate como o nosso onde é preciso primeiro praticar, sem colocar questões, tentar compreender depois; um karate bem "suado", isso já não corresponde à mentalidade actual.

Foto 92 - Mestre Murakami (à dirª) demonstrando kumite com Patrick Herbert durante um estágio

Patrick Herbert, Assistente do Mestre a nível técnico e Secretário da Shotokai France nos últimos anos de vida de Murakami *Sensei* relata-nos aspectos interessantes do seu relacionamento mútuo [8]:

JP – Então tu tiveste uma relação muito directa com o Mestre?

PH – Eu morava em Boulogne tal como ele. E após as aulas tomávamos o metro ou, quando eu levava o carro ele acompanhava-me de modo que regressávamos juntos. Todas as noites. Por isso eu falava com ele mais que os outros. E como eu morava em Boulogne sempre que ele tinha aulas para dar ou qualquer outra coisa para fazer, ou comprar telefonava-me e íamos juntos. No respeitante ao seu correio ajudava-o também, e assim estava ao corrente das coisas que se passavam. Grande parte das cartas escritas para o Japão fui eu que as escrevi.

JP – É por isso que foi o homem, mais que o tecnicista que te influenciou...

PH – Sim era depois das aulas que eu tinha contactos mais ricos. Todos os alunos tentavam ficar bem vistos perante o Mestre, e esforçavam-se por se comportar bem. Mas quando o

Mestre desapareceu a verdadeira personalidade deles veio ao de cima e era uma catástrofe.

E mais adiante relata-nos outro aspecto peculiar do carácter do Mestre, a extrema sensibilidade para com os animais, começando pelo seu caniche Lobi [8]:

PH – Sabes qual era o seu truque para atravessar a rua? Ele atravessava primeiro e depois chamava o seu cão que só depois vinha ter com ele.

JP – E a relação com esse animal era muito forte?

PH – Sim. Esse cão foi um presente que um aluno de Toulouse lhe deu no final de um estágio. Ofereceram-lhe o caniche e ele afeiçoou-se ao cachorro. Ele gostava muito de animais. Lembro-me que em determinada altura recuperaram um pássaro e o pássaro passeava-se pela casa em liberdade pelo apartamento e então tiveram de proteger os móveis por causa dos dejectos do pássaro. Tê-lo prisioneiro era algo que não lhe agradava.

Foto 93 - Da esq[a] para a dir[a]: Mestre Egami, Miyamoto Sensei e Yves Ayache. Paris, 1976

Yves Ayache – outro Assistente directo do Mestre em Paris – que começou a praticar em 1964 quando tinha apenas 16 anos de idade, em Mercoeur (dojo que o Mestre tinha aberto no ano anterior *) proporcionou-nos, ao longo de várias conversas informais que tivemos em Paris, um conjunto de informações importantes que serviram sobretudo para enquadrar cronologicamente certos factos e datas.

Graças ao seu temperamento comunicativo, Yves Ayache foi encorajado pelo Mestre a realizar contactos mais estreitos com grupos japoneses ligados ao Mestre Egami, nomeadamente o grupo de Fujitsu. Ayache colaborou também activamente na fundação, em 1986, da Shotokai France, associação que substituiu a Murakami-kai em França.

Marselha

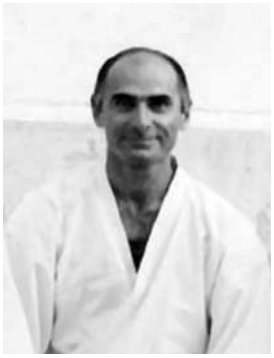


Foto 94 - Alain Hagopian

Alain Hagopian, o principal obreiro do Karate-do Shotokai na região de Marselha, fala-nos, num artigo publicado em 1986, da génese do karate marselhês em 1966, do seu primeiro contacto com o Mestre em 1978 (num estágio que decorreu no Dojo do Sr. Guyot, no Dojo do Sr. Guyetan na Rua Paradis em Marselha) e da evolução do Shotokai na Região 37:

O Shotokai em Marselha é bastante antigo. Os inícios oficiais remontam a 1966. Na época o representante era o Sr. H. Milanta que organizava estágios sob a direcção de Mestre Harada. O grupo Shotokai era bastante importante; o Mestre vinha frequentemente. Um dia, por ocasião de um estágio, as relações entre Mestre Harada e H. Milanta deterioraram-se; a razão principal ainda hoje me escapa. O resultado foi que o Mestre não veio mais a Marselha. Seguiu-se a fragmentação do grupo marselhês. Um grande número de jovens que praticavam na época, dos quais eu fazia parte, viu-se sem Sensei. Muitos infelizmente abandonaram. Seguidamente outras correntes "Shotokai" tomaram algum relevo, mas sem sucesso, excepto o de manchar a sua imagem.

Em 1978, o Sr. Guyot organizou um estágio com o Mestre Murakami. Prevenidos, participámos nesse estágio. Até então, não conhecíamos o Mestre. Para um primeiro encontro, o contacto foi muito bom. O espírito e a prática eram a que nós procurávamos desde há anos. Para que nos afastássemos o menos possível do ensinamento do Mestre, passámos a participar na maior parte dos estágios.

A situação actual em Marselha: dois clubes representam o Shotokai; reúnem uma quarentena de alunos que podem praticar quatro vezes por semana.

Num artigo mais recente (datado de Agosto de 2000) Alain Hagopian conta-nos com maior detalhe como decorreram os primeiros contactos com o Mestre Murakami e como foi

evoluindo o Karate-do Shotokai em Marselha, desde então [38]:

A vinda de Mestre Murakami a Marselha e o nosso novo Dojo correspondem ao mesmo período [1978]. Graças a Lucien Stasi tínhamos podido encontrar uma nova sala para os nossos treinos no lugar de Tourette au Panier. Nesta antiga escola tínhamos duas salas para praticar e, apesar deste dojo não ser central, o que não era favorável em termos de afluência, tínhamos pelo menos a vantagem de ter uma total autonomia. Tínhamos criado para este fim "A Associação Omnisports do 3º Cantão". Um dia, fiz a descoberta num diário marselhês de um artigo sobre a vinda a Marselha de um grande Mestre de Shotokai – Mestre Murakami. Até então eu pensava que Harada Sensei era o único representante para a Europa do Shotokai. Com efeito, Mestre Murakami tinha sido nomeado recentemente o responsável administrativo do Shotokai para a Europa. De facto fora convidado a vir a Marselha pelo Sr. Guyot, antigo aluno de Mestre Guyetan. Isto foi entre 1978 e 1979. O meu primeiro contacto teve lugar por ocasião deste estágio em Marselha no Dojo de Mestre Guyetan na Rua Paradis. Desde o começo que a "corrente passou" do Mestre para mim e, no fim do estágio, assegurei-lhe que tomaria uma decisão rápida, se continuaria com Harada Sensei ou se decidiria segui-lo. Após uma reunião de antigos, e na sequência deste estágio, tomámos a decisão de seguir definitivamente Mestre Murakami e de fazer parte da Shotokai France que, na altura, ainda era denominada Murakami-kai. A partir deste período seguimos regularmente os estágios: Paris, em Dezembro e 1º de Maio, Lyon e Sérignan no verão durante 15 dias. Tínhamos um programa de trabalho idêntico no Dojo. Finalmente estávamos num grupo muito bem estruturado.

Como o Sensei dirigia um estágio anual em cada dojo principal nós pensámos trazê-lo a Marselha mas, desta vez, a nosso convite. Isso passou a acontecer a partir do ano seguinte e o estágio de Marselha passou a ocorrer regularmente, tendo sido inscrito no programa de estágios da Shotokai France. Durante um curto período, em Marselha, havia três grupos de Shotokai, dois dos quais praticavam sob a direcção de Murakami Sensei: o grupo do Sr. Guyot e o nosso. É necessário que se diga que Guyot praticava uma forma de Shotokai muito pessoal, com efeito uma mistura de Shotokai Murakami e de Guyetan Ryu. O terceiro era o grupo do Sr. Milanta, dirigido por Denis Lleu, e que trabalhava ainda sobre a ideia de Harada Sensei. Por ocasião de um estágio em Marselha Murakami Sensei propôs a Guyot que escolhesse rapidamente. Este optou pelo seu estilo de origem o que deixou em Marselha apenas um grupo da Murakami-kai, o nosso. Por ocasião destes estágios em Marselha o grupo de Denis Lleu acabou por decidir também seguir o Mestre Murakami e juntou-se ao nosso grupo.

Bordéus

Serge Dévineau, num artigo de 1984, fala-nos do Karate-do Shotokai na Região de Bordéus referindo que, apesar da fundação do Dojo de Bordéus remontar a 1968, só em 1979 chegaram ao conhecimento de Mestre Murakami, curiosamente, durante um estágio com Mestre Egami no Japão [39]:

Se é certo que o grupo Shotokai de Bordéus é já relativamente antigo (o primeiro clube foi criado em 1968) foi apenas muito mais recentemente que conheceu um desenvolvimento significativo, nomeadamente depois que Mestre Egami nos fez saber, aquando de uma viagem ao Japão efectuada em 1979, da existência de Mestre Murakami e da nova organização Shotokai na França. Agora, em retrospectiva, é possível afirmar que a adesão à organização Murakami-Kai foi, indubitavelmente a decisão mais importante que o clube de Bordéus tomou. Com efeito, esta decisão, teve um aspecto extremamente positivo. Em primeiro lugar, no que respeita aos membros do nosso grupo:

- Permitindo reforçar as motivações, graças a uma certa emulação que existe nos diversos estágios, e à preparação específica que exige a organização do estágio que Mestre Murakami dirige todos os anos no mês de Janeiro em Bordéus.

- Desempenhando um papel "protector", o Mestre Murakami assume-se como um guia, técnico e espiritual, capaz de nos fazer avançar sobre o caminho do progresso, e a participação nos estágios nacionais favorece o contacto com pessoas de todos os horizontes que partilham a mesma concepção do Karate.

Seguidamente, a adesão à organização Murakami-kai permitiu, graças à notoriedade do Mestre, fazer admitir representantes Shotokai nos escalões regionais e departamentais da Federação Francesa, seja um representante no Comité Departamental (e provavelmente, num próximo futuro, ao Comité Director da Liga do Sudoeste), seja um representante nas Comissões Técnicas da Liga e de Departamento.

Actualmente, além do clube de Bordéus propriamente dito, o grupo Shotokai conta três novos clubes na região (dois na Gironde, em Langon e Cestas, e um na Dordogne, em Périgueux). Naturalmente, são feitos todos os esforços para manter relações bastante estreitas entre estes quatro clubes, e para tal, são organizados treinos comuns em cada Dojo (ou na praia, Bordéus situa-se apenas a 50 quilómetros do oceano) e os exames de graduação realizam-se igualmente em comum.

Lyon

Foto 95- Da esqª para a dirª: Sr. e Sra. Monneret e Bernard Gallice, foto actual

O CLAM (Centro Lionês de Artes Marciais) foi fundado em Abril de 1965, pelo Sr. Bernard Monneret. Na época, foi o primeiro clube da região a centralizar todas as disciplinas essenciais do Budo e a querer apresentá-lo de acordo com as suas características originais: Formativas e não apenas desportivas. Bernard Monneret, responsável do Clube, possui o diploma estatal de 2º nível. É igualmente Cinto Negro de cada uma das disciplinas ensinadas. Foi o primeiro praticante de karate (1955) e Aikido (1960), da região Rhône-Alpes, e foi também dos pioneiros na prática do Judo. Em resumo: 54 anos de Tatami e 47 anos de experiência no ensino.

Bernard Gallice, aluno directo de Mestre Tetsuji Murakami, tornou-se posteriormente o instrutor de Karate-do Shotokai do CLAM, função que ainda hoje desempenha.

Foto 96 - Mestre Murakami à esquerda, treinando com Bernard Gallice, em Lyon

Nancy

Foto 97 - Pascal Génin

O karate em Nancy foi iniciado em 1965 pelo Sr. Paul Brucker (que já era professor de judo) logo após ter iniciado a sua prática com o Mestre Hoang Nam. A partir de 1966, Brucker tornar-se-ia discípulo de Murakami Sensei, acompanhando depois a transição do Mestre para o Shotokai.
Dentre os alunos do Sr. Brucker, Gérard Letensereur seria o primeiro a abrir um segundo clube em Nancy Vandoeuvre, que passaria depois a ser orientado pelo seu aluno Pascal Génin que é ainda hoje o instrutor.

Nascido em 1957 em Nancy, Pascal Génin começou a sua prática do Karate directamente pelo Shotokai, em 1972, tendo como instrutor Gérard Letensorer e como Mestre Tetsuji Murakami, cujos estágios passou a seguir de imediato, nomeadamente Sérignan, desde Julho de 1973. Ensina no MJC Loreno desde 1976.
Nos anos 75-80, numerosos clubes praticavam o karate Shotokai na região da Lorraine: Varangéville e Rosière aux Saline dirigidos por Gérard Wurmser; Château Salins tendo como responsável Pino Pagnota; Champigneules, com o instrutor Claude Simon, Nancy Jeanne-d'Arc, orientado por Jean Pierre e St. Nicolas de Port, dirigido por Jean Paul Uhring. Em 1980, o Sr. Brucker confiou o seu clube a Gérard Wurmser.

Languedoc

Xavier Corbin, um dos alunos mais antigos de Mestre Murakami, resume-nos, num artigo publicado em 1990, a evolução da Murakami-kai nesta região do Sul de França [40]:

Desde há 25 anos que pratico o karate em Toulouse, a minha história desportiva está intimamente ligada à de Mestre Murakami. O meu papel de responsável do Karate-Do-Shotokai na Região do Languedoc permite-me ter uma visão global da evolução dessa formação. Não posso começar sem fazer algumas alusões rápidas ao nascimento balbuciante do que viria a tornar-se a nossa liga do Languedoc, tão importante hoje. Não hesitarei nunca em sublinhar que o seu desenvolvimento fica a dever-se, em primeiro lugar, a Mestre Murakami, ao seu rigor, ao seu exemplo e aos seus conselhos. Mestre Murakami era, não apenas um professor incomparável, mas possuía também uma inteligência notável. Pareceu-me indispensável debruçar-me sobre um passado que é comum a todos nós, mesmo aos que de nós se afastaram.

(...) No dia 1 Junho de 1958, organizou-se um primeiro estágio em Toulouse. Esta demonstração de Karate Shotokan conduziu a esta via os primeiros responsáveis da zona de Toulouse. Dentre estes precursores são de destacar: Del Blanco, Romeu, Sajous, Bauredom et Nectoux (primeiros Dan, graduados em Março de 1961).

Romeu, Bauredom e Nectoux viriam a tornar-se os fundadores da Liga do Languedoc. Quanto aos nossos professores Nectoux e Cazal tornar-se-iam os primeiros cintos negros da Federação de Karate-Kendo de Mestre Murakami. Em Novembro de 1963, torno-me aluno do Sr. Nectoux, no dojo do Capitole em Toulouse. Infelizmente, por razões de saúde, este retira-se, nomeando à cabeça do Clube Edmond Ragot, cinto negro com o Sr. Molinié, cinto violeta. Esta organização desfazer-se-ia rapidamente com a partida do Sr. Molinié e de todos os alunos, que se recusavam a submeter-se à dura disciplina e rigor de Mestre Murakami. O Sr. Nectoux e eu próprio continuamos, sós, por ventos e marés. Recomeçando do zero, vimos com satisfação a situação melhorar. O meu amigo Nectoux pede-me que assegure a direcção do clube do Capitole. Quanto ao Sr. Ragot, sempre enérgico, cria uma secção no E.T.A.M. com o apoio do nosso excelente camarada Guiral, professor de Artes Marciais. Esta grave perturbação faz com que, durante 3 anos, os estágios tenham sido suprimidos. Porquê? Mestre Murakami era demasiado exigente para alguns e a nossa ossatura era ainda demasiado fraca. O número de quotizações não permitia cobrir as despesas de um estágio. Em 1967, com a situação dos clubes já restabelecida, damo-nos conta que não estamos a progredir. Contactámos então com o Sr. Tam. Este, antigo habitante de Toulouse, reside agora em Paris sendo assistente de Mestre Murakami. Voluntariamente, com um ma-

gnífico espírito de equipa, o Sr. Tam vem preparar-nos, ao longo de vários estágios, para recebermos o ensino de Mestre Murakami.

Foto 98 - Estágio em Toulouse. Na fila de trás, da esqª para a dirª: 2º - Miota; 4º - Xavier Corbin; 12º – Mestre Murakami; 16º – Parraga; década de 80

E Xavier Corbin prossegue, descrevendo sinteticamente a transformação de Mestre Murakami no final da década de 60, percurso que, mais acima, já tivemos ocasião de acompanhar com maior detalhe [40]:

Mestre Murakami, como todas as pessoas inteligentes, não temia por-se em questão. Submeteu-se a uma profunda evolução. Como? Por ocasião da morte de seu pai, partiu para o Japão para participar nas suas exéquias. No seu país natal, reencontrou o seu Mestre e uma nova via. "Quando vi Mestre Egami, compreendi que, confusamente, tinha sido isso que procurava desde sempre". Este tinha sido designado por Mestre Funakoshi como "Mestre único na via". Constata-se que Mestre Funakoshi, no final da sua vida, embora permanecendo fiel à tradição, quis remodelar completamente o Karate, insuflando-lhe flexibilidade e harmonia. Para Mestre Egami, seu discípulo, o Karate deveria ser uma arte marcial autêntica. Isto conduz-nos a uma via bem diferente daquela que é percorrido pelos destruidores de tijolos e campeões.

Esta concepção foi uma revelação para Mestre Murakami. Decide renovar o seu ensino, os movimentos devem ganhar em flexibilidade e harmonia. A tensão deve desaparecer: é em

descontracção que o aluno deve enfrentar o seu parceiro.

É isso o Shotokai.

(...) Libertando os nossos corpos de tensões, o nosso Mestre ensinava-nos agora a concentrarmo-nos mais, chegando assim ao "irimi": a intuição permanente do adversário. Mestre Murakami traduzia "irimi" "pela antecipação sobre a antecipação".

Todos aqueles que, como eu, desejam continuar ensinando o Shotokai de Mestre Murakami, foram seduzidos por esse conceito que não contraria a natureza profunda do homem. Uma outra ideia interessante é a de constatarmos que se pode progredir incessantemente, qualquer que seja a idade. Perante esta harmonia proposta pelo nosso Mestre, certos "durões" duvidaram da sua eficácia. Um novo cisma acabou por produzir-se sobre esta questão. Em minha opinião tratou-se de um erro grosseiro. Quanto mais pratico o Shotokai, mais me consciencializo da sua real eficácia.

O Sr. Corbin continua depois a descrever-nos a política adoptada pelo Mestre, com a ajuda do seu discípulo Jacques Fonfrède, de integração nas instituições oficiais [40]:

Devido às novas disposições do Ministério dos Desportos, Mestre Murakami decide, com a ajuda de um dos nossos pioneiros do Shotokai, o Sr. Fonfrède, instaurar uma política de integração na Federação de Judo e Disciplinas Associadas que há-de tornar-se depois a Federação Francesa de Karate e Artes Marciais Afins.

(...) Esta política seria integralmente aplicada em Toulouse:

- implementação das licenças,

- obtenção de "Diplomas de Estado" para os responsáveis,

- declaração oficial das salas na Secretaria de Estado da Juventude e Desportos.

Em 1970, o Mestre cria a Murakami-kai. Esta política geral oficializa o primeiro núcleo de responsáveis, ainda terceiros kyu, sob a responsabilidade do Sr. Ragot, 1º Dan. É assim que me torno responsável da secção de Karate do Judo Clube do Capitole. Dentre estes responsáveis destaco os Srs.: Heuzé, Han Tsé Chuen, Orbizo, Laville e Corbin.

Em 1969 em Sérignan, este 5 mosqueteiros obtêm o cinto negro. O excelente trabalho de Ragot completa-se com a designação de Heuzé como responsável do ETAM. Graças à seriedade do nosso grupo e às demonstrações que efectuamos, afirmamos o nosso estilo na vanguarda dos Presidentes de Ligas. Tornamo-nos os interlocutores válidos do Sr. del Blanco, do saudoso Michel Capelle e, actualmente, do Sr. Gonzales. Heuzé torna-se professor do ETAM. Han Tsé Chuen ocupa-se do Dojo da universidade Paul Sabatier. Eu próprio

torno-me responsável do Murakami-kai do Languedoc e professor de Karate no Dojo do Capitole.

Em 1973 receberei, com 4 outros responsáveis, a Carteira de professor de Karate. Alibert, o primeiro dos meus alunos a tornar-se cinto negro, esforça-se até à exaustão para criar novas salas de prática. Dirige o clube de Sauzelong-Rangueil em 1974. Infelizmente, sob a influência de factores diversos, um pouco mais tarde abandona.

Bréonce, cinto castanho, deixa Toulouse e estabelece-se em Pamiers. Aí criará um centro importante em plena evolução. Durante bastante tempo deslocar-me-ei ali ajudando-o a criar o seu próprio núcleo. Tornando-se cintos negros, Paraga e Destarac continuam a animar energicamente o ETAM, secundando Heuzé que se dedica ao máximo. Por razões independentes da nossa vontade, o Dojo do Capitole encerra. Teremos de procurar outras salas. Tivemos a possibilidade de encontrar dois Dojos: Ancelys em 1973, Bonnefoy-Lapujade em 1977, nos quais trabalho alternadamente.

Finalmente o Sr. Corbin descreve-nos o período áureo em que se assiste à plena expansão do Shotokai na Região do Languedoc logo após a visita de Mestre Egami à Europa, em 1976, que tivemos ocasião de acompanhar mais acima [40]:

Quando Mestre EGAMI vem a Paris, em 1976, tenho a honra de ser apresentado como responsável do Murakami-kai do Languedoc. Entretanto, após a visita de Mestre Egami em 1976, Mestre Murakami é confirmado como responsável europeu para o Shotokai. Mestre Murakami dá-nos plenos poderes para fazer prosperar os nossos Dojos, gerando um autêntico viveiro de cintos negros. O Clube de Bonnefoy-Lapujade começa bem logo desde o seu início. Belmonte, cinto negro de Shotokan, junta-se a nós. Após uma reciclagem de alguns anos passa, ao mesmo tempo que o meu aluno Miota, a cinto negro de Shotokai.

O cinto negro de Bréonce (atrasado pela sua ausência a vários estágios do Mestre) vem recompensar finalmente os seus dons. Heuzé deixa o ETAM por razões de saúde. Destarac substitui-o. Pujol, aluno de Bréonce, torna-se cinto negro, o que lhe permite vir a ajudá-lo. Em 1982, nomeado 2º Dan, continuo a ocupar-me de Bonnefoy-Lapujade, viveiro de futuros professores.

O Desenvolvimento da Murakami-kai Shotokai em Itália

Foto 99 - Foto com cintos negros num dos primeiros estágios em Itália. Da esqª para a dirª: Brogi, Bettoni, Mestre Murakami, Piccini, Pier Luigi Campolmi e Romani. Viareggio, 1965

Pier Luigi Campolmi [41] o grande pioneiro do Karate-do Shotokai Italiano revela-nos, numa entrevista concedida em 1985 a Walter Nistri, as suas origens e o seu entendimento da filosofia de Mestre Murakami:

P – Você pertence à velha guarda dos praticantes de artes marciais nascida no Kodokan de Florença. Quem foi o seu Mestre?

R - Iniciei o Karate em 1957 com 18 anos com o Maestro Vladimiro Malatesti (iniciador desta disciplina na Itália e fundador da F.I.K.). Após 3 anos de trabalho, o Sr. Malatesti organizou um estágio, chamando o Mestre Tetsuji Murakami. Então fiz a minha escolha e o tempo sempre reforçou mais em mim a convicção do privilégio de poder-me considerar Seu aluno. Para além da fase de "misticismo oriental" pela qual passam todos o que praticam artes marciais, durante a qual o Japão e os Japoneses parecem pertencer um outro planeta. É necessário aprender a avaliar todos os mestres de qualquer nacionalidade como mestres, mas sobretudo como homens.

P – Considera que o Karate possa ser um desporto?

R - O Karate é praticado hoje na maioria dos casos como desporto. Mesmo alguns que praticam o Shotokai, e que fazem um trabalho do tipo que eu assinalei, participam em competições desportivas. Até um certo nível a componente mental constitui certamente uma

vantagem, mesmo na competição.O que se deseja para a vertente desportiva é que possa travar certas formas degeneradas como o full-contact que transformam o karate em algo de irreconhecível.

P - Ao contrário do Karate Shotokan, fala-se pouco do Shotokai e de Mestre Murakami. Quem é este Mestre que é indicado como um dos maiores praticantes de artes marciais?

R – Eu diria que na Itália oficialmente fala-se muito Shotokan e muito menos dos outros estilos (Shotokai, Wado Ryu, Goju Ryu, etc.) e isto porque é o estilo mais praticado e aquele que, certamente a nível internacional se sabe melhor publicitar. Acerca da pergunta sobre o Mestre Murakami, posso responder que foi oficialmente nomeado, pelo Mestre Shigeru Egami na sua viagem ao ocidente, como Responsável do Shotokai na Europa, o que me parece completamente esclarecedor.

P – O que pensa o Maestro Campolmi dos outros estilos de Karate?

R – Estou convicto que todos os estilos praticados com seriedade são válidos porque "concedo", que sejam a expressão de muito grandes Karateka, homens excepcionalmente preparados técnica e mentalmente, que viviam apenas para o Karate. Contudo devemos duvidar das "vias" que alguns pensam poder traçar sem possuir as qualidades e a preparação para um empreendimento tão complexo.

Foto 100 - Vero Freschi e Tetsuji Murakami Sensei, meados da década de 60

Vero Freschi outro grande pioneiro do Karate-do Shotokai Italiano, revela-nos a sua perspectiva, numa entrevista concedida a Mauro Ferrini em Abril de 1993 [42]:

Ferrini: (...) gostaria que nos falasse da sua experiência no Karate, e das suas relações com o Mestre Murakami.

Freschi: A minha experiência iniciou-se nos anos 60 e desde essa época sempre trabalhei com o Mestre Murakami crendo nele e no que ensinava. Por conseguinte para mim era supérfluo, e continua a ser hoje, procurar outras vias.

Ferrini: Após o abandono de Campolmi teve de assumir a direcção da Shotokai-Itália, num período muito difícil que derivou da morte do Mestre. A impressão que permanece nos mais idosos (compreen-

dendo a minha) é que cada um de nós "está um pouco fechado" no seu Clube, delegando nos outros todas as iniciativas, quer explicar-nos se acha isto verdadeiro e qual a razão?

Freschi: Se por "iniciativas" se entende "políticas", então sim, deleguei todas. Quanto ao resto não me sinto fechado, foram outros, por razões que não me interessam, que se dispersaram.

Ferrini: Nós do Comité Shotokai Toscano exprimimos e mantemos sérias reservas sobre o conjunto das últimas escolhas da organização: escolha da Federação, dos Estatutos, do método de formação da Comissão Técnica, incluindo o último programa técnico (livrinho vermelho). Acha que as nossas críticas são justificadas?

Freschi: Recordo-me que o Mestre Murakami sempre foi reticente a pôr por escrito programas que imitassem os livrinhos editados pelas Federações. O seu método assentava nas relações de ensino no Dojo, baseava-se em Trabalho. Esta é também a minha convicção.

Foto 101 - Mestre Murakami, ao centro, tendo à sua direita Paolo Giuntoli, num dos primeiros estágios de Sérignan

Quanto a Mauro Ferrini, que ensina em Scarperia – uma pequena cidade situada nos arredores de Florença – e que é o actual responsável e aluno de primeira hora do Clube Funakoshi de Scarperia, fundado em 1965 por Roberto Guidacci, concedeu-nos uma interessante entrevista em 2001, onde, depois de nos relatar os primórdios e as convoluções do Karate-do Shotokai em Florença, e do dojo Funakoshi em particular, nos revela a sua perspectiva de evolução do Karate "Shotokan" para os ensinamentos "Shotokai" de Mestre Murakami [8]:

Iniciei a prática do karate com 15 anos, em Junho de 1965, no Club Funakoshi de Scarperia (a 30 Km de Florença). O primeiro responsável deste clube foi Roberto Guidacci, aluno de Dino Piccini junto ao Judo Clube de Florença (junto ao Judo Clube havia um outro curso

dirigido por Campolmi). Foi o próprio Mestre Murakami que autorizou Guidacci a abrir este clube, ainda que tivesse alcançado somente o grau de 2° Kyu, portanto, o clube Funakoshi de Scarperia nasceu do Karate do Mestre Murakami, que então ensinava Shotokan. Por dois anos trabalhei sob a orientação de Guidacci, e naquele período vi pelo menos 3 vezes o Mestre Murakami durante os estágios que realizava em Florença, e por 2 vezes participei com o grau de cinto verde. Tive também experiências de competição nos vários torneios e campeonatos que a Federação de então, a FIK, organizava, e como Clube éramos frequentemente convidados a fazer demonstrações públicas, onde abundavam os "kiai", quebra de tábuas e tijolos, e muitas vezes também de algum dedo.

Depois duas coisas aconteceram: Dino Piccini aderiu ao grupo de Shirai, e, Guidacci abandonou completamente a prática do Karate e também o Clube de Scarperia. Encontrei-me então sozinho em Scarperia, completamente isolado, e procurei continuar a propor o pouco que tinha aprendido por Guidacci. Hoje posso dizer que em Scarperia naquele período se continuou a praticar um Karate pouco influenciado pela evolução desportiva daquele período, e, portanto mais ligado ao Karate proposto pelo Mestre Murakami, de 1960 a 1966.

Foto 102 - Frente ao antigo Dojo Funakoshi de Scarperia, da esqª para a direita: Mauro Ferrini; Luís de Carvalho; Jean Marc Labat; Pascal Génin e esposa; José Patrão. Final da década de 90

Devo acrescentar que neste período de isolamento do Clube de Scarperia, tentei por diversas vezes manter-me em contacto com os diversos grupos que entretanto se formaram, mas nenhum destes contactos resultou em algo mais.

Lembro-me de contactos com Basile e Gaddi de Roma, e com um aluno de Evangelista também de Roma, com o grupo de Guaraldi de Bologna, De Michelis de Venezia, com um cinto castanho aluno de Ottaggio e Parisi de Génova, participei num estágio com o Mestre Miura e trabalhei também com o Mestre Nambu, que fundou um grupo próprio na Itália naquele período.

De todos estes contactos, devo dizer que fiquei particularmente impressionado com o Mestre Kanazawa, que encontrei numa demonstração em Milão, juntamente com Kase, Shirai e Enoeda, mas Kanazawa estabeleceu-se fora de Itália e perdi todos os contactos com ele.

Quanto ao Mestre Murakami, disseram-me que tinha regressado ao Japão (soube anos depois que não era verdade). Após três anos de isolamento, à excepção destes contactos ocasionais com diversos grupos de diferentes escolas, em 1970, encontrando-me em Florença em serviço militar, tive o privilégio de ser aceite no curso de Karate que o Mestre Campolmi mantinha ainda no Judo Clube de Florença.

Por fim tinha reencontrado um verdadeiro Mestre, facto que tinha aprendido a apreciar anos antes, tendo-o visto em acção, mas as diferenças de trabalho tinham-se tornado enormes, e encontrei-me completamente surpreso e perplexo: era o Shotokai do Mestre Murakami, e, se não fosse o facto de ser o Mestre Campolmi a conduzir as lições, teria abandonado de imediato; mas não foi preciso muito para entender que me encontrava face a algo de mais profundo do que o Karate que tinha praticado até então. Lembro-me que, nesse período, escrevi um pequeno poema, ao qual me sinto afeiçoado, que ainda conservo e com o qual me surpreendo ainda (tinha somente 20 anos), e que se declama assim:

" Após o orvalho, a chuva, o córrego
após a cascata, o rio que dá sentido ao vale
que depois dá sentido ao delta que se estende ao mar infinito,
de onde viemos, de onde nasce o orvalho.

Após o estrondo, a raiva e a dor, a fúria,
a vingança de triunfos inúteis
depois um gesto que se estende ao infinito,
que indica o caminho, dá sentido à eternidade
onde nasce o sonho de uma nova liberdade."

À parte a grafomania de um rapaz de 20 anos (que me continua ainda simpático), o trabalho nas aulas de Mestre Campolmi era realmente duro, e a sua didática ainda mais; e eu não

conseguia digerir este novo Karate, que por um lado me atraía e por outro não me convencia.

Uma noite Mestre Campolmi, após um treino manteve-me sobre o tatami, fechou os enormes portões do antigo edifício medieval do Judo Clube (situado a poucos metros da famosa "Ponte Vecchio" de Florença, com janelas que se debruçavam sobre o rio Arno) e pronunciou somente duas palavras: Jiyu Kumite!!!!.

O que sucedeu nos minutos seguintes forçou-me a reflectir sobre a eficácia do meu Karate, e a partir daquele momento começou a minha tentativa de praticar o Shotokai, tentativa ainda em acção, obviamente. Após o serviço militar, encontrei-me novamente sozinho em Scarperia, e ainda que tivesse assimilado pouco o trabalho do Shotokai, comecei no Clube Funakoshi um lento, mas gradual caminho no sentido desta escola.

Devido a compromissos do meu serviço, em 1975, fui obrigado a interromper a prática por algum tempo e convidei todos os meus alunos da época a matricular-se no curso de Mestre Campolmi.

Finalmente em 1979, retornei à prática, tanto no clube de Campolmi, como na condução dos treinos no Clube Funakoshi, e desde essa data, segui sem interrupção os estágios do Mestre Murakami, tanto na Itália como em França (Sérignan), até à sua morte. Creio então ter esclarecido porque me sinto ao mesmo tempo aluno do Mestre Campolmi e do Mestre Murakami.

Foto 103 - Da dirª para a esqª: Marco Forti, Antonio Maltoni, Claudio Vacchi e o autor. Sportilia, Itália, 2002

Antonio Maltoni, que acompanhou praticamente todo o percurso do Mestre em Itália, desde o início da década de sessenta, em 1963, até ao seu falecimento, fala-nos da grande evolução

pessoal e filosófica que se operou durante a transição para o Shotokai de Mestre Egami [8]:

J.P.: Portanto você era um principiante, o que é que sentiu? Qual foi a sua primeira impressão?

A.M.: Dramática! Tinha um bigode pequenino como era comum nos japoneses dessa época, cabelo espetado e era terrível! (Risos) Não falava nem francês nem italiano. A única forma de comunicar era combatendo.

J.P.: Pensa que ele era duro ou violento?

A.M.: Penso que ele era duro, porque tive a impressão que ele queria corrigir todos os meus erros.

J.P.: Pensou que pudesse ser muito difícil continuar?

A.M.: Não, aconteceu o contrário. Disse a mim próprio "Serei capaz de continuar? Se este é o verdadeiro karate..." – pensei – "devo ter força para ultrapassar este obstáculo!". Foi um desafio para mim. Notei que nos diversos estágios em que participámos éramos todos novos, dos mais velhos eram poucos os que ficavam.

J.P.: Qual foi a sua evolução pessoal depois de ter participado neste estágio? E por outro lado, qual foi a evolução do mestre Murakami... O que mudou depois de 68?

A.M.: Existem dois momentos: um antes e outro depois de 68. Antes de 68, o trabalho representava um desafio connosco próprios, para compreendermos as nossas verdadeiras capacidades. Nessa altura, o Mestre Murakami era uma pessoa muito atormentada. Não era calmo, talvez devido aos seus problemas familiares.

Pelo contrário, depois de 68 existiram duas situações significativas: uma delas foi a aproximação do Mestre Egami e a outra foi o encontro com a senhora Nieves que foram determinantes na alteração do carácter do Mestre Murakami.

Depois de conhecer a senhora Nieves, tornou-se uma pessoa calma que transmitia tranquilidade ao grupo. Talvez também devido à estabilidade familiar que o "amoleceu" um pouco.

J.P.: Quando o Mestre Egami conheceu o Mestre Murakami sentiu que estava frente a um guerreiro. Depois, quando o encontrou de novo na Europa passados alguns anos, achou-o uma pessoa diferente, um cavalheiro. Aconteceu-lhe a mesma coisa?

A.M.: Eu vi a mesma evolução. Quando começámos a conhecer melhor o Mestre Murakami descobrimos que se tratava de uma pessoa gentil, amiga e afectuosa que não pensávamos que existisse quando o conhecemos em 63.

Foto 104 - Antonio Maltoni, 2002

J.P.: Deduzo então das suas palavras que Egami Sensei teve influência nele não só a nível técnico como espiritual, no Karate-do?

A.M.: Influenciou bastante. Ele era duro não só na técnica como no seu carácter: nunca conseguimos ver para lá da carapaça antes de 69/70. Quando veio a Itália nas primeiras vezes, parecia verdadeiramente um guerreiro, contra tudo e contra todos.

J.P.: Pensa que isso poderia ter a ver com o facto de, inicialmente, quando chegou a Europa, não ter sido aceite e que a aceitação gradual por parte dos Europeus tenha de, alguma forma, contribuído para a mudança do seu carácter?

A.M.: Sim. Eu penso que contribuiu bastante para a mudança. Nós sempre o respeitámos e ele mesmo começou a compreender que em todos os países onde estivera, começava assumir a figura de Mestre, de um condutor, de um guia. Nós seguíamos tudo aquilo que nos dizia. Tínhamos o nosso espírito crítico, não éramos como um cinturão branco face ao instrutor, mas a nossa forma de estar era de sinceridade. Assim, pouco a pouco, a sua atitude foi-se modificando.

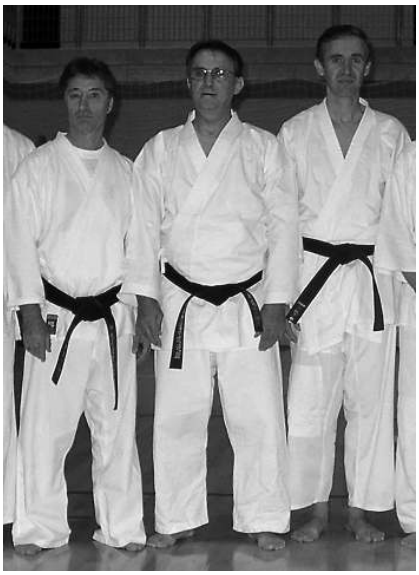


Foto 105 - Claudio Vacchi, Antonio Maltoni e o autor. Sportilia, Italia, 2002

Um outro fiel discípulo de Mestre Murakami – Claudio Vacchi – que começou a sua prática do karate em 1967, tornar-se-ia aluno do Mestre logo no ano seguinte, já na fase Shotokai, portanto. Mas dada a sua idade, apenas 15 anos, os seus pais tinham dúvidas que a dura forma de prática de Mestre Murakami fosse adequada para ele, conforme nos conta [8]:

C.V.: Quando fomos ao estágio, o meu pai veio ver os exercícios. Assim, pela primeira vez vi este japonês que lutava à esquerda e à direita. Eu era o "miúdo" do grupo, porque tinha só catorze anos, enquanto os outros tinham uma idade entre 25 a 35 anos.

Assim, quando o meu pai viu o que era o karate, como se treinava e como o mestre tratava os seus pupilos, tentou impedir-me de continuar, pensando que fosse muito perigoso.

A partir daí, nasceu em mim aquela ponta de orgulho no querer continuar, e por muitos anos tive conflitos na minha família por causa do estudo e dos treinos ou porque, por vezes, regressava a casa dorido!

O meu pai não queria que continuasse, mas em mim nascia um desfio contra mim mesmo e contra minha família.

J.P.: Ficou então na situação de ter escolher entre a vontade da sua família e os seus sentimentos de rapaz já ligado ao mestre Murakami?

C.V.: Naquele momento o mestre e o karate, estavam-me dando muito. Não podia deixar aquela energia que me transmitiam, era qualquer coisa de muito grande para mim, que preenchia a minha vida!

J.P.: Compreendo, porque também na minha família, aconteceu a mesma coisa. O meu pai obrigava-me a trabalhar no campo, antes dos treinos de karate, de modo a tirar-me as forças para o treino! (Risos) Confrontando as diversas experiências, do primeiro estágio até ao último, notou diferenças particulares, das evoluções na técnica do mestre Murakami e na sua abordagem com os discípulos?

C.V.: Certamente que nos primeiros estágios, o mestre Murakami tinha connosco uma abordagem pouco... didáctica! As suas explicações eram a nível físico e nós tínhamos de ser

capazes de "imitar" os seus movimentos!

Mais tarde, pelo contrário, eram vários os momentos em que parava para reflectir em conjunto sobre o porquê de alguns movimentos que fazia. Explicava a técnica de forma a permitir que pudéssemos interiorizar de um modo mais profundo, intelectual. Desta forma, a nossa visão do Mestre Murakami mudou. Inicialmente o que nos transmitia era energia física, depois, acrescentava a parte mental e a intuição.

Procurava dar-nos uma explicação daquilo que fazíamos, enquanto que dantes nos limitávamos a trabalhar o corpo.

J.P.: Ainda hoje você está em contacto com outros mestres que foram discípulos do Mestre Egami. Pensa que o Mestre Murakami foi um verdadeiro seguidor de Egami Sensei, ou que tenha desenvolvido uma forma de karate muito pessoal e independente?

C.V.: Eu penso que o Mestre foi sempre muito sincero face ao mestre Egami, falando sempre com muito respeito. Durante a viagem pela Europa do mestre Egami, quando eles estiveram em Itália, pudemos presenciar pessoalmente o respeito existente entre o Mestre Murakami e o seu Mestre Egami.

Então, eu penso que o Mestre Murakami, de certeza que seguiu o trabalho do Mestre Egami. Também porque isto fazia parte do seu próprio carácter: Naquilo que fazia, Murakami Sensei acreditava verdadeiramente, não fazendo imposições. Estou certo que tudo o que Murakami Sensei fez, ele fez tentando seguir a escola do Mestre Egami.

E confirmámos isto quando fomos ao Japão às escolas dos Mestres nos quais ele mais confiava, também eles discípulos de Egami. Apercebemo-nos que o trabalho daqueles Mestres era o mesmo do Mestre Murakami.

J.P.: Então podemos dizer que o Mestre Murakami representava tanto técnica como espiritualmente o Mestre Egami aqui na Europa?

C.V.: Sim!

J.P.: Uma pessoa, talvez mal informada, afirmou algures que o Mestre Murakami não era mais que um professor de educação física. Qual a sua opinião perante tal afirmação?

C.V.: Penso que estas pessoas nunca conheceram o Mestre... ou não o conheceram bem... ou nem sequer o ouviram falar! Murakami era um Mestre! Um professor de educação física não é um Mestre. Murakami dava mais que simples noções técnicas e qualquer pessoa que o tenha conhecido, mesmo que por uma hora que fosse, não poderia ficar indiferente à sua personalidade, àquilo que transmitia só de o ver! Isto, um professor de educação física não pode

transmitir! Murakami deixou a todos nós qualquer coisa que nenhum professor vulgar jamais nos poderia ter dado! Há três homens que foram importantes na minha vida: o meu pai, o Mestre Murakami e o Mestre Antonio Maltoni. Dos meus professores de ginástica não recordo nenhum!

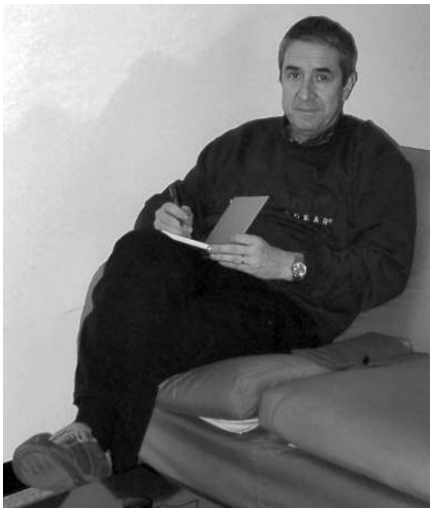


Foto 106 - Enzo Cellini. Sportilia, Itália, 2002

Enzo Cellini, que se iniciaria no Karate Shotokan pela mão de Notoci Gotto de Pisa, no ano de 1971, mas que viria a tornar-se, logo no ano seguinte, discípulo de Mestre Murakami até à sua morte em 1987, também nos apresenta as suas impressões pessoais face aos ensinamentos que recebeu do Mestre [8]:

J.P.: Sente que o Mestre Murakami era um discípulo de Egami, ou sente que ele era independente, que tinha uma opinião pessoal sobre o Karate?

E.C.: Eu creio que a forte personalidade do Mestre Murakami, fez com que ele sempre ensinasse um Karate tradicional, um Karate desligado do conceito da competição e das demonstrações. Mas ele próprio se reconhecia como discípulo do Mestre Egami e sempre o disse em Itália, aquando da digressão pela Europa, aqui em Itália, em 1976. Seguramente que [o seu Karate] tinha um pouco de si mas tinha a personalidade do Mestre Egami naquilo que ensinava. Muito diferente daquilo que acontece agora, que acontece hoje e que, para mim, não é correcto; tive ocasião de visitar o Japão com o Mestre Murakami e o Karate dos discípulos directos do Mestre Egami, não era como o de hoje, era muito próximo da prática do Mestre Murakami.

(...) J.P.: Sentiu que essa forte personalidade de que nos falou, esse carácter muito forte, influ-

enciou de certa forma a sua própria personalidade e fez com que de alguma forma houvesse mudanças internas?

E.C.: Muito. Escrevi um artigo sobre isto, agradecendo publicamente ao Mestre Murakami, por me ter dado a possibilidade de melhorar o nível da minha vida. (...) É um artigo que suscitou uma certa polémica, entre os meus colegas, aqui em Itália, porque eu afirmava que para ser um discípulo é necessário acreditar a 100% no Mestre e procurar fazer tudo o que ele pede para fazer. Provavelmente, fui eu que me exprimi mal... Ah! Gostaria de dizer uma coisa que tem a ver com o que estamos falando, trata-se de uma frase que o Mestre Murakami disse uma vez num treino: "Se uma pessoa consegue ser verdadeiramente livre, é capaz de fazer tudo o que a outra pessoa lhe diz para fazer". Na altura esta frase chocou-me, porque eu tenho digamos assim "raízes de esquerda" e não podia (era-me difícil) aceitar esta frase. Porque, pensava eu: "Sou livre porque faço aquilo que quero e não porque alguém mo diz". Mas não refutei esta frase. Só a guardei dentro de mim, e tentei compreendê-la.

J.P.: Deixou-a em repouso?

E.C.: Sim, pu-la um pouco à parte, se bem que de vez em quando puxava-a cá para fora para tentar compreendê-la e um dia acabei por compreender o que o Mestre queria dizer. Tanto que hoje tento pô-la em prática.

(...) J.P.: Sentiu que este homem podia ser considerado como um mero "professor de educação física" ou um verdadeiro Mestre de Karate-do?

E.C.: A resposta a esta pergunta advém do facto das mudanças que tive graças ao ensino do Mestre Murakami. Nunca teria recebido toda aquela informação, de um mero professor de ginástica.

J.P.: Mesmo assim mostrava uma técnica muito forte e punha forte ênfase na técnica?

E.C.: Sim.

J.P.: Então, pensa que era um Mestre de Karate-jutsu ou um Mestre de Karate-do? Sentia que o âmago do seu ensino era o ensino da técnica?

E.C.: Absolutamente não. Certamente o resultado que procurava poderia vir através do corpo, através da técnica, mas ele falava da harmonia, falava de raciocinar em silêncio interior para ouvir, para comunicar com o espaço em redor. Não acredito que ele fosse essencialmente um técnico ou um professor que enfatizasse apenas o Jutsu... (...) Uma vez num estágio em Prato, disse-me que era necessário fazer mokuso, fazer meditação. Era necessário treinar durante uma hora. Pelo meu lado registei essa recomendação e comecei a fazer pela primeira

vez mokuso em seiza. Os meus discípulos também o faziam. No ano seguinte encontramo-nos de novo na cidade de Prato e fizemos 45 minutos seguidos de Mokuso em seiza! Foi muito duro para quem não tinha treinado esse exercício. E foi um treino, de que me recordo muito bem, porque as pessoas estavam constrangidas a praticarem uma postura cuja mensagem não compreendiam, mas que no entanto tinha sempre uma mensagem.

Escutemos agora, encerrando esta ronda pelos discípulos do Mestre em Itália, as palavras do virtuoso tecnicista Giorgio Vecchiet que foi aluno directo de Mestre Murakami desde 1971 e que continua a ser um dos grandes impulsionadores do Karate-do Shotokai não só na Itália, mas também em França e em Belgrado [8]:

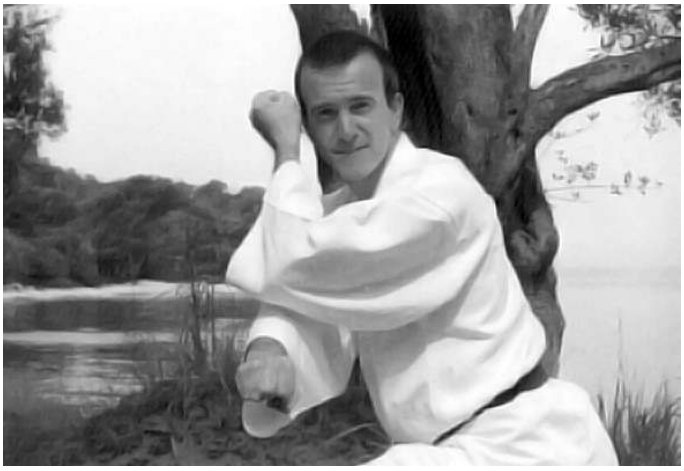


Foto 107 - Giorgio Vecchiet, 2004

G.V. – O Mestre Murakami começou a vir a Trieste em 1970 e ficava em Trieste uma semana, a última semana do mês de Junho. Trieste foi um dos Dojos em Itália que mais aderiu à passagem do estilo Shotokan para o estilo Shotokai do Mestre Murakami. Portanto já nos anos 70 o Mestre Murakami vinha a Trieste. Eu conheci-o pessoalmente, quando ele já praticava Shotokai, em Sérignan e nessa altura eu já era Shodan. E quando nos conhecemos ele demonstrou de imediato uma grande atenção e consideração em relação a mim. E houve logo uma grande simpatia recíproca. Ele chamou logo um dos italianos mais antigos e disse-lhe que tinha visto que eu trabalhava muito e que a minha técnica era boa. Isto, dito por ele, foi para mim uma grande honra.

J.P. – O Mestre Murakami, nessa altura praticava algo que era uma transição Shotokai – Shotokan.

G.V. – Sim, seguramente era uma transição mas a ele agradava muito ver praticantes alunos

seus, que recebiam rapidamente o seu ensinamento. Gostava muito de ver alunos que eram particularmente receptivos aos seus ensinamentos, por isso nos nossos encontros ele sentia-se encantado.

J.P. – Nessa altura em 1970 havia outros praticantes italianos como o Sr. Campolmi e outros...

G.V. – Sim. Mestre Campolmi foi um dos percursores do Karate em Itália. E tenho dele uma imagem muito boa porque era (já não pratica actualmente mas mantém-se como) uma personagem muito importante, com muita seriedade, honestidade. Era um cava-lheiro. Tinha valores morais. Era uma espécie de cavaleiro medieval, ou um Samurai.

J.P. – O Mestre Campolini era teu Mestre directo?

G.V. – O Mestre Campolini foi de facto, durante um período, meu Mestre directo. O nosso clube chamava-se Torano-Kai e era o Mestre Torano que chamava o Mestre Murakami a Trieste durante uma semana. Eu comecei a praticar no Torano-kai, mas considero o Mestre Campolini o meu Mestre, o meu guia italiano. Os outros considero-os somente como professores.

J.P. – Compreendo bem. As evoluções técnicas do trabalho do Mestre Murakami eram evoluções lentas, que se notavam ano após ano, ou eram evoluções mais rápidas?

G.V. – Eram evoluções lentas.

J.P. – Mas existia uma evolução, ou o trabalho era sempre o mesmo?

G.V. – Não, existia uma evolução mas muito subtil, não se via de modo aparente mas existia subtilmente. O problema era que nem todos compreendiam e seguiam os seus ensinamentos. Portanto ele nos estágios via-se obrigado a repetir, repetir, repetir. Não porque ele quisesse repetir mas porque os praticantes não aplicavam nos seus dojo, nos seus treinos se-manais, os ensinamentos. Eles continuavam a fazer as coisas à sua maneira com os seus defeitos e, em consequência, o ensinamento recebido continuava a ser muito superficial. Quando eu fazia os estágios com o Mestre Murakami eu era o praticante italiano que mais o seguia. Todos os estágios que ele realizava, eu fazia-os. Em França e em Itália. Ainda que ele não se sentisse muito satisfeito por exemplo, que um italiano fosse a Portugal. Ele preferia que "cada País ficasse nas suas fronteiras".

Mas o mais importante para mim era que, quando voltava a casa, eu praticava de acordo com a prática e os ensinamentos que tinha recebido. Baseei nisto o meu trabalho. Sempre, quando voltava a casa, trabalhava e trabalhava.

J.P. – A maior parte das vezes que o Mestre vinha a Itália, vinha a Trieste?

Foto 108 - Mestre Murakami (à esquerda) entregando a Egami Sensei, em nome do Shotokai de Itália, uma estatueta em vidro representando o famoso discóbolo. Trieste, 1976

G.V. – Não, não. Trieste era um velho Dojo que era o Torono-kai e que participou aquando da vinda do Mestre Egami à Europa. Comprámos um grande "discóbolo" com a figura de um atleta em vidro, e em nome de todo o Shotokai italiano oferecemo-lo ao Mestre, penso que no ano de 1973?...

J.P. – Penso que o Mestre Egami esteve em Itália em 1976...

G.V. – Sim em 1976. Em Trieste havia um belo Dojo, muito frequentado. Mas o "grosso" do Shotokai italiano era na Toscana e em Mila Romana. Porque na Toscana era aonde estava o Mestre Campolmi que era unanimemente considerado a figura importante...

J.P. – Carismático.

G.V. – Sim. E em Mila Romana estava o Mestre Freschi e António Maltoni. Actualmente Freschi e Maltoni ainda praticam.

J.P. – O tipo de treinos que o Mestre dava nessa altura eram treinos muito duros em termos físicos? Ou eram suaves? Ele era muito exigente com os alunos, ou era, em Itália, uma pessoa acessível e fácil?

G.V. – Não. O Mestre Murakami era muito exigente. Porém era mais severo com aqueles alunos que não davam tudo o que podiam. Comigo não era demasiado exigente. O Mestre Murakami nunca me tocou ou "agrediu", nunca me deu uma reprimenda. Jamais. Pelo contrário vinha ter comigo e corrigia-me suavemente. Penso que sempre sentiu que eu dava o máximo. Mas ele era muito duro, o Mestre Murakami. No início era muito, muito duro a

corrigir. Depois limitava-se a dar um golpe com a palma da mão na testa. Houve uma evolução pacífica do Mestre Murakami.

J.P. – O Mestre Murakami, em termos de relacionamento pedagógico com os alunos, teve uma evolução desde a dureza até a suavidade. Em Portugal foi assim. Em Itália também?

G.V. – Em Itália também. De facto eu penso pessoalmente que a beleza de um homem manifesta-se sobretudo no fim da sua vida. E para mim tenho pena. Porque vimos o Mestre Murakami jovem. Vimos o Mestre Murakami como homem maduro. Mas não o vimos como sábio. E eu sinto tristeza por isto.

J.P. – Eu penso que essa é não só uma ideia bonita, mas uma ideia importante: o Mestre Murakami na tua opinião não teve tempo de fechar o "círculo", de terminar o trabalho e de construir um grupo que pudesse continuar a sua ideia e a ideia do Mestre Egami. Na tua opinião é possível aos alunos do Mestre completarem um pouco esse trabalho? Fazerem-no evoluir?

G.V. – Sim. Penso que se pode fazer seguramente.

J.P. – É esse o trabalho que tentas fazer?

G.V. – Sim.

O Desenvolvimento da Murakami-kai na Suíça

Samuel Däppen também retorna às origens da sua prática para nos relatar o renascimento do Karate-do Shotokai na Suíça, passando depois a descrever a situação na Suíça à data – 1984 – em que escreveu o artigo que passamos a transcrever parcialmente [43]:

Foi em 1963 que participei pela primeira vez num estágio sob a direcção do nosso Mestre. Neste tempo pertencia ainda à secção de karate do Budokan em Lausana. Em 1964 voltei para Berna onde fundei a secção de karate no Clube de Judo e de Jiu-Jitsu de Berna.

Nessa altura consumou-se a ruptura entre Mestre Murakami e o Sr. Cherix. E o Sr. Cherix, sendo o presidente do movimento suíço de karate, proibiu todos os membros dessa associação de participar nos estágios do Mestre. O Mestre Kondo, viu-se forçado, sem possibilidade de escolha a não voltar a convidar o Mestre. Entretanto o clube de karate tinha sido fundado em Berna por um aluno do Sr. Cherix. Nós éramos dois clube independentes (30-40 novatos em cada um) numa pequena cidade que, nessa época, tinha apenas 140 000 habitantes.

Finalmente tínhamos encontrado o bom caminho da compreensão e eu, como mais graduado (1º kyu), assumi a responsabilidade das actividades em Berna. Foi então que retomei o contacto com Mestre Murakami e organizei um a dois cursos por ano em Berna, apesar das recomendações do Sr. Cherix e apesar do meu grupo de alunos ser muito pequeno. Em 1969 mais uma ruptura teve lugar em Berna.

Foto 109 - Samuel Däppen e Silver Weber, finais da década de 80

Entretanto o meu amigo Silver Weber tinha-se tornado professor de Karate no clube em Berna. O Sr. Weber e eu decidimos então fundar o "Karaté Dojo Bern". A nossa intenção era a de formar um clube, mas o código civil não nos permitia ensinar da forma que pensávamos. Decidimos então fundar uma escola de carácter meramente comercial. O Sr. Silver Weber acabara de terminar a sua aprendizagem como desenhador e, por consequência, passou a ensinar oficialmente como "profissional" de karaté. Desta forma tivemos êxito em contornar quaisquer tentações futuras que pudéssemos vir a ter de nos juntarmos de novo à associação oficial. Hoje estamos felizes que nada se alterado no nosso sistema.

De 1969 até ao início de 1983 mantivemos o nosso dojo Koniz, num subúrbio de Berna. A partir de Março de 1983 passámos para a Brunnmattstrasse 40, no centro da cidade. Temos duas salas à nossa disposição com a possibilidade de treinarmos três vezes por semana com os nossos alunos avançados, a partir de 3º Kyu, e três vezes por semana com os principiantes, de 6º a 4º Kyu. Regularmente, organizamos cursos para novos principiantes de forma a cobrir as partidas de outros alunos.

Estamos felizes por termos encontrado, no quadro dos nossos antigos alunos, novos professores que compartilham com nós a grande e importante responsabilidade do ensino do Karate, assegurando do mesmo modo a continuidade do Karate na linha e no espírito do nosso Mestre.

Em primeiro plano temos o Sr. Rudolf Bosshardt que se ocupa, com o Sr. Silver Weber, dos alunos a partir do 3º Kyu. Seguidamente temos Daniel Stock Li e Hans Magistretti que se ocupam, comigo, dos principiantes (6º - 4º Kyu).

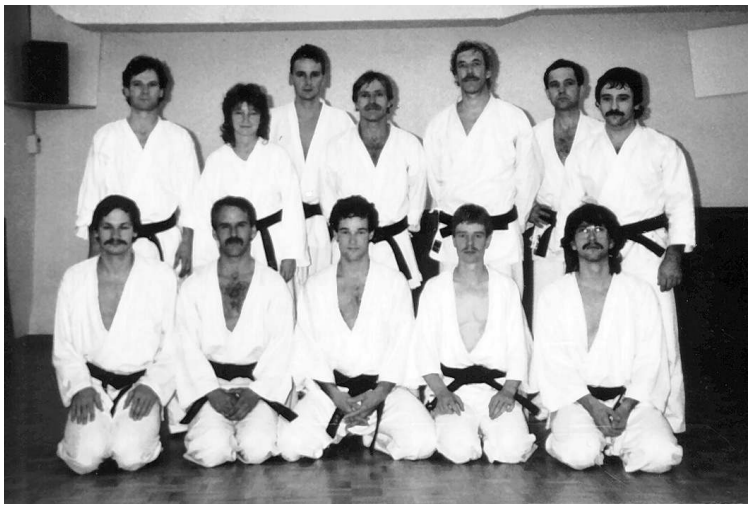


Foto 110 - Grupo de cintos negros da Murakami-kai Suiça. Da dirª para a esqª: na 1ª fila: 2º – Martin Wälchli, 3º – Rudolf Bosshardt, 5º – Paul Lüscher; na fila de trás: 3º – Samuel Däppen; 4º – Silver Weber. Finais da década de 80

No Outono de 1983 fundámos o "Colégio dos Cintos Negros" que assegura a responsabilidade do nosso trabalho, assim como a de graduação. Os membros deste Colégio são, para além dos já acima mencionados, o Sr. Peter Schori, Frank Moser e Peter Kramer.

A par do grupo de Zurique, que treina com o Sr. Fukutome, somos os únicos na Suíça a praticar o Shotokai-Karate-do. Deixando os novos grupos como o Taekwondo, o Kung-fu, etc... o Karate Shotokan é o mais praticado na Suíça.

Estamos orgulhosos e felizes de sermos um dos raros grupos fora de Paris que permaneceu por mais de 20 anos fiel ao Mestre Murakami, e isto, apesar das influências nefastas que tivemos de sofrer. Estamos certos que assim estaremos no futuro.

O Desenvolvimento da Murakami-kai na Jugoslávia

Antes de ouvirmos os depoimentos dos principais alunos de Mestre Murakami na Jugoslávia, é chegada a altura de lermos um interessante resumo do nascimento e evolução do Karate-do Shotokai na Jugoslávia , sintetizado por Nada Nakic – esposa de Safet Ganibegovic – num trabalho de carácter académico realizado no âmbito do seu curso de Educação Física [44]:

A história da escola Shotokai começa no início da década de 1970 e está intimamente relacionada com os estágios de Shotokan de Murakami Sensei ministrados na ex-Jugoslávia.

De facto, o primeiro contacto com este grande Mestre ocorreu em 1964, quando foi chamado a julgar uma competição na Jugoslávia. No mesmo, 1964, organizou o primeiro estágio em Petrovac (no mar Adriático), e logo de seguida – em 1965 – organizou mais dois estágios de karate em Belgrado e em Zagreb (período em que era instrutor Shotokan).

Depois de alguns anos adere à prática do Shotokai e regressa à Jugoslávia, a convite do grupo de discípulos que tinha em Belgrado. O líder desse grupo era um excelente praticante chamado Dusan Rakic-Brajan (que infelizmente morreu precocemente). O Sr. Dusan Rakic-Brajan (que era líder do clube de karate "Radnicki"), organizou então o primeiro estágio com Murakami Sensei já no estilo Shotokai em 1971, em Belgrado. Depois de Brajan falecer, o grupo de Shotokai Jugoslavo prosseguiu a sua evolução tendo como novo líder o Sr. Ratko Jokanovic (que tinha a graduação de 1º kyu), mas pouco depois, em 1973, a liderança foi assumida pelo Sr. Borko Jovanovic – que obteve o grau de 2º Dan de Sensei Murakami (e que foi um dos melhores estudantes de Murakami Sensei, não apenas na Jugoslávia) – e pelo Sr. Vladeta Cizmic.

Em 1977 o Sr. Borko Jovanovic emigrou para os Estados Unidos da América, onde abriu um novo dojo. Safet Ganibegovic foi a pessoa que herdou e conduziu o grupo após a partida de sensei Borko.

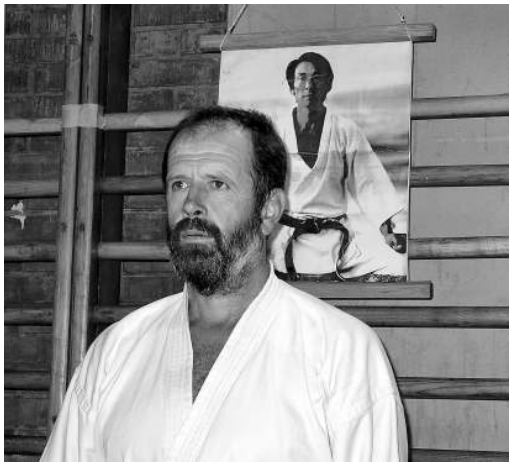


Foto 111 - Safet Ganibegovic. Belgrado, 2002

Agradecendo o trabalho que gentilmente nos ofereceu, prosseguimos agora com as alguns extractos da entrevista que Safet Ganibegovic nos concedeu, da qual se pode depreender que o sentimento que animava os discípulos de Mestre Murakami na Jugoslávia era semelhante

ao da maioria dos seus discípulos no resto da Europa [8]:

J.P. – Uma vez que temos neste trabalho as referências históricas talvez nos possamos concentrar nesta entrevista, nos aspectos mais pessoais da sua relação com o Mestre Murakami. Quais as suas opiniões no seu contacto pessoal com Tetsuji Murakami nos estágios.

S.G. – O que eu compreendi, desde o início, é que o Mestre fazia treinos muito fatigantes e eu senti que isso era muito importante para eu tentar ir ao máximo das minhas possibilidades. Indo ao máximo das minhas possibilidades eu poderia compreender melhor o que era o Karate, qual era o espírito do Karate.

J.P. – Um pouco por toda a Europa os estágios do Mestre Murakami: eram caracterizados por técnicas simples – Gedan-barai, Oi-tsuki, Mae-geri – será que na Jugoslávia também era assim?

S.G. – Sim, de facto era assim aqui também. Muitas pessoas não percebiam porque fazer apenas muitos Gedan-barais, mas já nessa altura eu compreendia que é fazendo bem as técnicas de base que compreendemos bem o Shotokai.

J.P. – Qual foi a sua primeira impressão quando viu o Mestre Murakami pela primeira vez?

S.G. – Embora a impressão em termos técnicos não tenha sido grande, acreditei completamente nele e no que ele fazia.

J.P. – Será que houve alunos que começaram com Mestre Murakami e que depois devido ao seu grau de exigência muito duro tenham abandonado a prática com ele e seguido outros Mestres?

S.G. – Seguramente que sim. Sobretudo quando ele passou do Shotokan para o Shotokai, nessa altura muitas pessoas abandonaram. Na geração anterior à minha havia praticantes como Ilija e Vladimir Jorga que foram os primeiros a seguir Mestre Murakami: quando ele fazia ainda Shotokan.

J.P. – Então Ilija e Vladimir Jorga foram dos primeiros discípulos de Tetsuji Murakami na Jugoslávia?

S.G. – Sim. Mas deixaram de praticar depois da mudança (de Shotokan para Shotokai).

J.P. – Será que notou uma evolução gradual, mas ainda assim uma evolução desde 1974 até à sua morte?

S.G. – Pequenos detalhes sim, no punho por exemplo, mas nunca grandes transformações. Mas para mim o Mestre era tudo, de modo que aceitava sempre tudo... Acreditava comple-

tamente no que ele fazia e no seu trabalho.

J.P. – Em termos de relação pessoal. Através da relação com o Mestre será que sentiu pouco a pouco a sua transformação pessoal?

S.G. – Sim. Eu comecei a fazer Karate sobretudo porque, quando era jovem, era muito violento e envolvia-me em zaragatas com os colegas. Mas depois que comecei a praticar com o Mestre Murakami: tornei-me muito calmo. Digamos que ao trabalhar com o Mestre Murakami eu sabia que poderia atacar outras pessoas mas não utilizava esse poder. Essa foi uma transformação importante da minha vida com o Mestre Murakami.

J.P. – Então poderemos dizer que em sua opinião o Mestre Murakami transmitia paz?

S.G. – Exactamente!

Numa fase seguinte da entrevista Safet compartilha connosco uma das facetas mais nobres de Mestre Murakami – a sua imensa generosidade para com aqueles que, como ele nos seus primeiros tempos na Europa, tinham de enfrentar diariamente dificuldades financeiras [8]:

José Patrão – Quando o Mestre vinha a Jugoslávia onde ficava ele? Tenho a ideia que era uma pessoa simples que não gostava de grandes hotéis, de grandes refeições.

Safet – Sim ficava num hotel normal, mas também vinha muitas vezes comer a minha casa, sem problemas.

José Patrão – Aceitava coisas simples...

Safet – Sim, sempre que deu estágios na Jugoslávia nunca pôs qualquer questão em relação a honorários ou algo do género. Tive sempre a sensação de que ele queria "ajudar" a Jugoslávia.

José Patrão – Sim, nós também sentíamos isso em Portugal por ser um País pobre, durante anos e anos deu estágios em Portugal sem receber honorários.

Ratko Jokkanovic, um dos primeiros alunos de Mestre Murakami – conheceu o Mestre em 1965 – e que já citámos mais acima aquando da descrição da génese do Karate Jugoslavo, revela-nos que, na essência, a pedagogia de Mestre Murakami antes de aderir ao Shotokai já reflectia, os princípios fundamentais que acabaria por encontrar e desenvolver ao longo do percurso que lhe foi indicado por Egami Sensei [8]:

Em 1967 aquando do último estágio de Shotokan na Jugoslávia Tetsuji Murakami disse a um praticante que era muito contraído e que não conseguia trabalhar de outra maneira:

- Porque é que você vem ao estágio se não quer ouvir o que eu digo. É como se você fosse ao

Foto 112- Da esqª para a dirª: Zvonco Baretic, Ratko Jokkanovic, Zvonco Jacovljevic e o autor. Belgrado, 2002

médico e se recusasse a seguir os conselhos dele. Nesse caso você morrerá! Neste caso é semelhante, você assim não aprenderá nada. O que procura você? Um ou outro detalhe não é importante. Pense! O que é mais importante é ligar-se com o seu parceiro, não oferecer resistência. Se oferecer resistência estará derrotado à partida. Não deve oferecer resistência! Se assim fizer o seu parceiro não poderá ver o seu interior e não poderão progredir.

O que é confirmado pelo seguinte relato que extraímos de outra parte da mesma entrevista em que se refere já ao período Shotokai [8]:

Em determinada altura estávamos num Sport-Center e Murakami Sensei disse-me:

- Eu sempre soube o que queria em Karate, mas nunca consegui encontrar isso até ao momento em que conheci o trabalho do Mestre Egami. Espero que o que Egami Sensei foi para mim, possa eu ser também para vocês.

Jokkanovic encerra com um conselho de Mestre Murakami e uma opinião pessoal que é também uma mensagem para o futuro [8]:

Tetsuji Murakami costumava dizer que "não devemos faltar ao treino, mesmo que não nos apeteça treinar" isso faz-me lembrar um poema de um Santo do Século XI que dizia: "o trabalho diário torna o difícil fácil e a ausência de trabalho torna o fácil difícil".

Quanto ao futuro do Shotokai e da Murakami-kai, como em todas as coisas reais podemos sempre colocar nuvens negras sobre o futuro. Mas a lama sempre será lama e o ouro sempre será ouro. Aqueles que dizem que o Shotokai não é algo de bom e verdadeiro provavelmente não estão a falar do Shotokai mas sim deles próprios. Eles estão a descobrir as suas próprias fraquezas. Ninguém pode conhecer o outro se não se conhecer primeiro a si próprio.

Zvonco Baretic, que começou a sua prática das Artes Marciais pelo Tae-kwon-do, na cidade de Pola na Croácia, em 1969, com 17 anos, e nessa altura teve ocasião de ver um artigo sobre Mestre Murakami, numa revista Jugoslava chamada *Magazine Budo Press*, que muito o impressionou. Assim quando em 1974 foi para Belgrado estudar, procurou o Karate-do Shotokai, acabando por ingressar inicialmente no Dojo de Vladeta Cizmic e, pouco depois, no de Dusan Rakic-Brajan. O seu primeiro contacto com Murakami Sensei ocorreu num estágio em 1975, conforme nos relata [8]:

Quando entrei no Dojo havia um grande número de estagiários e de espectadores. Cerca de cem. Aqui na Jugoslávia Murakami era uma lenda – foi ele que trouxe o Karate para a Jugoslávia e para a Europa. Os primeiros mestres de Tae-Kwon-do e Shotokan na Jugoslávia começaram a treinar Shotokan com Murakami Sensei.

Em 1979 Baretic foi estudar para Paris onde viveu durante cerca de dois anos, passando a poder treinar com Mestre Murakami no Dojo de Mercoeur. Desse relato recorda o contraste entre a dureza dos treinos e a atitude generosa do Mestre para consigo [8]:

Na primeira vez que eu treinei lá foi terrível. Era um estágio de três dias. Eu tinha pensado em regressar à Jugoslávia mas depois de um estágio resolvi ficar em França para aprender mais qualquer coisa. Nesse primeiro estágio lembro-me que quase morri! Éramos um pequeno grupo de cerca de dez alunos, a sós com o Mestre Murakami, não podíamos descansar um pouco (como fazíamos nos estágios) porque ele conseguia ver tudo. Então no aquecimento fizemos "canard", "usagi-Tobi". Aqui na Jugoslávia costumávamos fazer uma volta de "canard" durante os estágios, mas ali eles costumavam fazer duas voltas de "canard" e na segunda volta costumavam fazer sori-tobi. De modo que eu fiz a primeira volta mas quando eles começaram a segunda volta eu estava quase inconsciente. Então o Mestre Murakami tirou o seu cinto, deu-o ao Marcel e disse-lhe que o pusesse à minha frente e gritou – Baretic vamos! – eu estava quase a morrer, foi uma experiência terrível (risos). Mas pelo menos no treino seguinte eu já sabia o que me esperava.

(...) quando fui a Paris e lhe disse que pretendia ficar lá a estudar, um dia ele chamou-me e disse-me – Baretic se não tiver dinheiro você não precisa de pagar as suas aulas no clube – isso tocou-me profundamente no meu coração. Eu sabia que ele era um profissional e que tinha de ensinar Karate para viver e, mesmo assim, disse-me para não pagar. Nessa altura eu não tinha muito dinheiro (nem agora) de modo que apreciarei esse momento por toda a minha vida.

Outro discípulo Jugoslavo de Mestre Murakami que tivemos o prazer de entrevistar em Belgrado foi Zvonco Jacovljevic que iniciou a prática do karate, estilo JKA, em 1971, com

apenas 9 anos de idade, tendo-se ingressado no Dojo Shotokai de Borko Yovanovic em 1978, e conhecido o Mestre em 1979 no famoso estágio de Sérignan plage. Zvonco relata, sob o ponto de vista de um jovem praticante Jugoslavo, o extraordinário ambiente familiar que ali se vivia [8]:

J.P. – Quando é que ouviu falar a primeira vez de Murakami Sensei?

Z.J. – No meu clube falava-se muito de Murakami, não apenas o meu instrutor mas todos os praticantes. A primeira vez que eu vi o Mestre foi ao fim de um ano. Eu fiz um estágio com o Mestre em 1979 em Belgrado e depois, em 1981, fui a Sérignan Plage.

J.P. – Como é que sentiu o estágio de Sérignan? Foi muito duro?

Z.J. – Sim foi duro. Foram duas semanas de treino mas foi excelente. Eu não conhecia ninguém. Em Belgrado era diferente, Murakami Sensei era o único estrangeiro, em Sérignan eram quase todos estrangeiros e desconhecidos. Mas ao final de um ou dois dias já me sentia como no seio de uma família. Não havia problemas. Franceses, Belgas...

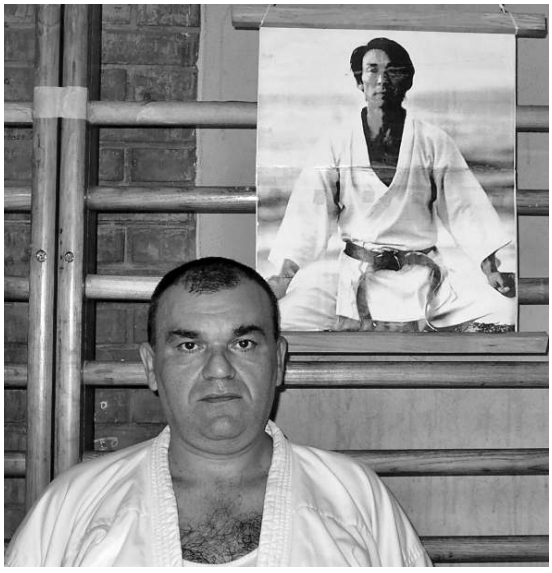


Foto 113 - Bosko Milojevic. Belgrado, 2002

Bosko Milojevic tomou contacto com o Karate pela primeira vez em 1971 começando com o Shotokan. Em Setembro de 1975 começou a treinar Shotokai e revela-nos quais foram as suas primeiras impressões; mais adiante fala-nos dos contactos que o Mestre tinha com os praticantes, fora do dojo, e da periodicidade com que se deslocava à Jugoslávia:

J.P. – No primeiro estágio com o Mestre Murakami como é que se sentiu. Foi chocante?

B.M. – Fiquei chocado com a sua figura porque ele era muito magro e parecia muito jovem

para a idade que tinha. Claro que nessa altura, apesar de já ter praticado um pouco de Karate, não estava preparado para compreender tudo o que via. Agora sim sei apreciar, depois de muitos anos de treino, quem era Murakami e a sua mensagem.

J.P. – Esse estágio consistiu em técnicas básicas?

B.M. – Sim em geral eram técnicas básicas, mas agora eu compreendo que essas bases são a essência do Karate. Técnicas complicadas não são muito importantes para o nosso caminho, porque nas básicas temos a essência.

(...) J.P. – Quando o Mestre Murakami vinha à Jugoslávia costumava ir jantar com alguns dos praticantes?

B.M. – Depois de cada treino costumávamos ir a algum local e falávamos durante horas. Ele só vinha à Jugoslávia uma vez por ano (não 5 vezes por ano como em Portugal) por isso gostava muito de conversar connosco.

J.P. – Normalmente quantos dias ficava?

Bosco – Cerca de três dias. A partir de 1976 passou a vir apenas três dias, mas antes disso costumava ficar durante uma semana. Nos últimos dez anos vinha só durante o fim de semana.

Da Jugoslávia aos Estados Unidos

Foto 114 – Mestre Murakami na fase final de uma sessão de exames de graduação com Borko Jovanovic, Safet Ganibegovic e Vladeta Cizmic. Jugoslávia meados da década de 70

Para concluirmos este périplo pela Murakami-kai Jugoslava, ninguém melhor que Borko Jovanovic para nos guiar, numa breve cronologia extraída de um excelente artigo que escreveu em 1996 já como responsável do Dojo de Ilinois nos EUA, para onde partiu em 2000 e onde continua activamente a ensinar o Karate-do Shotokai de acordo com o método preconizado por Mestre Murakami [10]:

(...) por algumas vezes em 1971 e 1972, um grupo de antigos alunos conduzido por Rakic, Nikolic, Popovic, (...) Ratko Jokanovic, Ivan Bozovic e Dusan Potkonzac, convidou Mestre Murakami e este dirigiu o seu primeiro estágio em Radnicki após vários anos. Era então já Shotokaï e também não Shotokan, e vários entre nós se interrogaram o que se passava. Foi um grande momento para mim e apreciei muito o estágio porque compreendi que era algo de diferente do estilo "macho" habitual e muito popular nessa época em Belgrado.

(...) dentre as pessoas dessa época recordo-me: Vladeta Cizmic (Vaca), Dragan Cakarevic (Cak) et Nenad Vukasovic (Neca). Dusan RADIC e eu mesmo fomos o núcleo do grupo por vários anos. Entre eles, figurava também Olga Maksimovic. Outros da antiga geração vieram participar durante algumas semanas ou alguns meses, mas sem grande seriedade ou então praticavam noutro lugar

(...) entre 1972 e 1974 Mestre Murakami visitou Belgrado e realizou vários estágios. Creio que, nessa época, ainda era necessário obter autorizações especiais das autoridades locais, bem como da Federação Jugoslava de Karate e da Polícia. Esta situação alterou-se gradualmente, e nos anos 1975 ou 1976, ele não tinha de se incomodar a registar as suas visitas: comprávamos simplesmente o seu bilhete e reservávamos um quarto num hotel. A situação geral na Jugoslávia ia melhorando e os intercâmbios culturais com os países estrangeiros já não eram consideradas como um potencial problema político. Mestre Murakami gostava de ficar no hotel "Sportski Centar", em Kosutnjak, (a cerca de 10 Km do centro de Belgrado) essencialmente conhecido por acolher equipas desportivas em deslocação; os quartos eram funcionais mas havia muito espaço ao redor: campos, florestas e um ou dois bons restaurantes ao ar-livre. Penso que [o Mestre] gostava de passear pelos arredores, beber café ao longo do dia, e de travar conhecimento com todos os que por ali trabalhavam. Não creio que muitos deles falassem francês e muito menos japonês, por isso a comunicação era limitada. Mas sempre que o acompanhava ao hotel, os empregados ficavam contentes de vê-lo e acolhiam-o como um velho (e talvez estranho) amigo.

(...) em 1973 ou 1974, Cizmic e eu mesmo começámos um novo clube "Vracar", perto de "Radnicki". Creio que originalmente foi Ratko Jokanovic quem abriu o ginásio mas, por razões desconhecidas, não pôde prosseguir a sua obra. Este período de bom treino continuou

até a 1976 altura em que o meu primeiro professor Brian (D. Rakic) faleceu num acidente durante um mergulho submarino no Adriático.

(...) em 1974, um outro grupo de adeptos inscreveu-se: Safet Ganibegovic, Zvonko Baretic, Mihailo Jovic. Um ano ou dois após, vieram juntar-se ao grupo Bosko Milojevic (Buca), Zoran Jovanovic, Mica Janic, Dragan Antanasijevic, Asim Hadzibulic e uma mulher cognominada "Cica". Penso que a maior parte deles ainda hoje treina, mais ou menos." Mas foi Safet quem teve mais sucesso e que se tornou, mais tarde, responsável do ginásio, tendo, hoje, numerosos alunos em Belgrado.

Foto 115 - Mestre Murakami (ao centro de fato) num dos últimos estágios na Jugoslávia. Atrás do Mestre, ligeiramente à direita na foto, está Safet Ganibegovic; Borko Jovanovic é o 3º a contar da dirª. 1979 ou 1980

Nos anos 1977-1979, enquanto Cizmic e eu cumpríamos o serviço militar, Safet foi ganhando maiores responsabilidades. Em 1980 deixei o país partindo para os Estados Unidos, enquanto Cizmic terá continuado a praticar ainda por mais alguns anos.

Creio que o último estágio de Mestre Murakami em Belgrado terá sido em 1981.

Portugal – uma Miríade de Praticantes de Shotokai

Foto 116 - Reunião na CDAM em 1977. Da esquerda para a direita: Vilaça Pinto, Raul Cerveira, (desconhecido), Comandante Fiadeiro (Comissão Directiva das Artes Marciais), Regino Santos, (desconhecido) e Elmano Caleiro

Graças à liderança de Mestre Murakami viria a assistir-se, ao longo dos anos 70, a um crescimento extraordinário do número de praticantes de Karate-do Shotokai em Portugal, destacando-se largamente como o maior grupo de karate a nível nacional, contrariando assim a tendência hegemónica da JKA a nível europeu na época, como se depreende da seguinte entrevista realizada em Janeiro de 78 aos dirigentes das principais associações de karate e taekwondo do país [45]:

TJK – Em termos aproximados, qual o número de praticantes de Karate-do que as Associações aqui presentes reúnem?

Regino Santos – Shotokan – Centro Português de Karate Ass. Desportiva – 1000 praticantes.

Elmano Caleiro – Shukokai – Ass. Karate-do Portugal – representante de Shito-Ryu, Shukokai, Sankukai – 1000 praticantes

Vieira Tarouco – Taekwon-do – Ass. Portuguesa de Taekwon-do – 500 praticantes

Vilaça Pinto – Ass. Shotokan Karate-do Portugal – 600 praticantes

Manuel Ceia – Shotokai de Portugal Murakami-kai – Cerca de 4000 praticantes.

A razão de tal sucesso na década de 70 deve-se, na Região de Lisboa e a Sul do Tejo, aos

esforços conjugados do grupo de pioneiros da Academia de Budo e dos seus discípulos directos e, na Região Norte, a António Cacho e ao grupo que se formaria em torno do seu discípulo com maior capacidade de liderança, Fernando Sarmento, como teremos ocasião de ver seguidamente.

A Região de Lisboa no período 1972 / 1977

Foto 117 - À direita Manuel Sizudo; à esquerda Luís de Carvalho. Sintra, 1975

Dentre os pioneiros da Academia de Budo, aquele que mais cedo decidiu dedicar-se a tempo inteiro ao ensino do de Karate-do Shotokai foi Raul Cerveira inaugurando, logo no início dos anos setenta, uma classe de karate no Judo Clube de Portugal, em Lisboa. A partir desse pólo central, logo seguido do núcleo do Grupo Dramático e Desportivo de Cascais, foi fundando muitas outras escolas com o apoio directo de alunos seus, tais como José Carlos Antunes (Paço D'Arcos), João Henriques e João Coutinho (seus assistentes directos no JCP), Jaime Castro Dias (Alhos Vedros e Almada), José Augusto (Queluz), Soares da Veiga (Sintra), Manuel Sizudo (Sintra e Figueira da Foz) e Francisco Silva (Almada) para citar apenas alguns dentre os que mais se destacaram nesse período.

Foto 118- João Coutinho, foto actual

Influenciado, talvez, por Sérignan e beneficiando de bons contactos na instituição militar, Cerveira tomaria ainda a iniciativa de organizar, dois a três estágios por ano em regime de acampamento na Tapada de Mafra. As sessões de corrida tipo corta-mato, de pés-descalços (fazendo uso dos percursos recheados de equipamentos destinados à preparação mil-

itar), os treinos de karate sempre levados até ao limite da resistência física, as sessões de za-zen ministradas por Mestre Sttobaerts, as palestras sobre lesões articulares e reabilitação e, acima de tudo, o excelente ambiente de convívio entre todos os participantes, tornaram, de facto, inesquecíveis estes estágios.

Foto 119 - Capa do livro "Karate-do" de Raul Cerveira, publicado em 1976

Seria também da iniciativa de Raul Cerveira a publicação em 1976 do primeiro livro em língua portuguesa sobre Shotokai que foi, certamente, a primeira obra de fundo publicada neste país sobre karate.

Outros amadores da Arte que tinham iniciado a sua prática na Academia de Budo, davam também, pelo seu lado a melhor das contribuições para o desenvolvimento do Karate-do Shotokai em Portugal.

Mário Rebola, a quem Raul Cerveira cedera (ao ausentar-se para o serviço militar) o Dojo do Banco Espírito em Lisboa, acumularia as aulas nesse local e na Academia de Budo até 1973. Nesse ano porém, Rebola, face ao objectivo de abrir mais escolas para assim poder aumentar o número de participantes nos estágios com o Mestre, entregou a direcção das aulas na velha Academia a Alexandre Gueifão, abrindo pouco depois o Dojo Kyoshukan, em Alvalade, também no Centro de Lisboa.

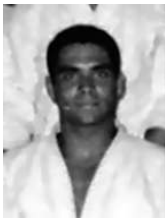
Foto 120 - 4º Estágio na Academia de Budo, Agosto de 1972. Na fila do meio o 4º a contar da esqª é Leopoldo Ferreira. Na fila de trás da esqª para a direita vê-se: António Lima, Guilherme Assunção e Nestor. 7º – Mário Rebola; 10º – Francisco Gouveia; 12º – Mestre Murakami; 13º – Dr. Pires Martins; 14º – Raul Cerveira; 16º – Alexandre Gueifão; 17º – Rui de Mendonça

Por outro lado tanto Mário Rebola – a quem o Mestre pedira, desde o primeiro momento que, como homem da sua confiança, exercesse o cargo de Presidente – como Alexandre Gueifão – com os seus conhecimentos contabilísticos – assumiriam um papel administrativo fundamental na organização administrativa da Murakami-kai de Portugal durante este período.

Foto 121 - Guilherme Assunção e Pedro Barata, fundadores da Escola Murakami-kai do Cacém, 1976

Embora não pudesse dedicar a totalidade do seu tempo à prática e ao ensino do karate, Alexandre Gueifão empenhava-se em apoiar tecnicamente os centros mais necessitados, como foi o caso do Dojo do Cacém, fundado em 1976 e a própria Academia de Budo, reforçando, ontem como hoje, os fortes laços de ligação dessa organização com a Murakami-kai.

António Lima, embora bastante mais jovem que os restantes colegas da Academia de Budo, também ali se iniciara na prática do Karate-do, obtendo o seu 1º Dan no final do estágio de 1972 com Mestre Murakami. Lima ensinou em importantes dojo como no Ateneu Comercial de Lisboa e na própria Academia de Budo, tendo ajudado a fundar a Escola Murakami do Barreiro, na zona Sul do Tejo.



Fotos 122a , 122b e 122c - António Lima, Alexandre Gueifão e Leopoldo Ferreira no final da década de 70

Leopoldo Ferreira, seu colega de universidade e profissão – ambos se licenciaram em Educação Física – adoptaria um percurso bastante semelhante dentro da Murakami-kai, pondo todos os seus conhecimentos com empenho e entusiasmo ao serviço da Associação, mas sem nunca esconder o seu espírito crítico face aos métodos pedagógicos de Mestre Murakami. Ambos se dedicaram, também, em simultâneo ao estudo de outras disciplinas do Budo (como o Judo e o Aikido) bem como da esgrima portuguesa. Embora a sua profissão os levasse, no final da década de 70 a um certo afastamento geográfico e deixassem de ser professores da Murakami-kai, continuaram o seu percurso pedagógico no seio da União Portuguesa de Budo, mantendo laços de amizade com o grupo de discípulos de Mestre Murakami.

Outro personagem marcante desta fase inicial da Murakami-kai de Portugal foi Francisco Gouveia, que obteve o seu 1º Dan em Março de 1970 na Academia de Budo. Gouveia era um verdadeiro "sobredotado" para o karate, possuindo qualidades físicas e técnicas que o destacavam claramente dos demais. A sua actividade como instrutor centrou-se sobretudo na zona dos Olivais, em Lisboa, onde conseguiu reunir um numeroso grupo de praticantes.

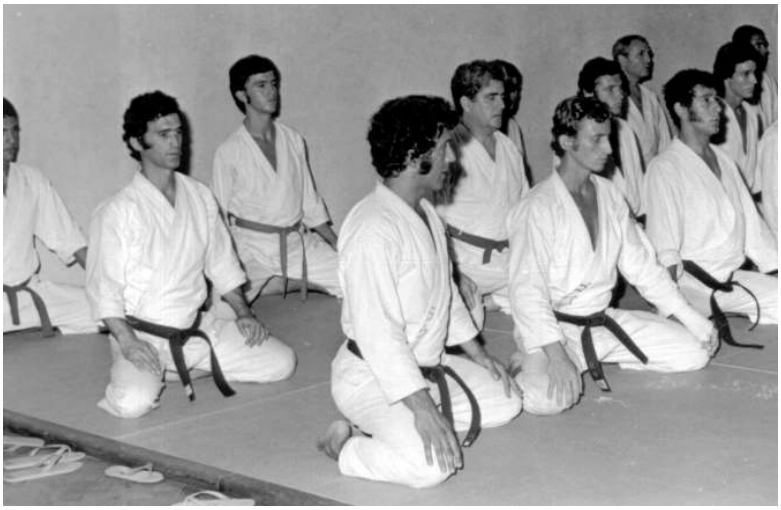


Foto 123 - Estágio de 1973 no Judo Clube de Portugal. Da esquerda para a direita na 1ª fila: Raul Cerveira, Francisco Gouveia e Alexandre Gueifão; na 2ª fila: Mário Rebola e Nestor

Todavia, o seu percurso acabou por ter algumas semelhanças com o de Michel Hsu em França, visto que a sua procura de disciplinas de combate com o "máximo de contacto" acabaria por levá-lo a a afastar-se seguindo um caminho paralelo à Murakami-kai, ainda que mantivesse sempre as melhores relações com o Mestre e os seus alunos.

Foto 124 - José Pascoalinho. Sérignan, 1972

Até 1974, Raul Cerveira fora o único dos alunos do Mestre em Portugal que decidira assumir o karate como actividade a tempo inteiro mas, com a revolução do 25 de Abril, a situação política alterar-se-ia permitindo o regresso ao nosso país dos praticantes portugueses que se tinham exilado em França.

Foto 125 – Visita de portugueses ao Dojo de Mercoeur, Paris. Na fila de trás, da esqª para a dirª: 2º - Alexandre Gueifão; 3º – Xavier Corbin; 8º – Mário Rebola; 14º – Mestre Murakami. Na mesma fila da dirª para a esquerda: 1º – Bui Xuan Quang, 2º – Jacques Fonfrède, 3º Gérard Letensorer e o 4º – Nestor. Na fila da frente da esqª para a dirª: 1º – Vincent Corso; 2º: Arqº Sá Reis; 6º Fernando Neto

José Pascoalinho (que tinha iniciado a sua prática na Academia de Budo com Mário Rebola em 1969, apenas alguns meses após o primeiro estágio de Mestre Murakami em Portugal) parte no final de 1970 para França, juntando-se assim aos seus conterrâneos Ceia e Neto. A partir de 1972 Pascoalinho torna-se assistente do Mestre no Dojo da Cidade Universitária em Paris, orientando as aulas nesse dojo durante as frequentes ausências deste para estágios no estrangeiro.

Foto 126 - Mário Rebola em casa do pintor José Escada, Paris. Início da década de 70

Os contactos directos com os praticantes de Portugal, nesse período, limitar-se-iam a breves estadias de Mário Rebola – que se deslocava a Paris não só para treinar com o Mestre mas

para visitar amigos exilados nessa cidade – e, por vezes também de Raul Cerveira, Alexandre Gueifão Soares da Veiga e outros alunos que ali se deslocavam para beneficiar de treinos de aperfeiçoamento técnico com o Mestre e outros que por lá ficavam por períodos mais longos (como foi o caso do Nuno Russo que ainda trabalhou como assistente do Mestre).

Ao regressar a Portugal, em 1974, Pascoalinho decide dedicar-se em exclusivo, durante vários anos, ao ensino do Karate-do tornando-se, desde logo, um dos mais activos instrutores da Região de Lisboa, leccionando em escolas de Lisboa como: o Ateneu Comercial (ali sucedendo a António Lima), o Clube dos Ferroviários, em Santa Apolónia e o Dojo do Banco Espírito Santo; apoiando outros dojo mais periféricos a Norte de Lisboa, como Sintra; e ainda outros a Sul do Tejo como Barreiro, Alcácer do Sal e Montoito, no Alentejo. A contribuição de José Pascoalinho na organização administrativa da ASP, neste período, em colaboração com Rebola e Gueifão, representaria também uma enorme mais valia para a Murakami-kai de Portugal.
Por seu lado Manuel Ceia, em 1976, manifesta a Mestre Murakami a vontade de regressar a Portugal para se dedicar, igualmente a tempo inteiro, ao ensino do Karate-do. A pedido de Mestre Murakami volta então a orientar as aulas na Academia de Budo e em breve o entu-

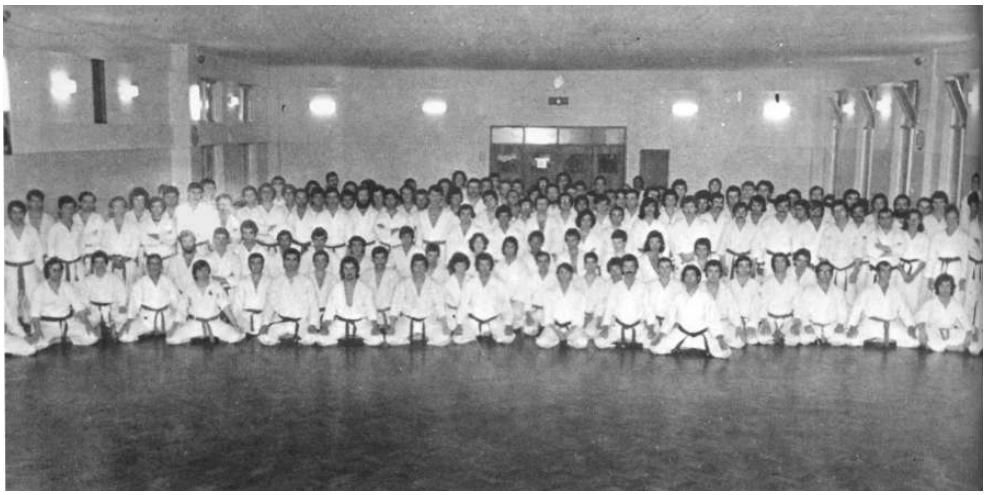


Foto 127- Estágio de Maio de 1977 em Queluz

siasmo dos alunos da Academia redobraria, quase quadruplicando a sua participação nos estágios com o Mestre.

Foto 128 e 129 Guilherme Morais e João Camacho, finais da década de 70

Nos anos seguintes a responsabilidade técnica de Manuel Ceia estender-se-ia: ao Grupo Desportivo da Siderurgia Nacional, no Seixal, à escola de Paço D'Arcos (nessa altura já liderada pelo enérgico e voluntarioso Guilherme Morais), ao Grupo Desportivo da Caixa Geral de Depósitos e à Escola Marquesa de Alorna (Taikyoku Clube), em Lisboa, onde contava também com o apoio do jovem e talentoso João Camacho.

Foto 130 - Grupo dos Cintos Negros que participaram no Estágio de Queluz, 1977. Da esquerda para a direita: António Lima, Manuel Ceia, Raul Cerveira, Mestre Murakami, Mário Rebola, Alexandre Gueifão, José Carlos Antunes e João Henriques

Avaliando a dimensão do esforço de todos estes líderes no Sul do País, direccionado com pulso firme para um fim comum por Mestre Tetsuji Murakami, começa a compreender-se melhor agora como terá sido possível que, em menos de 10 anos, Portugal tenha atingido um volume de praticantes difícil de igualar por qualquer dos outros países Europeus.
Mas a completa compreensão deste fenómeno de crescimento só ficará completa quando nos

debruçarmos sobre o dinamismo das outras duas regiões da Murakami kai Portugal – a Região Norte e a Região a Sul do Tejo – que, embora não desfrutassem de tantos líderes carismáticos, possuíam uma inesgotável energia aliada a uma impressionante capacidade organizativa e mobilizadora.

A Região Norte no período 72 / 77

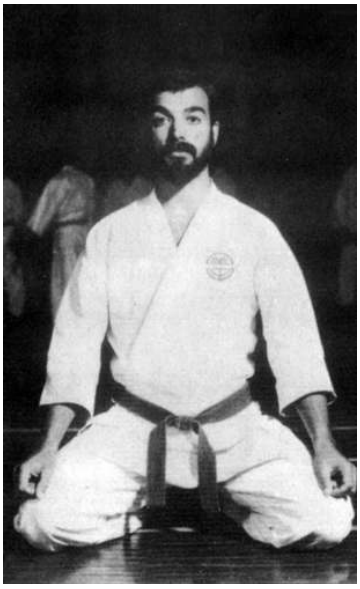


Foto 131 - Fernando Sarmento em 1977

Vimos anteriormente que o crescimento inicial do karate no Norte de Portugal foi protagonizado por António Cacho. A partir, de meados da década de 70, porém, um aluno seu passaria a assumir uma liderança cada vez mais forte, acabando por tornar-se um dos principais obreiros do Shotokai no Norte de Portugal. Com efeito, embora apenas tivesse o primeiro contacto com Mestre Murakami no estágio de 1971, no Porto, o "cinto amarelo" Fernando Sarmento, não tardaria a destacar se rapidamente pois que, logo na graduação seguinte – cinto verde – aceitaria o desafio de começar a dar aulas no Dojo da CUF. Dado que, obviamente, não possuía ainda as credenciais necessárias para assumir tal tarefa, gerou-se uma situação embaraçosa em termos de CDAM que acabaria afinal por ser resolvida graças à intervenção directa de Mestre Murakami junto do Comandante Fiadeiro.

Fotos 132 e 133- Manuel Sarmento e Paulo Romero em 1978

Galvanizado pela confiança que o Mestre em si depositara Fernando Sarmento redobrou o seu empenho e, apenas três anos depois, em 1974, com a ajuda de outros entusiastas – como o seu irmão Manuel Sarmento, Paulo Romero, António Cunha e Vítor Silva – levaria a cabo a construção de um dojo cujas dimensões, tipo de soalho e localização das portas e janelas foram rigorosamente executadas de acordo com as indicações de Murakami Sensei.

Foto 134 - Mestre Murakami (ao centro) com Fernando Sarmento (à esqª na foto) e António Cacho (à dirª), finais da década de 70

Não tardou, pois, que o Dojo da Maia viesse a rivalizar com o Bushidokan do Porto, como núcleo fundamental das Escolas do grupo Murakami no Norte.

Na Região Norte do país o Mestre, talvez porque se sentisse mais à vontade num ambiente menos formal do que o da capital, adoptaria progressivamente uma postura mais descontraída.

Foto 135 - Georges Krug, década de 80

Para tal terá contribuído, sem dúvida, o espírito irreverente e sempre jovem de Georges Krug – um médico cirurgião que resolvera iniciar-se no Karate, em 1974, já na casa dos 50 anos – e que arranjava sempre uma forma de "quebrar o gelo", fosse com as inacreditáveis histórias do banco de urgências do seu hospital, fosse com a insistência de que o Mestre provasse o seu sumo de uva "verde branco" (que teimava ser não alcoólico para que o Mestre o pudesse degustar sem receios), fosse com aquele convite "à queima-roupa", quando percebeu que a esposa do Mestre era católica, para que a trouxesse a Portugal para visitar Fátima.

Fotos 136 e 137 - Mestre Murakami no seu impecável fato e envergando o seu karate-gi, igualmente impecável

Convite que o Mestre, aliás, acabaria por aceitar trazendo para uma estadia de uma semana no Porto, a sua esposa, o seu filho e, claro está, Lobi – o seu pequeno caniche – que, para espanto geral do pessoal dos restaurantes, tinha sempre lugar cativo no chão ao lado do dono, com direito a uma dose "pessoal" de bife com arroz.

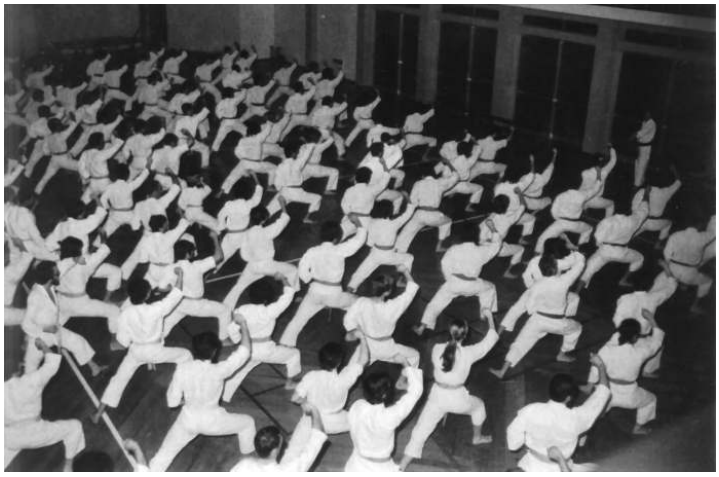


Foto 138 - Estágio no Liceu Carolina Michaelis, Porto. Década de 70

Essa familiaridade, aliada ao zelo do Mestre para com o vestuário, haveria de produzir um curioso resultado: disponibilizando-se para fornecer moldes e escolher tecidos, apoiou a criação no Norte do País de uma "mini oficina artesanal de costura", que ao longo dos anos produziu centenas de karate-gi para os karate-deshi de Shotokai do Norte, expandindo-se depois a "moda" para toda a Murakami-kai de Portugal.

A partir da Escola Murakami da Maia novos centros de prática iam irradiando: Liceu Carolina Michaelis, no Porto, sob a responsabilidade de Paulo Romero (ele próprio um exímio praticante) e Trofa, sob a orientação do aguerrido Salvador Varandas. Consequentemente o número de praticantes do Grupo do Norte da Murakami-kai ia aumentando de ano para ano, a ponto de, no final da década de 70, se contarem já por largas centenas nos dois Estágios anuais (Junho e Novembro) que o Mestre realizava no Porto.

O número de "graduados" continuava a aumentar também, desequilibrando claramente a balança a favor da Escola Murakami da Maia, relativamente ao Bushidokan do Porto.

Foto 139 - Estágio no Norte, 1977/78. Cintos negros e castanhos, da esqª para a dirª: 1º – Vítor Silva; 4º – Paulo Romero; 5º – Fernando Sarmento; 6º – Mestre Murakami; 7º – António Cacho; 9º – Manuel Sarmento; 10º – António Cunha; 11º – Salvador Varandas

A Região Sul no período 72 / 77

Foto 140 - José Patrão e Paulo Caetano em 1975

Em Setembro de 1972 Raul Cerveira incentivaria o seu aluno Abílio (na altura 4º kyu) que residia na Margem Sul a abrir uma classe de Karate-do Shotokai no Judo Clube de Almada – JCA. Nessa data já aí funcionava há vários anos uma activa escola de Judo liderada pelo Mestre Joaquim Barata e dinamizada, quer pelos seus dois filhos gémeos, quer pelo corpulento Saul Conceição.

Foi em Abril de 1973 que bateu à porta do JCA um jovem de 14 anos que, não tendo encontrado a arte que queria praticar – Aikido – decidira inscrever-se em simultâneo nas classes

de Judo e de Karate-do em resposta ao desafio do seu primo Paulo Caetano: “Não há problema! Se somares Judo com Karate obtens Aikido. Vem daí!”

Foto 141 - José Patrão, com 8 anos

Embora o seu aspecto franzino e o carácter tímido e reservado não o revelassem, a verdade é que o jovem José Patrão, o autor deste livro, reunia um conjunto de condições favoráveis, à partida, para a prática das Artes Marciais: em primeiro lugar porque no lugar onde nascera tivera de se habituar, desde muito cedo, às tropelias e acrobacias dos meninos de rua que tinha de enfrentar diariamente em lutas por causa do pião e do arco, ou simplesmente para... não perder o hábito; depois porque, dos 6 aos 12 anos, se distinguira como um dos melhores ginastas do ginásio Clube do Sul e só interrompera essa carreira devido à saída do seu instrutor Silva Marques; finalmente porque o seu pai, que tinha sido discípulo dos Mestres de “esgrima portuguesa” Domingos Varejão e Domingos Miguel, resolvera iniciá-lo desde o tempo do calção na arte marcial portuguesa.

Fotos 142 e 143 - Francisco Silva e Jaime Castro Dias, 1977

De modo que, embora tivesse percebido ao fim de uns meses que a mistura sugerida pelo primo nunca iria produzir o efeito pretendido, a verdade é que nessa altura, já a paixão pelo Karate-do Shotokai o cativara para o resto da vida.

À medida que a classe de Karate crescia tornava-se necessário encontrar um instrutor mais qualificado e com mais disponibilidade de tempo e foi assim que em Outubro de 1974 chegou ao JCA Francisco Silva – um aluno de Raul Cerveira e seu companheiro de armas nos Comandos na guerra da Guiné. O "Mestre" – era assim que os alunos lhe chamavam, pois envergava a mui respeitável graduação de 2º kyu – desde logo assegurou uma forte liderança e a classe começou a crescer rapidamente.

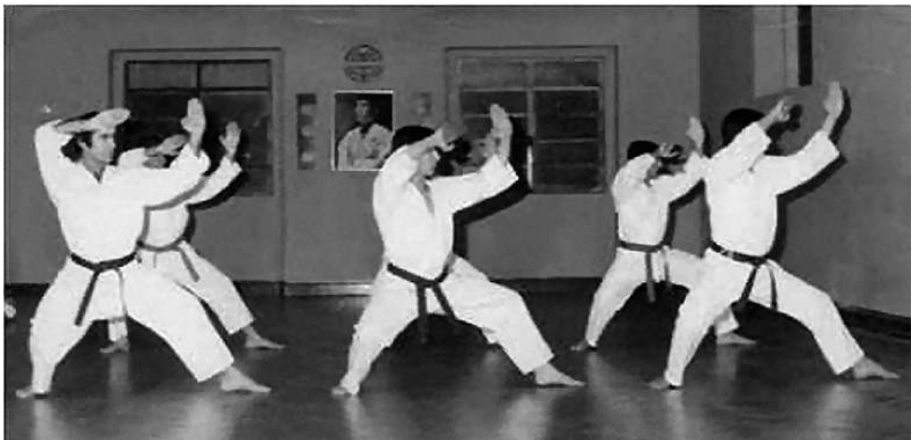


Foto 144 – Dojo da Rua da Cerca em Almada. Ao fundo pode ver-se o quadro a óleo de Mestre Murakami

Em breve se chegou à conclusão que se teria de encontrar um outro local para albergar as muitas dezenas de alunos. Habituado à faina dura do campo José Patrão não se furtou a responder ao pedido do líder administrativo da secção de Karate – José Manuel Parreira – quando este lhe pediu que dedicasse as férias do Verão de 1976 para, conjuntamente com alguns colegas de prática – Francisco Vargas, Camilo Fernandez, António Valera, Arnaldo Cardoso e Rui Claudino, entre outros – se dedicarem a transformar o antigo salão de festas da Cooperativa Almadense num Dojo exclusivo para a prática do Karate.

No ano de 1977, logo após a inauguração do pequeno dojo da Rua da Cerca, em Almada, o número de praticantes já ultrapassava a centena. Três instrutores cintos castanhos a leccionar em dias e horas diferentes – Francisco Silva, Jaime Castro Dias e o jovem Caldeira – asseguravam uma actividade contínua, de manhã e à noite, todos os dias da semana, inclusive aos Sábados de manhã. Além disso, uma vez por mês, ao Domingo, realizava-se uma aula especial, orientada pelo Responsável Técnico da escola – Raul Cerveira.

A Escola Murakami do Barreiro – inicialmente fundada em 1974/75, como vimos mais acima, por Leopoldo Ferreira – passaria, em 1978 para a responsabilidade técnica de António Lima, ficando Fernando Neto a orientar tecnicamente o dojo instalado na colectividade "Os

Foto 145 - Da esqª para a dirª: John Chin Low, Fernando Neto e António Carlos Faria. Hombu Dojo Shotokan, Tóquio, Setembro de 1993

Franceses". Pouco tempo depois, porém, António Lima afastar-se-ia da região de Lisboa, passando a residir no Centro do país e José Pascoalinho assumiu temporariamente a responsabilidade dessa escola, que se transferiria, entretanto, para outra colectividade Barreirense – "Os Penicheiros". Em 1980/81, o enorme empenho e dedicação de Fernando Neto seria recompensado pelo Mestre, ao atribuir-lhe a responsabilidade técnica da escola. Sob a sua liderança e com apoio de assistentes fiéis como António Carlos Faria e John Low – Neto tornaria a Escola Murakami do Barreiro um dos maiores núcleos de Shotokai do Sul do Tejo, por onde passaram nomes que se tornaram, mais tarde, importantes no panorama do Shotokai português, como é o caso de Elias Santos.

Infelizmente este fantástico ambiente de sinergia e progresso que se vivia de Norte a Sul, que tornava a Murakami-kai – caso único na Europa – o grupo de karate mais poderoso do país, facto aliás notado e sublinhado por Mestre Shigeru Egami aquando da sua visita a Portugal em Junho de 1976, não iria perdurar muito mais. As tensões que se vinham acumulando entre alguns dos praticantes mais antigos, iriam em breve conduzir a roturas e cisões que causariam uma enorme dispersão de energias e que, em última análise, iriam prejudicar e enfraquecer o desenvolvimento harmonioso do Karate-do Shotokai neste país. É esse período que analisaremos de seguida.

Tempos de Cisão e Decisão – 78 / 81

As cisões que marcaram o período 1978/81 em Portugal nada tiveram a ver com a questão JKA versus Shotokai, pois que aqueles que saíram, na generalidade continuaram, e ainda continuam hoje, a praticar Karate-do Shotokai. Porque decidiram então abandonar a Murakami-kai?

Bom, sobre essas razões muitas pessoas falaram e provavelmente continuarão a falar... Cada um dos que saiu e cada um dos que ficou teria certamente a "sua verdade" para contar e para cada uma dessas verdades este livro seria pequeno. Porém, e uma vez que este livro não versa sobre essas pessoas, mas sim sobre o seu Mestre, talvez importe mais aqui saber como terá Murakami Sensei conseguido lidar com as tensões interpessoais que se agudizavam à medida que os grupos cresciam? Poderemos nós sequer imaginar o esforço que tinha de fazer para manter equilibrado esse fervilhante mundo de interacções complexas entre personalidades sempre em potencial colisão, no seio dos inúmeros grupos que se tinham desenvolvido em cada um dos oito países europeus em que ensinava?...

Em determinada altura o Mestre escreveu [46]:

- O homem verdadeiramente superior deve ser capaz de dar a paz.

Acho esta frase tão bonita e de tão profundo significado que a cito frequentemente aos meus próprios alunos. Mas também pressinto nela alguma dor... Sinto nestas palavras a mágoa latente de quem se impusera uma fasquia interior de tal modo elevada, que em determinada altura, se começava a revelar inatingível.

Teria esse pesar algo a ver com a postura silenciosa, meditativa e distante em que se colocava quando as discussões entre os "antigos" da Murakami-kai começavam a subir de tom, nas reuniões que se realizavam no hotel D. Carlos I, aos Sábados à noite no final de cada estágio?

Com 20 anos, ou nem tanto, demasiado jovem para alcançar as subtilezas e nuances dos diferendos verbais que ecoavam em meu redor, não raro dava comigo conjecturando sobre os sentimentos que se abrigavam por detrás daquela impenetrável face de chefe índio... Nos lábios o cachimbo que ia deixando apagar, os olhos semi-cerrados como se os ecos das palavras fossem uma luz que lhe doesse, as mãos já se atrapalhando de tanto brincar com os estiletes e outros utensílios de manuseamento do tabaco... À medida que, por comodidade ou autodefesa, os longos diálogos passavam a decorrer em português, por vezes durante longas horas, dir-se-ia que o Mestre se ia alheando cada vez mais das palavras, do grupo, da sala, do próprio país...

Foto 146: Reunião no Hotel D. Carlos I em Lisboa, Agosto de 1979. Da esquerda para a direita: na 1ª fila, António Lima, Alexandre Gueifão, Mestre Murakami, Mário Rebola e Manuel Ceia; na 2ª fila, José Pascoalinho e Fernando Sarmento; na fila de trás: Paulo Rocha, António Cacho, Simões, Paulo Romero, João Camacho, Rui Ribeiro, Luís de Carvalho, Manuel Sarmento e Guilherme Morais

Mas não. Eu já tinha convivido com ele o suficiente no dojo (e aliás sofrido também) para não me deixar enganar: por debaixo do impecável corte italiano do seu fato escondia-se um corpo de felino que, mesmo que recostado para trás no sofá e aparentemente adormecido, podia adivinhar-se a sua mente penetrante perscrutando as subtis inflexões verbais que a discussão ia tonalizando; a forma como sabia usar o silêncio, contendo a voz de modo a mantê-la fora do cerco das palavras em redor e bem assim o coração, que não deixava que comungasse das emoções exaltadas. Eu só podia conjecturar que técnica fabulosa seria aquela que usava para manter uma serenidade tamanha a meio de tanta discussão, mas sabia que tinha muito a ver com com a energia no hara e a quietude mental com que enfrentava, elegantemente, dez ou doze adversários que o atacavam simultaneamente, em midare, e que, acabava por levar à exaustão, fazendo-os tropeçar e tombar uns sobre os outros.

E quando os ânimos se exaltavam ao extremo eu temia (e confesso que por vezes também ansiava) que ele pulasse do sofá como um tigre e que aplicasse duas ou três sapatadas e dentadas certeiras, de modo a estabelecer a ordem na sala! Mas... qual o quê!? Sereno e imperturbável acabava sempre por pôr cobro à contenda, através da simples táctica de promover uma ronda de opiniões pelos intervenientes em redor, escutar bem e depois... decidir. E a verdade é que os contendores, desgastadas as energias pela intensidade da discussão, já não se atreviam a contestar, até porque a força da razão e do bom senso eram geralmente esmagadoras.

Quando Manuel Ceia voltou a Portugal o que lhe disse o Mestre? O relato seguinte demonstra claramente como pressentia os problemas, ao longe e por antecipação, e a forma como se esforçava por preveni-los [30]:

Foto 147 - Manuel Ceia em 1977

Nesse mesmo ano, 1976, quando comuniquei ao Mestre a minha decisão de regressar a Portugal, foi-me pedido para me encarregar do Grupo Murakami Kai, para fazer "equipa" com Mário Rebola e Alexandre Gueifão, o que demonstrava existirem divergências no seio do grupo, e para lhe transmitir regularmente informações sobre o que se passava em Portugal, bem como para desenvolver mais o shotokai na Academia de Budo.

A 7 de Janeiro de 1978, na habitual reunião de Sábado no final do estágio, Raul Cerveira abandona a Associação. Foi a primeira grande cisão no Shotokai de Portugal: de um só golpe a Murakami-kai perderia mais de um milhar de alunos. De facto, de todas as escolas que estavam sob a Responsabilidade Técnica de Cerveira, apenas duas se recusaram a abandonar o Mestre Murakami: Sintra, que na altura era já liderada (na falta de um instrutor mais graduado, por Luís de Carvalho, 1º kyu) e Almada, onde eu, como aluno mais graduado e co-fundador da escola, decidi ir contra a decisão do meu instrutor, Francisco Silva, respondendo-lhe que, embora respeitasse muito o meu professor Raul Cerveira, havia acima dele um Mestre – Tetsuji Murakami – e nós queríamos continuar fiéis ao seu caminho.

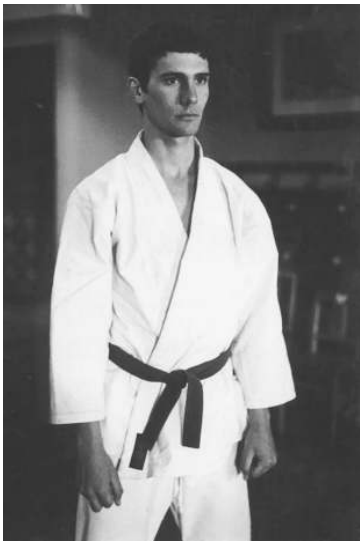


Foto 148 - Luís de Carvalho em 1979

Apesar dos alunos me pedirem para assegurar a continuidade das aulas, achei que a minha graduação (2º kyu) não seria consentânea com a importância da escola, de modo que em Março de 1978 dirigi-me à Direcção da Associação e pedi que indicassem um cinto negro para dirigir o Dojo de Almada. Manuel Ceia, na altura 1º Dan, aceitou o desafio.

Ao longo do ano de 1978 foi para mim bem visível o empenho do Mestre não tanto em minimizar essa perda, já irreparável, mas em prevenir futuras cisões. Não foi por acaso que insistiu com António Cacho e Manuel Ceia que participassem em todas as aulas dos estágios seguintes levando-os muito para além dos seus limites, numa espécie de avaliação contínua de uma exigência extrema, que culminou com um

exame até à completa exaustão, como nos conta o próprio Manuel Ceia [30]:

Em Agosto do mesmo ano, durante o estágio no Liceu Gil Vicente, na segunda semana destinada ao treino de katas Me. Murakami obrigou-nos, a mim e ao Cacho, a treinar a quadruplicar ou seja, os grupos de trabalho eram cinco, compostos por cintos encarnados 4ºs.kyus, castanhos 3ºs. Kyus, castanhos 2ºs. Kyus, castanhos 1ºskyus e pretos dans. No primeiro dia após os cintos negros terem executado a sua kata e quando nos preparávamos para sentar Me. Murakami chamou-nos, a mim e ao Cacho, e disse-nos para ficar para o treino da kata com os 1ºs kyus, seguiu-se o mesmo com os outros grupos e isto durante toda a semana sem que ninguém soubesse a razão ou que Me. Murakami desse alguma explicação. No fim do treino no último dia quando pensávamos que estávamos finalmente livres daquela prova extenuante, Me. Murakami chamou-nos aos dois uma vez mais, para fazermos taikyoku shodan; ao executar pela segunda vez a kata, no terceiro tzuki da linha central vi um clarão, perdi os sentidos e acordei encostado aos espaldares com o Lima a abanar-me com uma toalha e o Rebola com um copo de água. No final Me. Murakami outorgou-nos a graduação de 2º. Dan e nesse mesmo dia durante o jantar nas Galerias Ritz confidenciou-me: "se um de vocês tivesse desistido, não passava nenhum".

Foto 149- Grupo participante no campeonato de Kata comemorativo do Décimo Aniversário do Shotokai em Portugal. Na fila da frente, em Seiza e contemplados com o primeiro lugar dos vários escalões, da esqª para a dirª: José Guerra Rico, João Camacho e José Mendonça da Silva. Na 2ª fila: 3º – Fernando Neto; 4º – Paulo Rocha; 5º – Fernando Sarmento; 7º – Paulo Romero; 8º – Fernando Basílio; 9º – Manuel Sarmento; 10º – António Cacho; 11º – José Patrão; 12º – Alexandre Gueifão; 13º – Luís de Carvalho; 14º – Mário Rebola; 15º – Reitor da Escola Secundária Marquesa de Alorna em Lisboa, onde decorreu o evento; 17º – Mestre Murakami; 18º – António José Valera; 19º Manuel Ceia; 21º – António Lima; 22º – Guilherme Morais; 23º – Pedro Paredes; 25º - Taborda. Na 3ª fila, o 7º a contar da esquerda é António Carlos Faria e o 9º é Castro Pontes. Na fila de trás o 4º a contar da dirª é José Pascoalinho

Esse esforço de unificação seria ainda mais notório quando, em Janeiro de 1979, Murakami Sensei sugeriu que, no estágio de Agosto, se comemorasse condignamente o décimo aniver-

sário do Shotokai em Portugal. Essa iniciativa, ainda que competitiva (unicamente a nível interno, claro está) teria o mérito de reunir num só lugar, ao fim de uma década, os dois grandes Grupos – Norte e Sul – para um objectivo comum.

Graças a essas iniciativas Mestre Murakami conseguiu, num primeiro momento, reforçar a coesão do grupo português da Murakami-kai.

Porém, o extraordinário dinamismo e dedicação de alguns instrutores – com destaque para Fernando Sarmento na Maia, e Manuel Ceia no Sul e Madeira – acabaria por criar fricções com aqueles que, embora não pudessem dedicar tanto do seu tempo ao treino, queriam prosseguir, a seu ritmo, o mesmo caminho. Projectando no campo administrativo os princípios que ensinava no dojo e que, de acordo com a tradição japonesa dão sempre mais importância ao grupo que ao indivíduo, o Mestre tentava que todos executassem em uníssono o mesmo kata de modo a que ninguém ficasse para trás e que ninguém avançasse demasiadamente. Mas os seus pedidos e conselhos acabariam por se revelar infrutíferos e as suas decisões incompreendidas.

Em 1980 seria com profunda mágoa que veria António Cacho afastar-se, levando consigo António Cunha – outro importante instrutor da Região Norte. E em Novembro de 1981 receberia uma carta de demissão de Manuel Ceia, que seria seguido, algum tempo depois, por Guilherme Morais.

Desta vez a esmagadora maioria dos alunos do Shotokai Karate Clube, em Almada – nessa altura já com mais de duas dezenas de cintos castanhos que tinham obtido as suas graduações sob a liderança de Manuel Ceia – optaria por seguir o instrutor e não o Mestre. Essa decisão haveria de revelar-se fatal para a escola da Rua da Cerca, já que, passados poucos anos, dificuldades administrativas levariam ao abandono de Manuel Ceia e ao consequente encerramento do dojo.

Reacção e Recrudescimento – de 82 em diante

Em menos de dois anos a Murakami-kai perderia assim o Bushidokan do Porto, a escola de Almada, duas escolas na Região de Lisboa (Taikyoku Clube e Dojo da CGD) e, ainda, a Associação Cristã da Madeira. Em 1983 com a saída de Guilherme Morais perderia outro grande dojo na Região de Lisboa.

Se a saída de Raul Cerveira, em 1978, tinha tido como consequência o início dos estágios em Portugal de Mestre Mitsusuke Harada, as saídas posteriores de António Cacho, Manuel Ceia e Guilherme Morais levariam a que Mestre Atsuo Hiruma passasse a liderar, daí em

diante, estágios em Portugal, para este último grupo.

Todavia, em 1982, assinalar-se-ia ainda um marco importante para a Murakami-kai portuguesa – a filiação oficial na Nihon Karate-do Shotokai, tendo Mestre Murakami indicado como responsável para Portugal Mário Rebola.

Pelo meu lado, nessa altura já 1º Dan, mantive a minha posição de sempre – fiel ao Mestre Murakami – e, para afogar o desgosto de ter perdido os meus companheiros de treino e de assistir à decadência e posterior encerramento da escola que tinha construído à força de braços, dediquei-me, para além do treino ao ensino do Karate-do Shotokai, actividade que tinha iniciado um ano antes. Na zona Oriental de Lisboa, no final da década de 70, o Dojo dos Olivais tinha sido abandonado à sua sorte desde que o anterior instrutor – Francisco Gouveia – tinha procurado outras formas de prática. Se não fechou foi devido à persistência de Francisco Conceição José, na altura 4º Kyu, que resistiu à saída da maioria dos alunos, continuando a assegurar, na medida do possível, as aulas. O Mestre, consciente do problema deste e de outros dojo da Região de Lisboa que tinham sido vítimas de um crescimento demasiado rápido do grupo, pediu-me que começasse a dar aulas nesse dojo. Estávamos em Novembro de 1980.

Foto 150 - Da esqª para a dirª José Sá, Francisco José e Gumersindo Pereira da Escola dos Olivais, 1988

Orientação técnica e pedagógica era tudo o que o grupo necessitava, já que a dedicação e o espírito de trabalho marcavam presença constante em cada aula. Em breve a escola recuperaria a vitalidade de outrora e, em meados da década de 80, Francisco José – o aluno mais

dedicado – viria a autonomizar-se como instrutor. Graças ao seu dinamismo (e ao apoio de Assistentes empenhados como Gumersindo Pereira e José Sá) a escola dos Olivais cresceu a ponto de se tornar uma das maiores da Região de Lisboa.

Nessa altura surgiu a oportunidade de abrir um dojo bem no centro de Lisboa – na Casa do Concelho de Tomar, junto à Avenida de Roma, não muito longe do local onde anteriormente funcionara a saudosa Academia de Budo – e foi Francisco José quem assumiu também a liderança dessa escola.

Foto 151 - Grupo de alunos da Casa do Concelho de Tomar em Lisboa, final da década de 80. Da esqª para a dirª: 1º – Tavares; 3º – Fernando Carvalho; 5º – António Pimenta; 6º – Francisco José

A centralidade do local faria com que viesse a tornar-se ponto de encontro dos instrutores das escolas da Região de Lisboa que ali viriam a realizar, nos anos seguintes, o treino mensal de instrutores da zona Sul do país.

Foto 152 - Jorge Costa, meados da década de 80

Na sequência da saída da Associação Shotokai de Portugal do meu instrutor e amigo Manuel Ceia, fundei um novo dojo em Almada no Clube Recreativo Piedense. Nessa altura contei com o único apoio, embora precioso e incondicional, do então "cinto branco" Jorge Costa que era, ontem como hoje, um aluno excelente e determinado. Alguns anos depois, Alfredo Chambel e outros praticantes ingressariam nesse Dojo, regressando à Murakami-kai, em consequência do encerramento do Dojo da Rua da Cerca.

Foto 153 - Firmino Ascensão (à dirª) e Paulo Guerra

Um desses alunos – sem dúvida um dos mais virtuosos – foi Firmino Ascensão, que em 1983, ajudei na criação da Escola Murakami de Évora. Com o apoio inicial de Paulo Guerra e, mais tarde, de Carlos Faustino, o núcleo de Évora tornar-se-ia um dos mais dinâmicos da Associação.

Fotos 154, 155 e 156- Manuel Banha, Pedro Paredes e José Luís Mansos (fotos actuais)

Respondendo ao apelo do Mestre muitos foram os praticantes da zona Sul do país que, no período após a cisão, tomaram a decisão de se tornarem instrutores salientando-se Pedro Paredes que fundaria em Outubro de 1984 a Escola de Alcácer do Sal e que, alguns anos mais tarde, mercê de uma notável capacidade organizativa e mobilizadora, fundaria (com o auxílio dos seus Assistentes Manuel Banha e José Luís Mansos) vários outras núcleos Shotokai em centros urbanos circundantes, tais como: Grândola, Torrão, Comporta e Carvalhal.

Foto 157 - José Mendonça da Silva ensinando Gabriela Gueifão (filha do co-fundador da ASP, Alexandre Gueifão)

Por outro lado José Mendonça da Silva, que também decidiu não seguir Manuel Ceia aquando do seu abandono da Murakami-kai, assumiu neste período um importante papel no campo administrativo, ocupando-se não só da recolha de quotizações pelos vários dojo da Região de Lisboa, mas também da publicação do Boletim da ASP que Mário Rebola lançara em finais de 1981; mais tarde viria a tornar-se também instrutor do Dojo do Ateneu Comercial de Lisboa.

Outros instrutores que se destacaram neste período foram Manuel Pimenta (Dojo Kyo-Shu-Kan em Alvalade), José Guerra Rico (Dojo do Cacém), Domingos Rato (Dojo de Pêro Pinheiro), Paulo Jorge Ferreira (Centro Escolar Tenente Valdez) e Carlos Costa (que assumiu a orientação das aulas na Escola de Sintra, após a partida para Paris de Luís de Carvalho, em 1979).

Foto 158- Carlos Costa (Foto actual)

Posição semelhante teve o Grupo do Norte, chefiado por Fernando Sarmento com o apoio dos "mais antigos" (nomeadamente Paulo Romero e Salvador Varandas) que reagiu às cisões com um redobrar de esforços, o que gerou um grande crescimento do número de escolas e de

Foto 159 - Aspecto do Grupo do Norte no início da década de 80. Da esqª para a dirª: na 1ª fila, José Paulo Antunes, Salvador Varandas, Fernando Sarmento, Mestre Murakami, Paulo Romero, Fernando Lameira; na 2ª fila: 2º – Georges Krug; 4º – António Sá; 5º - Humberto Seixas; 8º – Arlindo Ferreira

alunos, com destaque para a capacidade mobilizadora e organizativa de Vítor Silva (que abriu o Colégio de Trancoso, em Gaia e vários centros de prática a Norte do Douro), a vitalidade de Clementino Araújo em Oliveira do Douro, a organização e a excelente capacidade pedagógica de José Paulo Antunes em São Mamede de Infesta, a humildade e dedicação de Humberto Seixas em Castelo da Maia e o virtuosismo técnico de António Lameira em Ribeirão.

Foto 160 - 1º Encontro Nacional das Escolas da ASP, 1985. Da esqª para a dirª: Vítor Silva, Firmino Ascensão, Fernando Neto, José Mendonça da Silva, José Patrão, José Pascoalinho, Mário Rebola, Fernando Sarmento, Salvador Varandas, (desconhecido) e António Reis

De 1983 em diante a Murakami-kai de Portugal (que, em 1985 e a pedido do Mestre, passaria a chamar-se Associação Shotokai de Portugal) continuou a desenvolver-se serenamente. Daí em diante merecem especial destaque: o "1º Encontro Nacional das Escolas de Karate-do da Associação Shotokai de Portugal", organizado em finais de 1985 por Vítor Silva e a construção do Dojo Murakami da Caparica (que embora se tivesse iniciado na altura do falecimento do Mestre, só ficaria concluída cerca de 5 anos depois, com a ajuda dos meus pais e dos meus alunos mais directos). A inauguração, que ocorreu em Agosto de 1992, contou com a presença de todos os dirigentes da Associação Shotokai de Portugal e com um convidado de honra – o meu amigo Luís de Carvalho – que, na altura, se deslocou a Portugal propositadamente para participar no evento.

Esse local viria a assumir-se, já após a morte do Mestre, não só como o verdadeiro Hombu-Dojo da Associação Shotokai de Portugal, mas também como local de honra da famosa pintura a óleo de Mestre Tetsuji Murakami (que tinha sido retirada da Escola da Rua da Cerca, quando esse dojo abandonou a Murakami-kai).

Foto 161 - Dojo Murakami da Caparica, pouco depois da sua inauguração. Pode ver-se ao fundo o quadro a óleo de Mestre Tetsuji Murakami. Os cintos negros presentes na foto são os seguintes, da esqª para a dirª : José Gonçalo Pedro, Jorge Costa, Paulo Bandurra, Henrique Brito, Henrique Tavares, António Gonçalves, Pedro Ramalho e Nuno Figueiras Santos, todos da zona de Almada.

Mais tarde o dojo seria extremamente apreciado por Mestre Motohiro Yanagisawa, aquando da sua visita a Portugal, em 1993, tendo posteriormente enviado duas fotos – de Funakoshi *O-Sensei* e de Hironishi Sensei – que hoje ladeiam o tokonoma onde está permanentemente exposto o retrato a óleo do Mestre.

Foto 161a - Dojo Murakami da Caparica. Da esqª para a dirª: José Patrão, Nuno Figueiras Santos, Miguel Castro Caldas e Pedro Gueifão (filho do co-fundador da ASP Alexandre Gueifão)

A década de 80 seria, pois, para o Shotokai de Portugal uma época de recrudescimento e consolidação. Uma geração de jovens instrutores - como Paulo Machado que sucedeu a Manuel Pimenta no Dojo Kyoshukan - viriam renovar e dinamizar o quadro técnico.

Foto 162 - Dojo Kyoshukan de Alvalade em Lisboa com o Instrutor Paulo Machado ao centro, finais da década de 80

O Falecimento de Mestre Egami

Um acontecimento que entristeceu toda a Murakami-kai foi o falecimento de Mestre Shigeru Egami que, apesar dos poucos momentos de contacto com os praticantes Europeus, conquistara o coração de todos aqueles que tinham tido o fugaz prazer de lhe apertar a mão, de com ele trocar algumas palavras, ou de simplesmente se encantar com a perspectiva a um tempo tradicional e inovadora do seu Karate-do, relatada no único livro publicado na Europa.
Nos primeiros dias de 1981, quando se encontrava a dirigir o habitual estágio de Janeiro em Lisboa, Mestre Murakami recebeu pela sua esposa a notícia do falecimento do seu Mestre e partiu de imediato para Paris e daí para o Japão. Tal como tinha acontecido em 1967 aquando da morte de seu pai, Murakami Sensei quis participar nas exéquias fúnebres, tal como ele próprio nos relata [36]:

No decorrer de um estágio em Lisboa, um dia por volta do almoço, recebo uma chamada de minha mulher. Fala-me de Paris – "Olha, Mestre Egami morreu!" – "O quê? Que me dizes tu?" A verdade é que, no fundo, eu já esperava a notícia, mas não pensava que viesse tão cedo. "Acabam de me telefonar do Japão" – continuou a minha mulher, a chorar. Nesse momento murmurei para comigo: "Esta agora!". Mas limitei-me a dar-lhe indicações sobre o que era preciso fazer para eu ir ao Japão, e desliguei.

Já em meados de Dezembro eu tinha dito à minha mulher que Mestre Egami me parecia bem doente. Ela era muito crente e achou que o mais indicado seria orar a Deus, mandar rezar missa pela saúde do Mestre. Acima de tudo ter fé em Deus. Era o mais importante na vida. Três dias depois, mandámos rezar missa na igreja espanhola de Paris. Ouvi o padre pronunciar votos de saúde, implorando a cura de Mestre Shigeru Egami. O mais importante é confiar em Deus!

Como saberei eu se o amor pela vida
Não é uma ilusão? Como saberei eu se aquele
Que tem medo de morrer
Não é como uma criança que perdeu o seu caminho
E chora, por não conseguir encontrar a sua casa?
A senhora Li, filha do oficial de fronteira Ai Feng,
Chorou até molhar a parte inferior do seu vestido
Quando o duque de Tsin a levou com ele.
Mas quando entrou no seu palácio
Compartilhou a sua cama e comeu copiosamente,
Lamentou ter chorado tanto.
Como saberei eu se
Depois de morto não me irei rir do meu apego à vida?

Tchouang Tseu

Capítulo 9 Serenidade (1985-1987)

Ah!... Quem me dera poder entornar, do meu para o vosso coração, o sentimento de serenidade que, ao longo dos anos, fui vendo nascer, crescer e amadurecer, nessa alma grande que iluminava a pessoa do meu Mestre.

As aulas, os exames de avaliação, as reuniões de fim de estágio, as refeições que partilhávamos em conjunto no modesto restaurante chinês junto ao hotel... Momentos preciosos que eu vivi em Lisboa e no Porto, mas que eram valiosos instantes que se multiplicavam por cada coração de cada um dos alunos mais chegados ao Mestre. Alunos que o recebiam ano após ano em: Paris, Toulouse, Lyon, Grenoble, Nancy, Marselha, Berna, Roma, Florença, Pisa e Trieste, Belgrado e tantos, tantos outros locais por essa Europa fora...

Diz-se geralmente que "uma imagem vale mais que mil palavras". Ao longo deste capítulo, iremos pois privilegiar as imagens, convictos que estamos que elas poderão expressar com valor acrescido, o sentimento a que o título se refere.

Possam essas imagens fixar no papel algumas gotas dessa torrente de sentimentos maravilhosos, para que possam um dia tocar, ao de leve que seja, no espírito de outrém, é um desejo efémero... Mas também me desgosta pensar que esse rio acabe por se perder totalmente no mar do anonimato. Daí esta obra. E dentro deste livro este capítulo que, de tão difícil que é, acaba por se tornar o mais fácil. Basta que se soltem as amarras do coração.

Ficam então sete princípios fundamentais do seu método, algumas fotos, um poema e um relato dos seus últimos momentos.

Consolidando o Método

Já se tornou óbvio, certamente, que esta obra não pretende ser um manual técnico do método Murakami que, conforme já foi por demais citado, apenas se aprende no Dojo (e mais tarde na Vida por influência e expansão dessa prática) mas dificilmente por intermédio de manuais.

Aliás é conhecido dos mais ligados ao Mestre que ele tinha em preparação um livro técnico, destinado sobretudo aos seus instrutores, que nunca chegou a publicar e que nós, seus discípulos directos, ainda não perdemos a esperança de vir a editar, assim a sua família se digne autorizar-nos.

Ainda assim é importante que alguns Princípios Técnicos Fundamentais do método de ensi-

no do Karate-do Shotokai de acordo com o Mestre Murakami sejam aqui realçados, sendo certo que a lista seguinte não pretende, de modo algum ser exaustiva mas, tão só, exemplificativa da forma como o Mestre entendia a pedagogia do Karate-do.
Muitos discípulos de Mestre Egami talvez façam notar que estes princípios coincidem em grande parte com a filosofia prática de Egami Sensei. Tanto melhor.

1º – Descontracção Física

Foto 163 - O Mestre numa fase do Taiso

O taiso (exercícios preparatórios) é parte integrante do treino e destina-se a preparar-nos fisica e mentalmente para a prática. Um taiso longo e intenso é essencial para "quebrar o corpo", isto é retirar-lhe os bloqueios e contracções. As defesas e os ataques eficazes devem ser executados não apenas com o corpo mas com o *ki* (energia vital), já que:
- A contracção física implica estagnação de *ki*;
- A descontracção física permite um forte fluxo de *ki*.

2º - Projecção profunda do *ki*

As defesas e os ataques eficazes seguem linhas de energia, não se fixam em pontos, atravessam-nos, portanto:

- As técnicas (de defesa e de ataque) que param num ponto não são eficazes;

- As técnicas (de ataque) devem "perfurar o alvo" e continuar; as defesas não se devem deter no momento do contacto mas sim prolongar-se em linha, profundamente.

Fotos 164 e 165 - Mestre Murakami executando mae-geri e irimi

É mais difícil perfurar uma folha de papel com um tsuki do que quebrar um makiwara. Consequentemente:

- tenta-se prolongar o ataque o mais longe possível, o que pode implicar que a posição de base se transforme e adapte (por exemplo no *zen-kutsu-dachi* o joelho da frente pode ir ao chão, devido ao balanço, recuperando-se a posição logo de seguida);

- não se fazem ataques em "snap", seja com os braços (*tsuki*, *uraken,* etc.), seja com as pernas (*mae-geri*, *yoko-geri*, *ushiro-geri*), e não se deixa o cotovelo ou o joelho dobrados no final da técnica, nem se "recolhe" a mão ou o pé no final;

- quando se entra em antecipação (*irimi*) não se deve bloquear o corpo, deve-se sim deixá-lo ir mais longe

3º – Céu, *hara*, e terra são os três grandes reservatórios de *ki*

As defesas e os ataques eficazes nascem sempre de um desses reservatórios, fluem pelo nosso corpo e atravessam profundamente o adversário, portanto:

- Defesas e ataques que "nascem mal" não têm *ki* e são ineficazes;

Foto 166 - Mestre Murakami executando o kata Tekki-Shoda. Sérignan, década de 80

- Defesas e ataques que nascem num desses reservatórios, que fluem através do corpo descontraído e "atravessam" o adversário, são muito eficazes;

Em todas as defesas deve ser feito um bom *hiki-te*, *nascendo* num desses 3 "reservatórios".

Foto 167 - Mestre Murakami executando o kata Jion. Sérignan, década de 80

4º – Preparação “em tempo zero”

As defesas e os ataques eficazes têm preparação instantânea, antes do adversário reagir. Nas preparações não há paragens, nem chamadas, muito menos recuos, portanto:

- Quando “se entra”, nas defesas, não se fazem movimentos extras;

- Não existe qualquer “tempo” entre a percepção do ataque e a entrada;

- “*Irimi*” é um total corpo-mente (não faz sentido dizer: «senti, mas o corpo não reagiu»).

Foto 168 - O mestre “ajudando” Fernando Neto a entrar (irimi) em antecipação, sem hesitações, chamadas ou recuos, directo à origem. Sérignan, início da década de 70

5º – Ir sempre direito à origem

As defesas e os ataques eficazes, bem como as entradas (*Irimi*) vão direitas à origem sem esquivas ou subterfúgios.

6º – Fluidez e continuidade

Foto 169 - Mestre Murakami (à dirª) e Michel Hsu, executando midare. Sérignan, 1972

As defesas e os ataques eficazes sucedem-se num fluxo contínuo, sem que haja qualquer paragem entre o final de uma técnica e o início da próxima.

Exemplos: Encadeamentos defesa-ataque, *Midare*, *Kata Taikyoku-Shodan*

7º – *Mokusu*

Foto 170 - Mestre Murakami em Seiza

A mente tem de estar serena em qualquer circunstância. Para tal é essencial praticar meditação, preferencialmente em *Seiza*, por períodos progressivamente maiores, chegando mesmo a uma hora por sessão. Esta prática não deve ser entendida nem usada como punição, mas sim como construção de uma sólida base mental, essencial para trabalhos técnicos de natureza mais elevada.

Imagens de Serenidade

Foto 171 - Mestre Murakami, brincando com o seu cãozinho Lobi em Sérignan

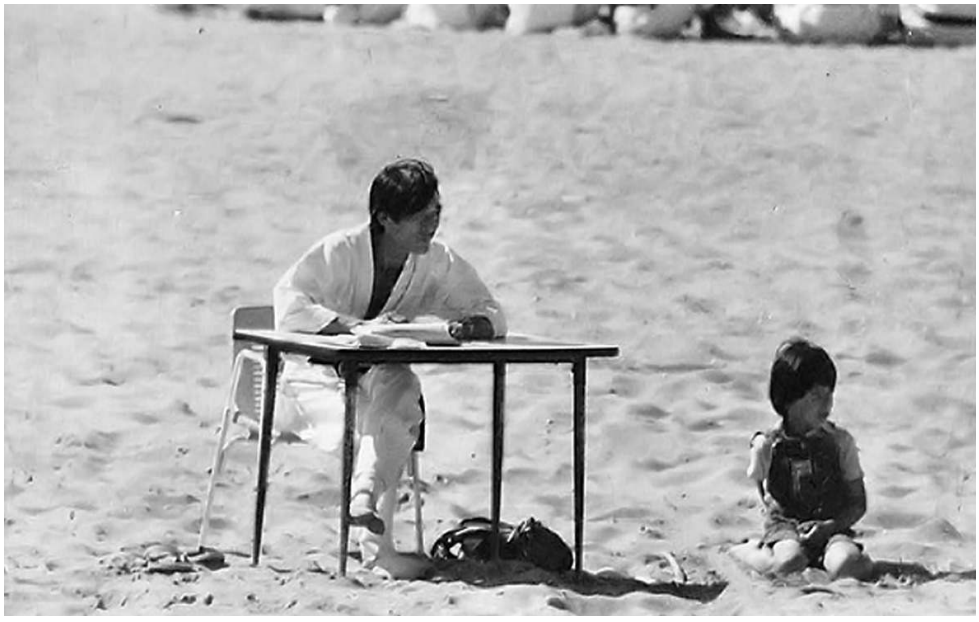


Foto 172 - O Mestre numa sessão de exames em Sérignan, com o seu filho Hiroshi. Finais da década de 70

Foto 173 - Mestre Murakami com o filho Hiroshi e o seu caniche Lobi, num Natal, princípios da década de 80

Foto 174 - Mestre Murakami com a esposa Nieves, o filho Hiroshi e Lobi, noutro Natal, em meados da década de 80

Foto 175 - Mestre Murakami oferecendo um diploma honorífico a Soares da Veiga, um instrutor português que teve um acidente quando se dirigia para o dojo de Sintra

Foto 176 - Junto ao túmulo de Mestre Egami, 1986

Foto 177 - Mestre Murakami com a Sra. Chiyoko Egami, Tóquio, Abril de 1986

Foto 178 - Com o seu filho Hiroshi no Japão, Abril de 1986

A Doença

Eu vi um homem com a face cavada pela dor, mas sem dor na sua face.

Exercitava os braços no leito porque os seus braços estavam vivos, as pernas é que tinham morrido.

Fez-me falar de mim, pediu-me que não estivesse ali de pé, que me sentasse ...

Depois apontou para a televisão, era um filme sobre o cometa Halley, e gracejou:

- O Halley caiu sobre as minhas pernas!

Quando saí do quarto do hospital a pergunta continuava presa na minha garganta:

- Mestre, como se sente?

A pergunta que nunca fiz, a lágrima que nunca correu, dizem-me que a última aula ainda não terminou.

Por isso, os derrotistas que me perdoem mas não é hora para tristezas.

É a hora de trabalhar duro!

Será essa a melhor das homenagens.

José Patrão, 1987

O Falecimento

Dois alunos – José e Luís – falaram, dolorosamente, sobre os últimos momentos do seu Mestre... Poderiam ter sido quaisquer outros. O sentimento seria o mesmo [8]:

José Patrão – O Mestre após uma vida muito activa na Europa começou a sentir-se doente. Ele tinha provavelmente noção de que se tratava de uma doença muito grave e perigosa, mas talvez não soubesse que seria fatal. Ele decidiu fazer uma viagem importante ao Japão, talvez não soubesse que seria a última viagem da sua vida… Mesmo assim penso que foi uma viagem muito importante, porque segundo creio foi a primeira e única vez em que ele apresentou publicamente de forma pessoal, o seu trabalho no Japão. Nessa viagem ao Japão o que é que sentiste, na maior parte do tempo? Eu vejo pelas fotos que ele parecia feliz, mas… Será que nos podes contar a tua visão pessoal?

Luís de Carvalho – Quer dizer, o Mestre evidentemente estava consciente da sua doença, mas por outro lado ele não queria mostrar-nos isso. Por vezes aceitava falar um pouco disso, noutras alturas queria falar menos, mas ele… Hum… Havia momentos, em que ele nos fazia sentir que em breve deixaria de estar entre nós, mas noutros momentos dizia – "Vamos organizar uma viagem ao Japão no ano que vem". Mesmo quando ele estava no hospital dizia – "No ano que vem vamos voltar ao Japão". O Mestre Murakami era uma pessoa que vivia e tinha confiança nas pessoas e eu penso que a história do "reconhecimento" não era importante para ele. Ele ia ao Japão, ele tinha amigos no Japão, sobretudo a Senhora Egami e outras pessoas, outros professores de quem ele gostava muito e ele estava contente de estar com eles. Ele não era pessoa que os procurasse para obter um certo reconhecimento. De tudo o que eu conhecia do Mestre Murakami, creio que esse seria o último dos seus anseios, o ser reconhecido. Ele tinha um espírito muito vivo e admirável e aproveitava todas as ocasiões para educar. Houve uma ocasião em que um dos seus assistentes não estava bastante concentrado e estava presente uma Karateca que tinha ao colo um bebé de dois meses. E então no final da aula o bebé estava a olhar fixamente para o Mestre e ele virou-se para as pessoas e disse – "Vejam, observem bem a concentração! É isto a concentração!" Foi muito divertida essa observação! Ele aproveitava todas as ocasiões para nos educar um pouco, mas eu acho que ele era muito simpático.

JP – Nos últimos momentos eu creio que estiveste muito próximo do Mestre. Devem ter sido momentos muito difíceis. Há um episódio que eu recordarei por toda a minha vida… Talvez tu tenhas algo de paralelo e parecido para nos contar. Quando o Mestre estava no hospital já numa fase terminal, decidiu exercitar os braços com uma garrafa de água, apesar de ter

as pernas já paralisadas.

LC – O Mestre tinha um espírito (como direi) primitivo, no sentido asiático do termo. Lembro-me que quando adoeceu, falei com ele e com a sua esposa no sentido de procurar uma cura através de métodos naturais, através da macrobiótica, do Shiatsu etc… E no que respeita ao Shiatsu ele retorquiu – "Você acredita que essas pessoas podem pôr os meus pés novamente a funcionar?". Ele já não mexia os pés, e nós revezávamo-nos para lhe fazer massagens nos pés, e eu disse-lhe "Mestre eu não posso garantir mas porque não experimenta?" E eu não soube senão depois do seu falecimento que ele se informou, mas às pessoas do hospital causaria uma certa perturbação deixar entrar alguém do exterior para fazer shiatsu, acupunctura ou algo de semelhante. E ele nunca protestou, nem insistiu em fazer à sua maneira. Nesse nível havia um grande espírito de aceitação – "Se estou no hospital, tanto pior, sigo o método do hospital." Para mim que o acompanhei durante a doença, que o acompanhei até ao fim, porque era eu que estava com ele quando ele morreu… Isso foi um momento muito forte. Foi num sábado de manhã e eu trabalhava aos sábados de manhã, e morava em Vincennes, que fica no lado Leste de Paris e ele estava num hospital situado no lado Oeste de Paris, e o meu trabalho ficava no Centro de Paris. Mesmo assim quando eu saí de Vincennes em direcção ao meu trabalho, algo me disse – "Passa no hospital!". Eu passei pelo hospital e quando cheguei ao quarto dele ele estava só e não estava nada bem e eu gritei-lhe ao ouvido "Gambatte! (Coragem, Coragem!)" E depois compreendi que deveria ser o fim porque a sua respiração estava a tornar-se mais espaçada e como fazia zazen no dojo zen de Paris e como conhecia o Hannya Shingyo e como o Mestre era budista da seita Nichiren [*], bom, eu recitei o Hannya Shingyo três vezes e foi durante umas dessas récitas que ouvi o seu derradeiro suspiro… E é verdade que, quando eu falei desse episódio por exemplo com o Mestre Miyamoto no Japão, ele disse-me que a mais maravilhosa das mortes que se poderia ter, seria ouvindo um cântico budista. Mestre Miyamoto disse-me "sore wa guzen ja nai".

* Mas não Sokka-Gakkai

O ladrão esqueceu-se
da lua
na janela.

Ryokan

Capítulo 10 Memorandum

De cada vez que dois discípulos de Mestre Murakami se encontram, a cena repete-se: há sempre duas, três… dez histórias engraçadas para contar. Se o corpo estiver maçado de um treino duro, melhor será: o cansaço físico levará a mente a vaguear para outro tempo e espaço, há duas ou três décadas atrás…

Imagens bizarras começarão a bailar e, num ápice, o átrio de hotel transfigurar-se-á num *dojo*. Em breve deixarão de se dar conta dos olhares de censura que as pessoas à volta lhes lançam, incomodadas pelas gargalhadas sonoras, observando de sobrolho franzido os gestos exageradamente largos, as posturas meio marciais, meio patéticas. As horas irão correndo por eles, desapercebidas. Falando, gesticulando, rindo, avançarão pela noite dentro, sem que se apercebam de que acabaram por ficar sós…

Mas estarão mesmo sós? Não! Há outra realidade! A realidade deles. Um espécie de universo paralelo criado pela contínua invocação de estranhos kami que ali vão chegando, vindos de outra dimensão (sim, porque os guerreiros do karate também têm o seu *Valhala*). E então, mesmo que tenham acabado de se conhecer, não tardará que comecem a sentir uma fraternidade muito especial…

Na manhã seguinte quando se encontrarem de novo no *dojo*, já irmãos de armas, o *keiko* será mais intenso, os ataques ainda mais profundos e penetrantes, a intensidade da luta atingirá níveis que, para quem observe de fora, poderão parecer perigosíssimos! Em cada golpe, a integridade de cada contendor parecerá tão presa por um fio, como suspensa está a vida do alpinista preso pela mão que agarra a corda única e fina, face à parede que desce, lisa como a pele rugosa das costas de um gigante de rocha, sobre um abismo de centenas e centenas de metros. E no entanto, por que milagre sairão ilesos da contenda? Porque será que se abraçam? Porque desejarão comemorar juntos, com nobreza e garbo, a vitória mútua? Como se se tivessem transfigurado em dois espadachins medievais que, depois de um duelo de morte, tivessem ambos logrado escapar com… Vida!

Quem já passou por isto sabe do que eu falo. E menos palavras bastariam. Quem não sabe, quem passou pelo karate de outro modo, talvez com mais ou menos campeonatos, mais ou menos vitórias e medalhas, talvez mesmo assim, encontre alguma coisa de curioso nas histórias que se seguem.

E quanto às imagens no papel? Bom essas, melhor do que quaisquer palavras, falar-nos-ão do alento e alma, do espírito e coração do pequeno Samurai de Shizuoka.

Foto 179 - Mestre Murakami em *Kokutsu-dachi*

Contam os franceses mais antigos que:

Nos primeiros tempos do Mestre em Paris, Jacques Fonfrède viu-se, certa noite, empunhando um shinai face ao franzino japonês. Adivinhando, talvez, a futura vocação para o Kendo, supõe-se que deva ter escapado ao corpulento Jacques um golpe mais duro ou atrevido… Terá acertado em algum ponto mais doloroso do Mestre? Ou será que lhe feriu o orgulho? O que é facto é que no instante seguinte choveram sobre ele tantas e tão certeiras "pauladas" que não teve outro remédio senão recuar, recuar e, chegando ao limite do Dojo, fugiu pela porta. Podia lá ele adivinhar que o Mestre o perseguiria pelo corredor fora até ao balneário? E que lá dentro a sova continuaria até que implorasse: "Chega, chega! Por favor! Misericórdia!"

E que:

A equipa francesa queria ganhar (e de facto acabou por o conseguir) o Campeonato do Mundo de karate. Ora, nesses primeiros anos da década de sessenta o único japonês disponível em permanência na Europa era «o tal homenzinho de mau feitio que ousara afrontar o Plée». – "Bom, seja! Consta que ele é mesmo bom. Vamos convidá-lo para dar uma aula. Não temos nada a perder, não é?" – Claro que não tinham! E talvez tivessem mesmo muito a ganhar, sim… A aula começou pelo célebre "aquecimento à Murakami", exigente, longo, duríssimo, mas… "Co's diabos! Não era a fina flor do karate francês que ali estava?" Depois dos exercícios de pescoço, braços, tronco, ancas e joelhos, chegou-se aos saltos ditos de "canard". A

pista do estádio tinha os convencionais 400m. Dando o exemplo o Mestre saiu à frente engrenando num ritmo imparável. A maioria não fez mais que ¼ da pista. Alguns nem começaram. Todos tiveram de esperar que terminasse, para continuarem a "ginástica". Depois de alguns minutos de espargata, nova dose. Mas desta vez anunciaria: "Sori-tobi, moro-ashi!" E, perante o olhar incrédulo dos "campeões" lá foi fazendo mais 400 metros de salto duplo com "calcanhares à nuca" e, na mesma elevação, pontapé duplo em frente; 400m, sem quebras e sem hesitações. Esse foi, claro está, o primeiro e o último treino da selecção.

Conta Mauro Ferrini, também ele um dos italianos mais antigos, que [8]:

(…) da primeira vez que o vi (creio que foi em 1965) no Judo Clube de Florença. Eu era apenas cinto amarelo e não participei no estágio; acompanhado de dois amigos de Scarperia cheguei à sala 30 minutos antes de começar a aula. O Mestre entrou primeiro sobre o tatami e, sem fazer caso de nós, após a saudação, colocou-se frente à parede, concentrou-se e depois descolando, começou a golpear a parede com três mae-geri consecutivos e cada vez mais alto. O resultado era que "caminhava" verticalmente pela parede, chegando a uma altura que eu recordo como muito elevada e, com o último mae-geri, impulsionava-se para longe da parede, pousando muito distante, com uma agilidade incrível. Continuou o exercício por mais alguns minutos da mesma maneira, portanto tu imaginas como nos sentíamos, eu e os meus amigos, face àquele "marciano", mais ágil que um gato! Um dos meus amigos mal conseguia respirar e estava pálido; é difícil esquecer emoções assim tão fortes.

Foto 180 - Mestre Murakami executando *Mawashi-geri*

E…

Foto 181 - Mestre Murakami executando *Mae-geri*

Uma outra situação de que não me esquecerei mais, no mesmo estágio, foi uma demonstração de mae-geri-jodan executado a partir de zen-kutsu-dachi com o pé da frente, que se estampou na face de um cinto castanho de Pádua. Continuei durante anos a perguntar-me como fez ele para violar a força da gravidade daquele modo!?...

Conta Manuel Ceia que, ainda nos tempos de Shotokan [30]:

Todos conhecem a excelência do mae-geri de Mestre Murakami, mas eu vi algo que me deixou espantado; durante uma aula estávamos todos sentados enquanto Mestre Murakami fazia combate livre com um aluno vietnamita, como habitualmente com a sua mão direita entalada no cinto atrás das costas, quando este desferiu um tsuki-jodan sem controle, o Mestre desviou a cara mas o tsuki roçou-lhe ligeiramente o nariz e vieram-lhe as lágrimas aos olhos, parou imediatamente e disse "attendez"(espere). Levou a mão aos olhos enquanto o aluno, infelizmente para ele, o olhava de soslaio com um pequeno sorriso um tanto ou quanto irónico. Uns segundos depois o mestre disse-lhe "allez y"(vá) e a seguir o que vimos foi o aluno voar literalmente uns dois metros, bater na parede e ficar sentado ao nosso lado; o mae-geri tinha sido controlado mas com um "pouco de peso" como se pode depreender.

E que, mais tarde já no início da década de setenta [30]:

Em Mercoeur as aulas continuavam exigentes como sempre, lembro-me de alguém perguntar a um dado momento a outro praticante "se já tinha desmaiado ao fazer midare com o

Mestre", pois Mestre Murakami levava-nos aos limites, mesmo quando já nos arrastávamos pelo chão esgotados ele continuava incitando-nos dizendo "ataque, ataque!". Numa dada altura em que fazíamos tsuki em kiba-dachi ao chegar a meu lado disse-me "Ceia, mais baixo", eu bem tentei mas não consegui o que o levou a dizer mais umas duas vezes "mais baixo, mais baixo"como fiquei exactamente à mesma altura levei um "caldo" que me fez estremecer; parei deixei cair os braços e lembro-me de ter pensado olhando-o "mas porquê isto? Ele não vê que não consigo baixar mais"; Mestre Murakami olhou-me durante uns segundos começou a falar em japonês e afastou-se; acho que deve ter captado o que eu tinha pensado, que estava verdadeiramente a dar o máximo e foi provavelmente devido a esta ocorrência que nunca mais levei "caldos ou belinhas".

Conta José Pascoalinho que [8]:

Foi numa Páscoa, em meados dos anos 70, numa das vezes que o Mário Rebola se deslocou a Paris para treinar com o Mestre. Qual não é o nosso espanto quando, no final do treino, o Mestre nos convida para almoçar com ele em sua casa, junto ao Bois de Boulogne. À chegada verificamos que, nos longos anos de vida solitária, tinha aproveitado para apurar os dotes culinários, pois serviu-nos um prato de pepino que deixara a escorrer, com sal e que tinha um sabor tão exótico e agradável que, ainda hoje, a nossa boca parece recordar.

Contam os frequentadores assíduos de Sérignan que:

O Mestre era capaz de andar horas a brincar com o seu cãozinho Lobi, da seguinte forma:

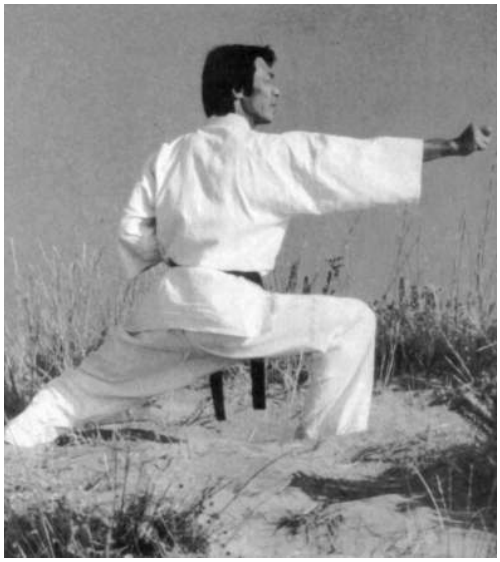


Foto 182 - Mestre Murakami em *Zen-kutsu-dachi*

Foto 183 - Mestre Murakami executando *Nidan-geri*

primeiro dava-lhe a cheirar um pauzinho; depois ordenava – "Senta! Fica!" e, seguidamente, ia esconder o pauzinho bem longe, no meio das dunas. Depois voltava para o pé do cão e dizia-lhe: "Busca, Lobi, busca!". E deleitava-se a vê-lo seguir o seu rasto pela areia fora, até que, invariavelmente, voltava com o pauzinho na boca para o pé do seu dono, poisando o pauzinho a seus pés como quem pede: "Vá, vamos. Vai escondê-lo de novo!"

E agora conto eu que:

Sendo demasiado pobre para me poder dar ao luxo de ter vários karate-gi, fui usando o mesmo fato ao longo dos seis anos em que fui descendo nas graduações de Kyu. Quando chegou o dia do exame para cinto negro os remendos nas calças eram tantos que já pouco restaria do pano original. Depois de executar o kihon predefinido para os candidatos a 1º Dan, o qual, por sinal, era bastante longo, fiz uma saudação em frente, outra para o Mestre e preparei-me para dar lugar ao próximo candidato. Foi então que o Mestre disse: "Patron, Nidan-geri!" Lá cumpri mais uma ida e volta e, em cada pontapé duplo em salto, ouvia o karate-gi rasgar mais um pouco. Quando, cheguei ao local de partida, levantei-me, ofegante e olhei para o Mestre. "Maintenant, avec Fumi-komi aussi!" (Agora também com Fumi-komi). Nem queria acreditar! Ele queria que eu fizesse ainda mais uma série de pontapés triplos!?... Os duplos já eram difíceis de executar, quanto mais… Bom, lá comecei, mas logo à segunda tentativa a calça esquerda do karate-gi rasgou-se de alto a baixo e pareceu-me ouvir aquela sua gargalhada de Pai Natal: "Oh! Oh! Oh! Encore une fois, Patron! Encore une fois!" (Mais uma vez, Patrão! Mais uma vez!). Sabendo que, se não conseguisse executar aquele pontapé

triplo teria de fazer o Kumite e o Kata com um karate-gi de uma perna só, concentrei-me e, sabe Deus como, lá consegui fazer os três pontapés num único salto. No final, para minha supresa uma vez que pensava ter chumbado, o Mestre concedeu-me o 1º Dan mas, como seria de esperar, impôs uma condição – Comprar um fato novo!

E…

Houve um período, em meados dos anos 80, em que alguns representantes da "velha guarda portuguesa" se tornaram menos assíduos aos estágios do Mestre embora, um deles, continuasse extremamente activo no respeitante ao treino de outras disciplinas do Budo. Todavia, inesperadamente, depois de uma ausência de vários anos, apareceu num dos estágios e demonstrou, com orgulho, que afinal ainda mantinha alguma forma. Apercebendo-se de uma pontinha de vaidade, o Mestre resolveu convidá-lo a atacar em Midare: "Ataque-me, por favor!" Durante longos minutos todos ficámos suspensos na tremenda sucessão de ataques, executados com o máximo de extensão e de energia, que o Mestre ia conseguindo antecipar, entrando, enquanto ordenava "Continuez! Attaquez, attaquez!" (Continue! Ataque, ataque!). Finalmente o Mestre pareceu dar-se por satisfeito e o veterano, satisfeitíssimo por

Foto 184 - Mestre Murakami executando o *Kata Hangetsu*

Foto 185 - Mestre Murakami executando o *Kata Jion*

ter tido a honra de fazer um kumite tão intenso com o Mestre, fez-lhe uma vénia e preparava-se para lhe dar um abraço. Porém, antes que tivesse tempo de se aproximar o Mestre informou, com voz firme: "Maintenant j'attaque!" (Agora ataco eu!). Ao quarto ou quinto ataque sucessivo que foi incapaz de evitar, o veterano deu consigo junto a um espaldar do ginásio e, sem hesitar, amarinhou por ali acima. O Mestre de cá de baixo vociferava: "Descendez!" (Desça). Mas ele não se atravia a fazê-lo, E, finalmente, com mais uma gargalhada sonora, virou costas dizendo: "Oh! Oh! Oh! C'est pas possible!) (Não é possível!).

Conta ainda Mauro Ferrini, que [8]:

(…) lembro-me de uma rara explicação sua, teórica, sobre a aprendizagem. Estávamos em Prato, próximo de Florença em 1985, no penúltimo estágio que o Mestre conduziu em Itália. Pediu uma folha e uma caneta e desenhou um rectângulo na vertical e depois pediu-nos que considerássemos o lado mais curto como sendo o tempo (isto é, a nossa vida) e o lado mais longo, o nível de aprendizagem; então explicou-nos que se a linha de aprendizado não subisse rapidamente na vertical, possivelmente não poderíamos ir muito longe. Frequentemente reflecti sobre este exemplo: talvez, inconscientemente ou não, nos quisesse dizer que tínhamos de aprender rapidamente, porque o tempo disponível para os seus ensinamentos era pouco. Realmente, cerca de dois anos depois, veio a falecer.

Conta Safet [8]:

Em determinada altura Mestre Murakami virou-se para mim e perguntou-me de forma ines-

perada – "Deus existe?" – senti-me completamente atrapalhado sem saber o que dizer, mas ele perguntou de novo – "Deus existe?" – Como eu não conseguisse responder, Murakami insistiu – "Responda!" – e então eu disse – "Sim, Deus existe!" . Tratando-se de uma questão colocada fora de contexto senti-a como algo de muito perturbante. Noutra ocasião, em Sérignan, notando que eu estava normalmente muito só e afastado dos meus colegas Jugoslavos, dirigiu-se a mim dizendo – "Mestre Egami não gostava de estar só, gostava muito de estar acompanhado!".

E finalmente conto eu:

Houve um aluno que quis saber: "Porque é que o Mestre, sendo japonês e tendo como religião de origem o budismo, gosta de ir à missa à Notre Dame de Paris, que é uma igreja católica!?". Resposta do Mestre – "Sabe, em primeiro lugar eu adoro a música de órgão e, em Paris, onde os templos budistas escasseiam, a forma mais rápida de chegar a Deus, é essa, não acha?"

Foto 186 - Mestre Murakami

Quando Lao Tseu morreu, o seu discípulo Chin Tsi disse, vendo as pessoas lamentar-se em redor do corpo:
Não é necessário entrar nos entraves da superstição e aumentar a soma das emoções humanas.
O mestre veio porque era o seu tempo de nascer; partiu porque era o seu tempo de morrer.
Para os que aceitam assim o fenómeno da vida e a morte, e se adaptam às circunstâncias, tristeza e lamentações não têm sentido.
Os Antigos diziam, daquele que acabava de morrer, que o seu laço acabara de se desprender, como um fio no ar.
O combustível consumiu-se mas o fogo pode ser transmitido e é com efeito impossível vê-lo extinguir-se.

Tchouang Tseu

Capítulo 11 Discípulos de Mestre Egami

Discípulos Iniciados no Período 1946-1954

Foto 187 - Mestre Jotaro Takagi

Jotaro Takagi

Importa começar por dizer que, de todos os discípulos directos de Egami *Sensei* cujo percurso iremos aqui sintetizar, o de Jotaro Takagi Sensei não é apenas o mais longo – visto ser o mais idoso de todos eles – mas, sobretudo, o mais prestigiado sob o ponto de vista institucional. Jotaro Takagi Sensei nasceu exactamente no mesmo ano que Tetsuji Murakami Sensei – em 1927 – mas a família Takagi, de Tóquio, situava-se num *ranking* social muitíssimo superior aos modestos Murakami de Shizuoka: o pai de Jotaro Takagi Sensei era administrador de uma companhia de Seguros de renome.

O jovem Jotaro Takagi inicia a sua prática de Karate-do com 17 anos, ao ingressar, em Abril de 1944, na Universidade de Chuo, tornando-se desde logo discípulo directo de Egami Sensei. Nesse ano e em 1945, poucos meses antes dos bombardeamentos que marcaram o

auge da 2ª Guerra Mundial, em Tóquio e que ocasionariam a destruição do primeiro Dojo Shotokan, ainda tem ocasião de ali treinar sob a orientação de Yoshitaka Funakoshi Sensei, que viria a morrer pouco tempo depois, e cuja vigorosa presença lhe deixaria uma inolvidável marca no seu espírito, como ele próprio nos relata [47]:

(..) Gigo Funakoshi (...) era um professor ardente; nós víamo-lo como "o mestre novo". Ele devotou-se ao estudo do karate, e foi ele que inventou o protótipo do kata do mawashi-geri (pontapé circular), hoje comum, e do yoko-geri (pontapé lateral). Criou também o taikyoku no kata, ou "kata do começo do universo", e o ten-no-kata, ou "kata celestial ", bem como o kata matsukaze, ou "kata do pinhal ondulante" do bo-jutsu. Gigo Funakoshi empenhou-se numa busca de toda uma vida em novas formas de karate de modo a que pudesse ajustar o seu próprio karate ao de qualquer oponente.

Em 1947 Jotaro Takagi Sensei assume o cargo de Capitão da Equipa de Karate da Universidade de Chuo.

No final da sua licenciatura em Economia, obtida em 1948, Jotaro Takagi Sensei ingressa na *Mitsubishi Estate Co., Ltd*. e, no ano seguinte, recebe do próprio Gichin Funakoshi *O-Sensei*, um conselho directo que nunca mais esqueceria e que quiçá o terá ajudado num percurso que o levaria aos vários cantos do mundo e que, embora naquele momento talvez estivesse longe de o imaginar, acabaria por conduzi-lo ao topo da hierarquia dessa mesma companhia [47]:

Aquando da celebração do décimo aniversário do nosso clube de karate, ocorrido no auditório da faculdade, pouco tempo após a minha graduação, Mestre Funakoshi, já nos seus oitentas, apareceu usando as suas habituais hoba, sapatos com travessas especiais da madeira de magnólia para reforçar os pés e as articulações. Depois prosseguiu, com um serena e descontraída demonstração de karate. No final chamou-me. No meio da conversa disse-me: "Quando você chegar a uma esquina do seu trajecto, faça uma volta larga. Deve proceder desse modo porque nunca se sabe o que pode espreitar do outro lado."

Vindo de alguém no topo da sua arte, com uma força de tal modo infalível mesmo numa idade avançada, pareceu-me um conselho surpreendentemente banal. Mas, de todas as coisas que me disse, essa foi a que me causou a mais profunda impressão. Não duvido que o conselho venha, em parte, da sua própria experiência em Okinawa, onde as estradas não eram iluminadas, não havendo forma de se saber que perigos se escondiam na obscuridade. Mas para mim estas palavras fizeram-me imaginar o constante alerta mental de um mestre do karate que tinha a intuição necessária para circundar o perigo sem ter de usar um único golpe. O conselho que Mestre Funakoshi me deu reflecte o ensinamento do décimo sexto princípio: "Quando franqueamos a nossa porta, enfrentamos um milhão de inimigos."

Foto 188 - Jotaro Takagi Sensei

Em 1957, a sua marcante influência junto da *Tokyo Railway Company* revela-se preciosa nos contactos necessários à abertura do Tokyu Dojo, onde Funakoshi *O-Sensei* ocupará o lugar de *Shihan* até ao seu falecimento em Abril de 1957, sendo substituído nesse cargo, a partir do mês de Junho desse mesmo ano, por Mestre Egami que ali ensinará durante mais de uma década.

Nas frequentes viagens à Europa a que as suas funções profissionais o obrigam, Takagi Sensei surge, para quem vive tão longe da pátria, como o fiel portador das boas novas do outro lado do mundo, bem como das mais recentes evoluções técnicas do trabalho de Mestre Egami. É assim que, no ano de 1965, se reencontra, na Bélgica, com Harada Sensei, tendo os dois Mestres ocasião de compartilhar, no Dojo de Julien Naessens em Bruxelas, as evoluções e experiências da última década [48]:

Eu encontrei-me pela primeira vez com o Sr. Harada, pessoalmente, quando era um estudante da "University Karate Federation", por ocasião de uma sessão de exames e de troca de experiências práticas de treino. Então, em 1953/1954, nós (universidade de Chuo) pedimos a Egami Shigeru Sensei para mudar a nossa prática do karate, o que ocorreu durante sessões especiais nocturnas. Pode ter sido o Sr. Egami que sugeriu que eu e Harada nos juntássemos, pois foi então que tivemos oportunidade de falar, o que marcou sem dúvida o começo de nosso relacionamento. Novamente, em 1965, quando fiz uma viagem de negócios a Bruxelas, o Sr. Harada veio esperar-me com diversas pessoas, e convidou-me subsequentemente para praticar no dojo que usava. Eu devo dizer que este episódio constituiu uma das grandes

Foto 189 - Mestre Egami discursando, em Janeiro de 1976, na Cerimónia de Inauguração do novo dojo Shotokan, em Shibaura, Tóquio. À sua esquerda está Motohiro Hironishi Sensei e Jotaro Takagi Sensei aparece em primeiro plano

memórias da minha vida.

Em Dezembro de 1976 é concretizado um dos mais ambicionados sonhos dos discípulos de Funakoshi *O-Sensei*: a reconstrução do Dojo Shotokan. A posição que Takagi Jotaro Sensei passa a ocupar na hierarquia desse Dojo – segundo instrutor, imediatamente a seguir a Egami Sensei, portanto – é bem reveladora da confiança de que era depositário, já nessa altura, no

Foto 190 – Mestre Jotaro Takagi antecipando um ataque frente a um adversário armado

seio da organização Shotokai.

A influência institucional de Jotaro Takagi Sensei na Nihon Karate-do Shotokai foi pois de

extrema importância, desde muito cedo e, a partir de 1995, Mestre Takagi passaria a ocupar os cargos máximos na hierarquia da organização – Presidente da Nihon Karate-do Shotokai e Instrutor-Chefe do Dojo Central – Shotokan [49]:

A Minha própria carreira no karate estende-se agora por quase seis décadas. Por todo este tempo eu repeti incansavelmente o mesmo treino repetidamente e, recentemente, tenho feito vários tipos de descobertas. Muitas coisas se escondem nas formas do karate-do, lições que ninguém pode ensinar. Mas, com a repetição dedicada do kata, é possível alcançar um ponto em que pensamos, "Ah, aqui está! É então este o significado!". Por baixo da superfície das formas do karate-do existe um nível mais profundo de compreensão, acessível somente àqueles que adquiriram as necessárias aptidões.

Numa linha similar, os mistérios mais profundos das artes marciais japonesas estão gravados em rolos secretos que foram passados de maõ-em-mão durante séculos. As palavras e as imagens desses rolos não significam nada para o comum dos mortais. É somente após anos de devoção à prática séria da arte que os mistérios da arte são revelados.

Mitsusuke Harada

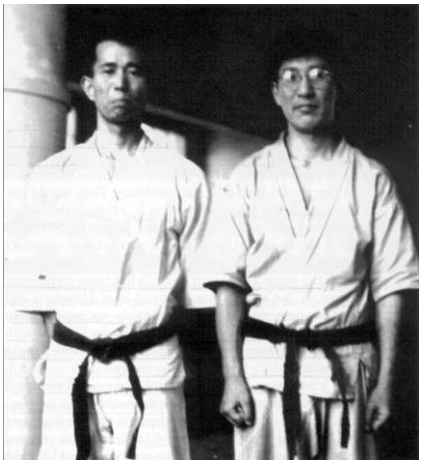


Foto 191 – Egami Sensei e Harada Sensei, universidade de Waseda, 1954

Se o prestígio de Mestre Takagi Jotaro é, hoje, inegualável no seio do Shotokai a nível mundial, o Mestre de Karate-do Shotokai mais prestigiado na Europa é, hoje em dia, indubitavelmente, Mitsusuke Harada Sensei. De facto como, melhor do que ninguém testemunha

o seu biógrafo Clive Layton Sensei [50]:

Mitsusuke Harada há mais de cinquenta anos que tem vindo a seguir o "caminho da mão-vazia", nunca se desviando do seu trajecto, seguido com espírito determinado, e construído sobre os ensinamentos de seus professores. E que professores teve ele: tendo iniciado a sua prática no famoso Shotokan, foi ensinado pelo poderoso Motonobu Hironishi, pelo elegante Wado Uemura, e pelo disciplinado Yoshiaki Hayashi. Harada conheceu o dinâmico e espiritualmente avançado Yoshitaka Funakoshi, que morreu jovem, sendo contudo a sua influência ainda hoje tão forte. Após a guerra, Harada teve o privilégio invejável de praticar como estudante privado de Gichin Funakoshi, o Mestre de Okinawa a quem é creditada a introdução do Karate-do no Japão, e a inspiração para o que se tornou conhecido como os estilos Shotokan e Shotokai. Na universidade treinou sob a orientação do excepcionalmente dotado, mas excêntrico, Mestre Tadao Okuyama, uma fonte de inspiração, cujas questões ainda o assombram, e foi estudante privado de Mestre Shigeru Egami, durante o período de investigação mais intensa deste. Foi Assistente de Hiroshi Noguchi na universidade de Waseda, que era tão severo no ensino do karate aos menos graduados, e de Masatoshi Nakayama, Instrutor-chefe da Japan Karate Association, num importante curso ministrado ao pessoal da Força Aérea Americana. Foi também amigo e colega de prática do lendário Tsutomu Ohshima, e praticou com Karateka mundialmente famosos como Taiji Kase e Hidetaka Nishiyama no final dos anos 40 e no princípio dos anos 50. Deve haver, verdadeiramente, poucos homens vivos hoje que possam reivindicar um currículo tão excepcional de treino. Correndo através das suas veias a influência de tais professores e contemporâneos, Mestre Harada introduziu o Karate-do na América do Sul em 1955, com a benção pessoal de Gichin Funakoshi. Ensinou mais tarde temporariamente na França e na Bélgica antes de se transformar no primeiro professor japonês de karate a residir na Grã-Bretanha em 1963. Subsequentemente influenciou de forma positiva duas gerações de estudantes dedicados, e dirige agora a pequena e amigável associação Karate-do Shotokai (KDS), na Grã-Bretanha e a Karate-do Shotokai France, e viaja extensivamente por toda a Europa, Escandinávia e Norte de África.

Foi em Novembro de 1943 que o jovem Mitsusuke Harada, com apenas 14 anos de idade, teve, sob a orientação de Genshin Hironishi, a sua primeira aula no Dojo Shotokan. Ali viria a ter ocasião de estudar sob a orientação directa não só de Gichin Funakoshi *O-Sensei* mas também do seu filho Yoshitaka Funakoshi Sensei, para além de outros assistentes do Mestre. A prática consistente e continuada do Karate-do só a iniciaria, porém, no Clube de Karate da Universidade de Waseda, em Janeiro de 1949. Em Novembro de 1951, depois de alguns desaires no exame de graduação para 1º Dan, é incentivado pelo seu amigo Ohshima Sensei

Foto 192 – Dia da partida de Harada Sensei para o Brasil, Abril de 1955. Da esquerda para a direita: Yanagisawa Sensei, Egami Sensei com Daisuke (o filho de Yanagisawa) ao colo e Harada Sensei

a tentar mais uma vez e obtém o cinto negro.

Em 1954, com 25 anos, trava conhecimento com Mestre Egami e este convida-o a ser seu estudante particular durante pouco mais de um ano até que, em Abril de 1955, deixa o Japão para abraçar uma nova carreira como bancário no Brasil. Quando o navio onde viaja faz escala em Los Angeles, encontra-se com o ex-colega e amigo Tsutomu Ohshima Sensei. É provável que a influência deste tenha sido mais uma vez determinante na decisão de Harada Sensei se dedicar ao ensino do Karate no Brasil, abrindo, em Outubro de 1955, um Dojo em São Paulo, o qual foi, na realidade, o primeiro dojo de Karate na América do Sul.

Em 1956, Harada Sensei funda o *Brasil Karate-do Shotokan* e, por intermédio de Mestre Egami, recebe o Diploma de 5º Dan da Nihon Karate-do Shotokai assinado por Mestre Funakoshi.

Em 1959 recebe, durante alguns dias, a visita do seu amigo Ohshima Sensei em São Paulo e, em 1963, quando decide partir para Paris, para ocupar na AFAM o lugar antes ocupado por Murakami Sensei em 1958 e por Ohshima Sensei em 1962, este recomenda-lhe que procure, como homem de confiança, Tetsuji Murakami Sensei. Como sabemos Harada Sensei não segue esse conselho… Mas o relato dessa sua curta estadia em França, já foi apresentado anteriormente.

Em consequência directa do contacto acima referido com Takagi Sensei, em Bruxelas, Harada Sensei decide, em finais de 1967, deslocar-se ao Japão não só para treinar directamente com Takagi Sensei mas para conversar pessoalmente com o seu antigo Mestre – Shigeru Egami – acerca do rumo evolutivo que o Karate-do Shotokai estava a tomar, sob a

liderança de Aoki Sensei, o qual lhe oferecia muitas dúvidas.
Esses contactos com Egami Sensei não foram agradáveis, nem frutuosos, de modo que, pouco tempo depois, Harada Sensei decidiria regredir para o estilo de prática dos seus tempos de universidade, antes de encontrar a sua linha de evolução própria, que ainda prossegue. Harada Sensei, hoje uma referência incontornável do Karate-do Shotokai a nível mundial, perseverou sempre por manter viva a fidelidade à linhagem Gichin Funakoshi Sensei – Yoshitaka Funakoshi Sensei, recusando aderir a outras influências, supostamente evolutivas, especialmente as da linha liderada por Aoki Sensei.

Tsutomu Ohshima

O percurso de Ohshima Sensei é bastante conhecido por praticamente todos os *karate-deshi* que se interessam pela história do karate. De facto Mestre Oshima acabou por se tornar uma verdadeira "lenda viva" no mundo do Karate-do, especialmente depois de ter sido autorizado pela família do Mestre Funakoshi e pelo Shotokai (através dos seus representantes máximos Mestres Egami e Hironishi) a realizar a tradução da primeira edição em língua inglesa da obra mais famosa de Mestre Gichin Funakoshi – "Karate-do Kyohan" – personificando também as fotos dos *Kata Shotokan* que constam desse livro.
Assim, nesta mini-biografia concentrar-nos-emos, sobretudo, no seu relacionamento com Egami Sensei (seu professor em Waseda), com Harada Sensei, seu amigo e colega de universidade e, claro está, com Murakami Sensei com quem firmaria igualmente uma grande amizade a partir de 1962.
O percurso de Ohshima Sensei no Budo começa muito cedo: com apenas 5 anos inicia a prática do *Sumo*, aos 8 inicia-se no Kendo e aos 9 no Judo e estuda conjuntamente essas práticas, até aos 15 anos.
Após os estudos secundários, que realiza na Academia Naval, ingressa em Abril de 1948, com apenas 17 anos, na Universidade de Waseda onde inicia a prática do Karate. Rapidamente a excelência da sua técnica se tornando-se notada e em 1952, por ocasião do seu exame para 3º Dan, é galardoado por Gichin Funakoshi *O-Sensei* com a nota máxima, passando a capitão da equipa de karate local. Na mesma data, embora mantivesse sempre um profundo apego aos aspectos mais tradicionais do Budo, foi pioneiro na incorporação no *kumite* (mas apenas para praticantes acima de terceiro dan) de regras de arbitragem semelhantes às que já conhecia bem através da prática das disciplinas que estudara na sua infância e juventude, com o duplo objectivo de proteger os praticantes e dar ao grande público uma imagem mais regrada e menos violenta do karate, tal como ele próprio nos conta [51]:

No tipo de torneio que eu criei usava-se dois árbitros e quatro juízes. Mas o que é mais importante é o porquê de termos começado o estilo de competição em karate. Jiyu kumite (combate livre) tornou-se competição. […] Antes disso, os nossos combates eram sempre muito físicos – sangue por todo o chão – mas nós queríamos que isso fosse agradável. Todos sabíamos que a essência das artes marciais não era a competição. A competição destinava-se apenas a trazer as artes marciais até ao grande público, de forma a haver um envolvimento da próxima geração nas artes marciais tradicionais.

Nessa altura, no Japão, Ohshima Sensei estava muito próximo da mentalidade de outros contemporâneos seus, como era o caso do seu amigo Hidetaka Nishiyama Sensei, ele próprio também capitão de um clube de Karate, neste caso da Universidade de Takushoku.
Todavia, após a sua chegada aos Estados Unidos, em 1955 (onde funda, nos anexos do templo de Kondo no bairro japonês em Los Angeles, o primeiro *dojo* de karate dos EUA), as suas opiniões passam a divergir profundamente da filosofia da JKA que pretendia divulgar o Karate a nível mundial como um desporto [51]:

Após a guerra nos anos 50, todos os japoneses pensavam que as coisas materiais americanas eram melhores, coisas como a coca-cola e a música jazz. Quando cá cheguei a América tinha muitos desportos – futebol, basebol, basquetebol. Todos podiam jogá-los e sabiam apreciar os desportos. Assim pensei: "Porque hão-de eles querer aprender artes marciais comigo?".

Eles não esperavam aprender outro desporto comigo. O povo americano já tinha cem desportos para jogar. Alguns amigos meus disseram que nós deveríamos transformar as artes marciais em desporto, mas eu disse que não. Por que deveríamos nós transformar as artes marciais em mais um desporto e perder a mentalidade tradicional e a compreensão das técnicas? Eu disse-lhes que isso era ridículo, porque o povo americano não queria aprender mais um desporto.

Eu disse-lhes que nós tínhamos que mostrar ao povo americano, através das artes marciais, que a nossa cultura não era de segunda classe, não era algo estúpido, mas que nós éramos pessoas normais, intelectuais, e sérias que treinavam karate.

Assim o inventor dos torneios de competição transformou-se, ao mesmo tempo, num artista marcial tradicional.

Esta mentalidade faz com que se mantenha muito próximo da linha Shotokai escrevendo, em 1976 [52]:

O sucessor de Mestre Gichin Funakoshi no mundo do Karate-do é o Senhor Shigeru Egami. Sinto que nós, os da geração seguinte, somos muito afortunados por ter este homem.

Por outro lado, o facto de Egami Sensei ter pedido a Tsutomu Ohshima Sensei que escrevesse o Preâmbulo da sua principal obra publicada em língua inglesa, é revelador de que a reverência do seu antigo discípulo de Waseda era profundamente correspondida. Aliás Ohshima Sensei foi o único Mestre, não directamente filiado na organização Shotokai, oficialmente autorizado a utilizar o nome "Shotokan" numa organização – "Shotokan Karate of América".

Fosse como fosse, após a morte de Funakoshi *O-Sensei* em 1957, sempre que alguém lhe pedia conselho e orientação acima das que podia dar no domínio do Karate-do, apontava sempre um único nome: Shigeru Egami Sensei. Como vimos anteriormente, foi por influência e recomendação suas que Murakami Sensei se tornou discípulo de Mestre Egami e a sua profunda influência sobre o seu colega e companheiro de prática Mitsusuke Harada Sensei já foram acima relatadas.

Discípulos Iniciados no Período 1955-1967

Tadao Usami

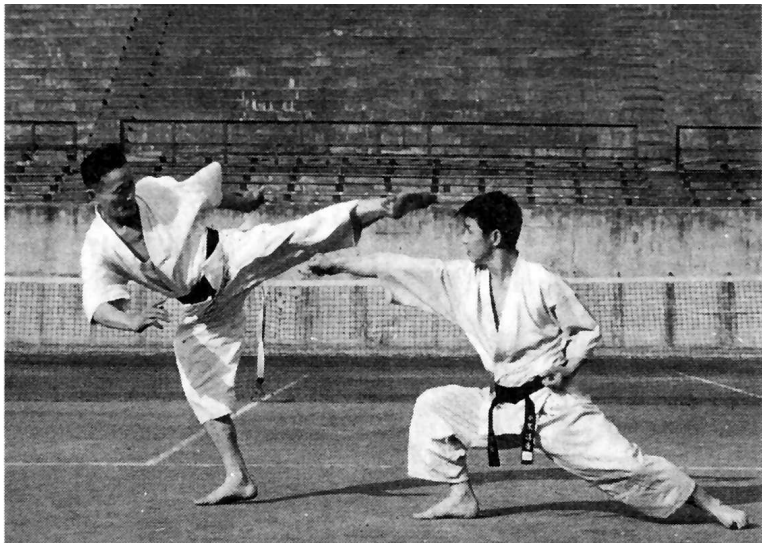


Foto 193 – Tadao Usami Sensei praticando com Oguro Sensei no Estádio Denen

Corria o ano de 1955 quando Mestre Egami recebeu, no Tokyu Dojo, a visita de um profes-

sor de *Shito-ryu* que lhe disse duvidar da eficácia da sua técnica, desafiando-o ali mesmo para um combate directo. O nome desse Mestre era Tadao Usami e, nessa altura ele era não só um exímio praticante de Karate mas também um profundo conhecedor da arte do sabre, que aprendera desde criança com o seu avô. Egami Sensei que estava nessa data no pleno uso das suas capacidades físicas, tendo atingido um nível técnico quase lendário no mundo do Karate-do japonês, aceitou o desafio e enfrentou-o em kumite, superiorizando-se a Usami Sensei de tal modo que ele não hesitou em tornar-se seu discípulo.

A diferença de idade entre ambos não era muita – Usami Sensei era apenas sete anos mais novo que o seu Mestre – e a grande afinidade que possuíam no entendimento do *Budo* serviu de fundação a uma sólida e duradoura amizade que havia de perdurar para o resto das suas vidas. Assim, quando em 1956 e 1957 Mestre Egami se viu impossibilitado de ensinar devido aos graves problemas de saúde que o acometeram, foi Usami Sensei que o substituiu nos *dojo* onde ensinava e que formou uma associação de alunos – a *Kobushi-kai* – para ajudar moral e materialmente o Mestre e a sua família nesse período difícil.

As palavras da esposa de Mestre Egami reflectem a relação de fraternidade que existia entre Mestre e discípulo [19]:

> *Ele [o Senhor Usami] costumava por vezes ficar [na nossa casa] pela noite dentro e quando (depois de beber um pouco) ficava muito ensonado, adormecia como um bebé nos joelhos do meu marido. Ele deixava-o ficar assim até que acordasse com um sorriso. O Sr. Usami tinha uma atitude de irmão mais novo para com o meu marido, ele gostava muito do meu marido.*

Foto 194 – Tadao Usami Sensei e Egami Sensei

Usami Sensei, que tinha a humilde profissão de pintor, foi servindo o seu Mestre numa relativa obscuridade, à qual não seria alheio o facto de outros discípulos de Egami Sensei o

verem como alguém externo ao Shotokai, fixando-se na sua diferente origem. Todavia, Mestre Egami nunca deixou de fazer respeitar a posição do seu mais antigo *Senpai*, chamando-o frequentemente para orientar estágios (sempre que a sua débil saúde o impedia de orientar directamente as aulas) e participar, à sua direita, nas comissões técnicas para exames de graduação.

Não é certo o tipo de contacto que possa ter ocorrido entre Usami Sensei e Murakami Sensei, aquando das viagens deste ao Japão. Todavia, não passarão certamente despercebidos, a qualquer estudioso da história do Shotokai, os profundos paralelos de personalidade e percurso destas duas importantes figuras do Karate-do: ambos chegaram a Mestre Egami vindos de uma origem pouco ortodoxa; ambos tinham uma personalidade reservada e uma forma de praticar e ensinar bastante dura e exigente, em busca de uma eficácia concreta; ambos se tornaram discípulos fiéis e dedicados, tendo o Mestre Egami estabelecido com qualquer um deles uma profunda relação de amizade e confiança que o levou a confiar-lhes cargos da mais elevada importância dentro da organização Shotokai; humildes de origem, ambos preferiram uma actuação discreta no mundo do Budo realizando uma obra concreta de dimensão muito superior à sua notoriedade.

Foto 195 - Comissão de Avaliação Técnica do Shotokai. Egami Sensei é o terceiro a contar da direita, tendo à sua direita Usami Sensei e à sua esquerda Miyamoto Sensei

Usami Sensei, foi um dos primeiros professores de outra importante (embora muito polémica) personagem da história do Karate-do Shotokai na década de 1960, cuja evolução analisaremos de seguida.

Hiroyuki Aoki

Em Outubro de 1960, quando Hiroyuki Aoki, com 24 anos, era ainda um talentoso estudante de arte dramática na universidade de Chuo, um novo instrutor de Karate do começou a ensinar no clube de Karate local. Até essa altura pouco mais se sabia dele do que o misterioso cognome que lhe tinha sido atribuído: "mestre sombra". Mas não tardou a sentir que a linha de ensino de Egami Sensei ia no sentido do caminho que visionara, tornando-se seguidor diligente da sua prática e das suas ideias e não tardando a ser nomeado capitão da equipa de karate local.

Foto 196 - Aoki e Egami Sensei

No Outono de 1961 Egami Sensei decide apresentar o seu aluno a Inoue Sensei e, durante algum tempo, Aoki tem oportunidade de treinar directamente com o fundador do *Shinwa-taido*. De 1961 a 1965 Aoki, que acabaria por ser considerado pelo Mestre como um dos seus mais virtuosos discípulos, devota-se física e mentalmente a seguir os caminhos que lhe vão sendo apontados por Mestre Egami, empenhando-se na descoberta das mais variadas formas de Kata e Kumite, sendo porta-voz dos novos métodos pedagógicos de Egami, ainda em fase de experimentação, estudando artes terapêuticas que lidam com a teoria do fluxo energético (*ki*) no organismo, tal como o *Shiatsu* e mergulhando mesmo em disciplinas como o *Mikkyo* (Budismo esotérico), *Shinto* (a "via dos deuses" uma das duas grandes correntes religiosas do Japão) e *Shinsenjitsu* (antigas práticas de meditação).

Sob a liderança directa de Aoki Sensei o Karate-do Shotokai ganha um novo esplendor e uma extraordinária expansão, contando-se por dezenas de milhare os estudantes que passam, durante esse período pelos *dojo* de Tóquio onde Aoki ensina.

Em Setembro de 1965 Mestre Egami incentiva Aoki Sensei, que tinha obtido recentemente a graduação máxima do Shotokai – 5º Dan – a criar e liderar um grupo que tinha, na sua dianteira, cerca de 30 jovens quintos *dan* de Shotokai com vista a desenvolver ainda mais a arte no sentido de um autêntico *Budo*. Este grupo de jovens – *Rakutenkai* – imprime um grande impulso de investigação e progresso ao Shotokai. Em Abril de 1966, sempre sob a orientação de Mestre Egami, Aoki Sensei corporiza o *kata Tenshingoso* e, em Dezembro do mesmo ano, durante uma das habituais sessões de prática nocturna que decorriam no Parque Nogeyama surge espontaneamente o princípio de *Eiko-ken* a "espada da glória" que, juntamente com o *kata Tenshingoso*, haveria de tornar-se a base fundamental – *Dai-kihon* – de um novo método de trabalho.

Foto 197 – Hiroyuki Aoki executando kata (foto do livro Karate-do para Especialistas)

É também através do Rakutenkai que Mestre Egami edita muitos dos seus escritos, e que publica em língua japonesa, no Outono de 1969, "*Karate-do para Especialistas*" – um livro onde Egami Sensei expõe muitos dos seus pontos de vista acerca da filosofia e prática do método que preconiza e Aoki Sensei demonstra, sob sua supervisão, o conjunto de *Kata* praticados pelo Shotokai.

Em 1970, sentindo que muitas das técnicas estudadas e desenvolvidas pelo *Rakutenkai* extravasavam o âmbito do próprio Karate-do, professor e discípulo concordam em designar o novo método por *Sogobudo*.

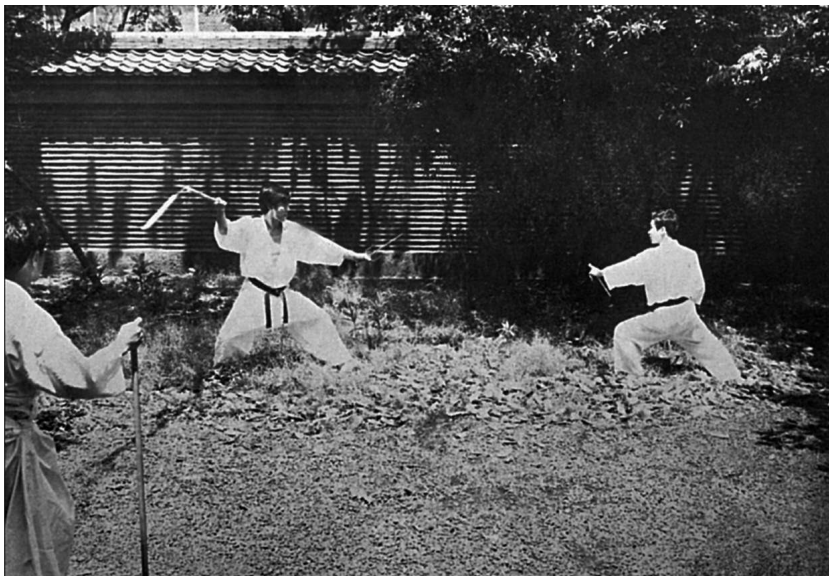


Foto 198 – Sessão prática de Sogobudo supervisionada por Aoki Sensei. O praticante da direita é Takahashi Sensei

Tal como há muito previa que acontecesse, em 1972 Egami Sensei assiste, com um sentimento misto de tristeza e felicidade, ao brotar de um novo e inesperado fruto nascido da árvore que plantara: tristeza pela perda de um dos seus mais talentosos e dinâmicos alunos; felicidade por ver nascer uma nova arte a que Aoki Sensei decidiu chamar *Shintaido* – "nova via do corpo". Embora distantes, deste então, professor e discípulo permaneceriam para sempre unidos por laços fortíssimos. O próprio Aoki expressa, melhor do que ninguém, o que sentiu inicialmente ao tornar-se discípulo do grande Mestre e o que continuou a sentir mesmo depois de se tornar *Doshu* do *Shintaido* [53]:

Os ensinamentos de Egami eram como o brilho da luz penetrando na escuridão. Ele tinha sido um grande estudante sob a alçada de Gichin Funakoshi, fundador do karate-do moderno e o primeiro mestre a levar o karate de Okinawa para o Japão. O Mestre Funakoshi disse aos seus estudantes que em karate não há lugar para torneios e condecorações, porque isso os restringiria a regras rígidas. O Sr. Egami desenvolveu esta ideia ensinando-nos que a prática de karate envolve competição connosco próprios. Ele ensinou-nos que se existe um inimigo, ele é o nosso próprio ser. Ele transformou por completo a concepção tradicional e feudal da nossa prática. Para além do mais, o seu treino era bastante leve e estranhamente suave; ele nunca permitia que atitudes sádicas ou opressivas tivessem lugar na nossa prática. Através dos seus ensinamentos, os movimentos do karate aproximaram-se subitamente dos pensamentos básicos dos artistas e filósofos que eu sempre admirara no Japão e no

estrangeiro. Ele introduziu o fluxo da energia ki e movimentos naturais e suaves – aspectos desconhecidos no mundo do karate comum.

Quando iniciámos a prática no nosso clube de Karate sob a alçada de Mestre Egami ele dizia-nos com frequência, "Porque é que o karate se tornou tão duro e rígido? Costumava ser mais suave". Ele costumava dizer que nós devemos sempre procurar movimentos suaves, que seriam benéficos mesmo para pessoas doentes e idosas. O seu objectivo permanente era a criação de uma forma moderna de heiho – "uma forma de treinar no mundo do dia-a-dia" – refinando os simples e rudimentares métodos de combate da zona meridional do Mar da China.

Os ensinamentos do Mestre Egami constituem inestimáveis linhas-guia para todos que procuram uma genuína arte marcial. Ele ensinou-nos a eliminar a contracção dos nossos corpos, tanto quanto possível, através da concentração profunda e meditação adequada; a usar a energia integral ou holística em lugar de força centrada numa única parte do corpo; a desenvolver movimentos suaves e naturais sem qualquer contracção excessiva nos ombros. Estes são os princípios mais básicos, não só para o karate, mas para todos os movimentos corporais.

O Shintaido não diverge desta teoria e não acredito que devesse divergir.

Quanto a Egami Sensei sente que a sua missão é continuar a devotar-se ao desenvolvimento do Karate-do do seu Mestre, permanecendo na associação que fundara conjuntamente com Funakoshi *O-Sensei* – o Shotokai – ajudando ao desenvolvimento de outros discípulos que haveriam de se tornar eles próprios, também, lendas vivas, como Tetsuji Murakami.

Atsuo Hiruma

Hiruma Sensei nasceu no Japão no dia 3 de Junho de 1941 e iniciou a prática do Karate em 1956, com apenas 15 anos, sob a orientação de Mestre Egami, sendo desde sempre um aluno muito dedicado.

Em 1966, com apenas 25 anos, Atsuo Hiruma Sensei, decide dedicar-se ao ensino do Karate-do Shotokai radicando-se em Espanha onde, progressivamente, desenvolveu um dos maiores grupos Shotokai da Europa sendo, actualmente, o representante oficial para Espanha da Nihon Karate-do Shotokai.

Em 1978, Mestre Shigeru Egami teve ocasião de escrever a seguinte carta aquando da sua visita a Sevilha em Maio do mesmo ano, dois anos depois da sua primeira visita à Europa, por ocasião da publicação do primeiro número do Boletim do Shotokai de Espanha [54]:

Foto 199 - Mestre Egami (à dirª) e Mestre Hiruma, Sevilha, 1978

Sinto um grande entusiasmo pela primeira publicação do Boletim Shotokai de Espanha. Passaram cerca de 15 anos desde que o Sr. Hiruma plantou uma semente e estabeleceu a escola cujos alunos se contam agora por milhares.

O Karate-do desenvolve-se como um meio de conhecer a essência do homem por parte daqueles que seguem a sua prática como Arte Marcial (BUDO) muito diferente do actual Karate desportivo.

O ponto de partida para os jovens deve ser aquele sobre o qual investigaram os grandes mestres antigos.

Há um refrão que diz que temos de avançar procurando coisas novas baseando-nos nas coisas antigas.

Devemos investigar como dispor de todas as nossas energias ocultas, este é o nosso Karate-do.

Espero que estudeis para conseguir o verdadeiro Karate-do, praticando e entreajudando-vos com as vossas novas energias jovens, sob a orientação do Sr. Hiruma e dos instrutores que seguem a sua direcção.

Assim, deixo estas minhas palavras como testemunho em memória desta publicação.

Felicidade para todos.

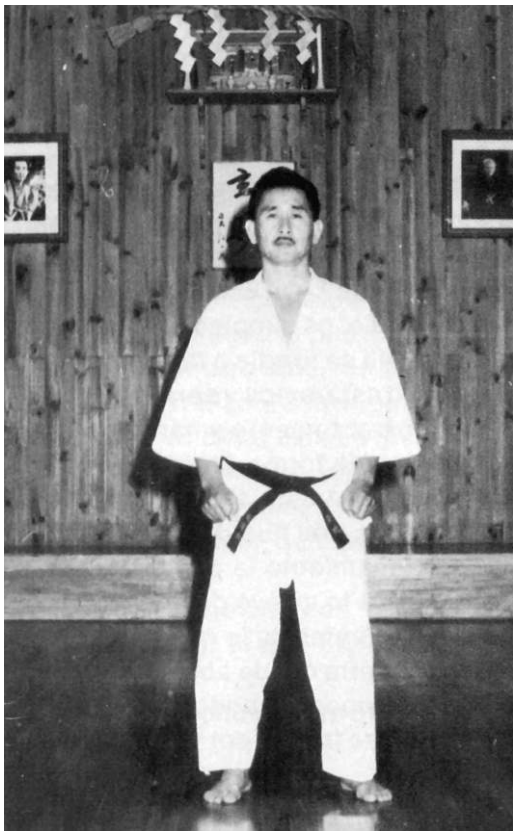


Foto 200 - Mestre Hiruma no seu Dojo de Madrid, 1990

Mestre Hiruma também assistiu de perto, conjuntamente com Mestre Miyamoto e alguns outros discípulos próximos, aos últimos dias de vida de Mestre Egami e, em Março de 1990, teve ocasião de escrever um relato pungente desses derradeiros momentos [55]:

Nos primeiros dias de Outubro de 1980 recebi uma carta do Japão, remetida pela esposa do Mestre Egami, coisa que estranhei já que as cartas que recebia eram sempre do SENSEI. Na carta comunicava-me o internamento do Mestre no hospital, o que fez com que telefonasse urgentemente ao meu companheiro Miyamoto no Japão, o qual me comunicou que o Sensei tinha tido um ataque cerebral com perda total de consciência. O meu desejo nesse momento foi partir rapidamente para o Japão, mas isso era bastante difícil devido ao custo elevado da viagem, todavia devo dizer que ao difundir-se a noticia o dinheiro necessário chegou-me de todas as partes de Espanha, e assim pude realizar a viajem para o Japão bastante rapidamente.

No aeroporto esperava-me o meu amigo Miyamoto com quem fui directamente para o hospital. Ao chegar entrei no quarto e encontrei o Mestre rodeado de tubos por todo o corpo, peguei-lhe na mão e gritei "Mestre, estou aqui. Sou o Hiruma, vim de Espanha! SENSEI, SENSEI! Repeti eu em voz alta e ele, colhendo-me a mão, apertou-a ligeiramente. No hospital era permitido passar a noite nos corredores e, juntamente com o meu amigo Miyamoto, passei duas noites velando o Mestre, já que apenas permitiam visitas de 5 minutos diariamente e havia muita gente que queria vê-lo.

A semana da minha estadia passou-se mais rapidamente do que desejava porque o meu Mestre encontrava-se bastante doente e eu não só não podia fazer nada por ele, mas tinha que partir. No último dia visitei o Mestre novamente e falei com ele porque estava seguro que, em-

bora inconsciente, me podia ouvir e sentir, e disse-lhe: «Você prometeu-me fazer um livro sobre Kumite e tem que acabá-lo, não pode deixar-nos sós agora. Prometo-lhe que voltarei no Natal e espero que esteja totalmente recuperado», mas ele continuava a apertar-me a mão suavemente. Estava totalmente seguro que me estava a entender e que recebia toda a energia que eu lhe estava tentando transmitir até ao meu regresso.

Três meses depois, no Natal, regressei ao Japão, e desta vez acompanhado pelos senhores Kimura e Higashio. Ao chegar ao Japão fomos directamente para o hospital. O estado do Mestre continuava o mesmo, peguei-lhe na mão e disse-lhe: «Sensei, por favor recupere-se quanto antes», mas ele continuava a apertar-me ligeiramente a mão. Assim passaram três semanas, e ja nos restavam poucos dias de estadia.

No dia 7 de Janeiro fui ao hospital com a esposa e Miyamoto e, ao chegar, o médico que era aluno do Mestre veio ao nosso encontro dizendo-nos: «Milagre, Milagre! O Mestre recuperou a consciência».

Eu entrei em primeiro lugar mas não sabia o que dizer-lhe, porque não podia crer no que via, já que durante quatro meses tinha estado a receber comida artificialmente. Ele olhou-me fixamente e voltou a colher a minha mão fortemente, muito fortemente, tentando falar comigo embora não pudesse, mas eu cria entender o que me estava a dizer: estava a agradecer-me por ter vindo de tão longe, ao mesmo tempo que tentava dizer-me que aquilo que tanto tinha desejado, estar connosco, já se havia consumado e, a partir de agora, poderia ensinar-nos muitas coisas mais.

Naquele dia todos saímos muito contentes do hospital, porque o Mestre tinha vencido pela terceira vez a mesma situação. No dia seguinte, dia 8, saí de casa bastante cedo para me reunir com os meus amigos, já que apenas os tinha visto no dia em que chegara. Precisamente nesse dia não deixei aviso onde me podiam localizar, devido a minha ausência de preocupação pela saúde do Mestre, já que a alegria e a confiança na sua recuperação eram mais fortes que em todos os momentos anteriores em que tinha estado com ele. Aproximadamente pelas 12h, de repente, o estado do Mestre começou a piorar e todos os discípulos importantes acorreram ao hospital. O Mestre Miyamoto tentou incessantemente localizar-me mas não lhe foi possível porque eu estava com os meus amigos, orgulhoso da força do meu Mestre que, pela terceira vez, havia recuperado. Eu falava do seu espírito e da sua grande energia. E encontrava-me ali tão perto do hospital onde a sua vida se estava apagando.

Discípulos Iniciados no Período 1968-1981

Tomoji Miyamoto

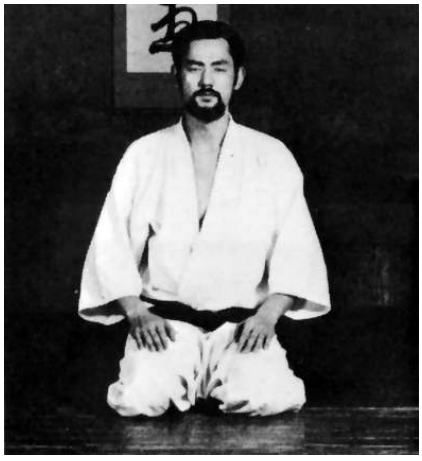


Foto 201 - Tomoji Miyamoto Sensei no Dojo Shotokan em 1976

Com a partida de Hiroyuki Aoki *Sensei* em 1972, Tomoji Miyamoto *Sensei* viria a ocupar, perante Mestre Egami, conjuntamente com Usami Sensei, a posição de *uchi-deshi* ou *dai-senpai* * até ao falecimento do Mestre em 1981. Apesar da sua personalidade ser bastante menos exuberante do que a de Aoki Sensei, o facto é que Miyamoto Sensei acabaria por ocupar, não só no Ocidente, mas no mundo do Karate-do em geral, um protagonismo ainda maior do que o seu colega de prática, ao corporizar as fotos técnicas ** da primeira edição do único (mas extremamente famoso) livro de Egami Sensei até ao momento publicado nas línguas Ocidentais – "*The Way of Karate, Beyond Technique*".

Miyamoto Sensei também começou a sua prática de Karate na Universidade de Chuo, com 18 anos, tendo acabado por obter aí uma licenciatura em direito. Corria o Verão de 1965 quando viu pela primeira vez Egami Sensei, como ele próprio nos relata [56]:

Conheci pela primeira vez Egami Sensei no Gasshuku de Verão durante o meu primeiro ano na universidade. Como estudantes do primeiro ano, para além dos treinos, éramos também

---

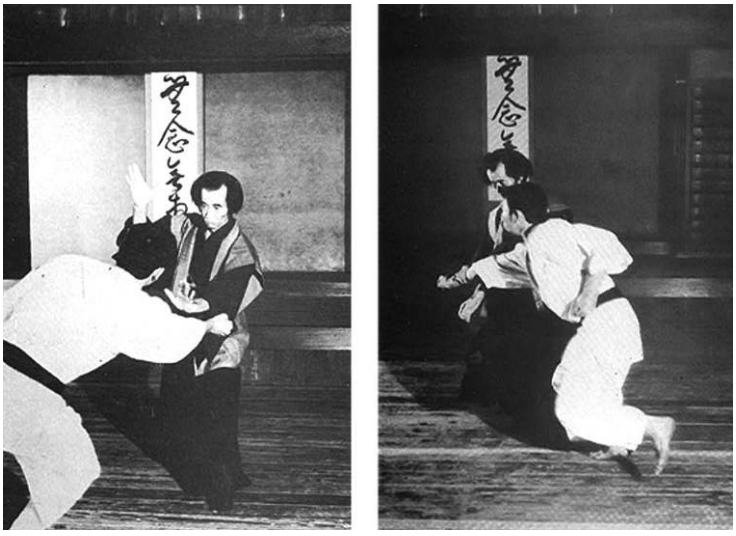
* Uchi-deshi (literalmente "estudante de casa") é um aluno que convive diariamente com o Mestre dando-lhe apoio e assistência permanente. Dai-senpai (literalmente o "grande sucessor do sensei") é o aluno mais antigo, uma espécie de "braço-direito" do Mestre.

** Numa edição mais recente, já posterior ao falecimento de Egami Sensei, as fotos de Miyamoto Sensei foram substituídas por fotos de outros Mestres do Hombu-dojo Shotokan. Este livro também foi editado posteriormente com o título "The Heart of Karate-do".

responsáveis pela preparação de refeições e por cuidar dos membros mais velhos. Havia cerca de 100 participantes nesse Gasshuku, 50 dos quais eram cintos brancos novos. Como novos membros não éramos directamente ensinados por Egami Sensei . No terceiro dia do Gasshuku fomos para um ginásio maior e então eu vi pela primeira vez Egami Sensei sentado num grande palco em frente do ginásio, a partir do qual dirigia o treino dado pelo Mestre Isayama. No final do treino Egami Sensei fez os seus comentários acerca da prática. Os mais velhos, como Takagi Jotaro, que presentemente é o responsável do Shotokai, e Aoki Hiroyuki, que mais tarde deixou o Shotokai para formar o Shintaido, agiam frequentemente como Goreisha, dirigindo o treino sob a alçada do Sensei Egami.

Embora inicialmente treinasse com o grupo *Rakutenkai*, Miyamoto *Sensei* acabou por se demarcar da evolução *centrífuga* que esse grupo ia tomando relativamente ao núcleo central do Shotokai, optando por permanecer mais próximo de Egami Sensei [56]:

Em 1965 o Mestre Egami pediu ao Sr. Aoki que formasse um grupo para investigar novos métodos de prática do karate que não fossem restringidos pelas tradições do Shotokai. Este grupo praticaria várias vezes por semana no parque Nogeyama em Yokohama das 23h às 4h. Eu compareci a muitos desses treinos mas, quando me dei conta de que a sua prática estava a ir numa direcção diferente da de Egami Sensei, deixei de comparecer e continuei a prática com Egami Sensei. Mais tarde o Rakutenkai tranformou-se no Shintaido, abandonando o Shotokai.



Fotos 202 e 203 - Miyamoto Sensei (de costas) treinando com Mestre Egami no Dojo Shotokan, 1976

Miyamoto Sensei acabaria por ocupar uma posição importantíssima na liderança do grupo Shotokai desde 1972 até 1981, não só como instrutor no dojo Shotokan e nas universidades de Chuo, Seijo e na Universidade de Agricultura de Tóquio, mas também como companheiro de prática de Mestre Egami nos seus últimos anos de vida, quando, apesar da extrema debilidade física do Mestre, as suas capacidades "para além da técnica" tinham alcançado inesperados horizontes [56]:

Lembro-me sobretudo de como, nos últimos dois dos três anos antes do Sensei Egami falecer, mesmo estando fisicamente fraco e não possuindo muita energia, ele conseguia ainda lidar com o meu ataque com pouco esforço. Eu tinha então cerca de 30 anos, e estava no topo da condição física, mas quando eu atacava Egami Sensei ele fazia-me voar pela sala sem esforço mal me tocando. Isso fez-me lembrar de quando eu era ainda um principiante e ele praticava Toate com o Sr. Aoki. Egami Sensei repelia o ataque do Sr. Aoki sem lhe tocar fisicamente.

Miyamoto Sensei teria a honra de acompanhar Egami Sensei e a sua esposa, como Assistente, nas viagens que realizou à Europa a convite de Tetsuji Murakami, conforme foi relatado mais acima.

Foto 204 - Murakami Sensei (à esqª) e Miyamoto Sensei junto ao túmulo de Mestre Egami, 1986

O Grupo de Fujitsu

Foto 205 – Egami Sensei rodeado por membros do Grupo de Fujitsu. Na fila da frente pode ver-se, da esqª para a dirª: 2º – Mizushima Sensei; 4º – Egami Sensei

A profunda amizade e dedicação de todo o grupo de praticantes do Dojo de Fujitsu não só para com o seu Mestre, Egami, mas para com toda a sua família é exemplar e comovente. Os sucessivos problemas de saúde de Mestre Egami – inicialmente em 1956/57 e sobretudo a partir do ataque de coração que sofreu em 1967 – acarretaram-lhe gravíssimos problemas a nível pessoal e para toda a sua família, tal como o próprio Mestre nos relata [57]:

Cerca de uma década após a minha segunda operação ao estômago sofri um ataque de coração que me deixou num estado muito precário, pairando literalmente entre a vida e a morte. Tive a sorte de recuperar, mas nos três ou quatro anos seguintes a minha energia física ficou reduzida à de um bebé recém-nascido. Tornou-se-me impossível praticar karate, mas durante este período eu aprendi algo de muito valioso dos meus colegas mais jovens: a importância das boas relações humanas, o valor intrínseco à amizade e a oportunidade de ter conversas de coração para coração e a preciosidade do auxílio concedido de bom grado em tempos de necessidade. Nisto reside a essência da prática do Karate-do.

Foto 206 - Chiyoko Egami – a esposa do Mestre – acompanhada de alguns membros do Grupo de Voluntários de Fujitsu: Nakano Sensei e Ariga Sensei, respectivamente em 2º e 3º lugar a contar da esquerda

Ao escrever estas palavras, em 1976, Egami Sensei estaria sem dúvida pensando também na generosidade e empenho do chamado *Grupo de Voluntários de Fujitsu*, liderado por Koibuchi Sensei e Mizushima Sensei, que se revelavam incansáveis na assistência directa ao Mestre e à sua esposa Chiyoko, efectuando frequentes deslocações à *Yuten-san-so* – a residência de campo do casal – para realizar todo o tipo de tarefas humildes e trabalhos agrícolas vários, sempre com um sorriso nos lábios. Escutemos o relato da esposa do Mestre a este respeito [19]:

> *O Grupo de Voluntários de Fujitsu vinha frequentemente ao Yuten-san-so – o nosso chalé na montanha – ajudando-nos a cavar a terra para plantarmos vegetais. Dado que eu e o meu marido éramos pessoas doentes não podíamos realizar tarefas tão pesadas. Assim limitávamo-nos a dispor os vegetais. Plantávamos cebolas, beringelas, pepinos e tomates e, no mês de Agosto, éramos presenteados com uma rica colheita de deliciosos vegetais.*

A relativa juventude de muitos dos membros deste grupo, face aos restantes discípulos de Egami Sensei, fez com que muitos deles só contactassem com o Mestre já depois deste ter desfrutado da influência técnica e espiritual de Inoue Sensei. Não surpreende, portanto, que coloquem mais ênfase na execução técnica em absoluta descontracção, com base no domínio do *ki* e com recurso a frequentes sequências de projecção, trabalhando sempre *com* o parceiro e nunca *contra* ele.

Foto 207 - Egami Sensei (na foto à esquerda) na sua residência de campo – Yuten-san-so – na companhia de membros do Grupo de Fujitsu: contando da esquerda, Ariga Sensei é o 2º e Nakano Sensei o 4º; atrás, em pé, Mizushima Sensei

A alegria contagiante dessas pessoas, aliada a uma grande simplicidade e generosidade, haveriam de conquistar para sempre não só o coração do Mestre e da sua esposa – Chiyoko Egami – mas também de outros discípulos seus, como Tetsuji Murakami Sensei que nunca escondeu a profunda simpatia e afinidade que sentia para com os membros da escola de Fujitsu. Esse mesmo espírito estendeu-se, aliás, muito para além do falecimento do Mestre e da sua esposa, continuando este grupo a manter, ainda hoje, uma relação muito próxima com a família de Mestre Egami.

Mestre, de onde aprendeu o Tao? Perguntou Man Po a Mu Yu.

Da escrita
da leitura
da vigília
da atenção
do trabalho
do som
do desconhecido
do vazio
do infinito sem início.
Respondeu-lhe.

Tchouang Tseu

Capítulo 12 Discípulos de Mestre Murakami

Árvore da Linhagem Shoto

(Ver anexo destacável no final do Livro)

Referências Bibliográficas

1 **Murakami, Tetsuji.** Artigo publicado em Revue de l'Association Shotokai Murakami, nº4. Décembre 1990.

2 **Quang, Bùi Xuân.** Artigo publicado em Shoto, Bulletin du Murakami-kai. (Número indeterminado)

3 **Hamot, Claude.** Artigo publicado em Shoto, Bulletin du Murakami-kai, Especial nº4. Juillet 87

4 **Fuller, Ray**. Entrevista realizada por Steve Rowe, em http://www.shikon.com (última visita em 2006/08/14)

5 **Randall, Mike.** Entrevista realizada por James Kidby, em http://www.cfts-karate.co.uk/ (última visita em 2006/08/14)

6 **Ruddock, Alan.** Entrevista publicada no Website da Irish Aikido Association, em http://www.geocities.com/HotSprings/6550/ (última visita em 2006/08/14)

7 **Murakami, Tetsuji.** Entrevista publicada em Shoto, Bulletin du Murakami-kai, nº 8. Juillet 1988 (última visita em 2006/08/14)

8 Entrevista realizada por José Patrão, com o próprio, para a presente obra.

9 **Murakami, Tetsuji.** Entrevista concedida em 1965 à revista Black Belt, publicada em 1966.

10 **Jovanovic, Borko.** Artigo publicado em Shoto, Revue de l'Association Shotokai Murakami, nºs 11, 12, 13. Aout 1995.

11 **Stoll, Alain.** Parcours D'un Adepte, Pag. 37. 1998. Editions Guy Trédaniel.

12 **Layton, Clive.** Karate Master, The Life and Times of Mitsusuke Harada, Pág. 113. Bushido Publications. 1997

13 **Layton, Clive.** Reminiscences By Master Mitsusuke Harada, Pág. 109. KDS Publishing. 1999

14 **Murakami, Nieves.** Artigo publicado em Shoto, nº 13 (Bulletin nº 1 de L'Association Mushinkai Europe). 1997

15 **Times Online. Vernon Bell Obituary.** March 08, 2004.

16 **Hassell, Randall G. Conversations With the Master:** Masatoshi Nakayama. St. Louis, Focus Publications, 1982.

17 **Funakoshi, Gichin. Karate-do Kyohan.** The Master Text. Prefácio à segunda edição. Ward Lock Limited, London. 1973 (reimpressão de 1976)

18 **Murakami, Nieves.** Op. cit.

19 **Egami, Chiyoko.** Kimi Kagegusa (A Lily of the Valley). Edição de Fujitsu Karate Group. 1993. (Tradução de Michiomi Hakamada. 2000)

20 **Tokitsu, Kenji.** Histoire du Karaté-do. Pág.147. Editions SEM, 1994

21 **Tokitsu, Kenji.** Histoire du Karaté-do. Pág.143. Editions SEM, 1994

22 **Aoki, Hiroyuki.** Origins of Shintaido. Pág.12. Shintaido of America Publication. 1987

23 **Tokitsu, Kenji.** Histoire du Karaté-do. Pág.144. Editions SEM, 1994

24 **Egami, Shigeru.** The way of Karate. Beyond Technique. Pág. 66. Kodansha International. 1976

25 **Tokitsu, Kenji.** Op. cit. pág. 145

26 **Clayton, Bruce D. Shotokan's Secret.** The Hidden Truth Behind Karat's Fighting Origins. Black Belt Books, Ohara Publications, Inc. 2004

27 **Funakoshi, Gichin. Karate-do Kyohan.** The Master Text. Caligrafia, imediatamente antes da Introdução. Ward Lock Limited, London. 1973 (reimpressão de 1976)

28 **Tokitsu, Kenji.** Op. cit. pág. 137

29 **Egami, Shigeru.** Op. cit. pág. 17

30 **Ceia, Manuel.** Memórias. Artigo publicado no Website da União Portuguesa de Shotokai: http://www.upshotokai.com/ (última visita em 2006/08/14)

31 **Egami, Chiyoko.** Op. cit.

32 **Rebola, Mário.** Artigo publicado em Boletim do Shotokai de Portugal, pág. 5. Ano 3 nº 4. Janeiro de 1983.

33 **Martins, Pires.** Entrevista publicada em Tele Judo e Karaté-do, pág.6, nº9. Outubro de 1977

34 **Layton, Clive.** Reminiscences By Master Mitsusuke Harada, Pág. 123. KDS Publishing. 1999

35 **Egami, Shigeru.** Artigo publicado em Shoto, Revue de L'Association Shotokai Murakami, nº 9. Mai 1994 (citando um artigo da anterior Revista Shoto de 1981)

36 **Murakami, Tetsuji.** Carta de Mestre Murakami, para Egami Shigeru Tsui Soroku. 1981. Publicada em Shoto. Bulletin de Shotokai France, nº 9, Décembre 1988.

37 **Hagoppian, Alain.** Artigo publicado em Shoto, Bulletin du Murakami-kai, nº 3. Janvier 86

38 **Hagoppian, Alain.** Artigo publicado no site da Associação Karaté Do Shotokaï Marseille, http://shotokai.marseille.free.fr/ (última visita em 2006/08/14)

39 **Dévineau, Serge.** Artigo publicado em Shoto, Bulletin du Murakami-kai, nº 2. Juillet 84

40 **Corbin, Xavier.** Artigo publicado em Shoto, Revue de L'Association Shotokai Murakami, nº 1. Juillet 1990

41 **Campolmi, Pier Luigi.** Artigo publicado em Bollettino Shotokai (citando um Artigo de 1985 de Walter Nistri). Ano 1, Nº 1 Aprile '93

42 **Freschi, Vero.** Artigo publicado em Bollettino Shotokai. Ano 1, Nº 1 Aprile '93

43 **Däppen, Samuel.** Artigo publicado em Shoto, Bulletin du Murakami-kai, nº 2. Juillet 84

44 **Nakic, Nada.** Nastanak I Osnovne Karakteristike Stila Sotokai u Karateu. (Extracto de Tese realizada no âmbito do Curso de Educação Física). Belgrado. 1999

45 **Kobayashi, Kiyoshi.** Tele Judo e Karaté-do, pág.14. Nº15. Janeiro de 1978

46 **Murakami, Tetsuji.** Artigo publicado em Boletim do Shotokai de Portugal, Ano 8 nº 9. Junho de 1988.

47 **Funakoshi, Gichin.** The Twenty Guiding Principles of Karate. Pág. 125. Kodansha International. 2003

48 **Layton, Clive. Reminiscences By Master Mitsusuke Harada.** Pág. ix. KDS Publishing, 1999

49 **Funakoshi, Gichin.** The Twenty Guiding Principles of Karate. Pág. 122. Kodansha International. 2003

50 **Layton, Clive.** Karate Master, The Life and Times of Mitsusuke Harada, Pág. ix. 1997, Bushido Publications

51 **Ohshima, Tsutomu.** Artigo "Kata, Tournaments and Personal Honesty, An interview with Funakoshi student Tsutomu Ohshima" de William Beaver, Karate/Kung Fu Illustrated Magazine

52 **Egami, Shigeru.** The way of Karate. Beyond Technique. Pág. 7. Kodansha International. 1976

53 **Aoki, Hiroyuki.** Shintaido – The body is a message of the universe. Shintaido of America Publication.

54 **Egami, Shigeru.** Carta publicada no Boletin Shotokai, nº 2, Junio 89

55 **Hiruma, Atsuo.** "Ultimos Dias con Maestro Egami". Artigo publicado no Boletin Shotokai, nº 4, Marzo 90

56 **Miyamoto, Tomoji.** Entrevista à organização Canada Shotokan publicada na Internet em http://canadashotokan.org/english/miyamoto_interview.html.

57 **Egami, Shigeru.** The way of Karate. Beyond Technique. Pág. 17. Kodansha International. 1976

Índice

Agradecimentos - 5

Introdução - 13

Preâmbulo - 19

Capítulo 1 – Anjos de Ferro (1927-1957) - 27

Capítulo 2 – Uma Estranha Recepção (1957-1958) - 39

Capítulo 3 – Sombras da Cidade Luz (1958-1959) - 49

Capítulo 4 – Anos de Missionação (1959-1966) - 63

Capítulo 5 – Mitori Geiko (1967) - 95

Capítulo 6 – A Coragem de Mudar (1968-1969) - 119

Capítulo 7 – Sérignan e Portugal – Paradigmas de uma Nova Era - 127

Capítulo 8 – O Enorme Peso da Europa (1972-1984) - 151

Capítulo 9 – Serenidade (1985-1987) - 251

Capítulo 10 – Memorandum - 267

Capítulo 11 – Discípulos de Mestre Egami - 279

Capítulo 12 – Discípulos de Mestre Murakami - 307

Referências das Fotos:

Fotos não numeradas:

- Pág.s 3, 9 e 24 **- Cortesia da Murakami-kai**
- Pág. 7 **- Funakoshi, Gichin. Karate-do Kyohan. The Master Text. Ward Lock Limited, London. 1973 (reimpressão de 1976)**
- Pág. 8 **- Egami, Shigeru. The way of Karate. Beyond Technique. Kodansha International. 1976**
- Pág. 10 **- Egami, Chiyoko. Kimi Kagegusa (A Lily of the Valley). Edição de Fujitsu Karate Group. 1993. (Tradução de Michiomi Hakamada. 2000)**
- Pág. 13 **- Cortesia de Mário Rebola**
- Pág. 19 **- José Patrão, colecção particular**
- Pág.s 11, 17, 25, 37, 61, 93, 117, 125, 149, 265, 277, 305 – **http://gojapan.about.com/ (última visita em 2006/08/14)**
- Pág. 47, 249 **- Pinturas tradicionais japonesas do Período Edo**

Fotos numeradas:

1 **- Site oficial da Yoseikan Budo France: http://www.yoseikan.asso.fr/ (última visita em 2006/08/14)**
2 **- Pranin, Stanley. Les Maitres de L'Aikido. Budo Concepts & Guy Trédaniel, 1995**
3 **- Yamaguchi, Masaji. Karaté. Edition Privé**
4 **- Armadura tradicional de Samurai**
5 **- Site oficial da Yoseikan Budo France: http://www.yoseikan.asso.fr/ (última visita em 2006/08/14)**
6 **- Yamaguchi, Masaji. Karaté. Edition Privé**
7 a 10, 18, 19, 20, 31, 32, 40, 54, 55, 57, 58, 60, 61, 77, 80, 82 , 98, 99 , 100, 101, 108, 115, 125, 163, 164, 166, 167, 170, 172 a 174, 179 a 186, 202 a 204 **- Cortesia Mushinkai**
11 a 17, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 41, 44, 46, 84, 89 a 91, 97, 102 a 106, 109 a 114 , 140, 141 **- J. Patrão, colecção particular**
21 **- Site Shotokan Karate C.F.T.S. http://www.cfts-karate.co.uk/ (última visita em 2006/08/14)**
22, 23, 42, 51, 191, 196 **- Layton, Clive. Karate Master, The Life and Times of Mitsusuke Harada, Pág. 113. Bushido Publications. 1997**
24 e 25 **- Cortesia de Terry Wingrove**
35 a 39 **- Revista Black Belt. 1966**
43, 195 **- Stoll, Alain. Parcours D'un Adepte. 1998. Editions Guy Trédaniel**
45 e 47 **- Revista Nipponia, Descobrindo o Japão. Nº34. 2005**
48, 52, 53, 78, 81, 83, 85, 87, 88, 189, 192, 194, 205 a 207 **- Egami, Chiyoko. Kimi Kagegusa (A Lily of the Valley). Edição de Fujitsu Karate Group. 1993**
49 **- Funakoshi, Yoshitaka. Edição da Nihon Karate-do Shotokai**
50, 201 **- Egami, Shigeru. The way of Karate. Beyond Technique. Kodansha International. 1976**
51, 65, 67, 68, 144, 147 **- Ceia, Manuel. Memórias. União Portuguesa de Shotokai: http://www.upshotokai.com/ (última visita em 2006/08/14)**
59, 92, 171, 176 a 178 **- Revista Shoto, Bulletin du Murakami-kai, França**
63, 64, 69, 71, 74, 120 **- Cortesia da União Portuguesa de Budo**
66 **- Cortesia de António Cacho**
70 **- Cortesia de João Cabral**
72, 123 **- Cortesia de Raul Cerveira**
73, 76, 79, 86, 117, 121, 122, 127 a 139, 142, 143, 146, 149, 154 a 162, 165, 175 **- Cortesia da Associação Shotokai de Portugal**
75 **- Cortesia de Alexandre Gueifão**
93 **- Cortesia de Yves Ayache**
94 **- Cortesia da Associação Karaté Do Shotokaï Marseille**
95 e 96 **- Cortesia do CLAM, Lyon**
107 **- Vecchiet, Giorgio. Kata. Associazione Sportiva Suishin-kan. Trieste Italia. 2004**
116 **- Revista Tele Judo e Karaté-do, pág.14. Nº15. Janeiro de 1978**
118 **- Cortesia de João Coutinho**
119 **- Cerveira, Raul. Karate-do. 1976**
124 e 168, 169 **- Cortesia de José Pascoalinho**
124 **- Cortesia de Mário Rebola**
145 **- Cortesia de Fernando Neto**
146 **- Cortesia de Luís de Carvalho**
146 **- Cortesia de Francisco Conceição José**
152 **- Cortesia de Jorge Costa**
153 **- Cortesia de Firmino Ascensão**
187 **- Layton, Clive. Reminiscences By Master Mitsusuke Harada. KDS Publishing. 1999**
188, 190 **- Cortesia da Nihon Karate-do Shotokai**
193, 197, 198 **- Egami, Shigeru. Karate-do for the Specialist. Edição Rakutenkai, 1969**
199 e 200 **- Bolletin Shotokai Nº 4 Marzo 90 e Nº 5 Diciembre 1990**